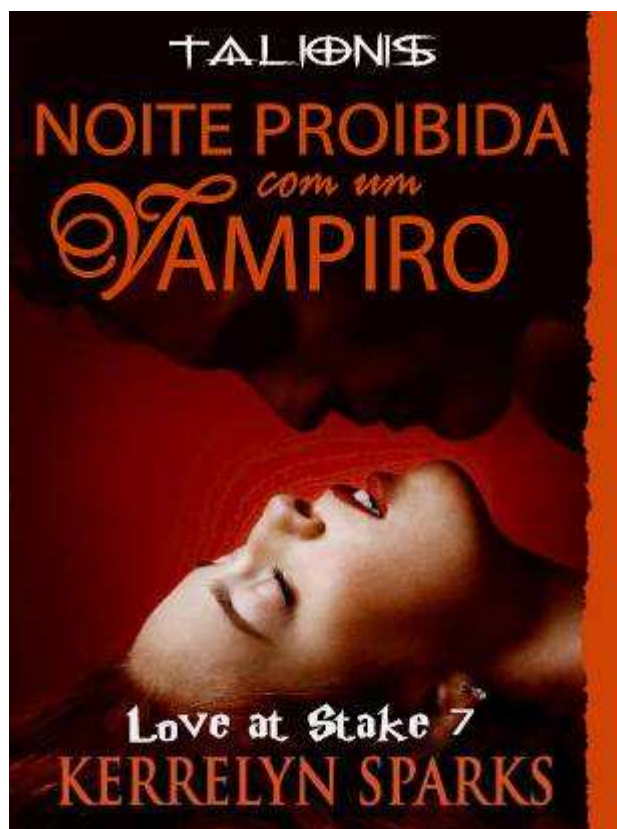




Kerrelyn Sparks

Noite proibida com um Vampiro

Love at Stake 07

Vanda Barkowski se encontra com problemas. Como proprietária de um quente clube noturno, Ela é muito menos convencional que a maioria dos restantes vampiros, e se houver gente que pensa que está um pouco fora de controle, pois bem, que assim seja. Mas depois de que três dos seus empregados apresentaram uma queixa pelo seu temperamento, Vanda foi sentenciada à uma terapia de autocontrole. E o pior de tudo é que precisamente Phil Jones está de acordo em ser seu padrinho. Phil, o mortal que lhe está proibido... Se ela soubesse quem (ou o que) é realmente Phil, reconsideraria sua atração, pois sua autêntica natureza é muito mais selvagem do que se possa imaginar. Ele conseguiu controlar à besta que possui e, é a pessoa perfeita para ajudar Vanda com a sua fúria... E consegue mantê-la tranquila quando fica tão quente. Mas com tantos vampiros de farra a seu redor, conseguirão compartilhar alguma vez uma noite proibida?

Disp em Esp: Marta (NR)

Envio do arquivo: Δίκη

Revisão Inicial: Freyja

Revisão Final: J. Gameiro

Formatação: Cynha

Imagem: Élica

Talionis



Comentário Freyja: O meu preferido da série até agora. A Vanda é uma vampira cheia de cicatrizes que se esconde atrás de um caráter forte e uma ira incontrolável, até que cai nos encantos do Phil um cambiante lobo. Uma raça que ela odeia. O Phil o cambiante expulso de sua manada que ama a Vanda e seu caráter tempestuoso. Para um final feliz precisam de uma confiança mútua um no outro, e saber perdoar e esquecer as mágoas do passado. Boa leitura

Comentário J. Gameiro: A imuição continua, quer nos aspectos da luta do terrível Casimir e as personagens que neste livro são fuçadas. Vanda é uma personagem que desde o início se mostrou uma pessoa carismática, que se revela alguém muito irreverente, e não é alguém que se deixa rebaixar. Se conhecíamos uma vertente de uma mulher forte, animadora, e que nos divertiu nos livros anteriores, neste livro, encontramos uma Vanda, sensível, dorida, sofrida, e que luta para não amar e se esconde na dor. Phil consegue ser a outra metade da Vanda, e é quem a retira da escuridão e a faz despertar todos os sentimentos fechados a 7 chaves. A imuição da história vai até à última linha e como diz a Freyja é o que mais gostei desta série até agora.

CAPÍTULO 1

— Chega tarde. — Connor a saudou com um gesto de desaprovação.

— E? — Vanda Barkowski devolveu ao escocês o cenho franzido enquanto entrava no vestíbulo de *Indústrias Romatech*. — Já não sou uma garota de harém. Não tenho que vir correndo cada vez que o grande Mestre estala os dedos.

Connor arqueou uma sobrancelha.

— Enviou-te um convite formal que dizia claramente que a Reunião Regional do Aquelarre deste Costa começaria as dez em ponto de esta noite.

Fechou a porta atrás dela e apertou alguns botões em um teclado de segurança.

Tinha problemas? Essa citação “oficial” a tinha preocupado durante toda a semana, apesar de que não o havia dito a ninguém. Teria chegado antes se tivesse estado permitida a teletransportação Vamp, mas a citação advertia que não se teletransportar dentro do *Romatech*. Fazê-lo dispararia o alarme, interromperia a reunião e resultaria numa multa considerável. Assim tinha conduzido desde seu clube noturno no *Hell's Kitchen* até uma primeira parada em Queens para recolher alguns vestidos feitos sob medida. O tráfico tinha sido terrível durante todo o caminho para o White Plains, deixando-a muito tensa.

Maldita seja, não queria estar aqui.

Respirou fundo e cavou as pontas de seu cabelo tingido de púrpura.

— Vê. Assim chego com uns minutos de atraso.



- Quarenta e cinco minutos. Tarde.
- E? O que são quarenta e cinco minutos para uma cabra velha como você?
- Acredito que seguem sendo quarenta e cinco minutos.

Foi um brilho de humor o que viu em seus olhos? Irritou-se ante a ideia de ser considerada divertida. *Era forte*, maldita seja. E ele deveria ter-se sentido insultado quando o chamou cabra velha.

Connor Buchanan não aparentava mais de trinta anos. O consideraria muito bonito se não a tivesse disciplinado tanto com o passar do tempo.

Ajustou-se o trancado látego negro que levava ao redor da cintura.

— Olhe, sou uma moderna mulher de negócios. Chego tarde porque tinha que abrir um clube e fazer uns recados. E tenho que voltar logo para o trabalho. — Tinha uma reunião programada às onze e meia com os bailarinos, para poder lhes dar os novos trajes para o mês de agosto. Connor parecia impressionado.

— Roman ainda é seu Mestre do Aquelarre e quando solicita sua presença, espera-se que chegue à hora.

— Sim, sim, estou tremendo dentro de minhas pequenas botas.

— Preciso registrar sua bolsa.

Interiormente deu um coice.

— De verdade há tempo para isso? Já chego tarde...

— Reviso cada bolsa que entra.

Sempre tinha sido um fanático das regras. Quantas vezes a tinha repreendido por paquerar com os guardas da casa do Roman? Bom, só com um dos guardas. Um guardião diurno e mortal que trabalhava para o *MacKay Security & Investigation*. Um guarda diurno deliciosamente bonito.

Connor também trabalhava para o *MacKay S&I*, assim sabia que os guardas nunca deviam confraternizar com os clientes. Para Vanda, esta velha regra se deveria atirar pela privada. Ian tinha terminado atando-se com a sua mortal guarda diurno, Tony, e seu amor por ela não a tinha debilitado nem um pouquinho. De fato, seu amor o tinha preenchido de tal poder que lhe permitiu matar ao Jedrek Janow apesar do intento do Malcontent de detê-la com seu controle mental.

Entretanto, quando se tratava da segurança das *Indústrias Romatech*, Connor tinha boas razões para aferrar-se a suas preciosas regras. Dado que os desagradáveis vampiros Malcontent não só odiavam aos vampiros bebedores de garrafa, que eram amistosos e respeitosos da lei, mas sim também odiavam Romatech, o lugar onde se fabrica o sangue engarrafado. Tinham se arrumado para bombardear Romatech três vezes no passado.

Vanda suspirou.

— Não trago nenhuma bomba. Acredita que quero me matar a mim mesma? Pareço-te que estou louca?

— Acredito que isso será determinado na reunião do Aquelarre, — disse enquanto em seus olhos brilhava um brilho de humor.

Merda. Tinha problemas.



— Bem, — atirou a bolsa Hobo sobre a mesa. — Sirva-te você mesmo.

O calor subia por seu pescoço enquanto ele pinçava em sua bolsa. Deus, quanto odiava passar vergonha. A fazia sentir débil e pequena e tinha jurado não voltar a sentir-se vulnerável outra vez. Levantou o queixo e olhou para Connor.

— O que é isto? — Tirou uma parte de tecido que parecia uma meia cheia de cor amarela com uma grande boquilha de metal em um extremo.

— Isso é um disfarce para dançar. O do Freddie o bombeiro. Isso é sua mangueira pessoal anti-incêndios.

Connor deixou cair à tanga como se estivesse ardendo e depois reatou o registro da bolsa. Tirou outra tanga brilhante cor carne com falsa hera enrolada ao redor do tubo.

— Não me atrevo a perguntar...

— O nosso tema para agosto é a “Calorosa Febre da Selva”. Terrance o Turgente está fazendo uma ode ao Tarzan. Girará pelo cenário em uma liana enquanto se despe.

Connor lançou a tanga masculina sobre a mesa e continuou sua busca.

— Isto parece uma fodida selva. — Tirou uma liana com muitas folhas grandes.

— A febre da selva é muito contagiosa, — disse Vanda com voz rouca. — Estou segura que poderíamos encontrar uma folha de parra a sua medida. — A fulminou com o olhar. — Muito bem, uma folha de plátano, então.

Com um bufido pescou as chaves do carro de em cima da liana e as deixou cair em seu sporran.

— Ouça, — protestou ela. — As necessito para voltar para casa.

— Recuperá-las depois da reunião. — A bolsa estava repleta de disfarces. — É uma vergonha para os homens Vamp vestir, ou melhor, dizendo, despir-se assim em público.

— Os meninos o desfrutam. Vamos, Connor. Alguma vez quiseste tirar a roupa diante de algumas garotas bonitas?

— Não. Estou muito ocupado tratando de manter Roman com vida e a sua família. Se por acaso não o notaste, estamos à beira de uma guerra com os Malcontent, e se por acaso não o ouviste, seu líder, Casimir, está em algum lugar dos Estados Unidos.

Vanda reprimiu um calafrio.

— Sei. Meu clube foi atacado em dezembro passado. — Algumas de suas melhores amigas tinham estado a ponto de conseguir ser assassinadas essa noite. Tratou de não pensar nisso. Se o fazia, os pensamentos se multiplicariam até fazer-se maiores, as lembranças mais horríveis. E não tinha nenhuma intenção de revivê-los. A vida era simples e agradável no clube noturno *Demônios Quentes*, onde os homens dançavam dentro de magníficos disfarces provocadores e as jarras do *Bleer* deixavam ao mais frio dos Vamps uma sensação cálida e difusa.

Poderia passar cada noite sem dor sempre e quando se concentrasse no trabalho e o passado se mantivera firmemente encerrado em um ataúde mental. Os dias eram ainda mais fáceis, porque o sono da morte era indolor e sem pesadelos. Poderia seguir assim durante séculos se a gente simplesmente a deixasse sozinha com seu inferno.

Connor a olhou com compreensão.



— Ian me falou sobre o ataque dessa noite. Disse que lutou com valentia.

Ela se absteve de chinar os dentes. Seria difícil com as presas. Agarrou sua bolsa e a fez girar sobre o ombro.

— O que é o que acontece? Que problema tenho?

— Já saberá. — Connor fez um gesto para as portas da direita. — Te acompanharei até a sala de reuniões.

— Não, obrigada. Conheço o caminho.

Vanda atravessou as portas e seguiu pelo corredor, com suas botas de salto alto golpeando no brilhante e impecável chão de mármore.

O desagradável aroma de solução antisséptica não podia ocultar por completo o delicioso aroma do sangue. Os trabalhadores mortais do Romatech manufaturavam sangue sintético durante todo o dia. Esse sangue era enviado abertamente a hospitais e bancos de sangue, e em segredo aos Vamps.

Roman Draganesti inventou o sangue sintético em 1987, e fazia uns anos surgiu a *Vampire Fusion Cuisine*. Durante as noites, os empregados Vamps trabalhavam no Romatech preparando as riquíssimas bebidas como *Chocolood*, *Bleer*, *Blissky* ou *Blood Lite* para aqueles mais malcriados. O aroma misturado de todas estas bebidas ficava no ar. Vanda tomou uma profunda e satisfeita inspiração para acalmar seus nervos.

Seu superior ouvido vampírico captou o crepitante som da estática. Olhou para trás e viu Connor de pé pelas portas. Estava observando seu progresso com um walkie talkie na mão. Suspeitava que saísse correndo? Era terrivelmente tentador se teletransportar para o estacionamento e largar-se com seu Corvette negro. Não era de estranhar que lhe tivesse confiscado as chaves. Claro que sempre podia teletransportar-se diretamente a casa. Mas sabiam onde vivia e onde trabalhava. Não havia forma de fugir da lei do Aquelarre.

É óbvio somente os vampiros que bebiam sangue sintético reconheciam ao Roman Draganesti como Mestre do Aquelarre deste Costa. À medida que se aproximava da sala de reuniões, os passos da Vanda se desaceleraram. Se Roman tinha algum tipo de denúncia em seu contrário por que não o dizia a ela em privado? Por que humilhá-la diante dos outros peixes gordos do Aquelarre?

A suave voz com acento do Connor lhe chegou através do comprido corredor.

— Chegou Phil? Bem. Deixe-me falar com ele.

Phil? Vanda cambaleou sobre os saltos. Phil Jones tinha retornado a Nova Iorque? A última vez tinha ouvido que estava no Texas. Não é que estivesse interessada. Não era mais que um mortal. Embora fosse um mortal incrivelmente bonito e interessante.

Havia passado cinco anos como um dos guardas diurnos da casa do Roman, quando ela vivia ali em seu harém. A maioria dos guardas mortais do harém as tinham considerado um grupo de mulheres não mortas parvas e sem nome, relacionadas com seu encargo verdadeiro, Roman Draganesti. Tinham classificado o valor do harém em algum lugar entre as obras de arte do Roman e as inestimáveis antiguidades.

Phil Jones foi diferente. Aprendeu seus nomes e as tratou como pessoas de verdade. Vanda



tinha tentado paquerar com ele umas quantas vezes, mas Connor, esse velho grosseiro, pôs-lhe fim. Phil tinha seguido a regra de não envolver-se e manteve as distâncias, um pouco bastante fácil de fazer quando por regra geral ele estava na escola noturna ou dormindo enquanto ela estava acordada, e ela estava morta durante o dia quando ele estava acordado.

Ainda assim, suspeitava que se sentisse atraído por ela. Ou talvez, simplesmente tivesse gostado que fora assim. A vida no harém era tão condenadamente aborrecida, e de algum jeito, Phil tinha parecido interessante.

Mas devia ter imaginado tudo. Levava três anos fora do harém e até o momento, Phil não se incomodou em ir vê-la.

Fez uma pausa para ouvir a voz do Phil respondendo pelo walkie talkie. Não pôde distinguir as palavras, mas o som reverberou até ela com um estranho chiado. Esqueceu-se do sexy que era sua voz. Maldito fosse, tinha pensado que era um amigo. Mas não tinha sido mais que parte do trabalho, esquecida facilmente assim que foi atribuída outra tarefa.

Chegava ante a porta da sala de reuniões quando esta se abriu de repente. Saltou para trás para evitar ser derrubada por uma mulher roliça e um câmara. Vanda reconheceu à mulher imediatamente. Corky Courrant era a apresentadora do famoso programa *Vivendo com os não mortos da Digital Vampire Network*.

— Rechaço o veredicto! — Gritou Corky voltando-se para alcançar a porta antes que se fechasse. — Levarei isto a Corte Suprema do Aquelarre!

— Minha decisão é definitiva. — A voz do Roman soava firme, mas aborrecida.

— Falarei disto em meu programa! — Corky reparou na Vanda pela primeira vez. — Você! O que está fazendo aqui?

Vanda fez uma careta quando o câmara girou para enfocá-la. Maldita seja. Agora terminaria saindo no programa da Corky. Sorriu timidamente a câmara.

— Olá, companheiros vampiros. Vou à reunião do Aquelarre. Sempre venho às reuniões do Aquelarre. É nosso dever cívico, já sabem.

— Curta esta Merda — grunhiu Corky. — Veio para desfrutar. Mas não vou abandonar minha queixa contra ti, sem importar o que disser o Mestre.

Vanda manteve o sorriso pego em seu lugar para a câmara.

— Não poderíamos nos levar bem?

— Deveria ter pensado nisso antes de me atacar — chiou Corky.

OH, ah. O incidente no clube dezembro passado. Vanda tinha saltado sobre uma mesa para tentar estrangular a Corky. Depois de toda a confusão que seguiu, em comparação esse incidente lhe tinha parecido pouco importante. Tinha-o superado como uma pequena briga a mais. Vanda tinha tido uma grande quantidade de brigas de pouca importância durante os últimos anos. Olhou à câmara com um olhar comovedor.

— Foi um lamentável acidente, mas todos podem estar eternamente agradecidos por que nossa querida Corky não sofresse nenhum dano. Sua voz é mais forte e estridente que nunca.

Corky soltou um bufido e depois fez um sinal de cortem à câmara para que detivessem a gravação. Aproximou-se, baixando a voz.



— Isto não terminou bruxa. Tenho muito poder no mundo vampiro e te verei arruinada. — Irrompeu para o corredor, seu câmara correndo detrás dela.

— Que tenha um bom dia! — Gritou Vanda detrás dela. Girou-se para entrar na sala de reuniões e se deu conta de quanto silenciosa estava. Todo mundo a olhava fixamente. Genial. Tinham presenciado esta pequena cena com a Corky.

Começaram os cochichos. Vanda levantou o queixo. Estimou que houvesse uns trinta vampiros presentes. Homens em sua maioria. O arcaico mundo vampiro ainda estava quase exclusivamente governado por homens. Arrogantes e aborrecidos velhos que não estavam de acordo com que em seu clube os homens vampiros se despissem para as mulheres Vamp. Tomou nota dos olhares em suas azedas caras. Obviamente, tampouco gostaram de seu catsuit de lycra púrpura ou seu cabelo arroxeadado de ponta.

Entre toda a multidão viu uma cara amável e sorridente. Gregori. Por desgracia, estava sentado na primeira fila.

Apertou o látigo ao redor de sua cintura e se encaminhou pelo corredor central.

Roman Draganesti estava sentado sobre o estrado, na grande cadeira do Mestre. Antigamente, o Mestre do Aquelarre se sentava sozinho, mas os tempos tinham trocado. A cadeira do Roman estava flanqueada por duas cadeiras menores. Sua esposa Shanna se sentava a sua esquerda, e o sacerdote, o pai Andrew, a sua direita. Eram, é óbvio, seus principais conselheiros. E ambos eram mortais.

Aonde iria parar o mundo dos vampiros? Por que Roman tinha dado tanto poder a estes dois mortais em um mundo ao que não pertenciam? Com rosto mal-humorado, sentou-se junto ao Gregori.

Roman reconheceu sua presença com um majestoso gesto. Vanda franziu o cenho em resposta.

Sentado em uma mesa perto do estrado, Laszlo Veszto rabiscava notas com uma pluma no que parecia um antigo pergaminho. Era um químico no Romatech, mas também tinha o prestigioso cargo de Secretário do Aquelarre. Vanda fez rodar seus olhos. Também poderia utilizar uma pluma e um tinteiro. Ou possivelmente um cilindro de papiro e uma parte de junco.

— Merda, deem um portátil ao pobre homem — murmurou ao Gregori.

— Tem um — sussurrou Gregori em resposta, — mas nestas reuniões gostam de seguir as tradições.

— Estas reuniões são uma brincadeira — se queixou. Supunha que Laszlo ainda estava transcrevendo a decisão que tinha transtornado a Corky Courrant. — O que há passado com a Corky?

— Boas notícias para ti — sussurrou Gregori. — Roman desprezou sua queixa contra ti.

— Já era hora. Obviamente não lhe machuquei a garganta.

— Então Corky insistiu em que Roman só seria justo se desprezava a queixa que havia contra ela, mas ele se negou.

— Que queixa? — Perguntou Vanda.

— Não o ouviste? Simone, a famosa modelo, denunciou Corky. Recorda quando me



contrataram para gravar o DVD de exercícios para as presas? Corky afirmou em seu programa que Simone utilizava presas falsas.

Vanda estalou em risadas, sua voz ressonando pela silenciosa habitação. Uma dúzia de homens vampiros a olharam. Laszlo soltou a pluma e a olhou com assombro. Depois olhou ao Roman.

Vanda deteve meia risada e Clareou a garganta. Maldita seja. Estes vampiros velhos precisavam arrancar as estacas de seu traseiro. Abriu a boca para dizê-lo, mas Gregori lhe tocou o braço.

— Não, — sussurrou. — Não fale até que ele se dirija a ti.

— Laszlo — começou Roman em voz baixa.

— Sim, senhor? — O Secretário do Aquelarre brincou com um botão de sua bata de laboratório.

— Já que Vanda Barkowski chegou por fim, vamos proceder com os outros assuntos que lhe são impostos contra si.

Outros assuntos ? Ao plural? Vanda olhou nervosamente a seu redor. A esposa do Roman lhe dirigiu um sorriso em simpatia. A ira despertou no interior da Vanda e apertou os punhos. Não necessitava a simpatia de ninguém. Era uma mulher dura, maldita seja.

Laszlo procurou entre um montão de papéis. Tirou um fora. Depois outro. E outro.

Três páginas? Sua cólera ferveu como uma chama quente.

Laszlo lhe lançou um olhar nervoso e depois procedeu.

— Vanda Barkowski foi acusada por três causas. Número um: demissão improcedente, com resultado da perda de salário e trauma emocional. Número dois: conduta temerária ao pôr em perigo ao acusador no lugar de trabalho, causando lesões menores e trauma emocional. Número três: assalto com arma mortal, causando lesões físicas e trauma emocional.

Vanda ficou de pé.

— Isto é um montão de merda! Quem me está acusando? — seu rosto queimava pelo calor enquanto examinava a habitação. — Onde está imbecil? Demonstrar-te-ei o que é um trauma emocional!

— Sente-se, por favor— disse Roman com voz suave.

— Tenho direito de enfrentar meus acusadores. — Vanda viu três ex-empregados agachados na ultima fila. — Aí estão! Filhos de puta!

— Vanda, sente-se! — Ordenou Roman.

Girou-se para ele. *Maldito seja*, conheciam-se desde 1950, e ia acreditar a merda que soltavam estes queixosos bagunceiros? Assinalou-o com um dedo.

— Você...

Ficou sem fôlego quando Gregori a agarrou pelo braço e puxou-a com força para que se sentasse. Olhou-a advertindo-a em silêncio. Ela respirou muito alterada. Muito bem. Tinha que acalmar-se.

— Como se declara, senhorita Barkowski? — Perguntou Roman.

Agarrou-se pelas mãos até que os nódulos ficaram brancos.



— Não culpada.

— Não despediu o primeiro demandante? — Roman olhou ao Laszlo. — Seu nome?

Laszlo olhou a primeira página e depois arrancou nervosamente um de seus botões.

— Prefere ser chamado por seu nome artístico... Jem Rochas.

As risadas reverberaram por toda a sala e se detiveram abruptamente quando Roman clareou a garganta.

— Senhorita Barkowski, despediu você ao senhor... Rochas?

— Sim, mas tinha uma causa justificada.

— Isso não é certo! — Gritou uma voz petulante ao fundo da habitação. — Eu era o melhor bailarino que tinha. Não havia nenhuma razão para me despedir!

Vanda olhou ao Jem.

— Estava tratando de vender seus serviços. Tenho um clube de baile, não um bordel!

— As mulheres me pediam — argumentou isso Jem.

— Aceitou o dinheiro? — Perguntou Roman. Jem soprou.

— É óbvio! Eu o valho! Sou o melhor que há.

Roman parecia impressionado.

— A primeira demanda é desprezada.

— Quêêêê? — Chiou Jem. — Mas necessito meu trabalho! Como vou ganhar a vida?

Roman encolheu os ombros.

— Parece que já está embarcado em sua próxima carreira. Pode partir.

Jem atravessou a porta enquanto murmurava grosserias.

Vanda se sentiu um pouco aliviada. Um acusador a menos e dois pendentes.

— A segunda demanda? — Perguntou Roman ao Laszlo.

— Sim, senhor. — O secretário procurou entre seus papéis. — Imprudência temerária no lugar de trabalho. Este demandante também quer usar seu nome artístico. — Laszlo brincou com um botão de sua bata de laboratório. — Pablo Cravo, o P—P—Príncipe dos Pássaros Carpinteiros. — O botão se desprende e rodou pela mesa. A esposa do Roman se tampou a boca. O som das risadas foi à deriva pela sala. Inclusive o sacerdote estava sorrindo.

Gregori se aproximou da Vanda e lhe sussurrou em voz alta.

— Pablito cravou um prego na calva de um calvo.

Vanda soprou e lhe deu uma cotovelada nas costelas. Roman levantou o olhar, exasperado, como se perguntasse a Deus por que eu? Recompôs seu rosto e olhou à multidão com severidade.

— Está presente o senhor... Príncipe?

— Sim. — Um homem magro ficou de pé na última fila. Moveu seu cabelo loiro sobre o ombro. — Eu sou o Príncipe dos Pássados Cadpinteidos.

— Lesou-se no trabalho? — Perguntou Roman.

— Sim. — Pablo continuou. — Estava dançando quando tdopecei em um chadco de água.

— Ele pediu a água, — interrompeu Vanda. — Pablo queria pular de uma cadeia e que trinta litros de água lhe caíssem em cima.

— Você pediu a água? — Perguntou Roman.



— Sim. Todas essas gotitas de água bdlhavam sob minha pele nua. Estava incdivelmente chadmoso.

— Aceitarei sua palavra, — murmurou Roman. — E depois escorregou?

— Sim! Foi hodivel. Caí sobde meu nadiz e o quebrei.

— Quebrou-se... o que? — perguntou Roman.

— O nariz, — explicou Vanda. — Mas solucionamos o problema e já é perfeitamente normal.

— Não o é!— Pablo plantou as mãos em seus quadris. — Agoda minha voz tem uma teddivel qualidade nasal e todo mundo se di de mim.

A sala se encheu com bufos de risada.

— Vê-o?— Ao Pablo se encheram os olhos de lágrimas. — Se estão dindo de mim. Estou sufdendo um tdauma emocional.

Roman lançou um suspiro.

— Senhor Príncipe, seu acidente foi realmente lamentável, mas não vejo como pode manter que a senhorita Barkowski foi a responsável quando foi você mesmo quem solicitou a água.

Pablo cruzou os braços e franziu o cenho.

— Devedia me ted pdotegido.

— Eu arrumei seu nariz e te dei o resto da noite livre — disse Vanda — você foi o único que agarrou e partiu.

Pablo fez uma careta.

— Sempde gostou de meu tdabalho.

— Está de acordo com isso? — Perguntou Roman a Vanda.

— Sim, sempre fui feliz com o trabalho do Pablo.

— Bem. — Roman assentiu com a cabeça. — O contratará de novo e vamos desprezar o segundo caso. O último, Laszlo, por favor?

— Sim, senhor. — Laszlo baralhou entre seus papéis. — Assalto com uma arma mortal. O demandante é conhecido como Max o Megamembro.

Laszlo arrancou outro botão de sua bata de laboratório.

Roman olhou pela habitação.

— Senhor... Megamembro? Poderia descrever o presumido incidente?

— Presumido, meu traseiro. — Max saltou de seu assento. — Ela me fez um buraco de oito centímetros no peito. Se me tivesse dado no coração, teria morrido no ato!

— Foi um engano — murmurou Vanda. — Me falhou a pontaria.

— Então, admite que feriu este homem? — Perguntou Roman.

— Estava-me insultando diante de meus empregados — explicou Vanda. — Não podia deixar que fizesse isso.

Roman franziu o cenho.

— Acredito que despedi-lo tivesse sido um curso de ação mais razoável que apunhalá-lo.

— Despediu-me! — Gritou Max. — A bruxa afirmou que era um péssimo bailarino e isso são besteiras.

— É um péssimo bailarino! — Vanda se voltou para o Roman. — Fez um baile com um píton



de cinco metros de comprimento, que escapou e se enroscou em uma de minhas clientes. Teve que se teletransportar para evitar ser esmagada. Disse ao Max que agarrasse a sua serpente e se largasse.

Roman assentiu com a cabeça.

— Uma decisão lógica.

— Mas a cadela me atacou! — Gritou Max.

— Só depois que você me atacasse verbalmente! — Gritou Vanda.

— Com o que o atacou? — Perguntou Roman.

— Não me aproximava dele quando levava essa maldita serpente em cima, assim agarrei um de meus sapatos e o lancei. — Vanda encolheu os ombros. — Suponho que ao lançá-lo tão forte causou de algum jeito que o salto de agulha se cravasse em seu peito.

— Quase me mata! — Gritou Max.

— E você quase matou a uma cliente com sua serpente — lhe recordou Roman. — Suas feridas se curaram durante seu sono mortal?

— Bom, sim, mas isso não arruma o fato que ela me atacou.

Roman tamborilou os dedos da mão sobre o braço de sua cadeira.

— Não vou criticar a uma mulher por defender-se de um homem verbalmente abusivo.

— Sim! — Vanda lançou um murro ao ar.

— Ainda não terminei. — Roman lhe lançou um olhar severo. — Sua forma de defender-se foi inapropriada. Estou seguro que tem algum tipo de segurança que tivesse podido fazer-se cargo de tirar o senhor Megamembro de seu local.

Vanda encolheu os ombros. Tinha um porteiro gigantesco.

— Esta é a terceira vez da abertura de seu clube que foi citada por causa de sua conduta inapropriada e violenta — continuou Roman. — Em resumo, senhorita Barkowski, você tem um problema com a ira.

— Sim! — Gritou Max. — É uma bruxa louca!

— Suficiente! — Advertiu Roman ao ex-bailarino. — Desprezo os cargos sob a condição que a senhorita Barkowski vá à terapia de autocontrole.

Vanda fez uma careta. *Outra vez não.*

— Isso é uma besteira, — declarou Max. — Essa bruxa me deve isso! Exijo uma compensação pelo trauma que me causou.

— Vou dar compensação. — Vanda sacudiu o punho para ele. — Te encontrarei no estacionamento e te darei...

— Vanda, basta! — Roman a fulminou com o olhar. Ela o devolveu. — Está mostrando uma falta grave de controle. — Disse em voz baixa. — Obviamente não teve suficiente com uma sessão de terapia.

— Sim, suspendeu a classe! — Max soltou uma risada. — Só tem que esperar bruxa. Dar-te-ei algo que te zangará seriamente.

— Agora está oficialmente sob uma ordem de afastamento — disse Roman ao ex-bailarino. — Permanecerá longe da senhorita Barkowski ou lhe imporei uma multa de cinco mil dólares.



— O que? — Max o olhou horrorizado. — O que tenho feito?

— Laszlo, chama a segurança para que o senhor Megamembro seja escoltado— ordenou Roman.

— Sim, senhor.

Laszlo pulsou um botão em seu escritório.

— Está bem, está bem, já vou.

Max saiu da habitação.

—O terceiro caso é desprezado — anunciou Roman — e a senhorita Barkowski se comprometeu a assistir a um segundo ciclo de sessões para o controle da ira.

Vanda chiou os dentes enquanto um sussurro de diversão circulava por toda a habitação.

— Não recordo ter aceitado nada.

— Assistirá. — Roman a olhou com severidade. — O pai Andrew se ofereceu amavelmente a te aconselhar de novo.

Ela gemeu para si mesma. O sacerdote mortal era um homem velho e bondoso, mas não tinha nem ideia de tudo o que tinha ocorrido em sua vida. E realmente não queria contar-lhe nem a ele nem a ninguém. O pai Andrew sorriu.

— Espero chegar a te conhecer melhor, minha menina.

Vanda cruzou os braços.

— O que seja.

— Necessitarei um voluntário para ser seu padrinho — continuou o pai Andrew. O murmúrio na sala chegou a um abrupto fim. Silêncio absoluto.

Genial, com seus superiores sentidos Vanda podia ouvir os grilos no exterior do Romatech. Sentiu o calor subindo pelo pescoço. Ninguém queria ter nada que ver com ela.

— Não necessito um padrinho.

— Estou convencido que sim o precisa — insistiu o pai Andrew.

Mais silencio. Vanda se girou para o Gregori.

— Venha — lhe disse entre dentes.

— Patrocinei-te a última vez — sussurrou Gregori. — Obviamente não o fiz muito bem.

— Laszlo? — Perguntou Vanda. O pequeno secretário saltou de seu assento e outro botão caiu de sua bata.

A ira fervia na Vanda quando se enfrentou ao Roman.

— Não vais encontrar ninguém aqui que me apadrinhe. São um grupo de covardes. — Se ajustou o látego ao redor de sua cintura. — E têm razão! Deveriam me temer. Se algum se atrever a me repreender, arrancar-lhe-ei a cabeça.

Um suspiro coletivo ecoou através da sala. Roman a olhou com tristeza.

— Não acredito que esteja entrando neste exercício com a atitude correta.

Levantou o queixo.

— Estou repleta de atitude.

Roman lançou um suspiro.

— Não há ninguém presente...?



— Eu o farei — se ofereceu Shanna. Vanda se estremeceu. A esposa do Roman? Não podia confessar seus horríveis pecados à pequena e doce benfeitora Shanna Draganesti. Roman voltou a falar em voz baixa com sua esposa. O sentido auditivo superior da Vanda recolheu a maior parte da conversação. Shanna tinha um filho de dois anos de idade e um bebê de nove semanas que cuidar. Vendo a Vanda seria uma carga acrescentada muito pesada.

A ira da Vanda disparou. Não necessitava uma condenada babá. Não queria a piedade da Shanna.

— Esquece-o! Não encontrará a ninguém aqui que me apadrinhe. Nenhum dos homens presentes tem suficientes ovos para fazê-lo.

— Eu o farei — retumbou uma voz profunda ao fundo da sala.

Vanda ficou boquiaberta. Reconheceu essa voz imediatamente, mas mesmo assim teve que dar a volta para se assegurar que realmente era ele. OH, Merda, via-se melhor que nunca. Sempre tinha sido alto, mas seus ombros pareciam mais amplos do que recordava. Seu espesso cabelo castanho brilhava com reflexos vermelhos e dourados. E seus olhos... seus olhos sempre a tinham deixado sem respiração. De uma cor azul gelo que de algum jeito brilhavam com o calor.

— Eu a apadrinharei.

Phil caminhou pelo corredor central.

Deus, não. Não podia despir sua alma ante o Phil. Tinha crêdulo muito no Gregori quando a tinha apadrinhado, mas ele era como um irmão pequeno. Nunca poderia ver o Phil como a um irmão.

— Não! Pergunta ao Ian. Ele o fará.

Roman franziu o cenho.

— Ian e sua esposa estão de lua de mel.

Ah, certo. Ian lhe havia dito que estaria fora três meses. Portanto, Tony e ele voltariam em meados de agosto.

— Então pergunte a Pamela ou a Cora Lee.

Roman a olhou dubio.

— Não posso imaginar que nenhuma das duas seja capazes de te controlar.

Maldita seja já tinha tido suficiente humilhação.

— Ninguém pode me controlar! Não necessito um fodido padrinho.

Roman a ignorou e se voltou para o Phil.

— Obrigado por ser voluntário.

— Não o aceitarei! — Gritou Vanda. Phil a olhou desafiante.

— Prefere algum dos outros voluntários?

Ela franziu o cenho.

— Vou fazer-te num miserável.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— E que haverá de novo nisso?

Ela piscou. Tinha-o feito sentir-se miserável? Como? Sempre tinha sido amável com ele. Tomou nota dos olhares divertidos da multidão. Maldita seja. Estavam desfrutando com isto.



Roman clareou a garganta.

— Phil, entende as responsabilidades que vêm com o apadrinhamento?

— Sim — respondeu. — Posso fazê-lo.

— Muito bem. — Roman lhe deu um sorriso agradecido. — O trabalho é teu. Obrigado. Laszlo toma nota disso.

— Sim, senhor. — Laszlo apagou em seu pergaminho.

— Espera um momento! — Vanda foi em direção ao Phil. — Não me pode me fazer isto. Nunca estive de acordo.

— Vêm. — Lhe fez um gesto com a cabeça para a porta, depois se dirigiu para o corredor e saiu da sala.

Vanda ficou boquiaberta. Que demônios estava fazendo, lhe dando ordens? Apesar de que tinha que admitir que seu traseiro se via muito bem. Olhou a seu redor e se deu conta que o resto de vampiros a olhavam com curiosidade. Bom, possivelmente Phil tinha razão e não deviam discutir este fiasco diante da audiência.

Dirigiu-se à porta e o viu através da sala, apoiado na parede com os braços cruzados. Sempre tinha tido uns bíceps muito grandes para ser um mortal.

— Olhe, isto é um engano. É mortal. Não pode controlar a um vampiro.

— Tirei-te da sala, não?

Sua ira se acendeu.

— Só porque não quis te envergonhar diante de todos te dando uma patada no traseiro!

Sua boca se inclinou para cima.

— Tenta-o.

Ela deu um passo mais perto dele.

— Aos mortais como você os como de café da manhã.

— Bastardos afortunados.

Ela deu um passo para trás soprando exasperada.

— Isto Phil é uma loucura! Não pode... forçar-me!

Algo quente se acendeu em seus olhos. Seu olhar vagou para seus pés e depois subiu de volta até seu rosto.

— Carinho, não será necessária nenhuma força.

Tragou saliva. Acreditava que poderia seduzi-la? Claro que tinha paquerado com ele no passado, mas não tinha sido nada mais que diversão inofensiva. Na realidade não podia aproximar-se do Phil. Não poderia abrir seu cofre dos horrores para ele. Diabos, não abriria essa porta nem sequer a si mesma. Deu outro passo atrás.

— Não.

Um brilho de simpatia se registrou em seus olhos antes que se endurecessem em um sorvete azul.

— Todos temos uma besta no interior, Vanda. É hora que enfrente à tua.

— Nunca — sussurrou e se teletransportou para longe.



CAPÍTULO 2

Isso sim que saiu bem.

Phil franziu o cenho ante o espaço vazio que Vanda acabava de abandonar. Seu aroma permaneceu algo doce e florido como o jasmim. Suspeitou que se tratava do gel que utilizava para manter seu cabelo de ponta, mas nunca poderá se aproximar-se suficiente para comprová-lo. Era tão feroz como um gato montês, assobiando e mostrando suas garras se alguém se aproximasse muito. Isso por si só já a fazia interessante. Se o combinava com seus olhos cinza tormenta, os doces lábios, a pele de porcelana e as curvas deliciosas, o resultado era uma mulher que poderia destruir a um homem sem lhe pôr sequer um dedo ou suas presas em cima.

Atraí-lo para seguidamente apartá-lo. O tinha feito durante cinco largos anos enquanto tinha estado trabalhando na equipe de segurança na casa do Roman. Flerte inofensivo chamava-o, em cada vez que seu chefe, Connor, tinha-a chamado a atenção. Nunca tinha sido flerte. Nem inofensivo. Tinha sido uma tortura.

Sempre tinha atuado com moderação honorável. Honorável, pensou com um bufido. Isso só significava que a tinha cobiçado em privado.

Quando ela se foi de casa do Roman três anos atrás, tinha tentado esquecê-la e seguir adiante com sua vida. Por desgracia, ao vê-la esta noite desatou-se anos de luxúria acumulada não correspondida. Todas as lembranças voltaram, o alagando. A lembrança de seus olhares burlões, das palavras insinuantes, e os toques da luz em seus braços e seu peito. Que Deus o ajudasse porque ainda a queria. Queria-a ferozmente.

Esta vez seria diferente. Já não era seu guardião. Que provasse agora com ele o “flerte inofensivo”. Alguns arranhões de suas afiadas garras não o iriam assustar. Fechou os olhos imaginando o suave e nu corpo sob o seu, e suas cruas e explosivas emoções em erupção provocado pelo frenesi da paixão. Sim, essa era a melhor maneira de curar seu problema com a ira. Transformar ao furioso tigre em um gatinho de pelúcia. Ela seria tão selvagem e tão doce...

Fechou-se uma porta e os olhos do Phil se abriram de repente. Merda. Absteve-se cuidadosamente de olhar para o vulto em suas calças.

— Pai Andrew. Alegro-me de vê-lo novamente.

— Senhor Jones.

O sacerdote lhe estendeu a mão.

— Chame-me Phil.

— Phil, então. Obrigado por aceitar apadrinhar a Vanda.

— Me alegre de ser útil. — Como poderia rechaçá-la? Tinha um aspecto tão feroz e desafiante quando ninguém queria apadrinhá-la. Tinha sido ele o único que tinha visto quão desesperadamente tinha escondido a dor do rechaço?

— Tratei de ajudá-la antes — disse o pai Andrew, — mas obviamente não consegui atravessar essa grossa armadura detrás da que se esconde. Espero que você tenha mais sorte que



eu.

— Esforçar-me-ei nisso. — Teve uma visão foto instantânea da armadura da Vanda caindo para revelar debaixo sua suave pele nua, mas sufocou essa imagem rapidamente. Não podia permitir que a protuberância em suas calças se fizesse maior.

— Acredito que detrás de sua ira esconde uma grande quantidade de dor emocional — continuou o sacerdote. — A pobre garota necessita urgentemente toda nossa bondade e compaixão.

Agora se sentia como um cão. E que perto da verdade estava isso.

— Eu gostaria de saber mais sobre você, se não lhe importar. — O pai Andrew o olhou com curiosidade. — Quanto tempo leva trabalhando para o *MacKay Security and Investigation*?

— Oito anos. Incorporei-me quando estava no meu segundo ano na Universidade de Nova Iorque. Vivia na casa do Roman.

— E o que estudou?

— Psicologia. Psicologia animal.

— Ah. Procurando conhecer melhor a sua própria espécie?

Phil olhou ao sacerdote bruscamente.

— Sabe o que sou?

— O que é um homem lobo? Sim.

Phil fez uma careta.

— Cambiante é o término correto. Ou lycan.

— Sinto muito. Sua espécie me parece fascinante, é óbvio.

— É óbvio — disse Phil com ironia. O que precisamente era o porquê sua espécie preferia manter-se em segredo. Os curiosos como o pai Andrew os apossariam com suas perguntas. Os furiosos queriam matá-lo. Os cientistas, estudá-lo e dissecá-lo; e o governo tentaria usá-lo como uma arma. O preço de ser fascinante era muito alto.

O pai Andrew tirou uns óculos para ler de seu bolso e os pôs.

— Acredito que a especial dupla natureza o coloca em uma posição única para ajudar a Vanda a aprender a controlar suas emoções violentas.

— Porque sou um animal? — Phil estava começando a encontrar molesta esta conversação.

— Exatamente. Acredito que todos têm... qualidades mais baixas contra as que lutar. E posto que sua luta deve ser mais tangível, terá desenvolvido um enfoque mais prático para manter o controle.

— Quer dizer que consegui domar à besta?

O sacerdote o olhou por cima do bordo de suas lentes.

— Tem-no feito?

Phil lhe devolveu o olhar sem mover nem um músculo. Tinha a seu animal sob controle, mas isso não era o maldito assunto de ninguém. Então se deu conta do que o ardiloso sacerdote estava fazendo.

— Está-me provando, não? Para assegurar-se que posso controlar minha própria ira antes de me aproximar da Vanda. O pai Andrew teve a delicadeza de olhá-lo envergonhado.



— Me perdoe, meu filho. Mas devia estar seguro. Temo que Vanda ponha a prova seu controle até o limite. Vai brigar contra nós a cada passo do caminho.

— Posso-a dirigir. — Phil sentia uma crescente curiosidade sobre o sacerdote. — Por que lhe importa o que acontecer com ela? Ou a qualquer dos vampiros? Por que assiste aos não mortos?

O rubor do sacerdote se arrastou até o bordo de seu prateado cabelo por cima da frente.

— Valorizo a todas as criaturas que foram engendradas pelo Criador.

— Mas sem dúvida têm feito coisas que o farão tremer.

— Jesus partiu o pão com o coletor de impostos e a prostituta. Tenho a sorte de ser capaz de seguir seu exemplo.

A boca do Phil fez uma careta.

— Em outras palavras, em nós os vampiros, encontrou ao supremo pecador. Deveria estar emocionado!

— Todo mundo precisa saber que são filho de Deus. Devo acrescentar que isso também vai pelos cambiantes. — Tirou uma pequena agenda do bolso de seu casaco. — Agora eu gostaria de programar uma sessão de terapia para a Vanda e com você. Posso necessitar sua ajuda para nos assegurar que ela assiste.

— Não há problema.

Definitivamente o haveria. Phil sabia, por suas classes de psicologia, que não se pode obrigar ninguém a ir à uma terapia. Uma pessoa não pode trocar a menos que queira fazê-lo e Vanda não queria.

— Está bem. — O pai Andrew desenganchou um pequeno lápis da coluna vertebral da agenda. — Vejamos. Amanhã de noite tenho um serviço. Na quinta-feira, as consultas. Na sexta-feira é a festa de compromisso do Jack e Lara.

— Façamo-lo então.

O padre levantou a vista.

— Durante a festa?

— Por que não? Podemos nos escapulir até uma sala de conferências durante quinze minutos mais ou menos. É a melhor maneira de conseguir a cooperação da Vanda. Conhecerá quase todos os assistentes, assim duvido que vá montar uma cena diante deles. Seu sentido do orgulho é maior que sua ira.

— Simplesmente pode se negar a ir à festa.

Phil encolheu os ombros.

— Então não lhe digamos o que estamos planejando.

— Jovem isto não é o que faço normalmente.

— Vanda não é uma cliente normal.

O pai Andrew fez uma careta.

— Isso é verdade. Entretanto a terapia deve apoiar-se na confiança. Como vai confiar em nós alguma vez se recorrermos ao engano?

— Se lhe perguntarmos amavelmente dirá que não. Pense nisto como em uma intervenção.

O pai Andrew franziu o cenho e o considerou. Depois, com um suspiro, escreveu em sua



agenda.

— Muito bem, tentá-lo-emos a sua maneira. Mas não posso dizer que me sinto muito bem a respeito deste estratagema. O que acontece se estala em um arrebatamento extremo de ira?

— Então a ajudaremos a aprender a controlá-lo. Essa é a questão, não?

O pai Andrew assentiu lentamente.

— Então você não tem medo de sua ira. Isso poderia ser algo bom. — Deslizou a agenda de volta ao interior de seu casaco. — Aí é onde Gregori e eu falhamos a primeira vez. Eu lhe ensinei os exercícios de relaxação e Gregori tentava mantê-lo tudo com calma.

Phil negou com a cabeça.

— Terá que enfrentar-se à besta para domesticá-la. Acredite-me, sei.

— Entendo. — O pai Andrew lhe estendeu a mão. — Obrigado, Phil.

Estreitou a mão do sacerdote.

— Não há de que.

O pai Andrew retornou à sala de reuniões, mas se deteve na porta.

— Uma coisa mais. ... Eu tive dúvidas em falar no tema. Provavelmente já esteja informado em relação às regras relativas ao apadrinhamento e tendo em conta que são de duas espécies totalmente diferentes...

— O que tenta me dizer, pai? — Perguntou Phil.

O sacerdote tirou os óculos e os guardou no bolso.

— Estou seguro que não precisa ouvi-lo, mas um padrinho nunca deve... envolver-se com seu apadrinhado.

Merda. Phil teve a precaução de não mostrar nenhuma de suas emoções, apesar de que em seu interior estava uivando. O plano A acabava de ir-se pela privada. Isto quanto a canalizar a ira da Vanda em uma gloriosa erupção de luxúria. Teria que recorrer ao plano B.

Não tinha plano B. Seus pensamentos não tinham ido mais à frente do dormitório.

O sacerdote tinha razão. Era um animal.

O pai Andrew sorriu, se desculpando.

— Estou seguro que isso não será um problema para você. Já demonstrou que é capaz de honrar essa regra quando se ofereceu para ser o guardião da Vanda. Vemo-nos na sexta-feira.

Deslizou-se até a sala de reuniões.

Phil ficou olhando a porta fechada. *Merda*. Outra vez se sentia afligido pela luxúria para uma formosa fêmea vampira. E de novo estava proibida.

Fechou as mãos em punhos. Agora era um lobo alfa, uma das criaturas sobrenaturais mais capitalistas da terra. Se queria a uma mulher, nenhum sacerdote poderia detê-lo. Nenhuma ridícula regra o deteria.

Sempre se havia sentido conectado com a Vanda. Ela nunca tinha encaixado no harém do Roman da mesma maneira que ele nunca encaixaria na manada de seu pai. Enquanto que as outras garotas do harém tinham andado ao redor do Roman tentando chamar sua atenção e seu favor, ela tinha deixado desde o começo que não respondia ante ninguém. Era uma solitária como ele.



Com um suspiro, caminhou pelo corredor. O pai Andrew estava correto. Ela necessitava sua compaixão e sua compreensão. Por desgracia, os sentimentos que lhe inspirava nestes momentos eram luxúria e ira.

Era um morto de fome, um estudante de dezenove anos, tratando desesperadamente de pagar seu passo pela universidade, quando Connor o encontrara. Teria suportado algo para manter um trabalho bem pago, com alojamento e comida grátis, que além lhe permitia terminar seus estudos. E tinha suportado muito. Tudo da Vanda. Durante cinco largos anos o tinha torturado com seus “flertes inofensivos”.

Fazia todo o possível por ignorá-la. Os vampiros eram seus amigos, o mais parecido a uma família que tinha, já que seu pai o tinha repudiado quando tinha dezoito anos. Não havia volta atrás para ele. E com o tempo, Phil tinha demonstrado quão valioso era para os vampiros e sua luta contra os Malcontents. Não só estava protegendo a seus amigos vampiros, se não o mundo inteiro.

Passou seu cartão identificativo pela porta do escritório de segurança e depois apertou sua mão no sensor digital. Tratava-se de uma série de medidas de segurança recém-adicionadas, recordando o muito que tinha piorado o problema com os Malcontents durante os últimos anos. A luz indicadora ficou verde quando a porta se abriu e entrou no escritório.

Howard Barr, o chefe de segurança diurno, estava sentado atrás do escritório, olhando a parede onde estavam os monitores conectados às câmeras de segurança. Devido à Reunião do Aquelarre, Howard estava trabalhando até tarde. Sentado frente ao escritório estava Phineas McKinney, um jovem vampiro negro do Bronx. Tinha estado fazendo a ronda anterior quando Phil chegou pela primeira vez, por isso tinha sentido falta dele.

— O que acontece, irmão lobo? — Phineas ficou de pé e levantou uma mão estendendo seus cinco. — Choca essa peluda pata.

Phil lhe golpeou a mão.

— Como vai, Doutor Phang?

— Não posso me queixar— disse Phineas.

— Quer um donut? — Howard empurrou a caixa através da mesa.

— Não, obrigado. — Phil sacudiu a cabeça, sorrindo. Howard Barr sempre tinha uma caixa de donuts à mão e nunca parecia aumentar de peso. Devia ter algo que ver com o metabolismo do urso. Phineas se acomodou em sua cadeira.

— Assim agora está estacionado aqui?

— Sim. — Phil estava contente de ter retornado a Nova Iorque, onde poderia ser mais útil na guerra contra os Malcontents. Viera no início do verão para ajudar a outro empregado do MacKay S&I, Jack, para resgatar a sua noiva que tinha sido sequestrada pelos Malcontents.

Durante o último ano o destino oficial do Phil tinha sido Texas, onde tinha estado na equipe de segurança para o amparo do Mestre do Aquelarre e desenhista de moda Jean-Luc Echarpe.

— Tive que retornar com o Jean-Luc durante uns dias para atender um problema.

— Que tipo de problema? — perguntou Phineas. — Tem pulgas, tio? Fazem colares para isso, já sabe.



Howard pôs-se a rir. Phil lhes jogou um olhar anódino.

— Não foram pulgas. Foi Bill.

— Bill? — Howard selecionou uma garra de urso da caixa de donuts. — Não é o novo guarda diurno do Jean-Luc?

— Sim. Era o xerife local — explicou Phil. — Se retirou pelo que poderia servir para o MacKay S & I. Tive um pequeno problema em sua formação. Está um pouco zangado comigo.

Phineas bufou.

— Bom, mordeu-o, já sabe.

— Ele me disparou primeiro — murmurou Phil. Phineas sorriu.

— Olhou com um ar estranho.

— Então, qual é o problema com o Billy? — Howard estava comendo sua garra de urso. — Não gosta de ser um cambiante?

— Ao princípio estava surpreso — começou Phil.

— Disso estou seguro. — Howard meteu a última parte de garra de urso na boca. — Adaptar-se pode ser difícil para aqueles que se convertem em cambiantes sendo adultos. É muito mais fácil para nós que nascemos em famílias de cambiantes.

Phineas soltou uma risada.

— Assim teve um Papai Ouso e uma Mamãe Vas? E sua sopa estava muito quente ou muito fria?

— Simplesmente estava perfeita. — Howard sorriu enquanto se lambia o açúcar de seus dedos. — E o que aconteceu com o Billy?

— Depois de levá-lo a sua primeira caçada, pareceu estar bem — disse Phil. — Estava muito emocionado tendo força adicional, sentidos superiores e uma vida útil muito mais longa. Tudo ia bem até que faz umas duas semanas a noiva do Billy o deixou e ele decidiu que sua vida estava arruinada.

— Ouça, lembro-me de sua noiva. Estava muito boa! — Phineas se incorporou. — Tem seu número? Pode ser que necessite um pouco de consolo do Doutor Amor, se souber o que quero dizer.

Phil soltou um bufido.

— Se rechaçou a um cambiante, com toda probabilidade rechaçará também a um vampiro. Pessoalmente, não acredito que ficasse com o Billy embora não se voltasse peludo com a lua cheia. Estava acostumada a ser uma modelo, uma celebridade nas passarelas de Nova Iorque e Paris. A vida em um pequeno povo do Texas nunca lhe teria parecido apropriada. O disse ao Billy, mas ele estava convencido que sua vida acabou.

— O que fez? — Perguntou Howard.

Phil tinha tratado de raciocinar com o Billy, mas o cambiante novato se afundou em uma depressão que a lógica não podia alcançar.

— Levei-o ao Novo México. Tenho um velho amigo que vive em uma reserva navajo. Muito velho. E sábio. Tinha-me ajudado antes, assim pensei que poderia ajudar ao Billy. E o fez.

— Como é que te ajudou? — Perguntou Phineas.



— Faz uns seis meses me ajudou a... empreender uma viagem espiritual. É difícil de explicar. Os olhos marrons do Phineas se abriram.

— Colocaram-lhes, não? O que fumaram, tio?

Phil cruzou os braços.

— Prefiro não falar disso.

Phineas bufou.

— Comeu algum desses cogumelos, né? Sonhou que foi um iguana gigante?

Howard sorriu e depois dirigiu um olhar curioso a Phil.

— Acredito que foi quando se converteu em alfa.

— Bacana — sussurrou Phineas. — Segue mantendo essas coisas de alfa em segredo?

— Sim. — Phil respirou fundo. — Assim, onde foi Connor?

— OH, isso foi suave, irmão. Nunca nos teríamos dado conta que trocaste de tema. —

Phineas fez um gesto para os monitores. — Connor está fazendo das suas.

Phil escaneou os monitores e assinalou um borrão em movimento através das árvores ao oeste do estacionamento. Connor se estava movendo a velocidade vampírica.

— É rápido.

— Como Flash, tio. — Phineas inclinou a cabeça. — Acredito que está parando. Deve ter visto algo.

— Aí. — Howard assinalou outro monitor. — Alguém acaba de se teletransportar nos jardins. Os três guardas ficaram tensos, preparados para entrar em ação. Phil se relaxou.

— É Jack.

Phineas se recostou em sua cadeira.

— Suponho que acaba de retornar de Veneza.

Howard se serviu de outro donut.

— Irão a sua festa de compromisso na sexta-feira?

— Eu sim. — Phil olhava os monitores. Connor se reunira com Jack no bosque.

— Eu também — acrescentou Phineas. — Tios, perceberam que muitos dos colegas estão tendo sorte? Roman, Angus, Jean-Luc, Ian e agora Jack. E todos se enrolaram com tias boas.

Phil passou por detrás da mesa para encher uma taça de café da cafeteira que Howard tinha na mesa.

— Me alegre por eles.

— Igual a mim, mas onde está minha tia boa? — Phineas ficou de pé e plantou os punhos em seus quadris. — Sou o doutor Amor. As meninas deveriam estar comendo todo meu corpo.

Howard empurrou um bote pequeno para o Phil.

— Açúcar?

Phil negou com a cabeça.

— Não, faz tempo tio. — Phineas passeou pela habitação. — Há passado muito tempo desde que tive algo doce.

Howard ofereceu a Phil um pote de leite condensado. Phil negou com a cabeça.

— Eu gosto de negro.



— Também eu gosto de negras. — Phineas se deteve de repente. — Mas não tenho prejuízos, já sabe. Nunca deixei de ir atrás de uma mulher por culpa da cor de sua pele ou sua religião. O doutor Amor nunca mantém a uma senhorita a distância.

— Isso é realmente amável de sua parte, Phineas. — Phil tomou um sorvo de café. Viu pelo monitor que Jack e Connor tinham chegado à entrada lateral. Connor inseriu seu cartão e ativou o sensor digital. Os ombros de Phineas se desabaram.

— Simplesmente não o entendo.

— O que?

Howard se serviu de uma taça de café e jogou uma grande quantidade de açúcar.

— Todos os vampiros casados parecem realmente felizes. — Phineas reatou o passeio. — Com uma só mulher. Quando há tantas garotas bonitas no mundo, como se pode conformar com uma só?

— Deve ser uma mulher realmente especial. — E de todas as mulheres que Phil tinha conhecido em seus vinte e sete anos, Vanda foi a que lhe veio à mente. Ela não se vestia com uma fachada de superioridade indiferente como faziam a maioria das fêmeas vampiro. Era dura, apaixonada e dolorosamente honesta. Estava em seu rosto. Tinha-o intrigado desde o começo.

— Acredito que isso se chama amor — disse Howard.

Phil estremeceu.

— Eu não o chamaria assim. Capricho, possivelmente.

Howard o olhou com incredulidade.

— Não crê que Jack ame a Lara? Ou Roman a Shanna?

— Né? Sim. — Phil se deu conta que tinha perdido o fio da conversação. — Isso definitivamente é amor. Eu... estava pensando em... outra pessoa.

Howard o olhou com curiosidade.

— Como quem?

Phil se salvou quando soou o timbre da porta. Connor tinha ativado as medidas de segurança exteriores fazendo que a porta se desbloqueasse. Connor e Jack entraram. Jack sorriu e estreitou a mão de todo o mundo enquanto saudava.

— Virão todos à festa de compromisso, não? Quero que Lara se sinta bem-vinda ao mundo vampírico.

— Claro que iremos — disse Howard.

— Onde está Lara? — perguntou Phil.

— Em seu apartamento — respondeu Jack. — Me teletransportei antes para ali para que pudesse dormir um pouco. Está esgotada de fazer turismo por Veneza durante todo o dia.

— Me alegro que esteja de volta. — Connor parou ao lado da mesa e cruzou os braços sobre o peito. — Phil também acaba de chegar esta noite, assim que eu gostaria de pô-lo em dia.

— Bem. — Jack se sentou no rincão mais afastado da mesa.

Howard se sentou atrás da mesa enquanto que Phineas e Phil se sentaram à frente. Quando todo mundo estava centrado em Connor, começou.

— A última informação que temos é que Casimir se transladou para a América do Norte. Não



sabemos onde estabeleceu a sua base de operações, mas sim sabemos que gosta de visitar seu amigo Apolo, em Maine. Assumimos que não sabe que Apolo e Ateneu estão mortos.

Phil bebeu um pouco de café. Em início de julho tinha ajudado ao Jack a resgatar a sua noiva Lara, que estava prisioneira no complexo Malcontent de Apolo em Maine. Jack tinha matado a Apolo, enquanto que ele se uniu a Lara para matar a Ateneu.

— Deixamos vazio o recinto. Apagamos a memória da maioria dos mortais e foram devolvidos a suas casas.

— O que aconteceu a garota que queria manter suas lembranças? — Perguntou Jack.

— Está na escola da Sana — respondeu Connor. — Será professora ali. Carlos está a cargo da segurança. A questão agora é que não há ninguém no complexo para dizer a Casimir que não retorne. Assim Angus pensou que há uma grande probabilidade de que Casimir vá.

— Vamos fazer-lhe uma armadilha? — Perguntou Jack.

— Sim. — Connor sorriu. — Angus chegou ali faz duas semanas para fazer precisamente isso. Tem uma equipe de sete pessoas com ele. Deveriam ser suficientes para capturar a Casimir.

Phil sentiu uma pontada de inveja. Adoraria provar um pedaço dessa missão.

— Quais são nossas ordens?

— Permanecer aqui — disse Connor. — Romatech segue sendo um objetivo prioritário. Se Casimir decide vingar-se do massacre na DVN, sabe que aqui sempre pode encontrar alguns inimigos.

— Teremos que ser muito cuidadosos na noite da festa de compromisso — disse Jack.

— Sim. Todos estaremos de guarda essa noite. Alguma pergunta? — Quando ninguém falou, Connor continuou. — Bem. Com um pouco de sorte destruiremos Casimir logo e evitaremos outra guerra entre vampiros.

Jack jogou uma olhada ao monitor que mostrava que a reunião do Aquelarre chegava a seu fim.

— Tenho que falar com a Shanna sobre a festa. Vemo-nos mais tarde. — Precipitou-se pela porta.

— Phineas, te assegura que todo mundo que veio à reunião do Aquelarre, parta? — Pediu Connor. — Não queremos a ninguém vagando pelas instalações.

— Vou.

— Howard, vá ver se Shanna e os meninos necessitam que os levem a casa — disse Connor.

— Sim, senhor.

— Phil, tem o resto da noite livre. — Connor se sentou atrás da mesa e revolveu alguns papéis. — Me alegro que haja tornado, moço.

— Eu também.

Phil terminou seu café e devolveu a taça vazia à mesa. Como guarda diurno, esperava-se que dormisse de noite para poder entrar de serviço a primeira hora do dia. Normalmente dormia na casa que Roman tem no Upper East Side. Phineas e Jack se apresentavam pouco antes do amanhecer para cair em seu sono mortal.

— Boa noite, senhor. — Phil se dirigiu à porta.



— Boa noite. OH, perguntava-me... — Connor lhe dirigiu um olhar curioso. — Antes vi pelo monitor que estiveste falando com a Vanda e que ela se há teletransportado imediatamente.

Phil se deteve com a mão no pomo da porta.

— Estava um pouco molesta.

— É óbvio que estava molesta. Três de seus ex-bailarinos a tinham processado por danos e prejuízos. Sabe o que decidiu Roman?

— Insistiu em que devia ter outra ronda de sessões de terapia para o controle da ira.

Connor soltou um bufido.

— Como se isso a fosse a ajudar. Vanda está zangada mesmo antes que eu a conhecesse.

— Quanto tempo é isso?

— Desde que Roman se converteu em Mestre do Aquelarre e herdou o harém no ano 1.950.

— Assim já estava no harém? Deve ter-se unido quando o anterior Mestre estava no poder.

— Sim — assentiu Connor. — Por que está tão interessado?

— Estive de acordo em ser seu padrinho.

Connor arqueou as sobrancelhas.

— Por que fez isso?

Phil encolheu os ombros.

— Alguém tinha que fazê-lo.

Connor o olhou um momento e depois desviou o olhar para os monitores.

— Foi sem seu carro.

Phil jogou uma olhada que mostrava o estacionamento.

— Que carro é o seu?

— O Corvette negro. E tenho as chaves.

O coração do Phil deu um tombo no peito. Poderia vê-la de novo esta noite.

— Ficarei feliz em o devolver-lhe.

— Se ela o quiser, pode se teletransportar de volta por ele. Oficialmente já está fora de serviço.

— Posso deixar-lhe de caminho à casa do Roman — insistiu Phil. — Realmente não me importa.

Connor tirou as chaves de seu sporran.

— É provável que esteja em seu clube.

— Sei onde está.

Connor lhe entregou as chaves.

— Tome cuidado, moço.

Phil soltou um bufido.

— Sei como conduzir.

— Não me referia ao carro.

— Sei o que estou fazendo.

Connor franziu o cenho.

— Isso é o que dizem todos.



CAPÍTULO 3

Embora Phil soubesse do clube noturno da Vanda, nunca antes tinha entrado.

A entrada dos *Diabos Quentes* estava escondida em um beco escuro sem saída para evitar que os mortais incautos tropeçassem com ele por acaso.

Um enorme gorila montava guarda ante a porta vermelho escuro. Suas fossas nasais se ampliaram enquanto aspirava profundamente farejando. Phil sabia que seu aroma não era o normal em um mortal. Como a maioria de vampiros não sabiam nada a respeito dos cambiantes, não eram conscientes da importância que tinha seu aroma diferente. Simplesmente pensavam que era um estranho aroma para um mortal.

— Está fechado, — grunhiu o porteiro. — Perca-te.

— Estou aqui para ver a Vanda Barkowski.

— Conhece a Vanda? — O gorila cheirou de novo e entrecerrou seus pequenos e brilhantes olhos. — É um inseto estranho.

— Nem imagina. — Phil lhe mostrou seu cartão identificativo do *MacKay Security & Investigation* sabendo que o porteiro vampiro via na escuridão. — Trago o carro da Vanda. O deixou no Romatech.

O porteiro ainda o olhava com receio.

— Tenho que te revistar.

— Bem. — Phil levantou os braços à altura dos ombros para que o porteiro pudesse aplaudir sua camiseta azul marinho e suas calças cáqui, o uniforme dos guardas do MacKay que não usavam saias escocesas.

— O que é isto? — O homem aplaudiu um dos bolsos de suas calças.

— É uma cadeia de prata.

O porteiro sacudiu a mão. Vacilou e depois perguntou:

— Não estará pensando em utilizá-lo em alguém?

— Não. — Phil sorriu, compreendendo a difícil situação em que se encontrava o gorila. O vampiro não podia lhe confiscar a cadeia de prata sem sofrer queimaduras graves. Por sorte, para ele só era dolorosa se se introduzia em seu corpo, como uma bala de prata. — Pode ligar ao Connor Buchanan no Romatech para me comprovar.

O gorila encolheu seus grandes ombros.

— Vou manter te vigiado. — Abriu a porta. — Adiante.

Phil foi bombardeado imediatamente pela música a grande volume e as luzes laser de cor azul e vermelha que esfaqueavam todo o grande armazém reformado. À medida que seus olhos se acostumaram, deu-se conta que o cenário estava vazio. Os bailarinos deviam estar em sua hora de descanso.

Um grupo de mulheres vampiros se retorcia na pista de dança. Uns quantos homens



vampiros estavam sentados em mesas, com copos do *Bleer* de espuma tinta e rosa, enquanto viam as mulheres a dançar. Todos os olhos se estreitaram quando se fixaram nele. Competência.

Jogou uma olhada a enorme sala, mas não pôde encontrar a Vanda. O porteiro estava de pé junto à porta, olhando-o. Reconheceu a mulher detrás da barra. Cora Lee, ex-membro do harém do Roman Draganesti. Tinha substituído os antigos vestidos Sulistas por um traje mais moderno, calças abraçadas aos quadris e um top brilhante.

Deu um coice enquanto ele se sentava em um tamborete.

— Phil? É você? — Gritou por cima da música. — Santo Deus! Não te vi em anos!

— Olá, Cora Lee. Vê-te muito bem.

— Muitíssimo obrigada. — Com uma risada, acomodou-se o cabelo comprido e loiro por cima do ombro. — Quer tomar algo? Temos umas quantas bebidas mortais como a cerveja.

— Tomarei uma dessas. — ficou de pé para poder tirar a carteira do bolso traseiro da calça.

— Não, nada disso. Esta corre a conta da casa. — Lhe jogou um olhar coquete enquanto lhe enchia o copo. — Santo Deus, puseste-te muito bonito durante estes últimos anos.

— Obrigado. — Se voltou a sentar no tamborete. — Assim, Vanda está por aqui?

Com um suspiro, Cora Lee pôs a cerveja diante dele.

— Deveria ter sabido que vinha a vê-la. A forma em que falou que ti, minha mãe, escandalizou-nos.

Seu primeiro gole de cerveja baixou de repente.

— Por quê? O que há dito?

— Que não há dito! Asseguro-te que descreveu cada parte de sua varonil anatomia da parte superior de sua cabeça até os dedos dos pés. — Cora Lee sorriu maliciosamente. — Foi muito poética quando falou de suas nádegas.

Bebeu de repente outro gole de cerveja. Cora Lee limpou o balcão sem deixar de sorrir.

— Sempre dizia que estava apaixonado por ela.

A mão do Phil apertou o copo.

— E agora?

— Segundo Vanda, pode te obrigar a fazer o que queira, como um cão treinado.

Tomou o último gole de cerveja e estrelou o copo contra a barra.

— Onde está?

Cora Lee assinalou uma série de portas ao longo da parede do fundo.

— A primeira é seu escritório.

— Obrigado.

Phil deslizou do tamborete.

— Não se esqueça de bater — advertiu Cora Lee. — Vanda tem aos bailarinos aí dentro. Poderia ser um pouco incômodo se irromper sem avisar.

Phil ficou rígido.

— Por quê? O que está fazendo com eles?

Cora Lee encolheu os ombros.

— Ode sempre. Tem que comprovar pessoalmente tanto os trajes como as coreografias



antes que os meninos saiam ao cenário. Controle de qualidade, já sabe.

A mandíbula do Phil se contraiu.

— Não me diga!

— OH, sim! Uma vez que entrei, Terrance estava-se pavoneando nu. — Cora Lee riu. — Vanda lhe disse que tampasse isso com uma meia.

— Entendo — grunhiu Phil. À medida que se aproximava do escritório, a música terminou. Com seu ouvido superior ouviu a voz da Vanda através da porta.

— *OH, Meu deus, Pablo, é enorme!*

— *Não me chamam o Pdincipe dos Passados cadpinteidos por que sim — se gabou um homem.*

— *Não pode deixá-lo sair ao cenário com isso — protestou outro homem. — Fará que pareçamos pequenos.*

— *São menores que eu — insistiu Pablo.*

— *Não o somos! — Gritou um terceiro homem.*

— *Se acalmem! — A voz da Vanda soou agitada. — Pablo, me alegro que volte a dançar conosco, mas isto... isto é muito. Vais ter que perder uns quantos centímetros.*

— *Não! — gritou Pablo. — Não vou deixad que o toque!*

— *Não me diga o que não posso fazer! — gritou Vanda. — Onde estão minhas tesouras?*

Pablo chiou. Como uma menina. No que poderia converter-se logo. Phil abriu a porta e carregou para o interior.

— Vanda! Detenha-se! Não pode cortar a um homem a...

Deteve-se, assombrado de ver a Vanda de pé detrás de sua mesa com as tesouras preparadas sobre uma camisinha vermelha brilhante.

Não era uma camisinha. Era uma tanga. Com uma larga capa cheia como uma salsicha. Vanda ficou boquiaberta.

— Phil, o que está fazendo aqui?

Ele jogou uma olhada ao redor do escritório precavendo-se que os três jovens magros estavam completamente vestidos e olhando-o com curiosidade.

— O que está fazendo, Vanda?

As bochechas dela ficaram rosadas enquanto baixava a tanga para deixá-lo sobre a mesa.

— Estou tendo uma reunião de trabalho.

— Vanda — sussurrou um dos bailarinos. — Não vais apresentar seu jovem e bonito amigo?

— É obvio Terrance. — Vanda falou com os dentes apertados. — Este é Phil Jones. — Fez um gesto para os bailarinos. — Torrance o Turgente, Freddie o Bombeiro e Pablo o Grande.

— Decodo de você na deunião do Aquelarre — disse Pablo. — Disse que ajudadia a Vanda com seu pdoblema para contdolad a ira.

— Eu não tenho um problema de controle! — Vanda assinalou com as tesouras ao Pablo e depois ao Phil. — E não necessito sua ajuda.

Phil arqueou uma sobrancelha para ela.

— Como seu padrinho, aconselho-te que solte as tesouras.



Deixou-as cair de repente sobre o escritório.

— Não é meu padrinho.

Torrance sorriu.

— Pode ser o meu.

Vanda se queixou.

— Phil, aqui estamos tentando ter uma reunião sobre o vestuário.

Entregou ao Freddie uma tanga que parecia uma mangueira e ao Terrance outro talher de hera. Torrance pôs a sua diante da cara do Phil.

— Não é fabuloso? Estou fazendo uma ode ao Tarzan.

— Isso está bem — murmurou Phil.

Pablo alargou a mão para agarrar a tanga vermelho brilhante.

— Não! — Vanda o arrebatou da mão. — Não dançará com esta monstruosidade. Eu desenharei seu vestuário e te direi que roupa pôr.

— Isso não é justo — se queixou Pablo. — Eu mesmo fiz esta douda que encaixa como uma luva.

— De maneira nenhuma — grunhiu Freddie. — Teria que usar cheio.

Mugiu soprou.

— Eu nunca uso enchimento.

— Teria que fazê-lo. — Vanda deixou a roupa sobre a mesa. — Não existe um homem sobre a terra que possa encher isso.

— Eu não estou tão seguro. — Torrance olhou ao Phil e lhe piscou um olho.

Phil tinha chegado a seu limite.

— Esta reunião terminou. — Deu aos homens um olhar de advertência e se aproximou da porta. — Fora.

— O que? — Os olhos da Vanda brilharam com ira. — Não pode fazer isto! Esta é me...! — Fez uma pausa, enquanto Freddie e Pablo escapuliam do escritório. — Escritório.

Torrance se deteve a metade do caminho da porta e lhe sorriu.

— Seja uma boa menina. Este é um bom partido.

— Fora — grunhiu Phil.

— Ooooooh — Terrance estremeceu. — Eu Tarzan. Seu Phil. — Saiu correndo. Phil fechou a porta.

— Agora podemos falar.

Vanda o fulminou com o olhar.

— Eu não falo contigo. Atua como um cavernícola.

— Suponho que prefere aos meninos lindos e miúdos que são facilmente controláveis. Mais fáceis de controlar que sua própria ira.

— Minha ira está muito bem! — Agarrou o disfarce do Pablo da mesa e o arrojou. — Vai!

Ele agarrou a tanga com uma mão e lhe deu a volta, examinando-o.

— Obrigado, Vanda. É justo de meu tamanho.

Ela soltou um bufido.



— Um homem teria que estar duro para encher isso.

Levantou o olhar até encontrar-se com o dela.

— Nenhum problema.

Seu olhar revooou até as calças do Phil e depois o apartou bruscamente.

— Que...? Por que vieste?

Phil caminhou para ela.

— Deixou Romatech a toda pressa. Estávamos em metade de uma conversa.

Seus olhos se obscureceram até um cinza tormentoso.

— A conversa tinha terminado.

— Deixou o carro.

— Como se tivesse tido outra opção! Esse maldito Connor confiscou minhas chaves. —

Piscou quando Phil as fez tilintar no ar. — Há... trouxeste meu carro?

— Sim. Está estacionado na rua.

— OH. Obrigado. — Contornou a mesa e se aproximou dele. — Isso foi muito amável por sua parte — resmungou.

— Não há de que. — Deixou cair às chaves em sua mão estendida. — Agora, sobre o apadrinhamento...

A mão dela se fechou ao redor das chaves.

— Não há nenhum apadrinhamento. Não pode me obrigar a assistir a terapia.

— Acredito que sim posso. Foi uma decisão do tribunal. Se quiser que as demandas em seu contrário sejam desprezadas, tem que te conformar.

Vanda arrojou as chaves sobre a mesa.

— Pareço o tipo de pessoa que se conforma? Só os covardes e os macacos treinados se conformam. Sou um espírito livre. Ninguém vai dizer-me o que fazer.

Phil não pôde evitar sorrir. As palavras da Vanda eram quase idênticas ao discurso que ele mesmo largou a seu pai nove anos atrás antes de ir-se de Montana.

— Então, o que pensa fazer com seu problema?

— Eu não tenho nenhum problema! — Gritou. Com um gemido, levou-se uma mão à frente. — por que a gente não deixa de tentar me obrigar a fazer coisas contra minha vontade?

— Me acredite, entendo-te. — O pai do Phil tinha tentado forçá-lo a uma vida planejada de antemão. À idade de dezoito anos não tinha tido a maturidade nem a força para lutar contra ele. Simplesmente se tinha ido. Então, seu pai o tinha banido. — As coisas nem sempre saem como queremos. E é muito frustrante quando não há nada que possa fazer para trocá-lo.

Vanda franziu o cenho.

— Tenta simpatizar comigo para que esteja de acordo com a terapia?

— Estou dizendo que se quer falar, eu escutarei.

Seu rosto ficou pálido e apertou o látego ao redor de sua cintura com um brusco movimento.

— Por que devo acreditar que te importa? Não te incomodaste em vir para ver-me em três anos.



Tinha contado os anos? Phil tragou saliva. *E se tinha interpretado mal as coisas?* Tinha estado seguro que Vanda não o considerava mais que um brinquedo com o que aliviar seu aborrecimento. *Meu deus! E se lhe tinha importado de verdade?* Não, isto tinha que ser para ela algo mais que diversão e jogo.

— Não sabia que queria ver-me.

Seus olhos se estreitaram.

— O que necessitava? Um convite formal?

— Abriu um clube de strip-tease masculino, Vanda. Todas as noites está rodeada de homens disponíveis. Homens nus, vampiros machos. — Arrojou o disfarce sobre o escritório. — Realmente não pensei que necessitasse companhia.

Ela levantou o queixo.

— Tenho toda a companhia que necessito.

Ele chiou os dentes.

— Bem.

— Perdão por pensar que possivelmente queria manter o contato. Tinha acreditado que fomos amigos.

— Nunca fomos amigos.

Ela abriu a boca.

— Como pode dizer isso? Há... falávamos.

— Burlava-te de mim.

Ela ficou rígida.

— Fui amável contigo.

Ele deu um passo para ela.

— Aborrecia-te e me atormentava pelo gosto de fazê-lo.

— Não seja tolo. Era uma simples paquera inofensiva.

— Foi uma autêntica tortura. — Avançou um passo mais. — O odiava. Cada vez que me tocava, queria rasgar seu pequeno catsuit e te fazer ronronar.

Ela abriu a boca para em seguida fechá-la com um estalo. As bochechas lhe acenderam.

— Então por que não o fez? Por que deixar que uma estúpida regra te detivera? Ian não permitiu que nada o impedisse de perseguir a Toni.

Agarrou a Vanda pelos ombros com tanta rapidez que ela ficou sem fôlego.

— Tê-la-ia tomado em um segundo se tivesse acreditado que você realmente o queria.

As bochechas dela se voltaram de um vermelho mais intenso.

— Como pode saber o que eu realmente quero?

Ele se aproximou mais.

— Impregnei-te desde o começo. É uma incitadora. Você gosta de pôr duro a um homem e depois deixá-lo ofegando. Você gostava de vê-lo sofrer.

— Isso não é certo. Você... eu gostava de verdade. — Deu um coice como se tivesse admitido mais do que queria. Roçou-lhe a bochecha com seu nariz e lhe sussurrou ao ouvido:

— Demonstre-me isso.



Ela estremeceu em seus braços. Podia sentir o fôlego vindo a baforadas sobre sua pele. Ele moveu a boca mais perto da dela.

— Demonstre-o.

Com um pequeno grito, ela afastou a cabeça dele. *Merda*. Não se tinha equivocado. Não tinha sido mais que um jogo para ela. Deixou cair às mãos de seus ombros.

— Admite-o. Paquerava comigo porque te aborrecia e eu era seguro. Necessitava desesperadamente o trabalho pelo que ia seguir as regras sem importar quanto me torturasse.

Ela se levou uma mão à frente.

— Eu... Não era minha intenção...

— Me deixar dolorido por ti? Diga-me, Vanda, alguma vez sente algo? Importava-te realmente ou foi uma bruxa com o sangue-frio?

Com um grito de assombro, jogou a mão para trás e lhe deu uma bofetada.

— Fora!

Ele se esfregou o queixo.

— Suponho que não tem o sangue muito frio.

— Vai! — Assinalou a porta.

Considerou burlar-se dela um pouco mais. Deus sabia que o merecia depois de ter estado cinco largos anos torturando-o. Mas se deu conta que suas mãos tremiam e seus olhos brilhavam com as lágrimas não derramadas. Sentiu-se como um cão. Só quis lhe devolver a bola e lhe dar um pouco de seu próprio “flerte inofensivo”. Não tinha querido lhe fazer danifico.

Caminhou para a porta onde se deteve com a mão no pomo da porta.

— Sempre me intrigaste Vanda. Do momento em que te conheci. Nunca pude entender por que uma mulher com o espírito livre se limitaria a um harém. Do que te esconde? E por que uma mulher rebelde e formosa paqueraria com o único homem do que se considerava a salvo?

Ela se cruzou de braços e o olhou cautelosamente.

— Assim agora quer me analisar, doutor Phil?

Ele sorriu lentamente.

— Quero fazer um montão de coisas contigo, Vanda. Já vê, cometeu um grave engano comigo. Nunca estive a salvo de mim.

Vanda ficou sozinha em seu escritório, piscando pelas lágrimas. *Maldita seja* não ia chorar. Era uma mulher dura.

Mas tinha feito sofrer ao Phil. Nunca o tinha pretendido. Como pode um pouco de diversão inofensiva fazer mal?

Rodeou a mesa e se desabou em sua cadeira. Tinha visto através dela. Soube ver que estava aborrecida até a medula. Quando se uniu ao harém pela primeira vez, em 1948, deu a bem-vinda à paz e a serenidade. Mas com o tempo, o aborrecimento se apoderou dela e tinha estado desesperada por um pouco de diversão.

O pobre Phil parecia seguro. Para ele, ia contra as normas confraternizar com ela. Tinha-lhe deixado claro desde o começo que ia cumpri-las. E ela o tinha torturado.

Inclinou a cabeça e a apoiou nas mãos. O ataúde escondido nas sombras de sua mente



rangeu abrindo-se pouco a pouco. As imagens mentais flutuaram fora.

Mamãe, que tinha morrido em 1935, quando Vanda tinha dezoito anos.

Frieda, sua irmã menor, que tinha morrido quatro anos mais tarde enquanto fugiam dos nazistas. Frieda, com seus cachos castanhos e seus grandes olhos azuis.

Jozef, seu irmão pequeno, que à idade de doze anos insistiu em reunir-se com seu pai e seus três irmãos maiores para lutar contra os invasores. Os olhos da Vanda se encheram de lágrimas. Jozef, com seu cabelo negro e encaracolado e seus olhos azuis. Partiu à guerra com tanto orgulho. E nunca voltou a vê-lo.

Uma lágrima rodou por sua bochecha.

Ian sempre lhe tinha recordado ao Jozef. Não tinha intenção de apegar-se a ele, mas pouco a pouco começou a simbolizar todos os irmãos que tinha perdido. E tinha estado tão perto de perdê-lo também em mês passado de dezembro. Da batalha na DVN, seus nervos tinham estado ao bordo de um ataque.

Mais imagens saíram da caixa. Papai e seus outros três irmãos: Bazyl, Krystian e Stefan. Imprecisos e confusos. Escapou-lhe um soluço. OH, Deus, não podia recordar seus rostos. Os ombros lhe tremeram. Como podia esquecê-los? Depois que mamãe morreu, ela tinha cuidado de todos seus irmãos e irmãs. Tinham estado com ela toda sua vida. Como podia esquecê-los?

Fechou os olhos. *Não!* Não faria isto. Não precisava castigar-se a si mesmo só porque se sentia culpado por atormentar ao Phil. Empurrou mentalmente todas as fotos de novo para o ataúde e fechou a tampa.

Não pôde deixar de pensar no passado. Como tinha perdido a todos os que amava. Seus pais, seus irmãos, sua irmã. Inclusive Karl, seu primeiro amor e líder da resistência clandestina.

Todos se tinham ido.

Respirou fundo, estremeceu e limpou as lágrimas de seu rosto. Nunca deveria ter paquerado com o Phil. Era um mortal de vida curta. Se se apaixonava por ele, também acabaria perdendo-o.

Não importava que ele a intrigasse e a excitasse. Não importava que ela quisesse seus braços ao redor, consolando-a. Não importava que admirasse sua força e sua inteligência. Ou que estivesse tão cansada de estar sozinha.

Gritos entraram em erupção do clube, devolvendo-a a realidade com uma sacudida. E agora o que?

— Vanda! — Terrance se jogou através da porta aberta. — Max o Megamembro se há teletransportado dentro do clube. Diz que vais morrer!

CAPÍTULO QUATRO

Vanda entrou no clube látego em mão, seus olhos adaptando-se a tênue iluminação. Só ficava um punhado de clientes. O resto deviam ter-se teletransportado longe ao primeiro sinal de perigo. Os que se ficaram estavam agrupados em um círculo, falando em voz baixa.



— É tão incrivelmente forte — sussurrou uma mulher vampiro a sua amiga.

— E tão formoso — respondeu à amiga.

Vanda soprou. Para gostos se fizeram as cores. Seu porteiro Hugo era tão largo como alto. Sua enorme cabeça estava bem assentada sobre seus enormes ombros. Frequentemente se perguntava como tinha sido transformado já que não tinha pescoço à vista para morder.

— Perdão. — Deu uma cotovelada às duas fofqueiras.

— Vanda — uma voz rouca e profunda falou detrás dela. Em um arranque se girou para encontrar-se com o Hugo.

— O que? Então quem...?

Pôs lhe uma fornida mão no ombro.

— Preciso falar contigo.

— Agora não! — Apartou-se longe e abriu passo entre a multidão. Deteve-se com um ofego.

Max estava convexo de costas no chão com o Phil sentado em cima. Os punhos do Phil estavam plantados no chão a ambos os lados do ex-bailarino, agarrando uma cadeia de prata estendida sobre o peito do Max.

Vanda ficou olhando-os vários segundos. Não era de estranhar que a gente falasse em voz baixa pelo assombro. Era virtualmente inaudito que um mortal fosse o suficientemente rápido para apanhar a um vampiro e o bastante forte para imobilizá-lo.

No chão, a seus pés, uma comprida adaga brilhava na penumbra. *Meu deus*. Um calafrio lhe percorreu a coluna vertebral. Se Max a tivesse apunhalado no coração, neste momento seria um montão de pó. De algum jeito, Phil tinha conseguido desarmá-lo. Tinha-lhe salvado a vida. E nem sequer parecia estar sem fôlego.

Ele a olhou e sorriu.

Seus joelhos quase se dobraram. As garotas a suas costas suspiraram.

— Que bonitos olhos — sussurrou uma delas.

As mãos da Vanda se esticaram sobre o látego e afogou o impulso de grunhir para as mulheres. O que podia lhes dizer? *Mãos fora é meu?* Não tinha nenhum direito sobre ele.

Apartou o olhar, molesta consigo mesma por sucumbir aos ciúmes e deixar-se alterar tão facilmente pelo sorriso e os bonitos olhos azuis de um homem. Sua frustração se converteu em ira quando viu seus três bailarinos olhando a cena detrás da barra. Esses covardes pusilânimes.

Hugo a agarrou pelo braço e a separou da multidão.

— Vanda, tenho que falar contigo. Sobre esse mortal.

— Já sei — respondeu chiando os dentes. — É incrivelmente forte e formoso. Quer te unir ao clube de fãs?

Hugo pareceu confundido.

— Não. Há algo estranho nele. Move-se muito rápido.

— Diga-me isso. Capturou a um psicopata e me protegeu de uma morte segura, algo que acredito que é seu trabalho. — Olhou ao porteiro. — Se for mais lento que um mortal, possivelmente contratei ao homem equivocado.

— Não, não! Encarregar-me-ei do Max. Só pensei que mais valia te advertir de...



— O que pensa fazer com ele? — Vanda sentiu uma pontada de alarme. Não queria mais mortes sobre sua consciência.

— O teletransportarei longe e o advertirei que te deixe em paz — grunhiu Hugo. — E pensei que poderia lhe dar um murro na barriga, se não te importar.

— OH, acredito que poderei viver com isso. — Se abriu passo a cotoveladas caminhando através da multidão. Todo mundo se moveu quando Hugo foi detrás dela.

Phil seguia mantendo prisioneiro ao vampiro como se este fora um menino em tempo morto. Max não parecia ter nenhum tipo de dor já que a cadeia de prata estava sobre sua roupa. Se tivesse entrado em contato com sua pele, não teria sido nada agradável o aroma de carne queimada. Phil elevou o olhar para ela.

— O que quer fazer com ele?

— Hugo se fará cargo.

Naquele momento Hugo soltou um profundo grunhido desde sua garganta. A multidão saltou para trás. Max ofegou quando Hugo avançou pesadamente como se fosse um enorme urso.

— Não! Deixe ir! Deixarei em paz a Vanda, prometo-o.

— Na reunião do Aquelarre te disse que te mantivera afastado dela. — Phil o fulminou com o olhar. — Obviamente não se pode confiar em ti.

— Violaste a ordem de afastamento. — Vanda envolveu o látigo ao redor de sua cintura e o sujeitou bem. — Deve ao tribunal cinco mil dólares.

Max lhe cuspiu nas botas.

— Fodida bruxa! Você é quem me deve dinheiro!

— Basta! — Hugo se agachou e agarrou ao Max pelo pescoço. — O tenho — disse ao Phil. — Pode deixá-lo.

Logo que Phil ficou de pé e elevou a cadeia de prata, Hugo se teletransportou longe com o Max. Phil guardou a cadeia no bolso de sua calça e as vampiro fêmeas se aproximaram.

— É incrível. — Uma das garotas apertou.

— Dou fé disso. — Cora Lee envolveu uma mão ao redor de seu braço. — Nunca tinha visto tal desdobramento vigoroso e varonil.

— O espetáculo terminou — grunhiu Vanda. Os olhos do Phil brilharam divertidos enquanto se inclinava a recolher a adaga do Max.

— É possível que desejem dar um passo atrás, senhoras. Esta arma é perigosa.

Com um suspiro, as mulheres se moveram de novo. Phil se centrou na Vanda.

— Posso falar contigo em privado?

— Eu... suponho que sim.

Girou-se com rigidez e abriu caminho para seu escritório. Seus nervos se esticaram ante a ideia de estar de novo a sós com ele. Mas tinha que fazê-lo. Precisava lhe pedir perdão por lhe ter causado tanta dor no passado. Olhou-o durante um instante quando entraram no escritório.

— Obrigada por me proteger.

— De nada. — Colocou a adaga sobre o escritório. — É possível que necessite isto.

Reprimiu um estremecimento. Não necessitava um aviso de quão mau poderia ter sido.



— Ao menos Max não trouxe a maldita serpente.

Phil se girou para olhá-la.

— Serpente?

— Uma serpente píton de cinco metros de comprimento. Max dança com ela. Ou ao menos o tentou. A serpente tinha outros planos.

Respirou profundamente. Graças a Deus Phil não era um vampiro ou poderia escutar o forte batimento do coração. Havia algo nele, e ao parecer ela não era a única que o sentia. Todas as mulheres reagiam a ele. E isso a fazia sentir-se extremamente possessiva.

Tinha-a afetado desde o começo. Aos dezenove anos tinha sido magro e desajeitado, mas ainda assim emanava uma sensualidade terrestre que a tinha chamado. Agora, aos vinte e sete, tinha completado essa forma desajeitada com músculo e uma aura de poder masculino. Cada terminação nervosa de seu corpo parecia consciente de sua presença, atraída, acesa por ele. Tinha que tirá-lo da mente. Não tinha tido suficiente dor em sua vida? Desculpar-se-ia e o deixaria ir. Respirou fundo e se encontrou com seu olhar fixo. Ele deu um passo para ela.

— Devo te pedir desculpas.

Ela piscou. Tinha-lhe tirado as palavras da boca.

— Mas...

Levantou uma mão para detê-la.

— Lhe devo dizer isso estava na calçada, esperando um táxi, quando me dei conta que era um hipócrita. Ofereci-me para te ajudar a controlar sua ira, mas estava ocupado com a minha própria. Fui grosseiro...

— Mas tinha todo o direito a estar zangado comigo. Atormentei-te. Fiz-te miserável. Não deveria te ter tratado dessa maneira.

Os olhos do Phil se suavizaram.

— Poderia sofrer coisas muito piores que ter a uma mulher formosa me torturando.

O azul de seus olhos a fez sentir uma opressão no peito como se lhe faltasse o ar.

— Está sendo amável, mas não o mereço. Tinhas razão. Estava aborrecida e você parecia uma diversão segura. Sinto-o muito.

— Eu também o sinto. Voltava para clube para te pedir desculpas quando apareceu Max.

Recordou a estranha advertência de seu gorila.

— Ouvi que reagiu muito depressa.

— Levo muito tempo trabalhando para o *MacKay S & I*, por isso aprendi alguns truques — se tocou o bolso. — Como levar uma cadeia de prata comigo. É a única maneira de impedir que um vampiro escape. — Inclinou a cabeça. — Tem algum sistema de segurança?

— Claro. Tenho ao Hugo.

— Refiro-me fora do clube. Quem vela por ti quando está em seu sono mortal?

Ela se encolheu de ombros.

— Pamela, Cora Lee e eu compartilhamos um apartamento e a segurança é muito alta no edifício. Nunca deixam que alguém se aproxime de nossa casa durante o dia. Estamos na lista de noctâmbulos que não devem ser incomodados.



Phil negou com a cabeça.

— Isso não é suficiente. Talvez devesse voltar para casa do Roman por um tempo.

— Não. — Vanda levantou as mãos como se queria apartar o mal. — Não vou renunciar a minha independência. Já o fiz uma vez e demorei cinquenta anos em recuperá-la.

— Por que te uniu ao harém? — Perguntou-lhe entrecerrando os olhos.

Maldita seja. Tinha falado muito.

— É uma velha história. Esquece-o.

A expressão em sua cara lhe deixou claro que não ia esquecê-lo.

— Não acredito que tenha visto o Max pela última vez.

— Não pode me incomodar quando estou dormindo. Durante o dia está tão morto como eu.

Phil franziu o cenho.

— Eu não gosto da ideia que esteja sozinha.

— Não estou sozinha! — disse mais alto do que necessário e depois fez uma careta. — Tenho amigos. Tenho este clube. Minha vida é uma grande festa.

Phil se aproximou mais e estudou seu rosto.

— Estiveste chorando.

— Estou bem. Agora, se não te importa... — Deu um coice quando lhe acariciou uma bochecha.

— Lágrimas de vampiro. — Seu dedo riscou uma linha por sua bochecha. — Deixam uma mancha de cor rosa pálido.

Vanda se apartou.

— Boa noite, Phil. Uma vez mais, obrigado por nos proteger.

Olhou-a fixamente. Ela apartou o olhar, seu coração cambaleou sob o escrutinador olhar desses olhos azul pálido.

— Que tal se me leva a casa?

Tragou saliva. Não tinha tido suficiente por esta noite? Mas, como podia negar-se? Havia lhe trazido seu carro. Tinha-a salvado do Max. Mas a ideia de passar mais tempo a sós com ele era muito desconcertante. Seus nervos estavam destroçados por completo. Suas emoções eram um matagal. Queria que a tocasse. Queria seus fortes braços rodeando-a. E ao mesmo tempo, queria que se fora muito longe para não voltar jamais. Pressionou a frente com sua mão.

— Eu... estou muito ocupada.

— Só te levará uns segundos a teletransportar-me. Mas claro, teria que deixar que te envolvesse com meus braços e te abraçasse forte. Se isso te assustar muito...

— Não me assusta! — Chiou de dentes enquanto ele sorria lentamente. Maldito fora. Tinha-a manipulado. — Ainda está desforrando comigo, não?

— Em realidade estou fazendo progressos com estes sentimentos negativos. Já não tenho visões te fazendo sofrer.

— Que grande por sua parte.

Torceu-lhe a boca.

— Que bom que o notou.



O olhar da Vanda revoou para o sul e o retirou rapidamente. *Meu deus estava enorme!* Como podia estar tão excitado? Só lhe tinha roçado a bochecha. Sua pele estremeceu e de repente quis que a tocasse por toda parte.

Agarrou-a pelos ombros.

— Em lugar de te fazer sofrer, estou pensando em todas as formas em que posso te agradar.

OH, Deus, não te derreta sobre ele. Juntou seus trementes joelhos e pôs as mãos sobre seu peito, mais para manter o equilíbrio que para empurrá-lo longe. Abriu a boca quando seu duro eixo pressionou contra seu ventre.

— Não te aproxime tanto. Tenho que me concentrar para teletransportar-te. Não querará chegar a casa com um apêndice menos, e não refiro a um pé.

Com um sorriso, ele retrocedeu.

— Cresceu um pé agora.

Ela gemeu.

— Cavernícola. — Fechou os olhos para concentrar-se na casa do Roman. Seu corpo começou a flutuar, mas quando o do Phil se manteve intacto, parou.

— Algo vai mal. Não vem.

— Possivelmente não tivemos suficientes preâmbulos, carinho.

Deu-lhe um tapa no braço ao Phil.

— Refiro-me a que não posso teletransportar-te.

— Ah. — A soltou e procurou a cadeia de prata em sua calça — Este deve ser o problema. — A deixou cair sobre o escritório. — Agora, onde estávamos?

Seu coração deu um pequeno puxão quando ele a arrastou de novo a seus braços. Apoiou as mãos contra seu peito e escutou o poderoso tamborilar de seu coração. Fechou os olhos tentando centrar-se, tratando de bloquear todas as sensações de formigamento que ziguezagueavam por seu corpo.

Seus braços eram tão fortes. Sua respiração lhe agitava o cabelo na parte superior da cabeça. E seu aroma limpo, mas terrestre, com fragrância a poder masculino, encheu-lhe a cabeça e a fez desejar o impossível.

Mas era impossível. Não importava quão tentador fosse não podia permitir ter sentimentos sinceros por ele. Já tinha padecido toda a dor que uma pessoa podia suportar em uma vida. Simplesmente o teletransportaria a casa e retornaria. Sozinha.

Sentiu que sua consciência caía em um buraco negro. Oscilou, levando ao Phil com ela, e tudo se voltou negro.

Phil nunca tinha sido aficionado a dar um passeio com um vampiro. Isso o colocava no papel inferior de aceitar ajuda o que incomodava a sua necessidade instintiva de ser o dominante. Ficou ao dia com a situação ao aceitar que a guerra com os Malcontents era mais importante que o ego de ninguém. Entretanto, quando se tratou de teletransportar-se com a Vanda, simplesmente procurava uma desculpa para abraçá-la forte.



Apareceram no vestíbulo da casa do Roman e Vanda se liberou de seu abraço imediatamente. Fez uma careta, tampando-os ouvidos.

— O que é esse som tão horrível?

— Disparamos o alarme. — Phil se dirigiu para o painel de controle ao lado da porta e golpeou o código para deter o estridente tom. Supunha-se que só os vampiros e os cães podiam ouvi-lo, por isso aparentemente era mais parecido a um cão do que queria admitir. — Os meninos tentam teletransportasse no terraço traseiro, por isso podem apagar o alarme antes de entrar.

— OH, não sabia. — Vanda olhou ao redor. — Tem o mesmo aspecto.

— Sim, entretanto resulta muito vazio. — Phil pressionou mais botões para reativar o alarme. — Tivemos que reforçar a segurança. Não queremos ter Malcontents teletransportando-se para nos atacar.

Vanda assentiu com a cabeça.

— Estará bem se me teletransporto fora?

— Um segundo. — Tirou o telefone móvel de seu bolso e chamou o Romatech. Teriam recebido uma alerta sobre o alarme da casa quando se disparou. — Ouça Connor. Falso alarme. Tudo está bem. — Pendurou o telefone.

Vanda trocou seu peso de um pé a outro, impacientando-se.

— Posso ir agora?

Phil deixou cair o telefone em seu bolso enquanto caminhava para ela.

— Não há necessidade de ter tanta pressa.

— Não está passando, Phil — lhe disse entrecerrando os olhos.

— Que não está passando?

Ela se cruzou de braços.

— O que seja que tenha em mente.

Deteve-se frente a ela.

— Há muitas coisas em minha mente. Pode ser mais específica?

Ela o olhou.

— Tendo em conta suas tendências de cavernícola, suponho que todos seus pensamentos levam a mesmo sítio.

— Bom, me deixe ver. Estive pensando em beijar essa tua boca sensual. E refleti muito sobre te arrancar esse catsuit. E depois, é obvio, teria que beijar cada centímetro de seu corpo. — Sorriu abertamente. — Acredito que tem razão, Vanda.

Ela soltou um bufido, mas Phil notou o rubor subindo por seu pescoço. Tomou-a brandamente pelos ombros.

— Vem e sente-se comigo um momento.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não posso. Eu... quero que se esqueça de mim.

Soltou-a como se ela o tivesse esbofeteado.

— Te esquecer? Vanda desejei-te há oito anos. Nunca poderia te esquecer. E maldita seja, não quero esperar outra noite mais!



Os olhos da Vanda brilharam com lágrimas.

— Sinto muito, Phil. Não posso. — Seu corpo flutuou e desapareceu.

— Do que tem medo? — Gritou ao corpo que desaparecia.

Por que fugia?

Porque sabia que queria ter sexo com ela. Tinha muita luxúria reprimida para conformar-se com uns poucos beijos. E sem dúvida, Vanda também sabia.

Estava razoavelmente seguro que se sentia atraída por ele. Tinha-o eleito para paquerar anos atrás. E se acreditava em Cora Lee, Vanda havia passado muito tempo falando dele. Seu sentido do ouvido não era tão bom como o de um vampiro, mas podia ouvir seu coração pulsar com força cada vez que estava perto.

Por que tinha medo de envolver-se com ele?

Entrou na cozinha para comer algo antes de deitar-se e depois baixou as escadas até o porão onde estava o quarto de guarda. O dormitório tinha um aspecto estranho vazio de ataúdes. Os velhos vampiros escoceses preferiam dormir em seus ataúdes alinhados com seu tartan do clã, mas todos tinham sido resignados ou, no caso do Ian, casou-se. Phineas McKinney, o jovem vampiro negro do Bronx, dormia em uma cama individual com lençóis de cetim vermelhos. As fotos de sua família descansavam sobre a mesita de noite.

Tinham posto outra cama para o Phil. Antes tinha deixado sua mala ao lado. Desempacotou rapidamente, pendurando seus uniformes de reposto no vestido que parecia extremamente nu sem nenhum tipo de saias escocesas guardadas.

Tinha havido um momento em que aquela casa tinha estado transbordando, ocupada pelo Roman, vampiros de visita, um harém de dez mulheres e um contingente de guardas, tanto vampiros como humanos. Agora, Roman estava casado e tinha uma família, e vivia no White Plains com o Connor e Howard Barr como seu guarda-costas.

Phil tomou banho e programou o despertador ao lado de sua cama. Teria que levantar-se pelo menos trinta minutos antes que Phineas e Jack caíssem em seu sono mortal. Seu trabalho era protegê-los durante o dia e oferecer toda a ajuda necessária na vigilância do Romatech.

Como qualquer soldado, tinha aprendido a conciliar o sono rapidamente. Mesmo assim, deu voltas e mais voltas. Em um primeiro momento supôs que se tratava de um caso de luxúria reprimida. À medida que avançava a noite, deu-se conta que era mais preocupação que luxúria. Estava preocupado porque Vanda estava sozinha e desprotegida.

Deu um murro no travesseiro e ficou a dormir. Não estava sozinha. Hugo a protegeria.

Quando soou o alarme despertou sobressaltado e olhou a hora. Fora ainda estava escuro, mas o sol se levantaria em trinta minutos. Todos os vampiros ao longo desta costa estariam procurando refúgio.

Phineas e Jack chegariam logo. Vanda se iria ao apartamento que compartilhava com as duas ex-membro do harém. Seu apartamento sem segurança. E Max teria uma oportunidade para matá-la.

Phil tirou de seu uniforme o celular enquanto corria ao armeiro enquanto marcava o número do Romatech em seu telefone.



Respondeu Jack.

Explicou-lhe rapidamente a situação enquanto se armava com umas quantas facas e uma pistola automática carregada com balas de prata.

— Tem razão para estar preocupado — disse Jack. — Vai ver como está. Lara ocupará seu lugar na casa.

Vinte minutos mais tarde Phil estacionava perto do apartamento da Vanda. Correu para o edifício enquanto o sol tocava o horizonte. Merda. Era muito tarde.

Entrou no vestíbulo e se deteve no balcão de segurança. O guarda uniformizado estava encolhido em sua cadeira, com o corpo lasso e os olhos fechados.

Comprovou o pulso do guarda. Até estava vivo. Não havia signos de lesão. Parecia estar em um profundo sono. Poderia ser o resultado do controle mental vampírico. Max tinha ganhado.

Phil passeava dentro do elevador enquanto subia lentamente aos dez níveis. Como podia ter sido tão descuidado? Não deveria ter dormido na casa. Teria que ter acampado diante da porta da Vanda. Nunca deveria ter deixado seu lado.

Tinha deixado que sua luxúria a assustasse. Que parvo era. Se só fosse luxúria o que sentia por ela agora não estaria tão frenético. Seus punhos se crispam. Se Max lhe tinha feito mal...

A porta do elevador se abriu e carregou corredor abaixo até o apartamento da Vanda. A porta estava fechada, mas isso não deteria o Max de teletransportasse dentro. O interior estava completamente às escuras, com todas as janelas cobertas com persianas de muita grossura. Acendeu as luzes, quase esperando ver as paredes manchadas de sangue e montões de pó de vampiro morto.

A habitação estava impecável. Tranquila. Mas era muito logo para sentir-se aliviado.

Abriu uma porta e acendeu as luzes. Cora Lee e Pamela Smythe-Worthing jaziam em duas camas individuais, imóveis em seu sono mortal. Não havia sinais de luta. As mulheres estavam cuidadosamente agasalhadas, suas mãos juntas, seus rostos pacíficos. Deviam ter caído em seu sono mortal sem saber que Max penetrou dentro.

Phil retornou à sala de estar. Havia um estranho padrão no carpete, como se alguém houvesse passado o aspiradora serpenteando. O caminho conduzia diretamente a outra porta, que estava entreaberta.

Max não tinha vindo sozinho.

Phil tirou uma faca da vagem atada a sua panturrilha e lentamente abriu a porta.

A luz da sala de estar se derramou pelo dormitório, iluminando a cama da Vanda. A pele do Phil se esfriou com um estremecimento.

Com quinze metros de comprimento, a píton do Max se enrolava lentamente ao redor do corpo imóvel da Vanda.

CAPÍTULO CINCO



Essa noite depois do entardecer, o coração da Vanda se sacudiu no peito anunciando sua volta à vida. Uma sobre carga de brilhante luz assaltou seus olhos e seu coração se sacudiu pela segunda vez, alarmado. Não tinha deixado às luzes acesas de seu dormitório. E o que era essa coisa pesada sobre sua cintura?

Olhou para um lado e gritou com um som afogado. Phil despertou, sobressaltado.

— O que acontece? — Em um segundo estava ajoelhado a seu lado, com uma faca na mão.

— Phil! — Vanda se deslizou até o bordo da cama. — O que está fazendo aqui?

— Sinto muito. Não queria te assustar. — Deslizou a faca a sua vagem debaixo de suas calças cáquis. Estava vestido com seu uniforme habitual de trabalho, exceto os sapatos. — Devo haver dormido.

— Em minha cama? — Agarrou o lençol para puxá-lo até o queixo, mas o deixou cair quando viu que era branco. Que demônios? Era púrpura quando se deitou. E por que seu corpo tinha uma dor estranha como se a tivessem golpeado com força bruta?

— O que...? O que está passando? Como estraste?

— Eu... rompendo a porta. — Levantou as mãos enquanto ela tomava ar para lhe gritar. — Está bem! Arrumei-a. Tudo está bem.

— E uma Merda que está. — De repente se deu conta que estava vestida com seu pijama verde com calças curtas em lugar do arroxado com o que se deitou. *Deus Santo!* Quão desesperado poderia estar Phil?

— Entrou em meu apartamento para dormir comigo?

— Fiz um montão de coisas mais que dormir — soltou com um bufido.

— Meu deus! — Gritou saltando da cama.

— OH, vamos! — Ficou de pé olhando-a indignado. — Crie que teria sexo contigo enquanto dorme?

— Estava morta, Phil. Isso faz que seja verdadeiramente horripilante.

— Como pode pensar que eu seria capaz de fazer isso? — Perguntou olhando-a com incredulidade.

Ela puxou sua camiseta.

— Trocaste-me que roupa.

— Bom, sim. Mas tentei não olhar. — Seus olhos se desviraram para o chão e sua boca se curvou em uma careta. Evidentemente seu intento tinha fracassado. Ela fez um gesto com a mão para tirá-lo do transe sonolento no que tinha caído.

— Hei! Pervertido!

Isso chamou sua atenção. Ficou rígido e seus olhos brilharam com fúria.

— Não abusei que ti, Vanda.

— Trocaste meus lençóis — disse assinalando a cama.

— Tive que fazê-lo. Estavam cheios de... coisas. — Ela abriu a boca outra vez. — Não eram minhas! — Grunhiu. — Agora se sente e escuta.

Ficou de pé fulminando-o com o olhar. Quando cruzou os braços sobre o peito, fez uma careta de dor. A expressão de chateio do Phil se converteu em preocupação.



— Está bem? Chequei-te procurando ossos quebrados e tudo parecia estar bem, mas estava preocupado por que tivesse algumas costelas quebradas.

A pele da Vanda se esfriou e ficou de galinha.

— O que há passado?

Uma dor faminta se estrelou contra sua tripa e a fez dobrar-se. O dormitório começou a dar voltas.

— Aguenta. — Phil saltou por cima da cama e a agarrou pelos ombros.

— Não! — Apartou-se longe, caindo ao chão. Ele cheirava muito bem com seu sangue correndo rapidamente pelas veias. Suas gengivas se estremeceram. — Tenho que comer.

Sua fome sempre era mais forte quando acabava de despertar. Arrastou-se até os pés da cama e reconheceu o aroma do sangue. Sangue estranho que não era humano.

— Vanda. — Phil a agarrou pelo braço. — Está muito fraca. Deite-te e te trarei algo para tomar o café da manhã.

A dor da fome disparou de novo e escapou de um puxão.

— Maldito seja, Phil! Afaste-te de mim ou você será meu café da manhã! — Lançou-se para rodear a cama e tropeçou. — Aaaaaak!

Phil a agarrou por detrás, sujeitando-a firmemente por seus braços levantados. Os lençóis púrpuras estavam no chão, com um montão de sangue e partes de serpente cortados. Seu pijama arroxado estava em cima, viscoso com as tripas e o sangue da serpente.

Ela lutou por respirar enquanto seu corpo começava a tremer.

— Não se preocupe — lhe disse Phil a suas costas. — Já não fará mal nunca mais.

A habitação começou a girar, uma habitação cheia de tripas de serpente e horríveis imagens. Dobraram-lhe os joelhos e Phil a girou em seus braços.

— Vanda? — A porta do dormitório se abriu para revelar a Cora Lee com uma camisola rosa pálido, sustentando um copo cheio de sangue sintético. — OH, não me dava conta que tinha com... — seu olhar caiu até a serpente mutilada. — Aaaak! — Lhe caiu o copo ao chão, derramando o sangue a seus pés.

— Por que todo mundo está gritando? — Pamela irrompeu no interior— Aaaak! — Sua taça de chá também caiu ao chão.

Vanda se tampou a boca e seu estômago se revolveu. Nunca tinha tido esta horrível mescla de náuseas e fome ao mesmo tempo.

— Voltem para salão — Phil ordenou a suas amigas enquanto a levava para a porta. — Podem preparar algo para tomar o café da manhã a Vanda? Está muito débil.

— É obvio. — Pamela correu para a cozinha com a comprida camisola azul sussurrando ao redor de suas pernas. Cora Lee a seguiu de perto.

Enquanto esquentavam o sangue sintético no micro-ondas, Phil acomodou a Vanda no sofá de couro e se sentou a seu lado.

— Está bem?

Sacudiu a cabeça. Fechou os olhos, mas a imagem da serpente cortada em pedaços ainda estava em sua cabeça.



— Aqui, querida. — Pamela pôs uma taça quente em suas trementes mãos — Isto conseguirá te reaviver em seguida.

Vanda tomou um pequeno sorvo do suave sangue tipo O. Quando não ameaçou vomitando, tomou outro.

Cora Lee se sentou frente a eles na poltrona estofada de azul e bebeu de outro copo quente de sangue sintético.

— Agora que demônios se está passando?

Vanda se estremeceu. Não estava segura de querer sabê-lo. Phil passou um braço por detrás do sofá e lhe aplaudiu o ombro.

— Em efeito. Devemos estar a par da situação imediatamente. — Pamela se afundou com graça na poltrona azul a jogo. Como vampiro que remontava a Inglaterra da Regência, preferia tomar seu sangue em uma deliciosa taça. — E temos que nos preparar, senhoras, porque temo que o que ocorreu aqui foi horrível. Simplesmente horrível.

Cora Lee estremeceu.

— Isso que está aí é a serpente do Max o Megamembro, não?

— Sim — respondeu Phil em voz baixa.

Vanda se removeu na poltrona para olhá-lo de frente.

— Max tentou me matar?

Seus olhos se encontraram e seu coração se derreteu com o tenro olhar dos olhos azuis. Não tinha dúvidas de que lhe tinha salvado a vida. Uma vez mais. Era tão valente e nobre como qualquer dos heróis dos contos de fadas que tinha lido de menina. O tipo de herói que tinha renunciado a encontrar no mundo real.

Com um sorriso, Phil lhe alvoroçou seu curto cabelo. Então desviou o olhar para suas amigas.

— Quando despertei esta manhã me dava conta que viriam aqui para cair no sono mortal e que Max teria a oportunidade de fazer dano a Vanda. Cheguei justo depois de amanhecer e o guarda do vestíbulo estava sumido em um profundo sono, causado pelo controle mental vampírico. Soube que Max tinha estado aqui.

Vanda se estremeceu e Phil lhe deu um ligeiro apertão no ombro.

— Mas não o vimos — protestou Cora Lee.

— Acredito que se escondeu no guarda-roupa do vestíbulo com sua serpente. — Phil assinalou o armário diante da porta principal. — Quando entraram e ouviu que se retiravam a suas habitações, deixou que a serpente saísse, entreabriu a porta da Vanda e se teletransportou a sua casa.

— Deixando que a horrível serpente conseguisse a mortal vingança que tanto desejava — acrescentou Pamela dramaticamente. Tremiam-lhe as mãos e a taça entrechocou com o prato.

— Santa Maria — sussurrou Cora Lee.

Phil olhou a Vanda e lhe acariciou o ombro.

— Encontrei à serpente enroscando-se ao redor de seu corpo.

— OH, Deus meu. — Se cobriu a boca quando uma onda de náuseas se apoderou dela.

— Cortei-lhe a cabeça, mas o resto seguia enroscado, te espremendo, assim que a cortei em



pedaços tão rápido como pude. — A olhou desculpando-se. — Tentei não te cortar, mas eu... tinha pressa e a serpente estava tão apertada que te arranhei um par de vezes. E depois estava todo o...

— Não tem que me dar explicações. — Vanda fez uma careta. Tinha visto o montão de tripas e sangue. Tinha visto quão mal estava seu pijama. E sabia que seu corpo tinha sido excessivamente comprimido. Inclusive com o poder curativo do sono mortal, deixava-o dolorido.

— Não queria te deixar deitada entre toda essa confusão — continuou Phil, — assim tentei te limpar. E a cama também.

Vanda assentiu com a cabeça.

— Entendo.

— Agarrei a cortina da ducha de seu banho e a enchi com todo o repugnante — disse. — Depois limpei as paredes e o tapete.

— As paredes?— perguntou Pamela. Phil fez uma careta.

— Eu... atirava as partes da serpente tão rápido como as podia cortar.

— Senhor, tenha piedade... — sussurrou Cora Lee.

Vanda tratou de afastar as terríficas imagens que revoavam por sua mente, mas não pôde.

— Estava realmente... molesto — admitiu Phil com o cenho franzido, — assim agarrei a cabeça da serpente e fui procurar ao Max.

Vanda tragou saliva.

— Encontrou-o?

— Estava em seu apartamento, sumido em seu sono mortal.

Phil olhava ao vazio com o cenho franzido. Cora Lee se inclinou para diante com os olhos muito abertos.

— O que fez com ele?

Phil respirou profundamente.

— Pus a cabeça da serpente sobre o travesseiro, junto à cabeça do Max, de maneira que quando despertar e gire a cabeça seja o primeiro que veja. Depois escrevi uma nota lhe dizendo que se alguma vez voltar a aproximar-se da Vanda, matá-lo-ei.

Cora Lee se desabou com um suspiro.

— Isso é tudo?

— Cravei-lhe a nota na coxa... com uma faca.

Cora Lee se iluminou.

— Isso eu gosto mais.

— De fato— Pamela tomou um gole de sua taça, — essa é uma boa maneira, velho amigo.

Phil soltou um bufido.

— Me alegro que o pensem. Depois me deixei cair por casa do Roman para tomar banho e me trocar de roupa, e fiz meu relatório. Roman deve sabê-lo logo para poder tomar uma decisão sobre o que fazer com o Max.

— Deveriam linchá-lo — disse Cora Lee com os olhos brilhando pela emoção. — Um enforcamento como nos bons velhos tempos.

— Absolutamente. — Pamela tomou um sorvo de sua taça. — Era um bom espetáculo.



Vanda negou com a cabeça e terminou sua taça de sangue antes que se esfriasse. Sangue-frio como uma serpente. Estremeceu-se.

— Assegurei a porta e deixei três chaves novas no balcão. — Phil fez um gesto para a cozinha. — Fiquei com uma para não ter que arrebentar a porta de novo.

— É obvio. — Pamela fez uma reverência com a cabeça. — Estamos muito agradecidas por sua valentia e cavalheirismo.

— Isso está claro. — Acrescentou Cora Lee. — Porque se ele não tivesse vindo quando o fez, a serpente teria esmagado a nossa pobre Vanda em mil pedaços. Imagina despertar para te encontrar com todos os ossos de seu corpo quebrados, por não falar de todas as desagradáveis lesões internas. E se essa serpente tivesse tentado te comer?

— Basta! — Vanda fez uma careta. — Não quero ouvir falar disso.

Cora Lee soprou.

— Só estou dizendo que agora mesmo provavelmente estaria te retorcendo e agonizando de dor se Phil não tivesse vindo te resgatar.

Vanda fez chiar os dentes.

— Sou perfeitamente consciente disso. Não posso mover nenhuma parte de meu corpo sem sentir dor.

Pamela estalou a língua.

— Minha pobre. Com sorte, outra ronda de sono mortal te porá em ótimas condições.

Cora Lee assentiu com a cabeça.

— E será melhor que esta noite esteja tranquila. E não se preocupe pelo clube, Pamela e eu nos podemos encarregar.

— Sou perfeitamente capaz de trabalhar — protestou Vanda. Se não fazia nada durante toda a noite, passaria a imaginando a horrível serpente enroscada em seu corpo enquanto jazia indefesa em seu sono mortal.

Cora Lee tinha razão. Se Phil não a tivesse salvado, a serpente tivesse permanecido enroscada a seu corpo durante toda a noite, lhe impedindo de curar-se. Poderia ter despertado com todos os ossos de seu corpo esmagados. Ou pior ainda.

Seu estômago se removeu e rapidamente pôs de lado as horripilantes imagens. Concentrou-se nas mãos em seu colo e respirou fundo. O pai Andrew lhe tinha ensinado este exercício para ajudar a acalmar sua ira. Esperava que também servisse para acalmar o horror.

— O que vamos fazer com a serpente? — Perguntou Cora Lee.

— A meterei em uma bolsa de lixo industrial — disse Phil — e pedirei a um dos moços vampiros que se teletransporte com ela. A teria tirado eu mesmo, mas não queria que me vissem como se estivesse tirando um corpo sem vida do edifício. Se os seguranças exigissem ver o que levava dentro, seria algo difícil de explicar.

— Sim, muito melhor teletransportá-la. — Pamela devolveu a taça vazia à cozinha.

Soou um telefone móvel, surpreendendo a Vanda e tirando a de seu exercício de respiração. Phil tirou o telefone do bolso de sua calça.

— Diga? Sim, parece estar bem. — Olhou a Vanda e sussurrou, — é Connor.



Com seu superior ouvido, Vanda podia entender a maioria do que Connor estava dizendo. Jack e Phineas tinham ido ao apartamento do Max para prendê-lo, mas não tinham encontrado ao ex-bailarino por nenhuma parte.

Ela não se surpreendeu. Depois de tudo, Max tinha despertado com uma nota cravada em sua coxa com uma faca. Até o Max, com seu pequeno cérebro, podia deduzir que estava em perigo.

Connor tinha emitido um boletim para todos os Mestres menores do Aquelarre sob a jurisdição do Roman, para que estivessem atentos a respeito do Max. Agora era um prófugo da justiça Vamp.

— Vou perguntar lhe. — Phil pendurou e se voltou para a Vanda. — Já que é a vítima, Roman quer saber que tipo de ação vai satisfazer-te quando Max seja capturado.

— Deixa-o estacado fora para que se frite e se converta em cinzas quando amanhecer — sugeriu Cora Lee enquanto recolhia o copo e a taça de chá caídos no dormitório da Vanda para levá-los a cozinha.

— Que lhe cortem a cabeça — disse Pamela enquanto lavava os pratos. — Preferivelmente com uma tocha sem afiar.

— O desterro será suficiente — disse Vanda em voz baixa.

— Está brincando? — disse Cora Lee avançando para o sofá olhando-a com incredulidade. — Esse bastardo tentou te matar. Não está zangada?

— De fato — gritou Pamela sobre o som da água correndo — Onde está agora sua infame ira?

— O desterro o afastará de mim — murmurou Vanda. Max não seria capaz de deixar ver seu rosto ou encontrar um trabalho em qualquer parte do leste dos Estados Unidos que estivesse sob o domínio do Roman. Não teria mais remedeio que ir viver longe.

Phil a olhou com curiosidade.

— Está segura?

Ela assentiu com a cabeça.

— Não quero mais mortes sobre minha consciência.

Os olhos do Phil se abriram com surpresa.

— Que mortes?

Deu um coice interior. Havia dito muito.

— Não quero falar disso. — Começou a levantar-se para levar sua taça vazia à cozinha, mas a forte dor nas costelas aumentou. — Ai.

— Não te mova. — Phil lhe tirou a taça da mão e a passou a Cora Lee. Vanda se levou uma mão a seu torso. Essa maldita serpente tinha feito mais danifico de que podia curar seu próprio corpo em um dia. Phil a olhou com o cenho franzido.

— Quero que vocês três se mudem a casa do Roman.

Ela o olhou.

— De maneira nenhuma.

— Não é seguro para ti ficar aqui, não enquanto Max esteja livre e te jogando a culpa de



todos seus problemas — argumentou. — Não posso estar aqui e cumprir com meu trabalho em casa do Roman ao mesmo tempo.

— Ele tem razão. — Pamela secou as mãos com seu pano de cozinha favorito.

— Mais vale acautelar que lamentar — acrescentou Cora Lee. Vanda se queixou. Phil lhe deu uns tapinhas na perna.

— É o melhor. Se as senhoras fizerem as malas, levá-las-ei em seguida a casa.

— É obvio. — Pamela se dirigiu para o dormitório, seguida de sua companheira de quarto.

— Cora Lee, poderia preparar uma mala para a Vanda? — Perguntou Phil enquanto punha uma mão sobre o ombro da Vanda para evitar que se levantasse.

— Claro. — Cora Lee dirigiu um sorriso sardônico a Vanda. — Caramba, pergunto-me o que devo pôr em sua mala. Talvez o catsuit negro? E o catsuit púrpura? E o que mais? — Golpeou-se o queixo, pensando. — Ah, claro! O outro catsuit negro.

— Muito graciosa — murmurou Vanda.

— Que terrível falta de variedade — disse Pamela enquanto entrava no dormitório.

— Isso está claro — disse Cora Lee seguindo-a. A porta se fechou. Vanda se encontrou a sós com o Phil.

— Estão com ciúmes — sussurrou.

— Do que?

— Vê-te tão incrivelmente bonita dentro de um catsuit. Não muitas mulheres o conseguem. Ela sentiu o rubor esquentar suas bochechas.

— Isso está melhor. — Lhe acariciou o rosto. — Estava tão pálida antes.

Por uma boa razão. Tinha estado a ponto de ter uma morte horrível.

— Eu... quero te agradecer por me salvar a vida. Uma vez mais. — Seu rubor se aprofundou e apertou as mãos sobre o colo. — Deve ter sido terrível para ti. Sinto-me tão estúpida... estava aí estendida, indefesa, enquanto você lutava com essa repugnante...

— Tudo está bem. Lutaria contra qualquer tipo de criatura para te proteger. — Apoiou uma mão sobre a sua. — Merece isso.

As lágrimas brotaram dos olhos da Vanda sem prévio aviso. Apartou as mãos longe das do Phil.

— Não diga isso.

Cobriu-se os olhos com uma mão trêmula. *Valia a pena?* O que diria se soubesse a verdade sobre ela?

— Vanda — sussurrou. — Só digo o que sinto realmente. E agora que estamos sozinhos, tenho algo mais que te dizer.

OH, Meu deus, não. Seus temores eram certos e tinha matado ao Max. Por isso ninguém podia encontrar ao bailarino. Phil poderia tê-lo convertido em um montão de cinzas e ter esparso os restos. Era seu destino estar corrompida com o assassinato? E agora havia arrastado ao Phil a seu legado de morte.

— Não há necessidade de falar disso. Compreendo o tipo de raiva que leva a uma pessoa a... tirar uma vida.



Phil inclinou a cabeça, estudando-a.

— Do que está falando?

— Max — sussurrou. — Seu... — Viu a confusão na cara do Phil. Os claros olhos azuis de um homem inocente. — Não o matou?

— Não. Acredite-me, estive tentado, mas...

— Phil. — Lhe tocou o rosto. Seu coração se encheu de alívio. — Obrigado.

— Não há de que. — Lhe agarrou a mão entre as suas. — O que quero dizer é que, esta manhã, durante uns minutos, pensei que era muito tarde para te salvar. Eu... eu estava desesperado. Por isso rompi a porta. Poderia ter forçado a fechadura, mas nem sequer o pensei.

— Está bem. Porei uma fechadura nova.

— Não, não o fará. Estou tratando de te dizer algo. — Lhe apertou a mão. — Estava apavorado ante a ideia de te perder. Completamente perdido. Estive arrojando as partes de serpente por todos os lados.

— Por favor — disse fazendo uma careta.

— E te arranhei um par de vezes porque minhas mãos tremiam. E de repente estive claro para mim que o que sinto por ti vai muito além da mera atração física.

As lágrimas rabiscaram sua visão.

— Phil, eu... — Não sabia o que lhe dizer. Esqueça-te por mim? É impossível?

— Quero estar aqui para ti. Sempre.

Ela sacudiu a cabeça e lhe escapou uma lágrima.

— Não seria para sempre. Você é... mortal.

— Deixa que eu me preocupe de minha própria mortalidade. — Lhe acariciou a lágrima. — Você é a quem quero.

— Sou um vampiro.

— Sei. — Lhe beijou a frente.

— Poderia perder o controle e te morder.

— Não me dão medo suas presas. — Lhe beijou a ponta do nariz.

— Tenho um temperamento terrível.

— É formosa. — Roçou brandamente seus lábios com os próprios. Outra vez. Moldou sua boca contra a dela. Foi um beijo doce e suave que lhe doeu o coração. Se se tivesse equilibrado sobre ela com fome e luxúria teria podido atirar-se a ele de cabeça e depois esquecer o encontro como uma mera liberação física do trauma emocional que acabava de viver.

Mas era muito doce e não tinha nenhuma defesa contra ele. Uma pequena fratura rompendo sua armadura.

Com um gemido, pôs lhe os braços ao redor do pescoço e entrelaçou os dedos com seu cabelo suave e grosso. Ele aprofundou o beijo com um grunhido e já não pôde pensar nas razões pelas que precisava rechaçá-lo. Não podia pensar em nada. Só podia derreter-se.

Abriu a boca e a invadiu com sua língua. Phil. Seu arrumado, forte e valente herói.

Não tem medo de suas presas. Não o repele o gosto do sangue que fica em sua boca. E vá se sabia beijar. Poderia um homem ser mais perfeito?



— Ups — sussurrou Cora Lee. Pamela se esclareceu a garganta.

Vanda rompeu o beijo com um gemido. Já não escutaria como ia terminar. Tudo estava tingido de vermelho, o que só podia significar que seus olhos estavam brilhando, um signo claro de desejo. Apartou o olhar com a esperança que Phil não se deu conta. Viu suas amigas deixar suas malas com rodas diante da porta principal.

— Perdão pela intromissão. — Cora Lee se dirigiu por volta do dormitório da Vanda. — Vamos preparar sua mala agora.

— Sim, não nos importa. Continuem. — Pamela deu uma cotovelada a Cora Lee e murmurou, — não há necessidade de incluir seu vibrador.

Cora Lee pôs-se a rir enquanto escorriam para o dormitório e fechavam a porta.

— Não tenho nenhum vibrador! — gritou a suas costas e depois olhou ao Phil. — É um massageador para as costas.

Ele sorriu.

— Já não o necessitará.

Ela gemeu. No que se estava colocando? Como poderia viver sob o mesmo teto que este homem? Era uma tentação muito grande. E era uma situação sem saída. Se rechaçava ao Phil e não voltava a vê-lo nunca, doer-lhe-ia. Como o inferno. Se se envolvia com ele e morria, como todos os mortais, doer-lhe-ia. Como o inferno.

Ela suspirou.

— Phil, acabou-se.

— Carinho, isto se via vir faz tempo.

— Discordo.

— Não há problema. — Seus lábios se frisaram para cima em um sorriso. — Eu gosto da caça.

CAPÍTULO SEIS

Ela o estava evitando. Ou ao menos isso lhe parecia. Na noite da quinta-feira, Vanda mal tinha falado duas palavras com ele. Para ser justos, sabia que toda a culpa não era dela. Não podia evitar ser pouco comunicativa durante o dia.

Quando chegou à casa pela primeira vez na quarta-feira, deu às senhoras algum tempo para que se acomodassem em seus dormitórios do segundo piso. Chamou o Phineas para que teletransportasse a serpente fora do apartamento da Vanda. Também lhe pediu que passasse no clube um par de vezes durante a noite para assegurar-se que as damas estavam a salvo. Phineas era feliz de oferecer-se voluntário quando se inteirou que *Diabos Quentes* estava cheio de garotas bonitas.

Quando Phil subiu ao segundo piso para vê-las, já se haviam teletransportado ao clube. Pamela tinha deixado uma nota lhe fazendo saber que voltariam para as cinco e meia da



madrugada. Não havia nenhuma nota da Vanda.

Colocou o despertador para as 5 AM para poder tomar banho, barbear e vestir-se antes que retornasse. As damas chegaram à porta de trás justo antes que Phineas e Jack. Então todos quiseram comer algo antes de retirar-se a seus dormitórios para deitarem-se para o sono mortal.

Não foi capaz de paquerar com a Vanda diante dos meninos. Estava apanhado de novo no papel de guardião. Também era seu padrinho nas sessões para o controle da ira. Isso a fazia duplamente proibida.

Mas ele tinha dupla determinação. Na quinta-feira pela tarde ao cair o sol, esperou na cozinha a que os vampiros baixassem a tomar o café da manhã. Cora Lee e Pamela chegaram sem a Vanda. Tinha-lhes pedido que lhe subissem uma garrafa a seu dormitório. Olharam-se divertidas quando ele se ofereceu a fazê-lo.

Agarrou uma garrafa quente, subiu ao dormitório e bateu na porta. Ela gritou que não estava vestida, que deixasse a garrafa na porta e que retornasse em dez minutos. Quando voltou ao cabo de cinco, já se havia teletransportado ao trabalho.

Definitivamente o estava evitando. Descarregou sua frustração adotando um trote comprido através de Central Park. Depois recolheu uma pizza e se dirigiu de novo a casa. Instalou-se na sala de estar frente ao enorme televisor para comer. A Digital Vampire Network estava em marcha e acabava de começar “Vivendo com os não mortos”.

Corky Courrant levava um pulôver vermelho ajustado para ressaltar suas tetas postiças, que correspondia perfeitamente com a cor de seu lápis labial sobre seu falso sorriso. Começou seu programa de intrigas sobre celebridades atacando a uma de seus objetivos preferidos, a famosa modelo de moda Simone. Ao parecer, Simone tinha estado saindo com um rico vampiro playboy do Mônaco, quem a tinha deixado por outra modelo, Inga. Corky tinha conseguido obter imagens da Simone e Inga tendo uma briga no iate do playboy.

Com um suspiro, Phil agarrou o comando a distância. Seu polegar estava no botão de apagado quando congelou. Corky fazia aparecer uma nova imagem. Era ele, esmagando ao Max sobre o chão do clube da Vanda. Um espectador entre a multidão deve ter filmado e enviado à Corky.

— *Uma vez mais, a violência estala no famoso clube noturno Demônios Quentes de Nova Iorque.* — Anunciou Corky com um sorriso malicioso. — *Minhas fontes me dizem que, um antigo bailarino que tinha sido maltratado duramente pela proprietária, Vanda Barkowski, chegou ao clube a noite da terça-feira, armado com uma faca. Foi um milagre que ninguém morrera. Outra vez.*

A foto do Phil desapareceu da tela e a câmera passou a um primeiro plano da cara da Corky, que assumiu um olhar trágico e doloroso.

— *Meus queridos tele videntes, este é o mesmo clube onde em dezembro passado fui brutalmente atacada por nada menos que a muito mesmo Vanda Barkowski. Ainda tenho terríveis pesadelos com esse ataque!*

Phil soltou um bufido. Os vampiros não têm nenhum tipo de sonho quando entram no sono mortal. Estão mortos.



— *Em caso de que tenham esquecido esse terrível episódio, aqui está de novo.* — Corky fez um gesto com a mão e a metade da tela foi ocupada pela gravação da Vanda chiando e saltando sobre uma mesa para estrangular a Corky. Enquanto se reproduzia o vídeo, Corky estremecia de maneira espetacular para acabar desabando-se deprimida sobre sua mesa. Quando o vídeo terminou, Corky se sentou alegre como sempre. — *Devo lhes rogar, queridos amigos, que façam boicote a este nefasto clube. Repito, não vão aos Diabos Quentes. É um lugar malvado e violento e só podemos esperar que logo se faça justiça e seja apagado do planeta. Vanda Barkowski deve pagar por seus crimes!*

— Merda! — Phil apagou a televisão.

Baixou as escadas até o porão para levantar alguns pesos. Talvez devesse passar pelo clube da Vanda para ver se estava bem. Poderia ter ouvido falar do boicote ao clube por parte da Corky e como seu padrinho de terapia, precisava assegurar-se que não faria nada do que depois se arrependesse.

Com um bufido, começou uma segunda ronda de Curl de bíceps. Era evidente que estava desesperado por encontrar qualquer desculpa para ver a Vanda. E era tão óbvio que ela não queria vê-lo.

Por que o evitava? Ela tinha respondido tão bem a seu primeiro beijo. Entregou-se a seu desejo e seu corpo tremeu e se aconchegou junto a ele. Devolveu-lhe o beijo com uma paixão que fez que o coração disparasse. E seus formosos olhos cinza se tornaram vermelhos. Sabia que era um signo de desejo em erupção.

Deixou os pesos. Tinha perdido a conta das repetições que tinha feito. Era difícil concentrar-se com a intermitente lembrança do corpo nu da Vanda em sua mente. Tinha tentado não olhar quando a tinha limpo e trocado de roupa. Durante uns dois segundos. Depois tinha visto os hematomas causados pela maldita serpente e tinha querido estripar ao Max com suas próprias mãos.

E Vanda simplesmente quer que o desterrem. *Não mais mortes em minha consciência*, havia dito. Tinha acreditado que ele tinha matado ao Max. Quais tinham sido suas palavras?

Compreendo o tipo de raiva que leva a uma pessoa a tirar uma vida.

O que lhe tinha acontecido no passado? Sabia que era da Polônia. A Segunda guerra mundial a tinha traumatizado tanto que tinha procurado refúgio no harém para recuperar-se?

Tomou uma ducha enquanto continuava especulando. Segundo Connor, Vanda estava zangada desde que a conheceu, em 1950. Tinha acumulada mais de cinquenta anos de ira fortificada por resolver, e estava seguro que se remontava a algum tipo de trauma sofrido na Polônia. E havia boas probabilidades que tudo o que tivesse provocado sua ira estivesse também relacionado com o medo a envolver-se com ele.

Era uma questão de confiança? Alguém a quem tinha amado tinha-a traído?

Necessitava respostas e, obviamente, Vanda não ia dá-las. Como qualquer guerreiro planejando um assédio, precisava estudar a fundo seu objetivo e encontrar os pontos débeis para rachar suas defesas. Sorriu. Vanda ainda não sabia, mas a caça acabava de começar.

Quando esteve no harém, suas melhores amigas tinham sido Darcy e Maggie. Atualmente,



Darcy e seu marido eram os guardas diurnos a cargo da segurança do Angus e sua equipe no complexo Apolo. Já que estavam ali escondidos preparando uma emboscada, não era um bom momento para chamá-la.

Mas Maggie estaria disponível. Já teria anoitecido no Texas, onde vivia com seu marido, Pierce O'Callahan, conhecido anteriormente na DVN como a estrela de telenovelas dom Orlando de Coração. Phil consultou a base de dados do MacKay procurando sua informação de contato.

Maggie respondeu ao telefone.

— Phil! Como está? Ainda está no Texas?

— Não, estou de volta em Nova Iorque. — Lhe explicou como o tribunal tinha exigido a Vanda que se submetesse a terapia para controlar sua ira. Depois lhe contou o incidente com a serpente.

— Doce Maria e José — exclamou Maggie. — Deveria estar aí para ela. Importa-te se me teletransporto um momento para verte?

— Não, absolutamente. — Se aproximou do console de segurança na porta dianteira para desativar o alarme.

Enquanto isso, Maggie informou de sua viagem de emergência a Nova Iorque a sua família. Apareceu no vestíbulo uns minutos mais tarde.

— Phil! — Sorriu-lhe. — Olhe! Acredito que está mais bonito que nunca.

— E você se converteu em uma autêntica texana — disse sorrindo enquanto reativava o alarme.

A habitual minissaia da Maggie, suas antiquadas botas góticas e o pulôver ajustado, transformaram-se em umas calças jeans, umas botas blusões e uma camisa jeans bordada. Uma bolsa de pele com franjas estava enredada em seus ombros.

— Isso é o que acontece quando se leva a vida glamorosa de um rancheiro. — O abraçou e depois deu um passo atrás, ofegando. — É um cambiante!

Phil estava tão surpreso que durante um momento só pôde ficar olhando-a.

— Sabe sobre a existência dos cambiantes?

— Sim. O tio do Pierce é um Werecoyote e sua irmã, uma werelebre. — Maggie fez uma careta. — Não pode nem imaginar a tensão ao redor da casa quando é lua cheia. Ninguém quer que tio Bob engula a sua sobrinha.

— Isso seria pouco elegante. Suponho que foram mordidos.

De outra maneira, os membros de uma mesma família não trocariam em formas tão diferentes.

— Sim. — Maggie o olhou com compreensão. — É isso o que te aconteceu? Também te morderam no Texas?

— Não. Eu já nasci cambiante.

Seus olhos se abriram com surpresa.

— Sério? — Passou a mão por seu cabelo negro que agora levava muito curto. — Suponho que nunca me tinha dado conta porque não sabia nada de cambiantes até que cheguei ao Texas. Reconheço o perfume.



— A maioria de vampiros não sabem nada. E nós gostaríamos que seguisse sendo assim, se não te importar.

— É obvio. — Maggie franziu os lábios. — E agora me conte as últimas intrigas sobre o harém.

Phil a fez passar à cozinha e ela se esquentou uma *Chocolood* no micro-ondas enquanto o escutava falar sobre a busca de informação relativa ao passado da Vanda.

— Já vê, acredito que tem alguns problemas que não resolveu e que esteve evitando durante anos. Se formos capazes de obrigar a Vanda a lhes fazer frente, poderia ser capaz de superar seu problema com a ira.

— Muito interessante — murmurou Maggie enquanto vertia o *Chocolood* quente em uma taça de chá.

— Bom, estudei muita psicologia, assim acredito que minha teoria é boa.

— Não referia a sua teoria. — Maggie pôs a taça com seu prato sobre a mesa da cozinha e se sentou. — Me parece interessante que ao te pedir notícias sobre o harém, apenas me fale da Vanda.

Phil se encolheu de ombros.

— Estou preocupado, naturalmente, porque estive de acordo em ser seu padrinho.

Maggie tomou um sorvo do *Chocolood*.

— E por que esteve de acordo?

— Alguém tinha que fazê-lo, ninguém se oferecia e eu tenho um pouco de experiência em psicologia.

Quando Maggie ficou olhando com um olhar de cumplicidade, levantou as mãos em um movimento de rendição.

— Está bem, admito-o. Sinto-me atraído por ela. Sempre o estive, embora não tenha esperanças.

Maggie sorriu.

— Sempre soube que havia algo entre vós dois. Mas, por que diz que não tem esperanças?

Phil agarrou uma lata de cerveja da geladeira e puxou pela argola.

— Ao princípio não podia me envolver com ela porque era seu guardião e, francamente, pensei que estava jogando comigo porque estava aborrecida.

Maggie assentiu com a cabeça.

— Estava aborrecida, mas acredito que realmente se sentia atraída por ti.

— Dei-me conta disso recentemente. — Pensou de novo no beijo e na forma em que ela se entregou com paixão. E depois recordou os anos que tinha perdido em que teria podido estar cortejando-a. Com um gemido interior, deu um sorvo da cerveja.

— Mas isso deveria te dar esperanças — disse Maggie.

Sentou-se na mesa diante dela.

— Agora sou seu padrinho na terapia, assim que se supõe que não posso ter uma relação sentimental com ela. Além disso, volto a ser seu guardião. Tecnicamente, está proibida.

— Tecnicamente?



Encolheu-se de ombros e bebeu outro gole de cerveja.

— Não sou uma pessoa que siga as... regras.

A boca da Maggie se estremeceu.

— Um homem de ação né? Isso poderia ser exatamente o que Vanda necessita.

— Está-me evitando — disse golpeando a mesa com a lata. — Acredito que tem... medo.

— Ah. — Maggie acariciou o bordo da taça com o dedo. — Sempre foi muito cautelosa na hora de iniciar novas relações. Passaram mais de dez anos antes que admitisse que éramos amigas. Mas uma vez que te chama assim, lutará como um tigre para te defender. Sabe que uma vez ameaçou a meu marido se não me tratava bem?

Phil sorriu.

— Isso soa a ela. Também tentou defender ao Ian em dezembro passado.

Maggie assentiu com a cabeça.

— Uma vez me disse que Ian se parecia muito a seu irmão pequeno. Quando lhe perguntei por sua família, negou-se a falar deles.

— Sabe o que aconteceu?

— Não, não realmente. Quando chegou ao harém era como... um animal ferido. Não falava com ninguém. Não olhava à cara. Foi muito triste. — Maggie ficou em silêncio franzindo o cenho ao recordar.

— Me conte mais — pediu Phil em voz baixa.

— Eu tinha medo que morrera de fome. Havia noites em que se negava a sair para... comer. — Maggie o olhou como se desculpando. — Isso foi antes do sangue sintético.

— Entendo. E Vanda se negava a caçar? Não era doloroso para ela?

— OH, sim, algo horrível. Suplicava-lhe que devia caçar comigo. Inclusive quando o fazia, mal tomava sangue suficiente para manter-se em pé. Sempre tive a horrível sensação que se estava castigando.

— Por que ia fazer isso?

— Perguntei-lhe, mas nunca me respondeu. — Maggie terminou seu *Chocolood* e depois agarrou os pratos para clareá-los na pia. — Recordava a um pardal com as asas quebradas. Toda marrom e oprimida. Levava esse velho vestido marrom, e seu cabelo também era dessa cor. Um formoso castanho com nervuras em reflexos avermelhados, mas o recolhia em um severo coque. Era como se quisesse se meter em um buraco e nunca mais voltar a voar.

Phil se sentou em silêncio. Esta não era a Vanda que conhecia. Por isso ele via, tinha sofrido um caso de síndrome de estresse post traumático e depressão. Ainda poderia estar sofrendo as sequelas. Ao fim e ao cabo se foi de um extremo a outro, de ser um pardal marrom com as asas quebradas ao púrpura de seu cabelo atual, com látégos incluídos, uma gata montesa propensa a arrebatamentos violentos. A Vanda real, a que ela temia ser, jazia em algum ponto intermédio.

Terminou a cerveja.

— Alguma vez se confiou a alguém?

— Não. — Maggie deixou a taça e o prato no lava-louça. — Durante seu primeiro ano no harém, quase não falou absolutamente. George, o Professor do Aquelarre naquela época, deu-nos



uma atribuição mensal. A Cora Lee, a Pamela e eu, gostávamos de ir às compras ou ao cinema. Vanda gastava todo seu dinheiro em artigos de arte.

Phil se tornou para trás, surpreso.

— Arte?

— Sim. Pintava. Todas as noites. Durante toda a noite. — Maggie fez uma careta. — Imagens horríveis. Pintura vermelha por toda parte. Sangue, cadáveres, cruze gamadas, arames de puas, lobos...

— Lobos?

— Sim. — Maggie se estremeceu. — Os pintava com esses dentes tão enormes e ferozes.

Phil tragou saliva com dificuldade. Que demônios tinham que ver os lobos com a guerra? Ou com a Vanda?

— Então, uma noite se voltou louca — continuou Maggie em voz baixa. — Empilhou todos os quadros em um montão no jardim e lhes prendeu fogo. Também queimou todos os materiais que usava e nunca voltou a pintar.

Phil enrugou a vazia lata de cerveja em um punho.

— Alguma vez disse por que deixou de pintar?

— Só que não queria recordar mais. — Maggie suspirou. — Mas é óbvio ainda recorda. Todos recordamos os fatos dolorosos de nosso passado.

Suas próprias lembranças dolorosas saíram à superfície, gastos à mente pelas palavras da Maggie. Havia passado nove anos desde que seu pai o tinha banido. Nove anos desde que tinha visto sua família por última vez. Durante os primeiros anos tinha recebido cartas de sua irmã. Ela não sabia seu paradeiro, por isso as deixava na cabana de caça de Wyoming, com a esperança que ele as encontrasse.

Não tinha ido a essa cabana em quatro anos. *Para que?* Nunca poderia voltar para a manada de seu pai. Essa parte de sua vida tinha terminado.

De repente Maggie teve uma ideia.

— Já sei o que poderia te ajudar! Darcy se entrevistou com as garotas do harém para esse reality show de faz uns anos. É possível que haja uma cópia por aqui em alguma parte.

Maggie se riscou da cozinha até a sala de estar.

— Ewww — enrugou o nariz com as sobras da pizza que havia sobre a mesinha de café.

— Eu me encarrego. — Phil fechou a caixa e se apressou a levá-la à cozinha para colocá-la na geladeira. Quando retornou, Maggie deslizava um DVD dentro do reprodutor.

— Encontrei-o! — Mostrou-lhe o estojo titulado *“O homem mais sexy da terra”*

— Lembro-me desse programa. — Phil se sentou no sofá. — Aí foi de onde as garotas tiraram o dinheiro para abrir o clube.

— E Darcy ganhou o homem mais sexy — adicionou Maggie com um sorriso. Encontrou a entrevista da Vanda no menu e depois se sentou no sofá ao lado do Phil.

A imagem da Vanda apareceu no televisor. Estava sorrindo à câmara, seus formosos olhos cinza pérola piscando, seus lábios carnudos e doces. A cremalheira de seu catsuit púrpura estava o suficientemente baixa para mostrar o decote. Phil se encontrou lhe devolvendo o sorriso. Maggie



riu entre dentes.

— Está tão apaixonado.

Fê-la calar quando a voz da Darcy soou, pedindo a Vanda que contasse à audiência algo sobre si mesma.

Vanda começou a falar, sua voz clara mostrava um ligeiro acento. Nasceu em 1917 em um pequeno povo ao sul da Polônia. Sua mãe morreu quando Vanda tinha dezoito anos e ficou ao seu encargo o cuidado de sua numerosa família. Um pai, quatro irmãos e duas irmãs.

Seu sorriso começou a desvanecer-se quando falou da morte de sua mãe e franziu o cenho no momento em que contou como os alemães e os russos invadiram a Polônia em 1939 e como seu pai e seus irmãos se foram embora para lutar. Seu rosto estava pálido.

“Meu pai insistiu para que eu fugisse com minhas duas irmãs menores. Empacotei um pouco de comida e caminhamos para o sul até as montanhas Cárpatos. Tinha estado ali antes e sabia que havia umas covas onde podíamos nos esconder. Eu... nunca voltei a ver nem a meu pai nem a meus irmãos, nunca mais.”

— Que terrível — sussurrou Maggie.

Vanda continuou descrevendo sua longa viagem às montanhas. A irmã menor, Frieda, de treze anos, adoeceu, e no momento que encontraram uma cova adequada, com muita dificuldade podia caminhar. Vanda ficou com ela e enviou a sua outra irmã, Marta, a encher os odres de água. Marta não retornou.

À manhã seguinte, Vanda deixou a sua irmã doente o mais cômoda possível e foi procurar água. De noite, já estava desesperada pela preocupação. Marta tinha ido e Frieda se deteriorava rapidamente.

Foi em busca de sua irmã e chiou de alegria quando a encontrou em seu caminho. Mas Marta a atacou e mordeu-a, e com uma força sobre-humana, a levou a uma cova. O vampiro que tinha convertido a Marta estava ali, e converteu a Vanda, que estava muito fraca pela fome e a perda de sangue para lutar contra dois vampiros.

“Na noite seguinte — disse Vanda — ainda estava comissionada com o choque do que tinha acontecido, mas me apressei a retornar para ver como estava minha pequena irmã. Tinha morrido. Completamente sozinha.”

Vanda se cobriu a cara e Phil poderia dizer que o filme tinha sido editado. A câmera enfocou a Darcy durante um momento e quando retornou a Vanda, esta já se havia recomposto. Apressou-se a explicar que a guerra tinha sido tão difícil que se uniu ao harém para encontrar um pouco de paz e tranquilidade. Depois sorriu e disse que estava feliz de participar do programa e finalizou a entrevista.

— Pobre Vanda. — Maggie sorveu pelo nariz. — Perdeu a todo mundo.

— Não todo. — Phil usou o mando a distancia para apagar a televisão. — Tem uma irmã que ainda poderia estar viva.

— Marta? — Maggie fez uma careta. — Marta deveria tê-la ajudado a salvar a sua irmã.

Phil assentiu com a cabeça.

— Vanda pode sentir que seu único familiar que vive a traiu.



Maggie respirou profundamente.

— Bom pelo menos agora já sabe por que está tão zangada.

— Ainda há muitas coisas que não há dito. Transformou-se em 1939.

— OH, tem razão. — Maggie se incorporou. — E não chegou aqui até 1948. Passou oito anos dos quais não sabemos nada.

— Uns anos que na entrevista qualificou de simplesmente “difíceis”. Tenho a sensação que passou por um autêntico inferno.

Os olhos da Maggie se encheram de lágrimas.

— É óbvio que foi assim. Estava em suas pinturas. Os cadáveres, as suásticas, o arame de puas, o sangue.

E os lobos. Phil tragou saliva com dificuldade. Como ia ganhar a confiança da Vanda, se tinha medo aos lobos? Maggie lhe tocou o braço.

— Quero voltar a vê-la. Embora tudo o que possa fazer por ela seja lhe dar um abraço.

— Claro. Estará nos *Diabos Quentes*.

— Já me hei teletransportado para ali antes, assim conheço o caminho. — Maggie ficou de pé. — Quer que te leve?

— Sim. — Envolveu um braço ao redor dos ombros do Maggie. Vanda não seria capaz de evitá-lo agora. — Te agradeceria se não lhe dissesse que sou um cambiante.

Maggie franziu o cenho.

— Vais ter que dizer-lhe se quer ter um futuro com ela.

— Fá-lo-ei. — Mas agora não. Ela já procurava muitas razões para fugir dele.

Phil e Maggie se abriram passo entre a multidão nos *Diabos Quentes*. Quando Maggie viu Pamela na barra, chiou e as duas mulheres passaram cinco minutos abraçadas e rindo-se. Phil apenas podia ouvir por cima do ruído. Levantou uma mão em sinal de saudação.

— Esta noite veio muita gente.

Pamela sorriu e lhe entregou uma cerveja.

— Não é maravilhoso? Essa horrível Corky disse a todos que não viessem porque fomos um antro malvado e infame. — Pôs-se a rir. — É óbvio, todos quiseram vê-lo por si mesmo.

— Vanda inteirou-se do boicote?— Perguntou-lhe.

— Não, graças a Deus, e temos que mantê-lo assim. Convertera-se em uma fera e não podemos nos permitir mais julgamentos. — Pamela descobriu a Cora Lee e a saudou com a mão. — Olhe quem está aqui!

Cora Lee correu para a Maggie e os chiados e os abraços começaram de novo. Então Maggie tirou um montão de fotos de família de sua bolsa e as damas começaram a falar efusivamente da adorável filha da Maggie. Phil se perguntou como fez para ter um filho, mas se absteve de perguntar já que a explicação poderia tomar muito tempo e queria ver a Vanda logo que fora possível.

— Hei irmão! — Phineas caminhou para ele com duas mulheres vampiro pendurando de seus braços. — Tinha razão sobre as garotas bonitas.



— Algum sinal do Max? — Gritou Phil sobre o ruído.

— Não. — Phineas dirigiu a suas novas amigas um olhar de desculpa. — Odeio dizer isto, senhoras, mas tenho que voltar para o trabalho.

— OH, não, doutor Phang! — A morena do braço esquerdo se mordeu o lábio. — Como pode nos deixar?

— O dever me chama doçura. — Phineas lhe deu uns tapinhas na mão. — Mas voltarei a cada poucas horas para me assegurar que está a salvo.

— OH, doutor Phang, é tão valente. — A loira da direita se esfregou em seu contrário.

— Onde trabalha? — Perguntou a morena, tratando de chamar sua atenção por sobre da loira.

— Não posso dizê-lo, querida, — respondeu Phineas. — Já sabe alto segredo.

— Ooooh — a loira se estremeceu. — É um espião?

— Tudo o que posso dizer é que quando o perigo espreita nas sombras, chamam o doutor Phang. — Phineas deu um passo atrás e baixou a voz. — Voltarei.

— Estar-te-ei esperando — gritou a morena enquanto Phineas desaparecia. A loira se deslizou perto do Phil.

— Assim, também é um espião, como o doutor Phang?

— Nós... trabalhamos juntos. — Phil se deu conta que Maggie se ia com Pamela e Cora Lee em direção ao escritório da Vanda. Começou a segui-las, mas as duas mulheres vampiro se agarraram a seus braços. A morena acariciava seus bíceps.

— Parece muito forte para ser mortal.

— E arrumado em uma maneira muito terrestre — acrescentou a loira.

— Em realidade, não estou na liga do doutor Phang. — Phil se livrou de suas garras. — Ele é muito mais forte que eu. E perigoso. Provavelmente deveriam se manter afastadas dele, se o que vocês gostam é jogar seguro.

Os olhos da morena se iluminaram.

— Isso soa muito emocionante.

— Bom, chamam-lhe Doutor Amor, já sabe — admitiu Phil. A loira deu um passo atrás.

— Sem ânimo de ofender, macacada, mas esperarei ao Doutor Amor.

A morena se girou para ela.

— Não, não o fará. Eu o vi primeiro.

Enquanto as duas mulheres discutiam pelo Phineas, Phil se apressou para o escritório da Vanda. Maggie se fixou nele enquanto fechava a porta.

— Vanda, espero que não te importe, mas trouxe o Phil comigo.

Vanda ficou rígida e se girou para a porta. O sorriso de seu rosto desapareceu e o rubor subiu por seu pescoço. Phil permaneceu junto à porta.

— Olá, Vanda.

O rubor subiu até as bochechas.

— Olá.

Pamela e Cora Lee o saudaram com sorrisos cúmplices. Ele assentiu brevemente com a



cabeça e depois se girou para olhar a Vanda.

— Como está?

— Sim, querida, como está? — Perguntou Maggie quando Vanda não respondeu. — Phil me falou dessa horrível serpente e tinha que me assegurar que estava bem.

— Estou... bem — disse Vanda em voz baixa.

— Bom, foi muito amável por parte do Phil chamá-la — disse Cora Lee a Maggie.

— E estamos encantadas de verte de novo — acrescentou Pamela.

— É maravilhoso estar aqui — disse Maggie sorrindo. — O clube é um grande êxito. Nunca tinha visto tanta gente junta.

— Sim, graças a Corky Courrant — murmurou Cora Lee. Pamela fez uma careta e sacudiu a cabeça. Cora Lee ofegou e se tampou a boca. Vanda franziu o cenho.

— O que é que se está passando?

— Nada — responderam Pamela e Cora Lee de uma vez. Vanda olhou a Cora Lee.

— Cospe-o.

— Não é nada! — Insistiu Cora Lee girando-se para Pamela em busca de ajuda. — Todo se reduz a nada, verdade? Há uma grande multidão aí, e todos vieram para ver por que Corky havia dito que nosso clube era um antro de maldade e violência.

— O que? — Gritou Vanda. Phil se dirigiu para ela.

— Tudo está bem. Corky utilizou seu programa de televisão para induzir a sua audiência para boicotar seu clube. Evidentemente, falhou.

Os olhos da Vanda brilharam com fúria.

— Está tratando de me destruir.

— Seu clube está bem — disse Phil em voz baixa.

— Não enquanto essa filha de cadela esteja ao redor — vaiou Vanda e começou a desvanecer-se.

— Não! — Phil tentou agarrá-la, mas já tinha desaparecido.

— Minha mãe, — sussurrou Cora Lê. — Aonde foi?

— Aonde crêbocuda? — Espetou-lhe Pamela. — A DVN para procurar a Corky.

— Doce Maria e José — sussurrou Maggie. — Temos que detê-la.

CAPÍTULO 7

— Têm uma segurança péssima — disse Phil enquanto seguia a Maggie por um corredor da DVN. Não tinha disparado nenhum alarme quando se haviam teletransportado até um dos camarins. — Pensaria que seriam mais cuidadosos depois dos incidentes do passado dezembro.

Maggie se inclinou e lhe sussurrou.

— Estes tipos não vivem exatamente na realidade.

— Já vejo o que quer dizer, — murmurou Phil. Passaram junto a um grupo de atores no



corredor e um deles, vestido como um frango gigante estava praticando seu cacarejo.

— Isso! — Disse um de seus companheiros. — Agora volta a fazê-lo, mas com mais paixão.

Uniu-se outro ator, vestido como um pirata.

— Tio, deixaste-me pasmado. Devo acreditar que é um frango.

Phil soltou um bufido. Um frango com presas.

— É aqui.

Maggie parou diante de uma porta decorada com uma gigantesca estrela dourada. Corky Courrant estava pintado no centro da brilhante estrela, com letras itálicas em cor vermelha. Maggie escutou.

— Não há ruídos de briga no interior.

— Esse é um bom sinal — disse Phil.

— A menos que Corky já esteja morta — sussurrou Maggie.

Phil abriu a porta e entrou. Corky estava muito viva, sentada detrás de seu escritório, estudando fotos. Em uma esquina, um homem calvo com uma câmera ficou sem fôlego e depois se teletransportou. Nenhum sinal da Vanda.

Corky levantou a vista.

— Como te atreve a irromper desta maneira? — Reuniu todas as fotos e as empurrou dentro de uma gaveta do escritório. — Quem é você?

— Não sabe? — Perguntou Phil. — Mostrou minha foto em seu show esta noite.

Corky farejou e depois o despediu com um movimento da mão.

— Não estou interessada na identidade de um mortal. Fora de meu escritório!

— Sou o homem que imobilizou ao bailarino no clube *Demônios Quentes*. Como conseguiu essa foto?

— Sou jornalista. Nunca revelo minhas fontes. — Olhou para a esquina onde estava o homem que se havia teletransportado. Seu peito se moveu com esforço quando lançou um suspiro de alívio.

— Olá, Corky. — Maggie entrou suas botas de vaqueiro tamborilando no chão de linóleo. Corky se tornou para trás.

— Vá se não é a pequena Maggie, conhecida por sua curta estatura e sua carreira, igualmente curta, como atriz medíocre. O que te traz para Nova Iorque? — Olhou a roupa da Maggie com desdém. — Vir um pouco às compras, não?

Maggie se aproximou do escritório.

— Acabo de passar um tempo delicioso nos *Diabos Quentes*. Graças a ti, é o clube noturno mais popular no mundo dos vampiros.

Corky entrecerrou os olhos com ira.

— Agora me lembro. Você é uma das amigas da Vanda Barkowski. Pode dar a essa cadela louca uma mensagem de minha parte. — Corky ficou de pé. — Vou destruí-la. A ela e a seu clube.

— Tenta-o — disse Phil em voz baixa, — e te arrependerá.

Corky se burlou.

— Supõe-se que vou tremer de medo ante um simples mortal e uma miniatura de...



vaqueira? — Franzio- o cenho a Maggie. — Não pense que esqueci como roubou a Dom Orlando.

Maggie lhe devolveu o olhar.

— Já o tinha perdido. Tratava-o como a um escravo.

— Ha! Convertei-o em uma estrela. Fi-lo famoso. O que você poderá jamais fazer por ele?

Maggie sorriu.

— Faça-o feliz. — Girou sobre seus talões e partiu. Corky chispou.

— Poderia te arruinar. A ti e a seu rancho. É tão insignificante que não me incomodei!

Phil se deteve junto à porta enquanto saía.

— Deixa a Vanda em paz.

— O que é? — Burlou-se Corky. — Seu cão guardião?

— Quase.

Phil respirou profundamente e aproveitou o poder interior de seu alfa. Sabia o que faria que seus olhos azuis brilhassem. Seu corpo começou a brilhar, sua forma se esfumou nos borde. Poderia trocar em um instante se quisesse, ou manter sua forma humana, mantendo ao mesmo tempo todo o poder do lobo alfa.

Corky cambaleou para trás com os olhos muito abertos.

— Quem...? O que é?

Deixou-a com seu assombro. Fechou-lhe a porta no nariz e freou seu poder. Em um instante tinha voltado para a normalidade.

— Bom, onde pensa que está Vanda?

Maggie ficou olhando com a boca aberta.

— O que foi isso?

— O poder de meu... animal interior. — Começou a caminhar pelo corredor. Maggie ficou no lugar, com os olhos ainda abertos por causa da surpresa.

— Mas, não necessita a lua cheia?

— Não. Então, onde poderia estar Vanda?

— Eu não... não sei. — Maggie correu para alcançá-lo. — Nunca tinha ouvido falar de um cambiante que não dependesse da lua cheia.

— Eu posso trocar em qualquer momento. — Chegou ao final do corredor, onde havia uma intercessão.

— Isso é incrível — sussurrou Maggie. — Que classe de animal é?

Phil fez caso omissa da pergunta e inspecionou ambos os corredores. Não havia sinais da Vanda.

— Vamos nos separar. Você vai pela direita, eu pela esquerda.

— Muito bem.

Maggie foi para a direita e depois retornou atrás girando na esquina fazendo uma careta.

— O que acontece? — Phil apareceu pelo corredor da direita. Uma mulher loira estava falando com o ator vestido de pirata.

— É Tiffany. — Maggie levantou o olhar para o teto como se estivesse rezando. — É que esta noite tenho que me encontrar com cada mulher que alguma vez se deitou com meu marido?



Phil recordou que o ator Dom Orlando de Coração tinha sido renomado como o melhor amante do mundo dos vampiros.

— Estou seguro que assim que te conheceu, não voltou a olhar a nenhuma outra mulher.

Maggie soltou um bufido e depois sorriu.

— Acredito que tem razão. Deus te benza. Assim é um capitalista cambiante que, além disso, sabe o que dizer exatamente a uma mulher? Vanda não tem nenhuma possibilidade.

— Espero que tenha razão, mas ainda temos que encontrá-la. O que te parece se eu for à direita e você à esquerda?

— Está bem. — Maggie correu pelo novo corredor, afastando-se da Tiffany. Phil se dirigiu para a loira e o pirata. Tentou abrir a primeira porta. Um armazém.

— Em outras palavras, minha voluptuosa senhorita, — o pirata se ajustou o emplastro no olho. — É uma gloriosa vista para meus doloridos olhos. Você gostaria de ir comigo sob coberta?

— Ao porão? — Tiffany riu. — É óbvio. Eu adoro seu acento. É tão elegante. Soa como um príncipe. — O conduziu para a porta no final do corredor.

Phil sorriu para si mesmo. Tiffany certamente não estava suspirando pela perda de dom Orlando. Viu uma porta com um pôster: VESTIDOR DA CORKY. Isto soava promissor. Abriu-a em silêncio.

Vanda estava sentada na penteadeira. Não havia nenhum espelho, mas sim um monitor conectado a uma câmera digital. Como vampiro, esta era a única maneira em que Corky podia ver-se para aplicar o montão de maquiagem que levava. Agora a câmera estava apagada e Vanda estava completamente concentrada em sua tarefa, cortando a roupa com uma tesoura pequena.

Fechou a porta com um só click e Vanda saltou em seu assento.

— Phil, o que está fazendo aqui?

— O que está fazendo você, Vanda?

— Estou ocupada. — Voltou sua atenção a um sutiã negro e fez um pequeno corte no tirante. Deu um passo para ela.

— Como seu padrinho, sugiro-te que deixe as tesouras.

— Você não é meu... — fez uma pausa com expressão irônica. — Estou tendo uma estranha sensação de déjà vu.

Ele riu entre dentes.

— O que está fazendo exatamente?

— Nada. — Fez um pequeno corte atravessando as duas taças do sutiã da Corky. Ele jogou uma olhada ao montão de roupa empilhada sobre a penteadeira.

— Está cobrando vingança destruindo a roupa interior da Corky?

— Não estão destruídas. — Vanda dobrou vários jogos de roupa interior e os devolveu à gaveta cuidadosamente. — Só estão um pouco alteradas. Corky nunca se dará conta. — Fechou a gaveta com um sorriso malicioso. — Até que seja muito tarde.

Phil suspirou.

— Vanda, isto não é o que se entende por controlar a ira.

Dobrou um sutiã e o empilhou em outra gaveta.



— Não preciso controlar minha ira. Estive tentada de saltar sobre essa cadela em seu escritório, mas depois pensei em todo esse cabelo arrancado, os olhos morados e as demandas, e tive que me perguntar, realmente vale a pena?

Ele não podia deixar de sorrir.

— Está pensando antes de atuar. Isso é uma melhora.

— Obrigada. — Agarrou o último sutiã e lhe mostrou as gigantescas taças. — Pode acreditar nisto? Se as enche com arroz, poderá alimentar durante uma semana a uma família de quatro membros. — O dobrou e o pôs em uma gaveta. — Realmente os homens encontram atrativos estes enormes peitos?

— Sim, alguns. — Lhe lançou um olhar assassino e fechou a gaveta. — Mas eu não. — Se aproximou. — Vi a perfeição, assim nunca poderia querer menos.

Olhou-o com receio.

— Ninguém é perfeito.

— Você o é. Para mim.

Ela ficou de pé colocando a cadeira entre eles.

— Tenho que ir. Corky poderia vir em qualquer momento.

— Estiveste-me evitando.

— Estive muito ocupada. — Apertou o látego ao redor de sua cintura. — E não acredito que tenhamos nada do que falar, de verdade.

Ele rodeou a cadeira.

— Pensaste em nosso beijo?

— Não. — levantou o queixo. — Me esqueci por completo. Imaginei que tinha sido um acidente e não devemos deixar que aconteça outra vez.

— Chegou a essa conclusão antes ou depois de te esquecer dele?

Ela franziu o cenho.

— Está bem. Recordo-o perfeitamente. Mas só porque foi quente, não significa que devamos fazê-lo outra vez.

Ele sorriu lentamente.

— Foi quente, né?

O olhar da Vanda caiu para a boca do Phil.

— Eu... não posso recordar.

— É estranho como sua memória vai e vem.

— Algumas coisas são melhores as esquecer — disse lambendo-os lábios. Ele passou um braço ao redor dela.

— Esqueceste como posso fazer que seu coração pulse mais depressa? — Podia escutar que pulsava com força. Ela apoiou as mãos em seu peito.

— Parece-me recordar algo nesse sentido...

Acariciou-lhe o pescoço.

— Esqueceste como treme com meu contato?

Ela se estremeceu.



— Phil... — os dedos se agarraram com força em sua camisa. — Não quero me apaixonar por ti.

— Mas o está. — Assinalou o brilho vermelho em seus olhos. — Sei que me quer.

— Não. — Passou as mãos por seu cabelo, fechando os punhos ao redor dos cabelos como se nunca quisesse deixá-lo ir. — Não te quero nada.

— É uma lástima, — beijou-a na frente. — Porque eu sim quero a ti.

— Não deveria — disse tirando de sua cabeça para poder beijá-lo na boca.

— Carinho, está-me enviando sinais confusos.

— Sei. — Se pressionou contra seu corpo. — Tenho que parar. Mas que Deus me ajude, não posso... parar.

Tomou a boca, beijando-a com toda a paixão que se cozinhou a fogo lento durante oito largos anos. Ela separou os lábios com uma doce rendição. Mas não se tratou de uma rendição passiva, não de sua lutadora Vanda. Acariciou-lhe a língua para depois chupá-la com um desespero que fez que seu sangue fervesse. Inchou sua virilha e puxou-a com força contra ele. Com um grunhido profundo descobriu quão bem seu fino catsuit de elastano se abraçava a cada curva de seu corpo, das doces bochechas de seu traseiro até a parte baixa de suas costas.

Esfregou-se contra ele e sua ereção pulsou.

Baixou a cremalheira de seu catsuit o suficiente para lhe permitir deslizar uma mão debaixo e cavar um peito.

— É tão formosa, tão perfeita. — Moveu o dedo polegar sobre seu mamilo, endurecendo a ponta. Ela abriu a boca.

— Phil... — suas mãos lhe esfregavam as costas acima e abaixo.

— Vanda, quero te fazer amor.

As mãos ficaram quietas.

— Não. — Se moveu de novo, rompendo o abraço. — Não posso... não posso te amar.

— Não vou fazer te dano Vanda. Pode confiar em mim.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não posso... — fechou a cremalheira do catsuit. Seus olhos vermelho escuro brilhavam com a umidade.

— Entendo por que tem medo. Perdeu a toda sua família, exceto a Marta. E é provável que sinta que ela te traiu.

— O que...? — Vanda deu um passo atrás com o rosto pálido. — Como... como sabe...?

— A entrevista que fez faz uns anos para o reality show. Maggie a encontrou na casa e a vimos.

Vanda ficou rígida com uma expressão de consternação.

— Maggie te ajudou a me espiar?

— Não estávamos espiando. Estávamos tratando de te ajudar. Se pudermos encontrar uma maneira para que enfrente às questões não resolvidas de seu passado...

— Meu passado não é teu assunto! — Espetou-lhe.

— Sim o é. Supõe-se que devo te ajudar a aprender como controlar sua ira e podemos fazê-



lo se enfrentarmos o trauma que...

— Não! Não sou um experimento psicológico! E tenho que questionar seus motivos, doutor Phil. Está tratando de me ajudar porque tem um coração bondoso ou simplesmente porque quer ter sexo?

Ele reprimiu sua crescente ira.

— Eu só quero que tenha uma vida plena e feliz. É seu medo o que faz que me insulte e podemos fazer que esse medo desapareça se examinarmos seu trauma...

— Deixa meu fodido trauma em paz! — Ajustou o látego ao redor da cintura. — Não tenho medo de nada.

Ele levantou as mãos em um gesto de súplica.

— É normal que resista a reviver essas lembranças tão dolorosas.

Ela chiou os dentes.

— Não seja condescendente comigo. Não estou revivendo nada.

— Então prefere permanecer assustada? Prefere suportar uma vida de séculos temerosa de amar a outra pessoa? — Escoiceou como se a tivesse golpeado. — Vanda, sinto-o. — Deu um passo para ela.

— Não. — Levantou uma mão para detê-lo. — Sabe a quantas pessoas perdi? — Uma lágrima rosada rodou por sua bochecha. — Minha mãe e meu pai. Minha irmã pequena. Cada um de meus irmãos. Karl.

— Quem é Karl? — Phil não podia recordar esse nome da entrevista de televisão. A mão estendida da Vanda se enroscou em um punho. A voz lhe tremeu.

— Os lobos o levaram.

Phil ficou gelado. O braço da Vanda caiu a um lado e o rosto se contraiu.

— Foi meu primeiro amor. Um mortal. Os mortais sempre morrem limpou a cara. — Não o vê? Não posso voltar a passar por isso outra vez.

Merda. Este seria o momento perfeito para lhe dizer que é um cambiante que facilmente pode viver outros quatro ou cinco séculos. Mas ela queria saber no que se transforma.

— Vanda, nenhum de nós é imortal. Esteve a ponto de morrer o outro dia. Ninguém te há dito que terá que aproveitar o momento e viver cada noite como se fosse a última?

— Mas não duraria. E não posso suportar a dor. Sinto muito.

— Vanda, nós...

Ela desapareceu, deixando sua mão suspensa perto de onde tinha estado seu rosto. Baixou o braço. Pobre Vanda. Estava imersa em uma guerra entre o desejo e o medo. Seu desejo por ele era forte. Tinha causado que seus olhos resplandessem vermelhos. Tinha conseguido que se agarrasse a ele com paixão. Mas esta noite o medo tinha ganho a batalha.

— Não vou renunciar a ti — sussurrou.

CAPÍTULO 8



— Há um montão de gente hoje aqui — disse Maggie enquanto Vanda avançava com seu Corvette mais perto da entrada do Romatech. Vanda olhou pelo espelho retrovisor. Não podia ver-se, mas havia vários carros em fila detrás delas. Dois diante. Parecia que todos os vampiros da localidade foram assistir à festa de compromisso do Jack.

— Odeio as festas.

Maggie se burlou.

— Será bom para ti. Estiveste trabalhando muito duro.

— Nas noites das sextas-feiras sempre estão muita ocupadas no clube. Deveria estar ali.

— Só estará fora um par de horas. Cora Lee e Pamela estavam mais que felizes de ocupar-se de tudo — disse Maggie. — Além disso, necessita um descanso. Tiveste uma semana muito difícil.

O guarda permitiu atravessar a porta a outro carro e Vanda moveu o Corvette mais perto. Maggie se alisou a saia do vestido de coquetel de tafetá vermelho.

— Não é divertido arrumar-se para variar? Se esta noite estivesse em casa, estaria ajudando a meu marido dando pazadas ao guano de morcego.

— Soa melhor que isto — se queixou Vanda.

— Não seja desmancha-prazeres. Está muito bonita com este vestido.

Vanda gemeu. Nunca deveria ter aceitado que Pamela lhe deixasse um de seus vestidos. Maggie, Pamela e Cora Lee se puseram de acordo insistindo em que o pusesse. Mas era mais alta que Pamela, por isso o vestido de cetim prateado ficava muito curto, lhe chegando à metade da coxa. O sutiã era muito baixo. Puxou o tirante do vestido.

— Este vestido deixa muito à vista.

Maggie soltou um bufido.

— E seus catsuit não?

— São cómodos. E eu gosto de ter meu látego à mão.

— Não necessita um látego em uma festa de compromisso. — Maggie a olhou com malícia.

— Só tem medo que Phil te veja tão bonita e juvenil.

— Não tenho medo. — Ontem de noite Phil lhe havia dito que estava assustada, e agora Maggie o repetia. — Darei saltos por toda a festa com meu traseiro ao ar se quiser. Não tenho medo de nada.

— Então será o suficientemente valente para me contar o que passou ontem à noite na DVN. Vanda se agarrou ao volante.

— Não passou nada.

— Isso é estranho. Phil disse o mesmo.

— Sério? — Vanda se sentiu aliviada porque ele não tivesse falado de seu encontro. Não podia acreditar que tivesse acabado em seus braços como se sua vida dependesse disso. Tinha estado terrivelmente perto de render-se por completo. O homem era muito tentador. E também condenadamente intrometido com seu passado.

Outro carro passou pela porta e Vanda pôs o Corvette ao lado do vigilante. Baixou a janela e lhe entregou o convite. O guarda se inclinou para olhar dentro do carro.



— Seus nomes?

— Sou Vanda Barkowski e ela é Maggie O'Callahan.

Jogou uma olhada ao porta papéis e depois lhes devolveu o convite.

— Podem entrar.

Vanda subiu a janela e começou a baixar o comprido caminho para o Romatech.

— Assim suponho que ontem à noite Teletransportáste o Phil a casa.

— Sim. Ofereci-me a levá-lo ao clube, mas pensou que você não quereria ver ninguém. —

Maggie a olhou com preocupação. — Parece que te entende muito bem.

— Não quero falar disso. — Vanda conduziu até o estacionamento e procurou um sítio vazio.

— Não posso acreditar que lhe mostrasse a entrevista para o reality show.

— É um registro público. Além disso, Phil acredita que precisa resolver algumas coisas de seu passado.

— Conheço sua condenada teoria. E é uma treta. — Viu um espaço vazio na seguinte fila e apertou o acelerador para chegar antes de outro. — E não quero que escave em meu passado. Não é de sua maldita incumbência!

— Só quer te ajudar com seu problema com a ira.

— Não tenho um problema com a ira! — Vanda pisoteou o freio quando um casal surgiu entre dois carros. A mulher gritou quando o Corvette parou a poucos centímetros deles. O homem golpeou o capô do carro.

— Vai muito rápido pelo estacionamento!

— Ah, sim? — Vanda baixou o guichê. — Olhe por aonde vai, imbecil! — Mostrou-lhe o dedo do meio.

O casal partiu. Vanda respirou profundamente. Isso tinha estado perto.

— Não tem um problema com a ira? — Murmurou Maggie.

— Eles o buscaram. — Vanda estacionou no espaço vazio e colocou as chaves do carro na bolsa de noite prateada que Pamela tinha insistido que usasse.

Saiu do carro e comprovou seu vestido. O maldito sutiã tinha sido talhado o suficientemente baixo para deixar a descoberto o morcego púrpura que tinha tatuado no peito direito. Suspirou. Fazia dez anos lhe tinha parecido uma boa ideia. Tinha desfrutado escandalizando a todos os estirados vampiros velhos no Baile de Ornamento anual. Mas depois de dez anos, o impacto tinha desaparecido.

Depois tinha cortado o cabelo e o tinha tingido de púrpura. Isso tinha funcionado bem. Impressionar as pessoas tinha tendência de mantê-las à distância. Então começou a levar um látego na cintura. A ameaça implícita de violência mantinha a todo mundo afastado.

Exceto ao Phil. Ele nunca tinha tido medo dela.

— O que sabe da noiva do Jack? — Perguntou Maggie enquanto caminhavam para a entrada do Romatech.

— Seu nome é Lara. — Vanda passou a correia da bolsa por cima do ombro. — Ouvi que é de Louisiana e que é polícia.

— Então é mortal?



— Suponho.

— Que interessante. — Maggie lhe lançou um olhar agudo. — Não é assombroso como muitos vampiros estão conhecendo o amor e a felicidade com os não vampiros?

— É ridículo.

— Eu acredito que é romântico.

Vanda soprou.

— Casou com um vampiro.

— Casei-me por amor — insistiu Maggie. — Se meu marido tivesse sido mortal, não o teria duvidado nem um segundo. Não há nada mais formoso que o amor verdadeiro.

— Necessito um gole.

Maggie se burlou.

— Negá-lo não te salvará quando as flechas do Cupido encontrem seu alvo.

— Se vir o Cupido em qualquer lugar a meu redor, arrancar-lhe-ei seus rechonchudos braços.

Vanda abriu de um puxão a porta do Romatech. Uns quantos vampiros estavam mesclando-se no vestíbulo. Connor estava de pé detrás de uma mesa, vestido com um kilt branco e negro e uma jaqueta negra. Terminou de revisar o conteúdo da bolsa de uma senhora e a devolveu de novo.

Maggie se equilibrou sobre ele, sorrindo.

— Olá, Connor.

— Maggie, minha pequena moça. — Connor se inclinou sobre a mesa para lhe dar um abraço. — Que bom é verte de novo.

Vanda cruzou os braços. Connor nunca a tinha chamado sua “pequena”.

— Vou ter que registrar sua bolsa, Maggie — disse Connor.

— Quer ver minhas fotos? — Maggie abriu a bolsa e tirou um montão de fotos. Connor examinou a bolsa da Maggie enquanto ela procurava nas fotos.

— Este é Pierce com nossa filha Lucy. — Maggie a mostrou ao Connor. — E esta é do último Halloween, quando Lucy foi de princesa. Fiz-lhe o vestido eu mesma.

— É uma menina muito linda. — Connor lhe devolveu a bolsa. — A adotaste?

— Sim. — Maggie se apressou a explicar. — Sua mãe biológica era uma sacerdotisa Vodú que deu ao Pierce uma poção de amor para seduzi-lo. Então, depois de ficar grávida, apagou-lhe a memória e o abandonou. Aí é quando se converteu em um vampiro. Mas tinha amnésia e não recordava quem era nem que tinha engendrado um bebê. E depois Corky Courrant o encontrou e o trouxe para Nova Iorque, e se converteu em Dom Orlando de Coração, o famoso ator de telenovelas. Foi então quando me encontrei com ele e, continuando, ele me ajudou a descobrir sua verdadeira identidade. Realmente tudo é muito simples.

Os olhos do Connor ficaram frágeis pela metade da história da Maggie.

— Já vejo.

— A velha história de amnésia e bebê secreto — disse Vanda com ironia. — Passa todo o tempo.

Maggie a olhou molesta e colocou as fotos na bolsa de novo.



— Aconteceu-me e não poderia estar mais feliz.

— Então estou muito feliz por ti. — Connor se girou para a Vanda. — Vou ter que registrar sua bolsa também.

— Pensei que nunca o pediria. — Vanda atirou sua bolsa sobre a mesa. Esta vez estava pronta para ele.

Ele abriu a bolsa prateada e lhe saíram os olhos das órbitas. Estava muito orgulhosa de haver podido remeter um par de algemas, uma atadura para olhos, seu “massageador” para as costas e uma garrafa de Viagra, em uma bolsa tão pequena. Sorriu-lhe com doçura.

— Algo vai mal, Connor?

— Vejo que vieste preparada. — Lhe dirigiu um olhar irônico e lhe devolveu a bolsa. — Desfruta de sua noite.

— Fá-lo-ei.

Vanda se dirigiu para o salão de banquetes. Maggie se aproximou dela e lhe sussurrou:

— O que há em sua bolsa?

Vanda a entregou com um sorriso. Maggie o abriu e pôs-se a rir.

— Menina, é uma perda. — Lhe devolveu a bolsa com um olhar ardiloso. — Deve estar pensando em ter sexo com alguém. Pergunto-me quem poderia ser.

— Era uma brincadeira, Maggie. Não veja nada mais.

Vanda entrou no salão de banquetes. *The High Voltage Vamps* estavam no cenário, tocando “Isto é Amore”. Os casais estavam na pista de dança, movendo-se alegres ao compasso da música. Vanda gemeu.

Formou-se uma fila para felicitar ao Jack e conhecer sua noiva, Lara.

— OH, é bonita, — observou Maggie. — E está tão feliz. Vamos, nos ponhamos na fila.

Vanda inspecionou a sala enquanto ficavam no final da fila. Não havia sinais do Phil. Agarrou uma taça da bandeja de um garçom que passava. Estava cheia de sangue borbulhante, uma mescla de champanha e sangue sintético. O bebeu em três goles. Maggie franziu o cenho.

— Está bem?

— Claro. — Intercambiou sua taça vazia por outra cheia de outro garçom. — Só estou faminta.

— Acredito que está nervosa.

— Por que todo mundo me quer psicanalisar?

— Não sei. Talvez tenha algo que ver com as sete demandas apresentadas em seu contrário durante o último ano — murmurou Maggie com tom sarcástico. — Poderia ser um sinal que não dirige muito bem as relações.

— Estaria bem se de uma puta vez todo mundo me deixasse em paz.

Maggie suspirou.

— Tem amigos, Vanda. Você goste ou não, há pessoas que se preocupam contigo.

Os olhos da Vanda arderam ameaçando lágrimas.

— Não seja amável comigo. Não posso... dirigi-lo. — Deu outro gole ao *Bubbly Blood*. Maggie a olhou com tristeza.



— Carinho, não pode estar sofrendo desta maneira para sempre. Necessita ajuda.

Vanda suspirou e piscou para afastar as lágrimas.

— Estou bem. — Era difícil, maldita seja. Começou a apertar o látego ao redor de sua cintura e se deu conta que não estava ali. — Maldita seja, sinto-me como se estivesse em camisola.

— Esta formosa. Este cetim prateado faz que sua pele se veja luminosa e seus olhos são deslumbrantes. Phil está completamente perplexo.

— O que? — Vanda olhou rapidamente a seu redor. — Onde está?

— Acaba de entrar do terraço. — Maggie assinalou para a parede de cristal na parte posterior do salão de banquetes que dava aos jardins. — OH, está vindo para nós.

Vanda tragou saliva. Via-se incrivelmente arrumado com seu smoking negro que se abraçava a seus amplos ombros e a seus estreitos quadris. Os reflexos loiros e avermelhados de seu cabelo brilhavam, e seus formosos olhos azuis se centraram nela.

— OH, Meu deus.

Maggie sorriu.

— Aí vão as flechas do Cupido. Diretas ao alvo.

Vanda agarrou ao Maggie pelo braço.

— Mantem o ocupado. Eu me tenho que ir.

— Galinha — sussurrou Maggie enquanto Vanda se ia a toda pressa. Contornou a habitação, agachando-se detrás de um grupo de vampiros para que não a visse. Não era medo. Era pânico. Desde que Phil tinha voltado para sua vida, seus nervos estavam esgotados.

Em um rincão longínquo e escuro se encontrou com uma fila de cadeiras que estavam em parte ocultas por uns vasos de barro grandes e uma gigantesca escultura de gelo sobre uma mesa próxima. Pôs os olhos em branco. Era uma estátua do Cupido esculpido em gelo. Então se deu conta que a mesa estava cheia de comida para mortais. Não era de estranhar que esta esquina estivesse deserta. A maioria dos convidados eram vampiros, por isso não tinham nenhum tipo de interesse nessa comida, a não ser que caminhasse sobre duas patas.

Terminou seu *Bubbly Blood* e deixou a taça ao lado de uma bandeja de camarões cozidos. Uma garrafa com um líquido vermelho lhe chamou a atenção. Ao princípio pensou que era uma das invenções do Roman para a *Vampire Fusion*, já que era vermelho como o sangue. Leu a etiqueta: Molho de Louisiana picante. Talvez fosse para a prometida do Jack.

Caminhou para a fileira de cadeiras, pendurou a bolsa no respaldo de uma e se sentou. Não havia nem rastro do Phil. Não havia nem rastro de ninguém. Respirou fundo. Trataria de manter a calma apesar de que era uma confusão de contradições. A solidão lhe doía, mas ali estava ela, em meio de uma festa, tentando estar a sós. Desejava sentir os braços do Phil a seu redor, e, entretanto, aqui estava, escondendo-se dele.

Era muito tentador. Adorava a forma em que se sentia entre seus braços. Sentia-se bela, desejada, acariciada. Havia passado tanto tempo desde que havia sentido que era especial para alguém.

Confia em mim, havia-lhe dito. Queria confiar nele, mas, como podia confiar no amor? Sempre havia dito a outros que não havia nada que fora mais sagrado que o amor. Ela acreditava



com todo seu coração, mas no fundo sabia que o amor era para outros, não para ela. O amor sempre lhe tinha falhado, sempre lhe havia trazido dor e sofrimento. *Prefere suportar uma vida de séculos temerosa de amar a outra pessoa?* As palavras do Phil seguia as tendo cravadas.

— Ei, Vanda. Que tal está?

Sacudiu os sombrios pensamentos ao ver Shanna se aproximando.

— Olá.

A bela esposa do Roman Draganesti levava a seu bebê recém-nascido envolto em uma manta rosa. Girou a bolsa de fraldas que levava no ombro e a deixou cair em uma cadeira e depois retornou à mesa dos refrigerios. Com o bebê embalado em um braço, Shanna utilizou sua mão livre para encher um prato de comida.

— Juro-te que tenho que lhe dar o peito a cada hora e isso faz que me de muita fome.

— Sim. — Uma pontada de pesar golpeou forte a Vanda. Depois da morte de sua mãe, ela tinha amado a seus irmãos pequenos de uma forma maternal. Mas nunca poderia ter filhos próprios. Como vampiro, seus óvulos estavam mortos.

— Está bem? — Shanna a olhou com preocupação enquanto acrescentava algumas uvas a seu prato. Vanda apertou os dentes.

— Estou muito bem.

— Ok. Então, se não te importar... — Shanna se apressou e pôs ao bebê em braços da Vanda.

— Muito obrigada.

Vanda se esticou.

— Mas...

— É muito duro com dois pequenos. — Shanna se precipitou de novo à mesa e se serviu um pouco de ponche. — Dei a Radinka a noite livre porque está esgotada. E Roman está ocupado com coisas oficiais do Aquelarre. — Fez um gesto para a pista de dança. — Deixei a Tino saltando acima e abaixo ao som da música. Espero que se canse. — Bebeu a taça de ponche e se serviu outra. — Necessito um montão de líquido. Então, está desfrutando da festa?

— Claro — murmurou Vanda. Baixou o olhar, receava incluso a olhar ao bebê. O pequeno tinha um corpo surpreendentemente robusto metido em um vestido rosa com casulos de rosa bordados ao redor do pescoço. Bochechas gordinhas e rosadas. Uma boca rosada que se abria e fechava como se fosse um pequeno peixe. Grandes olhos azuis.

Vanda tragou saliva. Os olhos da Frieda tinham sido do mesmo tom de azul. Tintos com um pouco de verde, por isso quase eram turquesa.

— Como...? — Sua voz grasnou e clareou a garganta. — Como se chama?

— Sofia. — Shanna colocou um grão de uva em sua boca. — Como a mãe do Roman, que morreu quando ele era muito jovem.

Os olhos da Vanda queimaram. Ela nunca poderia honrar a memória de sua mãe lhe dando seu nome a um filho. Escovou a manta na cabeça da Sofia com dedos trementes. Tinha o cabelo negro. Como Jozef. A velha ferida em seu coração quebrado se abriu um pouco mais e piscou para conter as lágrimas. Não podia fazer isto. Tinha que soltar ao bebê. Olhou a Shanna.

— E... eu...



— Gosta de você. — Shanna sorriu. — Por regra geral, se não reconhecer a quem a sustenta, começa a chiar.

— Mas... — Vanda baixou o olhar para o bebê. *Como pode gostar de mim?* Estou morrendo por dentro. Sofia fez um gesto com o punho no ar e moveu a boca como se queria falar.

— Vanda, aí está. — Maggie olhou ao redor da gigantesca escultura de gelo. — estive te procurando por toda parte.

O coração da Vanda deu um tombo, depois se relaxou quando viu que Maggie estava sozinha. Não havia trazido o Phil.

— Onde está ele?

— Caramba, pergunto a quem te refere. — Maggie rodeou a mesa. — Olá, Shanna.

— Maggie, como está? — Shanna lhe deu um abraço.

— Estou muito bem. E este deve ser seu novo bebê. — Maggie correu até a Vanda para vê-lo. — Doce Maria e José, que menina tão bonita.

— Obrigada. — Shanna passeou com seu prato de comida.

— Onde está Phil? — murmurou Vanda a Maggie.

— Está de guarda neste momento. Disse-me que te buscaria mais tarde. — A boca da Maggie se moveu nervosamente. — Não sabia que era tão boa com os bebês.

Vanda chiou os dentes.

— Não o sou.

Shanna mordeu uma bolacha.

— Sofia tomou gosto a Vanda.

— É muito jovem para conhecer algo melhor — murmurou Vanda.

Shanna pôs-se a rir.

— Em realidade, tem muito bons instintos no que às pessoas se refere. Ao Gregori sempre cospe e Radinka diz que o faz porque sabe que é um mulherengo descarado.

— Estou muito contente de me ter encontrado contigo, Shanna. — Maggie tirou uma foto de sua bolsa. — Tinha intenção de falar contigo de minha filha Lucy. Agora tem sete anos. E é mortal, já que seu pai, Pierce, engendrou-a antes de converter-se.

— Já vejo. — Shanna estudou a foto. — É adorável.

— O problema é que Lucy está agora na escola — continuou Maggie. — E é difícil explicar por que seus pais nunca estão disponíveis durante o dia. E nos preocupa que possa ter um deslize e dizer que seus pais são vampiros, e que seu tio avô e sua tia, são troca formas.

Vanda estremeceu e o bebê choramingou. Shanna se inclinou para lhe sussurrar palavras de consolo a sua filha.

— OH, sinto muito, Vanda — disse Maggie. — Provavelmente te surpreendi. Não muitos vampiros conhecem a existência dos cambiantes.

Vanda estremeceu.

— Já sabia deles.

Seus músculos se esticaram e um buraco negro de pânico ameaçou afligindo-a. Ficou sem ar.

— Está bem? — Shanna deixou o prato em cima de uma cadeira próxima. — Quer que agarre



à menina?

— Eu... — O olhar da Vanda se encontrou com os olhos azuis do bebê e se congelou. O tempo fluíu mais lentamente e uma suave sensação de paz se derramou sobre ela, gotejando doce e dourada como o mel. O ataque de pânico se foi. — Estou bem.

— Ok. — Com um sorriso, Shanna devolveu a foto a Maggie. — Sua filha é uma candidata perfeita para a escola que abriremos em outono. Ali teremos uns quantos filhos mortais, meninos que sabem muito, como Bethany, a filha do Jean-Luc e Heather.

— Soa maravilhoso. — Maggie deslizou a foto de volta à bolsa.

— As classes serão de noite para que os pais vampiros possam teletransportar a seus filhos à escola. — Shanna recuperou seu prato e se deteve com uma parte de queijo a metade de caminho de sua boca. — OH, Meu deus! Acabo de ter uma ideia genial. Seu foi atriz na DVN. Poderia dar classes de teatro aos alunos maiores.

A boca do Maggie se abriu.

— Eu? Ensinar?

— Sim! — Shanna sorriu. — Poderia teletransportar a Lucy à escola e ficar para dar a aula. O que pensa?

— Bom, soa mais divertido que palear guano de morcego cada noite — murmurou Maggie.

— Aí o tem. — Shanna lhe dirigiu um olhar alentador. — E seu marido também seria bem-vindo como professor.

Maggie assentiu lentamente.

— Poderíamos usar o dinheiro extra.

— Genial! Vamos procurar um par de solicitudes de emprego e um formulário de inscrição para a Lucy. Tenho-os em meu escritório. — Shanna pôs o prato de comida em cima da mesa. — Poderia cuidar da Sofia durante uns minutos? Obrigada!

— Mas... — Vanda viu com consternação como Shanna e Maggie saíam correndo. — Maldita seja! — Olhou à menina. — Você faz como se não tivesse ouvido isso.

A bebê olhou para ela, com seus olhos abertos e curiosos. Vanda suspirou.

— Suponho que está apanhada comigo.

Sofia fez o ruído de sorver. Vanda a agarrou melhor e esperou. E esperou. Tocou a bochecha da bebê. A pele se sentia tão suave e nova. A última vez que havia tocado um bebê tinha sido em 1927, quando nasceu seu irmão Jozef. Sempre tinha pensado nele como em seu bebê. Só tinha doze anos quando partiu com seu pai e seus irmãos para lutar contra a invasão nazista. Seus olhos se umedeceram. Rogou-lhe que não fora. Tinha-lhe rogado que fugisse com ela e suas irmãs. Mas o que ele queria era demonstrar que já não era um bebê, que já era maior.

Era tão jovem para morrer.

— Olá — a saudou uma voz jovem. Vanda piscou para secar seus olhos. Um menino de cachos loiros e olhos azuis ficou ao lado da mesa com os refrigerios. Estava vestido com um pequeno traje azul marinho, mas a aba da camisa tinha saído e a gravata estava torcida.

— Sou Tino. — Agarrou uma bolacha da mesa e a mordeu. Ela tinha visto o Constantine Draganesti antes, mas nunca tinha falado com ele.



— Sou Vanda.

Terminou a bolacha e agarrou outra.

— Sabe que seu cabelo é de cor púrpura?

— Sim. — Ao parecer os meninos pequenos não sabiam que deviam manter-se afastados de adultos que tinham o cabelo púrpura.

— Viu a minha mamãe? — Tino terminou sua segunda bolacha. — Me disse que viesse aqui quando me cansasse de dançar.

— Shanna teve que ir ao escritório um momento. Voltará em seguida.

Tino se aproximou da Vanda, estudando-a com curiosidade.

— O que está fazendo com minha irmã?

— Não tenho nem ideia.

Inclinou-se para examinar a cara da Sofia.

— Acredito que gosta. Quando não gosta de alguém, grita. — Inchou o peito com orgulho. — Ninguém pode gritar tão forte como minha irmã.

Não me ouviste, pensou Vanda.

— Quer ver o que posso fazer? — Perguntou Tino, e desapareceu. — Ta chán! — apareceu de pé sobre a cadeira do lado.

— Wow — Vanda ficou olhando. Tinha ouvido rumores que o filho do Roman era especial, mas não tinha compreendido que na realidade o menino podia se teletransportar. — Isso é incrível.

— Sei. — Sorriu com ares de suficiência. — Minha irmã não pode fazê-lo

— Acredito que você já é maior— disse Vanda com ironia, recordando quão rápido queria crescer Jozef.

— Sim. — Tino se sentou na cadeira a seu lado. — Tenho mais poder que Sofia.

— Poder?

Ele assentiu com a cabeça.

— Ela quer te ajudar, mas não é o suficientemente forte. Quer que o eu tente?

Vanda o olhou com receio.

— Tentar o que?

Tino apoiou sua pequena mão no braço da Vanda. Seu nariz se enrugou quando fez uma careta.

— Está sofrendo muito.

— Sou um vampiro. Não posso adoecer.

— É... uma dor muita velha — sussurrou. — Em seu coração.

Sentiu uma sensação de formigamento em seu braço, ali onde Tino a estava tocando.

— O que está fazendo?

E como demônios sabia de sua dor? O menino fez uma careta.

— Estou tratando de sanar sua dor, mas está muito profunda em seu interior.

— Não!— Vanda se escapuliu de seu assento, rompendo o contato com o menino. — Necessito minha dor. É o que sou. — Maldita seja, tinha vivido tanto tempo com ela, que não



podia imaginar não senti-la. — Isso... isso me mantém a salvo.

— A salvo do que?

— De... mais dor.

Tino parecia confundido.

— Não o entendo.

— É como... ter uma perna quebrada. A dor me recorda que tenho que tomar cuidado de não quebrar a outra. Se você tiver uma perna quebrada, não quer quebrar a outra, não?

Tino deu um puxão de sua gravata torcida.

— Eu não quero ter nenhuma perna quebrada.

Vanda lhe sorriu tristemente.

— É muito doce de sua parte querer me ajudar, mas... se quebrou faz muito tempo. E não sei como arrumá-lo.

— Tem que querer fazê-lo. — Uma voz profunda emanou de detrás da planta de um vaso de barro. Vanda ofegou quando Phil apareceu ante sua vista.

— Você... Você, não deveria espiar as pessoas. — Seu coração se acelerou. Quanto teria ouvido? Realmente acreditava que ela não queria sentir-se melhor? Maldita seja não era uma masoquista. Só estava tratando de proteger-se a si mesma.

— Só estava fazendo um controle do perímetro. — Seu olhar derivou por todo seu corpo, desde suas pernas para cima, mais à frente do bebê em seu colo, até ficar na tatuagem do morcego em seu peito. Sua boca se curvou. Vanda ignorou o formigamento que se disparou por seus braços e o olhou com ironia.

— E está tudo revisado?

— OH, sim. — Os olhos brilharam. — Todo se vê bem. — Olhou ao menino. — Olá, Tino.

— Olá, Phil. — Tino se retorceu em sua cadeira. — Quer uma bolacha? Têm pedaços de chocolate.

Phil pôs um pouco de queijo e bolachas salgadas em um prato e o entregou ao menino.

— Confia em mim. Isto é o que quer.

O menino aceitou o prato com o cenho franzido

— Mas eu queria...

— Tino. — Shanna o chamou enquanto se aproximava com a Maggie. — Espero que esteja comendo algo mais que doces.

— Sim! Vê? — Tino lhe mostrou o prato e meteu uma bolacha salgada na boca.

— Este é meu menino. — Shanna lhe beijou a frente e depois se aproximou da Vanda. — Obrigada por atender a Sofia. — Embalou a bebê, que agora dormia profundamente. — Não me tinha dado conta de quão boa é com os meninos. Deveria fazer como Maggie e adotar um.

Vanda ficou boquiaberta.

— Que ideia maravilhosa! — Maggie aplaudiu, sorrindo.

— De maneira nenhuma — protestou Vanda. Estremeceu-se ante o divertido olhar no rosto do Phil. — Tenho um clube de strip-tease, recorda?

— O que é isso? — Perguntou Tino com a boca cheia.



— E tenho um problema com a ira — continuou Vanda. — Por não mencionar o fato que estou morta a metade do tempo. — Olhou ao menino. Com sorte, seu status de não morta não seria uma surpresa para ele. Devia saber que seu pai estava morto durante o dia. Perguntou-se brevemente se alguma vez era birrento quando sabia que seu pai não estava ali para pará-lo. Podia imaginar-se a Shanna lhe dizendo: “Espera a que seu pai se levante de entre os mortos. Terá um grande problema então”.

Pouco a pouco Vanda se deu conta que todo mundo ficou em silêncio, olhando-a fixamente.

— O que? — jogou uma olhada a seu vestido para assegurar-se que a bebê não o tinha enchido de babas.

— Acaba de admitir que tem um problema com a ira — disse Phil enquanto seus olhos azuis brilhavam. — Esse é o primeiro passo para a melhoria.

— Exatamente. — Shanna assentiu com a cabeça. — Não se pode solucionar um problema até que não admitiste que existisse.

— Bom, não tem nada de particular. — Vanda se levantou e pendurou sua bolsa no ombro. — Já tive suficiente diversão por uma noite. Vamos, Maggie?

— Ainda não conhecemos a Lara — recordou Maggie.

— E não falaste comigo — disse Phil.

— Eu não... — começou Vanda.

— Excelente! — Interrompeu Shanna. — Vou dizer ao Roman que está seguindo a ordem judicial e que vais ter uma reunião com seu padrinho na terapia. Estará muito impressionado.

Maldita seja. Vanda não podia ver uma saída para essa situação. Mas o último que precisava era um novo encontro com o Phil. A seu redor, não tinha autocontrole.

— Vamos, Tino. Vamos procurar a papai. — Shanna agarrou a bolsa de fraldas e depois olhou a Maggie. — Chamarei. — Caminhou afastando-se com a bebê. Constantine disse adeus com a mão e depois correu detrás de sua mãe.

— Tenho que terminar minha ronda — disse Phil. — Nos encontraremos aqui dentro de quinze minutos. — Abraçou a Maggie, sorriu a Vanda, e partiu.

Vanda não podia deixar de admirar seu formoso traseiro enquanto cruzava a sala. Entretanto, perguntou-se por que tinha abraçado a Maggie e a ela não. É óbvio! Era seu guardião quando estavam em casa e, além disso, seu padrinho de terapia de controle. Estava proibido ter uma relação com ela e a maioria dos vampiros presente sabiam.

Portanto, sempre e quando ficassem aqui no salão de banquetes, rodeados de vampiros, teria que manter suas mãos separadas dela. Estaria a salvo de suas sedutoras manobras. E de sua própria debilidade.

Sorriu para si mesma. De repente, a festa não lhe parecia tão deprimente depois de tudo.

CAPÍTULO 9



— A que cheira exatamente uma bomba? — Perguntou Phineas.

— A problemas.

Phil caminhava pelo estacionamento fora do Romatech, farejando cada veículo para assegurar-se que os Malcontents não tinham planejado uma surpresa para os vampiros.

— E como aprendeu a fazê-lo? — Phineas o seguiu. — Treinou com a unidade canina da polícia de Nova Iorque?

— Muito gracioso. — Phil lhe deu um empurrão ao jovem vampiro negro. — Isto está limpo. Voltemos para dentro.

Dirigiram-se à porta principal. Devido à festa, estava aberta e qualquer um podia entrar caminhando. Os convidados tinham recebido instruções de chegar ao Romatech de carro, por isso eram inspecionados primeiro pelo guarda do barraco. Continuando, Connor os comprovava a todos no vestíbulo. Howard Barr estava no escritório de segurança a cargo dos monitores para assegurar-se que ninguém se teletransportava no terreno ao redor.

Phil e Phineas se alternaram para perambular pelos jardins e as instalações. Até o momento, tudo ia sobre rodas.

Phil tinha reservado uma sala de conferências perto do salão do banquete. Tinha chamado ao sacerdote cedo pela manhã para lhe explicar sua teoria sobre o passado da Vanda e o pai Andrew tinha querido ver o DVD da entrevista. Agora estava na sala de conferências, olhando-o.

Phil entrou no vestíbulo.

— Tudo espaçoso — informou ao Connor.

— Bem — respondeu o escocês. — Podem tomar um descanso agora. — Olhou ao Phineas severamente. — Não beba muito, moço.

— Aye, aye, capitão Connor. — Phineas o saudou, precipitando-se para o salão de banquetes.

Phil passeou pela ruidosa sala e jogou uma olhada à longínqua esquina onde tinha encontrado a Vanda antes. Sorriu para si mesmo, recordando o formosa e doce que estava com seu vestido prateado e o bebê nos braços. Tinha tanto amor para dar se simplesmente pudesse superar a dor de seu passado.

— Olá, Phil — o saudou uma voz alegre.

— Lara — deu um abraço à prometida do Jack. — Como está?

— Esgotada. — Se acariciou o cabelo dourado avermelhado passando-o sobre o ombro. — Deve ter demorado mais de uma hora cumprimentar todo mundo. Dói-me a mandíbula de tanto sorrir e agora não posso recordar os nomes da metade dos convidados.

Phil assentiu com a cabeça.

— O fará, com o tempo.

— Jack me disse que por aqui havia comida de verdade.

— Lá. — Phil assinalou para a longínqua esquina.

— Bem. Vou comer algo rápido enquanto Jack dança com a LaToya. Conheceu minha companheira de apartamento?

— Ainda não. Estive de guarda.



Lara lançou um olhar nervoso para a pista de dança.

— LaToya se negou a ser minha dama de honra até que dissesse a verdade sobre o Jack, assim que lhe disse ontem à noite. Jack queria estar ali em caso que se voltasse completamente louca e precisasse apagar sua memória.

Phil reconheceu ao Jack na pista de baile com uma jovem mulher negra vestida de vermelho.

— Ela está bem?

— Está um pouco... alucinada. Sempre soube que havia algo diferente no Jack. Mas pensava que era um super-herói, assim agora está um pouco decepcionada. É óbvio, eu sim acredito que é um super-herói.

— É óbvio.

Lara se aproximou.

— Não lhe contei seu segredo.

— Obrigado.

— Bom, será melhor que vá por um pouco de comida. — Se apressou e saudou o Phineas que voltava com um copo cheio até o bordo com o *Blissky*. Tomou um comprido gole da mescla de sangue sintético com uísque e fez uma careta.

— Merda, isto está bom.

Phil negou com a cabeça, sorrindo.

— Connor saberá.

— Não se tomo uma destas depois. — Phineas lhe mostrou um pacote de pastilhas Vampos e depois guardou o pacote de pastilhas de hortelã no bolso das calças negras.

Phil sabia que essas pastilhas eram para depois das comidas dos vampiros, eliminavam aroma de sangue no fôlego, mas não estava seguro que também eliminasse o cheiro a uísque. Em qualquer caso, não era seu problema. Olhou para a esquina onde se supunha que tinha que encontrar-se com a Vanda em cinco minutos.

— Alguma notícia sobre o Max o mini membro?

Phineas soltou um bufido.

— Trocou o nome ao filho de puta. Eu gosto. Mas ainda não o encontraram. — Bebeu mais *Blissky*. — Estou feliz de seguir indo aos *Diabos Quentes* para me assegurar que as senhoras estão bem.

— Como as duas garotas de ontem à noite?

— O que quer que te diga? Às damas adoram passar um momento com o doutor Phang. — Phineas se ajustou a gravata do laço. — Me pareço com o James Bond com este smoking, não crie? Vou parecer forte em minha entrevista de esta noite com a Lisa. Pensa que sou um super espião.

— Qual é Lisa? A loira?

Phineas franziu o cenho, considerando-o.

— Acredito que sim. Ou poderia ser a morena. — Se encolheu de ombros. — Não importa. O doutor Amor dá as mesmas oportunidades às garotas com encanto e uma garota bonita é um deliciosa presa igual à outra.



Phil soltou um bufido.

— Um dia comerá suas próprias palavras. — Se imaginou a Vanda em sua mente. — Um dia encontrará com alguém especial que te porá de joelhos com um simples sorriso. Alguém que capturará sua alma com um único olhar de seus bonitos olhos. E em um momento o mundo inteiro se reduzirá e se inclinará sobre seu eixo para apontar só em sua direção. E saberá que te encontraste com seu destino.

Crash.

Phil deu um coice quando o copo do Phineas se fez pedacinhos no chão, os fragmentos brilhando em atoleiro do Blissky. A mão do jovem vampiro se congelou no ar. Parecia aturdido.

— Phineas? — Phil lhe tocou o ombro. — Está bem?— Permaneceu quieto, com os olhos muito abertos e sem pestanejar. — Phineas.

Phil o sacudiu, mas não teve nenhum efeito. O jovem vampiro parecia completamente paralisado. *Beladona?* Por um segundo comissionado se alguém tinha deslizado a droga paralisante na bebida do Phineas. Havia um Malcontent à espreita entre eles? Mas não, não podia ser beladona. Tê-la-ia feito cair ao chão antes que a paralisia se estendesse por seu corpo.

— Quem...? — Sussurrou Phineas tão fracamente que Phil não esteve seguro de havê-lo ouvido. Entretanto isto era um bom sinal. Se Phineas tivesse sido drogado com beladona não seria capaz de falar.

— Quem...? Quem é ela? — Sussurrou Phineas. Phil seguiu o olhar do vampiro. A pista de dança. Havia vários casais ali. Shanna estava com seu marido. Jean-Luc estava dançando com a Heather. Gregori estava dançando com a modelo, Inga. E Jack, dançando com...

— LaToya? A garota de vermelho?

— LaToya? — Phineas a olhou.

— É a companheira de apartamento da Lara.

— É uma deusa.

— É a dama de honra.

— É um anjo — respirou Phineas.

— É agente de polícia.

Phineas piscou. Sacudiu visivelmente um calafrio e se girou para o Phil com uma expressão consternada.

— Eu... não me levo muito bem com os policiais. Tenho pendente uma ordem de detenção.

Phil fez uma careta.

— Isso poderia ser um problema.

O olhar do Phineas retornou para a LaToya e seus olhos castanhos se abriram em um olhar de assombro. Endireitou os ombros.

— Nada me deterá.

Deu um passo para diante. Quando os sapatos fizeram ranger os cristais do chão, Phil puxou-o.

— Espera um minuto.

Fez um gesto a um dos garçons para que limpasse a desordem. Phineas ficou rígido de



repente e agarrou o braço do Phil.

— Viu? Olhou-me!

Phil jogou uma olhada à pista de dança e, efetivamente, LaToya estava olhando ao Phineas.

— Estou apaixonado — sussurrou Phineas. Isso ia rápido. Phil reprimiu um sorriso.

— O que acontece a sua entrevista com a Lisa?

— Quem?

— Lisa. A loira... ou a morena. As duas são Vamps como você. LaToya é mortal. — Apesar de que uma grande quantidade de vampiros machos estava caindo apaixonados por mulheres mortais, Phil sabia que os meninos lamentavam profundamente o fato que teriam que transformá-las em algum momento ou perde-las as mãos dos estragos do tempo.

Phineas suspirou.

— LaToya é La Única. La Angel.

— Ok, Pepe O Pew, mas ainda não a conhece.

Phineas deu um passo atrás quando dois garçons se aproximaram com uma pá, um cubo e uma faxineira.

— Vou conhecê-la a agora. — Se meteu um *Vampos* na boca e voltou a guardar as pastilhas no bolso da calça. — Tenho que me comportar com serenidade, tio. Levantar o molho. Impressioná-la com meu *savoir faire* e minha elegância. — Se desabotoou a jaqueta do smoking para revelar um faixa vermelho brilhante. — O doutor Amor está em casa. Vamos, colega. Pode ser meu ajudante. Faça ficar bem.

— Fá-lo-ei o melhor que possa.

Phil acompanhou ao jovem vampiro negro até a pista de dança. Phineas apertou uma mão contra sua faixa e de repente começou a caminhar como John Wayne.

— O que está fazendo? — Sussurro Phil.

— É meu andar de fanfarrão. As mulheres não podem resistir.

— Está seguro que é o melhor a fazer para te aproximar de uma oficial de polícia?

— OH, sim. — Phineas sorriu. — Está funcionando, colega. Não pode apartar seus olhos de mim.

— Não estou seguro que isso seja algo bom — murmurou Phil.

A música se deteve e Jack os viu.

— Phil, Phineas, como estão? Conhecem a amiga da Lara, LaToya?

Phil lhe estreitou a mão.

— Um prazer te conhecer. Posso te apresentar ao Phineas McKinney, um valioso membro da equipe do *MacKay Security and Investigation*?

— E chefe das Forças Especiais Antiterroristas Malcontents, mas não posso falar disso. — Phineas agitou a mão. — Coisas de alto segredo, já sabe.

Jack lhe dirigiu um olhar irônico.

— Isso é um segredo bem guardado.

LaToya franziu o cenho.

— Sério?



— É óbvio. — Phineas tomou a mão da LaToya. — Não se preocupe carinho. Não vou assustar te contando os horríveis detalhes de minhas missões como super espião, nomeie em código doutor Phang.

— Presa? — LaToya retirou bruscamente sua mão e se aproximou do Jack. — É um vampiro?

— Um dos bons — sussurrou Jack. — Como eu.

— O jurado segue deliberando sobre essa questão — murmurou LaToya. Jack suspirou.

— E tem um ouvido excelente.

LaToya se girou para o Phineas e soprou quando viu que a estava comendo com os olhos.

— Não me olhe o pescoço, chupão.

— Bebe sangue sintético, como o resto de nós — disse Jack. Phineas executou uma galante reverencia.

— Poderia beber de sua majestosa beleza durante toda a eternidade.

— Você não beberá nada de mim — disse LaToya e depois se girou para o Jack. — Vi os buracos no pescoço da Lara quando voltou dessa missão encoberta. Nesse momento não soube o que significava, mas se voltar a fazer isso...

— Não podia fazer outra coisa — interrompeu Jack. — Estava me fazendo passar por um Malcontent, assim tive que atuar como tal.

— Só te estou advertindo. — LaToya o assinalou com o dedo. — Se vir mais marca de mordidas em minha amiga, irei atrás de ti como um crocodilo atrás de um frango morto. E você — se girou para o Phineas. — Não acredito que consiga nada de mim com seu super molho. No que a mim respeita, não é mais que um corpo morto encerrado em um smoking de luxo.

— Sou o doutor Amor, carinho. Tenho o remédio para isso.

— É um doutor morto. Não me importa quão bonito seja. Não me interessa!

LaToya partiu. Jack deu um coice.

— Sinto muito, velho. Neste momento está um pouco sensível sobre o tema dos vampiros.

Phil deu ao Phineas uns tapinhas nas costas.

— Possivelmente volte com o tempo.

Phineas sorriu lentamente.

— Disse que eu era bonito. Ouviram-no? — Alisou-se para trás seu cabelo curto. — O doutor Phang ataca de novo. A perseguição está em marcha.

— Deveria tomar as coisas com calma — o advertiu Phil, mas o doutor Amor tinha partido seguindo a LaToya.

Phil suspirou. Nem sequer ele podia seguir seu próprio conselho. Agora que sabia que Vanda estava realmente interessada nele, perseguia-a tão rápido como podia. Felicitou ao Jack e depois correu à sala de conferências para assegurar-se que o pai Andrew estava preparado.

E então, de algum jeito, ia levar a Vanda até ali para a reunião.

Por fim resultou que Vanda não teve nenhuma necessidade de fazer fila para encontrar-se com a prometida do Jack. Depois que Maggie e ela preparassem mais dois copos do *Bubbly Blood*, voltaram para a esquina detrás da mesa com os refrigerios para mortais e a encontraram por ali.



Lara as pôs ao corrente dos planos de bodas e seguidamente, Maggie tirou as fotos familiares e descreveu o rancho do Texas. Vanda se sentou, bebendo seu *Bubbly Blood* enquanto esperava que Phil voltasse. Não é que tivesse pressa por vê-lo. Até estava molesta porque ele farejasse em seu passado.

Constantine retornou com vontades de mais bolachas, assim Maggie o distraiu com as fotos do rancho.

— Posso ir? — Perguntou Tino. — Quero montar a cavalo.

— Eu adoraria que me visitasse. — Maggie lhe deu um abraço. — Falarei disso com sua mãe. Lara encheu um prato com camarões e depois salpicou por cima com molho picante.

— Assim, me diga Vanda, o que faz para ganhar a vida?

— Tenho um... — olhou ao menino de. — Um clube de dança.

— Posso ir? — Perguntou Tino.

— Não! — Vanda e Maggie responderam com rapidez.

— Mas eu gosto de dançar. — Tino saltou para a mesa para agarrar uma bolacha.

— É só para adultos, — explicou Maggie e a seguir, seus olhos se abriram como pratos. — Lara, seria o lugar perfeito para uma despedida de solteira.

Lara arqueou as sobrancelhas.

— É esse tipo de lugar?

— Exatamente — respondeu Vanda. — Mas com vampiros machos... dançando.

— Quero dançar — disse tino. Lara suspirou.

— Soa interessante, mas não sei se poderemos fazer que minha dama de honra esteja de acordo. Ela está um pouco...

— Disse-te que te mantivesse afastado de mim! — Uma voz interrompeu a Lara. — Se vier detrás de mim outra vez, estar-te-ei golpeando a traição durante toda uma semana, entendeste-me? — Uma jovem mulher negra com um vestido vermelho entrou na área da esquina. — Lara, este Negrácula me espreita.

— Quem, Phineas? — Lara saudou o jovem vampiro com um gesto lhe indicando que ficasse atrás e baixou a voz. — LaToya, é um bom tipo. Acredito que se parece com o Denzel.

LaToya cruzou os braços com raiva.

— Um Denzel morto.

— Foi um dos vampiros que me resgataram do complexo Apolo — continuou Lara. — Ajudou a resgatar a todas as garotas. É valente e leal.

— Não me importa — se queixou LaToya. — Segue sendo um deles. Não sei como pode suportar estar perto deles.

Lara fez uma careta.

— LaToya, apresento ao Constantine, Maggie e Vanda.

LaToya lhes sorriu.

— Olá. — Deu uns tapinhas na cabeça a Tino. — Não é uma macacada? Vieste com sua mamãe? — Olhou de novo a Maggie e a Vanda, como se tentasse averiguar qual delas era a mãe.

— Sim — disse Tino. — Quer uma bolacha?



— Não estaria mal agarrar uma. — LaToya agarrou um prato e rodeou a mesa, servindo-se ela mesma. — Graças a Deus encontrei um lugar onde as pessoas normais estão no momento.

Vanda deixou a taça vazia no chão, debaixo da cadeira.

— O que tem contra os vampiros?

— Ah, o normal. — LaToya fez estalar uma uva na boca. — Que durante o dia estão mortos e viscosos, e provavelmente, empestam.

— Isso não é bom. — Constantine franziu o cenho enquanto comia a última bolacha.

— LaToya, te acalme — sussurrou Lara. — Estou apaixonada por um vampiro.

— Sei. — LaToya fez uma careta enquanto colocava um camarão em seu prato. — E agora quer deixar a polícia para trabalhar para essa estúpida companhia de vampiros.

— *MacKay Security and Investigation* — disse Lara. — Poderei trabalhar ao lado do Jack.

— Eu gosto de Jack. — Tino estava perto da mesa olhando às mulheres discutir.

— O que diga. — LaToya orvalhou os camarões com molho picante. — O único que sei é que vim à Nova Iorque contigo para ser oficial de polícia e agora, você renuncia. Bem poderia voltar para casa. Pelo menos ali não teria que lutar com um montão de horripilantes vampiros.

— Onde está sua casa? — Perguntou Maggie.

— Em Nova Orleães. — LaToya colocou um camarão na boca. Maggie se tampou a boca para ocultar seu sorriso, mas Vanda não foi tão cortês. Soltou uma risada e perguntou:

— Não há vampiros em Nova Orleães?

— Maldita seja. — LaToya baixou o prato. — Não se pode escapar desses monstros.

— Não são monstros — resmungou Tino.

— Está bem, carinho. — Lara alvoroçou os cachos do pequeno. — Som pessoas reais. E têm sentimentos reais. — Olhou severamente a LaToya. — Feriste os sentimentos do Phineas e não o merece.

— Está bem. Farei ter sabor da Negrícula exatamente quanto o sinto.

LaToya partiu. Lara a olhou ir-se e se girou de novo para a Maggie e Vanda com um olhar confuso em seu rosto.

— Pareceu-me muito fácil. Está acostumada a ser muito mais teimosa.

— Talvez mudasse de opinião. — Maggie ficou de pé para observar a multidão. — Onde está?

— Ali. — Lara assinalou para o bar. — Agarrou uma bebida Vamp.

— Possivelmente a vai levar ao Phineas — sugeriu Maggie. — Seria um bom gesto.

Vanda se aproximou da mesa dos refrigerios para olhá-la de perto.

— Não acredito que seja uma oferenda de paz. O molho picante desapareceu.

— Essa coisa vermelha? — Perguntou Tino. — A vi agarrá-la.

Lara ficou sem fôlego.

— Tenho que detê-la. — Correu atrás de sua companheira de apartamento.

— Devemos advertir ao Phineas — disse Maggie observando a multidão. — O vê?

Vanda jogou uma olhada por todo o salão e depois baixou o olhar quando algo puxou seu vestido. Constantine apertou a saia em sua mão com os olhos cheios de preocupação.



— Vai passar algo mau? Por que a essa senhora não gosta de Phineas?

— Simplesmente não o conhece — explicou Vanda. — Uma vez que chegue a conhecê-lo, estou segura que gostará.

— Vejo-o. — Maggie assinalou para a pista de dança. — Está ao lado do grupo de música.

Com rapidez, Vanda serviu um copo de ponche e o pôs nas mãos do pequeno.

— Pode levar isto a sua mamãe? Tem muita sede.

— Está bem. — Tino se dirigiu de novo para a pista de dança, sustentando cuidadosamente o copo de ponche. Maggie jogou a Vanda um olhar apreciativo.

— É realmente boa com os meninos.

Vanda encolheu os ombros.

— Vamos, temos que chegar até o Phineas antes que o faça LaToya.

Maggie e ela contornam a mesa, mas se detiveram abruptamente quando Corky Courrant fez uma grande entrada no salão de banquetes. Seguia-a um câmara gravando a cena.

— OH. Genial — murmurou Vanda. — Quem a há convidado?

— Informa de todas as grandes festas. — Maggie puxou a Vanda para um grande vaso de barro. — Se te vir, começará a te gritar.

— E? Não tenho medo.

Vanda ficou de novo à vista e Maggie puxou-a novamente.

— Tentará provocar uma briga. Quer que todos pensem que é violenta.

— Sou violenta.

Vanda deu um passo adiante.

— Não quer provocar uma cena. — Maggie segurou seu braço. — Arruinaria a festa de compromisso da Lara.

Vanda viu a LaToya na pista de dança, entregando uma taça ao Phineas.

— Parece que alguém vai arruiná-la primeiro.

Enquanto isso, não teve que preocupar-se que Corky a visse. Um grupo de vampiros bem vestidos se reuniram ao redor da jornalista, sem dúvida com a esperança de aparecer em seu próximo show.

— Sem aglomerar — lhes sussurrou Corky. Levava um brilhante vestido negro com o sutiã baixo para mostrar seus peitos operados. A saia lhe chegava justo em cima dos joelhos.

Vanda recordou que um dos prendedores que tinha sabotado era negro. E que alguma das calcinhas que tinha alterado também eram negras. Olhou ao Maggie sarcasticamente.

— Acredito que Corky terá um show maior do que esperava.

Maggie franziu o cenho.

— O que quer dizer?

Corky se plantou diante da câmara e falou por um microfone, sua voz afogada sob o estrondo do resto.

— Aqui Corky Courrant, informando para o programa *“Vivendo com os não mortos”*. Esta noite estamos na elegante festa de compromisso do Giacomo da Veneza, conhecido pelo Jack para seus amigos próximos, como *moi*. Recentemente surgiram alguns rumores. Eu sei a verdade, é



óbvio, assim vou confirmar que Jack é, em realidade, filho do famoso libertino Giacomo Casanova. — Corky assumiu um gesto trágico em seu rosto. — Mas temo que outros os rumores também são verdadeiros. Dói-me ter que lhes dizer isto, mas Jack é, de fato, ilegítimo. E não só é um bastardo, se não que se apaixonou por uma comum mortal. Uma vez mais, um homem rico e bom partido, trouxe a vergonha sobre a sociedade vampira ao casar-se a baixo de seu nível.

— Basta! — Jack empurrou atravessando a multidão para fazer frente à jornalista. — Não permitirei que insulte a minha esposa!

— Jack — Corky sorriu maliciosamente. — Que bom que me conceda uma entrevista...

— Aarrgh! — Gritou uma voz rouca. Um copo se fez pedacinhos na pista de dança.

A multidão se girou para ver o que se estava passando. Phineas tinha caído sobre a pista de dança com as mãos sujeitando a garganta enquanto se retorcia em agonia. Lara se ajoelhou a seu lado enquanto LaToya se afastava, rodeando a multidão para chegar à saída.

— Foi envenenado! — Gritou alguém entre a multidão.

Jack abriu passo para chegar até o Phineas. Jean-Luc e Roman se reuniram ali com ele. Lara lhes sussurrou enquanto os rumores sobre venenos se estendiam rapidamente por todo o salão.

— Estamos sob ataque! — Gritou um vampiro macho. — Faz soar o alarme!

— São os Malcontents! — Gritou outro vampiro — vão envenenar-nos a todos!

Os copos caíram ao chão por todo o salão. O ruído de cristais quebrados acentuavam os gritos de medo. Vampiros desesperados saíram correndo para o vestibulo. Connor bloqueou a saída com a espada teletransportada.

— Ninguém sai das instalações até que encontremos ao responsável!

Os vampiros lhe gritaram, pedindo que os deixasse sair. Outros se amontoaram em grupos, chiando e olhando freneticamente ao redor. Vanda negou com a cabeça. Vá grupo de covardes. Considerou ir até o Connor para lhe contar o que havia passado, mas se deu conta que Jack já ia para ele.

Corky se colocou perto de um grupo de vampiros chorosos e sorriu alegremente à câmera.

— O caos estalou! Nunca em minha vida estive em uma festa tão desastrosa! — Agitou os braços mostrando a cena que tinha detrás.

— Doce Maria e José, — sussurrou Maggie. — Corky vai falar disto durante semanas.

A jornalista fez um gesto para o Phineas, que estava retorcendo-se de dor no chão.

— Morrerá este pobre vampiro? Mantenham-se em sintonia depois de ver os anúncios de meu patrocinador, Vampos, para averiguá-lo.

— Posso me esconder aqui com vocês? — Sussurrou alguém detrás da Vanda. Girou-se para encontrar-se com a LaToya agachada detrás de um vaso de barro.

— Deveria ter vergonha! — Acusou-a Maggie. — Phineas está sofrendo.

— Não sabia que ia doer lhe tanto. — LaToya deixou a garrafa de molho picante sobre uma cadeira. — Só queria que me deixasse em paz. E agora que seu colega escocês tem a entrada bloqueada, não posso sair.

— Deve dizer ao Connor o que fez — disse Maggie. — Todos acreditam que estamos sob ataque dos Malcontents.



— Acredito que Connor sabe. — Vanda assinalou em direção ao Jack e Connor, que estavam sussurrando entre si.

— Maldita seja. — LaToya franziu o cenho em direção ao Phineas. — Não acreditei que fosse fazer lhe tanto dano. Quero dizer, já está morto! Como algo poderia ser pior?

— Podemos ser mais vulneráveis do que a gente pensa — disse Maggie. — A pobre Vanda quase morre o outro dia quando a atacou uma serpente.

LaToya ficou boquiaberta.

— Quer dizer que as duas são...?

Vanda lhe deu de presente um grande sorriso mostrando suas presas.

— OH, Merda. — LaToya se esfregou a frente. — Realmente a tenho feito boa.

— Já estamos de volta! — A voz do Corky encheu o salão enquanto falava pelo microfone. — Como podem ver o vampiro envenenado não morreu... ainda. Mas a esperança é eterna.

— Senhorita Courrant. — Jack deu um passo para ela e o câmara o enfocou para gravá-lo. — Deixe-me lhe dizer que isto não é um ataque Malcontent. Um de nossos convidados bebeu acidentalmente um pouco de molho picante. Isso é tudo. Esperamos que sua recuperação seja rápida e completa.

Corky olhou ao Jack, duvidando.

— E se fosse um ataque Malcontent, admiti-lo-ia? Diga-me a verdade agora. Acaso sua desastrosa festa de compromisso prediz um igualmente matrimônio desastroso?

Jack ficou tenso.

— É óbvio que não!

Corky se burlou.

— A evidência é clara. Seu matrimônio está condenado!

Flap!

Corky saltou quando um dos suspensórios de seu prendedor saiu de seu sutiã. Olhou para baixo enquanto o segundo tirante também se rompia e lhe dava uma bofetada na cara. Seus pesados peitos caíram.

A multidão, que até aquele momento estava aterrorizada, agora estalou em gargalhadas.

— Não façam isso! Vou arruiná-los a todos! — Corky tentou cobrir seus peitos enquanto olhava para a câmara. — Cortem!

Maggie abriu a boca e se girou para a Vanda.

— O que fez?

Vanda sorriu.

— Uma armadilha para bobos. — Deu um passo à frente para ver melhor. — E com um pouco de sorte...

— Aaagh! — As calcinhas negras da Corky lhe caíram até os tornozelos. Seu rosto ficou vermelho de raiva enquanto esquadrinhava a multidão sorridente. — Alguém me sabotou! Vou averiguar quem foi e o farei pagar!

Um forte braço agarrou a Vanda e puxou-a para trás.

— Phil! O que está fazendo aqui?



— O que está fazendo, Vanda? — Olhou a Corky, que agora lançava insultos para a multidão.

— Não deixe que te veja. Saberá que foi você. — A arrastou de novo.

— Não tenho medo. E aonde me leva?

— Há uma saída de emergência atrás do cenário.

Vanda tentou cravar seus talões, mas os saltos de agulha somente cambalearam.

— Não vou a nenhuma parte contigo.

Olhou-a, divertido.

— Tem medo?

— Diabos, não. — *Diabos, sim.* Cada vez que estava a sós com ele, perdia todo domínio sobre si mesmo e terminava o beijando.

Puxou-a através de umas portas duplas oscilantes para um corredor deserto.

— Por aqui.

— Nem sequer tente me beijar de novo. Está proibido. Poderia te denunciar e te encontraria metido em graves problemas.

— Ou poderia te dar um sexo tão alucinante que acabaria me pedindo mais.

— Ha! Eu nunca peço nada.

Deteve-se bruscamente e tomou entre seus braços tão rápido, que acabou estrelando-se contra seu duro peito. Ficou sem fôlego e o ritmo cardíaco subiu a toda velocidade. Ele se inclinou para diante, o morno fôlego se chocando contra sua frente.

— Nunca diga nunca, carinho. Você gosta de me beijar.

— Não o faça. — OH, Deus, sentia-se tão bem. Seus lábios lhe roçaram a maçã do rosto.

— Estava-me proibida faz anos e eu obedeci às regras. Era jovem e tolo. Já não. — Lhe acariciou o pescoço.

— Phil — sussurrou e se apertou contra ele. Era tão forte e quente.

— Não precisamos regras. Somos rebeldes. — Lhe chupou o lóbulo da orelha.

— Sim. — Lhe envolveu o pescoço com os braços. — Beije-me. Agora.

Tornou-se para trás.

— Me está pedindo isso?

— Não. — o olhou. — Vou fazer te rogar.

Ele riu entre dentes.

— Isso pensei. Mas primeiro temos alguns assuntos que atender. — A levou longe pelo corredor.

— Que assuntos?

Abriu uma porta e a fez passar para o interior.

— Sua primeira sessão para o controle da ira.

— Minnnnnha quêêêêê?

Ficou sem fôlego quando viu sua imagem congelada na imagem do televisor.

— Boa noite, minha filha.

O pai Andrew ficou ao lado da mesa de conferências. Phil tinha mostrado sua entrevista ao sacerdote? Como podia fazer isto a ela? A cólera disparou, atravessando-a. Agarrou uma cadeira.



— Quer um pouco de ira? Vou dar ira! Controla isto!

CAPÍTULO 10

— Ao chão!

Phil gritou ao sacerdote enquanto Vanda lançava a cadeira ao outro lado da mesa de conferências. A cadeira se estrelou contra a parede, trincando as placas de gesso a um metro e meio de distância do pai Andrew, que se agachou debaixo da mesa. Com a velocidade de vampiro, Vanda agarrou outra cadeira, mas Phil a arrancou das mãos e a agarrou pelos pulsos.

— Deixe ir! — gritou. Não era tão forte como um vampiro macho, mas em todo o esplendor de sua raiva, estava bastante perto.

Phil lutava por sujeitá-la bem. Sempre poderia dar rédea solta a seu lobo interior e a ter imobilizada em um segundo, mas se conteve. Ela estava muito zangada.

Empurrou-a contra a parede, sujeitando seus pulsos aos lados da cabeça.

— Como seu padrinho nesta terapia, tenho-te que dizer que...

— Você não é meu padrinho. — Tentou lhe dar uma joelhada. Ele se retorceu e a acolheu com os quadris.

— Deixe-me ir, traidor!

— Te acalme e te soltarei.

Ela o olhou com seus olhos de um cinza tormentosos. Baixou a voz até o mais direto dos sussurros.

— Di-lo-ei.

Assim que o ameaçava contando ao sacerdote que tinham compartilhado beijos proibidos enquanto estava a seu cargo.

— Fá-lo. Então me despedirá e serei livre para te levar a cama esta noite.

— Maldito seja — disse vaiando, o fôlego lhe roçando a bochecha. Elevou a voz. — Estou bem agora. Pode me soltar.

Ele se tornou para trás.

— Não mais cadeiras voadoras?

— Só se você está sentado nela.

Soltou-a.

— Sei que está molesta, mas em realidade só quero te ajudar.

Separou-se dele, esfregando os pulsos.

— A isto chama me ajudar? Vós dois conspirando contra mim? Merda estúpida de terapia. Quer examinar todas minhas velhas feridas, as empurrar e cravar até que sangrem. Para que? Não conseguirá que desapareçam.

— As ignorando tampouco fará que partam.

— Disse-te que deixasse meu passado em paz. — O fulminou com o olhar. — Confiava em ti.



— Confiança traída — murmurou o pai Andrew enquanto tirava uns papéis da carteira e os colocava sobre a mesa. — Acredito que seria um bom ponto de partida. — Olhou para a Vanda. — Me desculpo por este... planejamento tão pouco ortodoxo, mas tememos que pudesse negar a assistir de outra maneira.

— E tem toda a maldita razão — se queixou Vanda. — Odeio essa merda de terapia. Não necessito terapia de controle.

O sacerdote olhou as placas de gesso rachado onde se estrelou a cadeira.

— Eu discordo. Toma assento, por favor.

Ele se sentou e colocou os óculos para ler. Vanda se dirigiu para o final da mesa, mas não se sentou. Phil podia sentir a tensão que irradiava. Era como um gato selvagem rondando dentro de uma jaula fechada com chave. O pai Andrew fez uma nota na folha que havia na parte superior do montão de papéis.

— Dei-me conta que chamaste traidor ao Phil.

Franziu o cenho ao Phil.

— É-o.

— Depois de ver sua entrevista, posso entender por que a traição seria um tema delicado para ti — continuou o sacerdote. — Acredita que sua irmã Marta te traiu?

— Não acredito nada sobre ela. — Vanda se dirigiu à televisão e a apagou. — Para mim está morta, igual ao resto de minha família.

— Ela te converteu em vampiro — disse Phil.

— Não! — Vanda se girou para ele. — Sigismund me trocou. Marta só me mordeu e bebeu de mim até que estive muito fraca para combater. E depois me apresentou a seu novo noivo como o prato principal do jantar.

— Definitivamente alberga um pouco de raiva para ela — observou o pai Andrew.

— Por que deveria estar zangada? — Vanda expulsou o DVD do reproduzidor. — Marta não fez nada. Ficou ali observando enquanto seu noivo me trocava e nossa irmã pequena morria em uma cova próxima. Ela não fez nada!

— Me soa como a traição — disse Phil.

— Não quero falar disso! — Vanda rompeu o DVD em dois e lançou os pedaços ao Phil. — Deixe-me em paz.

Evitou as peças volantes.

— Não posso.

Dirigiu-se para ela. Vanda grunhiu e agarrou outra cadeira. Ele a agarrou mantendo-a abaixo enquanto se inclinava para diante iniciando uma batalha de olhares. Ela arqueou uma sobrancelha e se negou a dar marcha atrás. O sacerdote pigarreou.

— Sabe se Marta segue viva? Ou não morta, diria eu.

Vanda deixou de lado a cadeira e se afastou do Phil.

— Não sei. A quem importa?

— Poderia ser a única família que tenha — continuou o sacerdote. — Acredito que deveria vê-la.



— De maneira nenhuma.

O pai Andrew estalou a pluma e escreveu uma nota em um de seus papéis.

— Tenho um bom amigo na Polônia. Um sacerdote que foi comigo ao seminário anos atrás.

Vou pedir-lhe que procure o paradeiro de sua irmã.

— Não quero vê-la!

O sacerdote contemplou a Vanda com severidade olhando-a por cima de seus óculos.

— Tenho uma tarefa para ti. Quero que pense seriamente em perdoar a sua irmã.

— O que? — Vanda olhou ao sacerdote como se de repente-lhe tivessem crescido duas cabeças.

— Que idade tinha Marta quando fugiram para as montanhas? — Perguntou Phil.

Vanda apertou os dentes.

— Quinze, mas...

— Era uma menina — disse o pai Andrew.

— E Sigismund provavelmente tinha sua mente sob controle — adicionou Phil.

— Não me importa! — Gritou Vanda. — Deixou que Frieda morresse! Não a vou perdoar. Não posso.

O pai Andrew tirou os óculos.

— Perdoá-la não significará que aprove o que fez. Não precisa perdoá-la por ela. Precisa-o por ti mesma, para poder deixar a dor atrás e começar a viver de novo.

— Por que devo viver quando todos outros estão mortos? Todo mundo que amava está morto! Depois me dirá que perdoe aos condenados nazistas. — Vanda correu para a porta e a abriu. — Deixe-me no inferno em paz! — Correu pelo corredor.

Phil parou na porta, olhando-a.

— Devo me assegurar que está bem.

O sacerdote suspirou enquanto colocava os papéis na carteira.

— Talvez a estamos empurrando muito. — Ficou de pé e guardou os óculos em um bolso. — Estava um pouco preocupado quando explodiu, mas parece estar capacitado para dirigi-la.

Infelizmente, dirigir a Vanda era no único que Phil podia pensar ultimamente.

— Deu-lhe muito no que pensar. Deveria deixá-la um tempo para que o assimile.

O pai Andrew assentiu com a cabeça e recolheu suas coisas.

— Estarei em contato, então. Obrigado por sua ajuda. — Deu uns tapinhas ao Phil no ombro e depois se dirigiu para o salão de banquetes. Phil foi na direção oposta, à caça da Vanda. Com seu superior ouvido, captou o débil tamborilar dos sapatos de salto no chão de mármore.

Então parou. Devia ter abandonado o corredor e entrado em uma habitação atapetada. Mas qual? Felizmente, também podia confiar em seu superior sentido do olfato. Seguiu o doce aroma de jasmim de seu xampu para o cabelo e a seguiu até o final da sala onde se encontrava a capela.

No dia seguinte de noite, o pai Andrew celebraria missa na capela do Romatech. Estavam acostumados a assistir uma vintena de vampiros, mais se depois ofereciam sangue sintético na sala comum.

Phil se deteve frente às portas que levavam a sala comum. O aroma da Vanda persistia ali,



como se se tivesse ficado quieta vários minutos debatendo o que fazer. Baixou o olhar para a ranhura debaixo das portas. Até estava escuro. Com sua visão noturna superior, não se tinha incomodado em acender as luzes.

Abriu a porta sem fazer ruído e se deslizou em seu interior. Sua visão noturna também era excelente e viu várias mesas nuas no centro da sala e várias cadeiras vazias amontoadas contra as paredes. Jogou uma olhada ao teto. Não havia câmeras de segurança. O que passasse aqui manter-se-ia em privado.

Ao outro lado da habitação, Vanda estava na janela olhando as estrelas. A porta rangeu brandamente quando a fechou. Ela se enrijeceu, mas não deu a volta.

— Vai-te.

Havia um fio de dor no tom de sua voz. Estava chorando ou a ponto de fazê-lo. Ele se moveu lentamente para ela.

— Estava preocupado por ti.

— Alguma vez faz o que lhe pedem, não? Disse-te que fosse. — Se deu a volta para olhá-lo. — Também te disse que não farejasse em meu passado, mas o fez deliberadamente contra meus desejos. Inclusive contou tudo ao sacerdote. Como pôde? Não crê que já estou suficientemente fodida? Tem que expor minhas feridas para que todo mundo as veja?

Ele parou ao lado de uma mesa.

— Suas feridas são tão profundas que inclusive Constantine, um menino, pôde vê-las.

Os olhos da Vanda se obscureceram, uma tormenta em seus profundos olhos cinza.

— OH, sim, vamos ajudar a pobre mulher antes que se volte totalmente louca. Não quero sua compaixão, Phil.

A energia das fortes emoções despertou o lobo interior, despertando uma onda de poder. Meu deus queria pô-la em cima de uma mesa e lhe mostrar quão formosa era. Apertou os punhos para manter o controle.

— Sinto muitas coisas por ti, mas nenhuma dessas emoções é lástima.

Ela entrecerrou os olhos.

— Disso se trata realmente, não? De seus oito anos de luxúria não correspondida. Quer que esteja mentalmente sã para poder foder-me.

Apertou os punhos fortemente. Seu animal interior insistia a saltar sobre ela, mas era um alfa e o chefe de sua besta.

— Não me insulte, Vanda. Quero que seja feliz. Quero que esteja o suficientemente sã para que possa forjar seu próprio futuro em lugar de te derrubar em seu doloroso passado.

— Isso é tudo? — Burlou-se e depois se aproximou. — Aqui tem uma notícia. Posso me forjar meu próprio futuro perfeitamente, tenho toda a coragem e a confiança que necessito. — Se deteve diante dele, com o queixo elevado desafiando-o.

— Falsas fanfarronadas — murmurou.

Golpeou sua virilha com uma mão.

— Isto se vê falso para ti? — Ele tragou saliva. Seus itinerantes dedos encontraram rapidamente o pênis. Não foi difícil tendo em conta o rápido que inchou. — Isto é o que quer,



não? — Esfregou para cima e abaixo pela longitude com a palma da mão. — É o que quiseste durante anos.

Ele sussurrou em um sopro.

— Sei o que está fazendo. Está evitando a medula da questão.

— Tenho a medula aqui. — O apertou. Ele gemeu. Sentia-se tão bem. Mas sabia que ela estava usando o sexo para expressar suas frustrações e jogá-lo do seu caminho. Era um engano. Era glorioso. Queria mais.

Desabotoou-lhe o cinturão.

— Está-te pondo tão grande... — baixou a cremalheira. — É como um animal!

Ela não tinha nem ideia. Sua besta interior se esforçava por liberar-se do controle mental com o que o tinha submetido. Como podia aproveitar-se da Vanda quando estava claramente desesperada? O que lhe tinha acontecido no passado que fazia que preferisse atirar-se a falar com ele?

— Acredito que deveria parar.

— Me obrigue.

Ela apertou os dedos ao redor da cintura das cuecas e puxou para baixo. Sua ereção surgiu livre. Sua besta interior uivou. *Toma-a. Toma-a agora.*

— OH. — Ela envolveu a mão ao redor do duro eixo. — É magnífico.

Gemeu quando seu dedo polegar acariciou a ponta lisa. A umidade se filtrou e os dedos se deslizaram, hábeis e urgentes.

Ao diabo com a vulnerabilidade. Tinha sido honorável durante oito anos e tudo o que tinha conseguido tinham sido ereções constantes e duchas frias. Então, o que importava se ela estava tentando manipulá-lo com o sexo? Volitar-se-ia em seu contrário quando ela se apegasse emocionalmente a ele. Podia usar o sexo tão bem como ela. Já não era esse desajeitado jovem com uma flechada juvenil. Era um lobo alfa que tinha elegido a sua companheira. Nada lhe impedia de reclamá-la.

— Mmmmm, aposto que é delicioso. — Ela se inclinou outra vez.

— Basta. — Retirou-lhe a mão bruscamente e lhe capturou o olhar com o seu. — Quer me levar ao clímax, perfeito. Mas vou fazê-lo enterrado profundamente em seu interior.

Os olhos dela arderam. O coração pulsou tão forte e rápido que confirmou suas suspeitas. Tinha lançado um blefe e ele tinha subido a aposta. Ela tinha tido a intenção de lhe fazer uma mamada, pensando que seria suficiente para distraí-lo. Tinha querido realizar um serviço, não envolver-se com ele. Não tinha planejado ter invadido seu próprio corpo. Sua fanfarronice se apresentou e levantou o queixo.

— Por que não? É só sexo.

Não era só sexo. Era um lobo reclamando a sua companheira. Era domínio e poder.

Apertou o agarre sobre seus ombros.

— Uma justa advertência, Vanda. Uma vez que me dê seu corpo, tomarei seu coração.

Ela se burlou.

— Uma justa advertência para ti, Phil. Meu corpo é tudo o que receberá. Agora cai fora ou



toma-o como um homem.

— Não vou cair fora. — Agarrou-a pela cintura e a pôs sobre a mesa. Tirou-lhe as sandálias de salto alto as deixando cair ao chão. Depois a agarrou-a pelos tornozelos, levantou-lhe as pernas e pôs os pés a descansar sobre seu peito. — Olhe-me.

Seu olhar se desviou para cima cautelosamente.

Com os tornozelos agarrados, de repente lhe separou as pernas. Ela ficou boquiaberta.

— Relaxe. — Lhe apoiou os tornozelos sobre seus ombros. — Como disse, é só sexo.

Vanda entrecerrou os olhos.

— Exatamente.

Phil deslizou as mãos por suas panturrilhas até os joelhos.

— Quero ver seus olhos voltarem-se avermelhados. Quero fazê-los brilhar. — Chegou debaixo dos joelhos e lhe fez cócegas na delicada pele. As pernas da Vanda tremeram e fechou os olhos.

— Se recoste. — Lhe deslizou as mãos pela parte posterior das coxas. — E me olhe.

Abriu os olhos para olhá-lo.

— Deixa de me dar ordens. — Apesar do que espetou, os olhos se tingiram de vermelho pela paixão. Ele sorriu.

— Carinho, se não ser muito me impor, estaria sempre em dívida contigo se assumisse uma posição de descanso para que possa foder-te até que exploda de prazer.

— Isso está melhor. Os olhos brilharam vermelhos e desafiantes. — Fá-lo.

— Com muito prazer.

Pôs-lhe as mãos debaixo do traseiro e lhe levantou os quadris tão de repente, que ela caiu para trás com um uf. Com um rápido movimento, puxou sua roupa interior até os tornozelos. Enquanto deslizava as calcinhas negras por seus pés, pôde notar o úmidas que estavam. Dilataram-lhe as fossas nasais com o aroma de sua excitação. A ereção palpitou em resposta e lançou as calcinhas sobre a mesa. Baixou as calças e as cueca até os joelhos.

— Está pronta para mim. Verdade? Escorregadia e quente.

Os pés lhe pressionaram os ombros enquanto ela tratava de aproximar-se de sua ereção.

— Fá-lo. Agora.

Não havia maneira em que o fizesse apressar-se. Depois de oito longos anos, por fim a tinha a sua mercê. Fá-la-ia gritar uma e outra vez. Pouco a pouco lhe subiu o vestido por cima dos quadris e o enrugou na cintura. Depois, passou roçando os dedos sobre o ventre nu. Agitaram-lhe os músculos com um pequeno espasmo.

— Fá-lo. — Ela estava começando a ofegar. Passou os dedos por os pelos púbicos. Os cachos castanhos brilhavam com a umidade. — Vai. — Se retorceu.

— Tranquila. Como há dito, só é sexo.

Vanda apertou os dentes.

— Deixa de recordar... Aaaaah! — O corpo se sacudiu quando ele deslizou os dedos entre suas úmidas dobras.

Explorou-a, exultante pelo escorregadia e torcida que estava e por como se estremecia e



ficava sem fôlego. Ela já estava muito perto de chegar. Tinha a ereção dolorosamente endurecida e tomou todo seu controle para não conduzir-se em seu interior. Em seu lugar, inseriu dois dedos e esfregou as paredes interiores de seu canal. Ela gemeu e levantou os quadris. Os músculos internos apertaram seus dedos. Quase estava. Rodeou seu clitóris, beliscando-o.

Ela gritou. A umidade brotou entre seus dedos enquanto seu corpo começava a tremer. Acariciou-lhe o clitóris e as paredes interiores, fazendo que ela se retorcesse entre gritos e espasmos.

Finalmente, relaxou-se e se levou uma mão à frente.

— OH, Meu deus. Isso foi... isso foi...

— Só sexo?

Lançou-lhe um olhar molesto.

— Sim.

— Bem. Quanto tempo necessita para recuperar?

— Nenhum. Estou bem.

— Bem. — Phil puxou o sutiã para baixo até mostrar seus peitos. — Sem prendedor? Meu dia de sorte. — Se deu conta que as pontas de seus rosados mamilos estavam duras.

— Não tinha um que combinasse com este vestido — murmurou ela. Ele acariciou a tatuagem púrpura com o dedo.

— Leva este pequeno morcego para afugentar a todos longe de seu coração. Não me assusta. — Se inclinou e beijou a tatuagem. — Sempre quis fazer isto. E isto. — Chupou um mamilo com a boca.

Ela abriu a boca. Sujeitou as pernas em sua cintura. Ele se amamentou de um peito e depois do outro.

— Tenho que prová-la. — Lhe levantou os quadris e desfrutou de uma grande lambida ao longo de suas dobras. Ela estremeceu.

— Phil...

Moveu a língua sobre o clitóris. Seu aroma a mulher lhe encheu as fossas nasais. Nada entusiasmava tanto a seu lobo interior como esse aroma. O lobo arranhava seu controle ameaçando o dominar. Não podia permitir-se deixar sair ao alfa nestes momentos. Podia manter a forma humana enquanto o poder do lobo se desatava, mas isso a assustaria muito.

Tinha chegado a um ponto de inflexão. Com um grunhido, penetrou-a. Ela chegou ao clímax imediatamente, gritando enquanto seus músculos internos o apertavam com força. Agarrou-a pelos quadris e a atraiu para ele enquanto se enterrava uma e outra vez. Seus peitos estavam ruborizados, sua respiração era dificultosa.

Seus corpos golpeavam juntos. Ele deixou cair à cabeça para trás e desfrutou de cada investida. Esta era sua mulher. Nunca se daria por vencido. O lobo uivou e sua virilha aumentou firmemente. Com um gemido, bombeou mais e mais rápido.

Ela gritou e chegou a seu clímax uma vez mais. Seus músculos internos se comprimiram e ele se derramou em seu interior. Uma e outra vez. Abraçou-a com força até que o último espasmo se desvaneceu.



A escura habitação se encheu com o som de suas respirações. Sua mente se limpou pouco a pouco. O lobo em seu interior sorriu vitorioso. Tinha reclamado a sua mulher. O homem no exterior se perguntou se teria exagerado. Tinha tido a intenção de atá-la a ele. O que acontecia se entregou à luxúria só para caçar a seu ser querido? Apertou uma mão contra o peito e fechou os olhos enquanto inalava lenta e profundamente. Parecia tranquilo, mas ainda podia ouvir o coração acelerado. Moveu-se de novo e se deslizou fora do corpo da Vanda.

— Está bem?

Ela abriu os olhos, mas olhou para um lado.

— Claro.

Tocou-a na bochecha.

— Sonhei fazendo isto durante oito anos. Foi inclusive melhor do que tinha imaginado.

— Isso é bom. — Lutou por sentar-se, mas os braços se negaram.

— Precisa ajuda?

— Não. Estou bem. — Agarrou sua roupa interior.

Assim ia fazer se de distante. Podia encarregar-se disso. Subiu a roupa interior e as calças.

— Obrigado, Vanda. Foi uma grande foda.

O queixo da Vanda estalou e os olhos relampejaram.

— Não te atreva a me falar como... — Entrecerrou os olhos. — Tenta me zangar, não? Que classe de padrinho de terapia para controlar a ira é você?

— O mesmo que se envolve em relações sexuais proibidas. Quando podemos voltar a fazê-lo?

Ela se burlou.

— Não há nenhuma necessidade de repeti-lo. Tem o que queria.

— Você também o queria. Ao menos gritou três vezes.

Tremeram-lhe os dedos enquanto brigava por colocar de novo as calcinhas.

— Só foi... sexo.

— Foi uma merda de muito mais e sabe.

Ela mostrou uma expressão cautelosa enquanto se deslizava da mesa.

— Tenho que voltar para o clube. Sempre se enche as sextas-feiras de noite. — Ajustou o sutiã e se alisou a saia.

Maldita seja, acabavam de ter um sexo alucinante e ela atuava como se não tivesse sido grande coisa.

— Não quer que te abrace um momento? Pensei que as mulheres gostavam disso.

— Não, obrigada. — Recolheu as sandálias e se sentou em uma cadeira para colocá-las. — Faça-me um favor e não te faça ilusões. Nunca vou amar outra vez.

É muito tarde, quis lhe gritar. *Já é minha*. Só que Vanda inclusive não se deu conta. Ela terminou de colocar os sapatos.

— Karl foi meu primeiro amor, e o último.

Phil estremeceu. Sem dúvida ela sabia como dar golpes baixos. Uma onda de ciúmes se estendeu por ele. Tinha mencionado a este Karl antes. Logicamente, sabia que Vanda tinha perto



de cem anos pelo que não era estranho que tivesse tido uma relação ou duas. Entretanto, incomodava-o que este homem tivesse reclamado seu coração antes que ele.

— O que tinha ele de especial?

Ela encolheu os ombros.

— Amava-me, apesar de que era uma não morta e estava cheia de raiva.

Phil abriu a boca para lhe dizer que ele também a amava tal e como era, mas se deteve. Não queria atuar como se estivesse competindo com um homem morto. Ou com qualquer homem, para o caso.

— Karl está morto.

Ela o fulminou com o olhar.

— Obrigada por me recordar isso. — Girou a cabeça para olhar pela janela. — Os nazistas enviaram seus lobos detrás de mim, para me perseguir e me matar. Karl tratou de me proteger, mas os lobos... eles... — fez uma careta e pôs a cabeça entre as mãos.

Maldito fosse o inferno. Vanda tinha sido testemunha de como seu amante era destroçado pelos lobos? Graças a Deus que Karl tinha conseguido protegê-la, mas, *merda*, como podia lhe dizer agora que ele era um cambiante?

— Vanda, sinto-o. — Se sentou a seu lado e lhe passou um braço pelos ombros. — Karl foi um homem valente.

Ela se inclinou, apoiando a cabeça sobre seu ombro.

— Foi. Era o líder da resistência clandestina no sul da Polônia. Depois de sua morte, nunca quis amar de novo. Então conheci o Ian e o agarrei com muito carinho. Parecia-se tanto ao Jozef, e foi como ter de novo um irmão pequeno. Mas estive a ponto de morrer em dezembro passado e tudo retornou. O medo. A dor. Por isso não posso amar de novo. Especialmente a um mortal. Esses sempre morrem a meu redor.

Phil esfregou o queixo contra sua frente. Se pudesse lhe dizer que era um homem lobo e que podia viver durante séculos. Ela ficou rígida.

— Há algo em suas calças que vibra. A não ser que tenha aprendido um truque sexy ou...

— É meu walkie talkie. — Ficou de pé para recuperar o pequeno aparelho do bolso de sua calça. — Aqui Phil.

— Vêm ao escritório de segurança. — A voz do Connor parecia urgente. — Há notícias do Angus. Casimir e dois de seus seguidores apareceram pelo complexo Apolo. Houve uma briga, mas Casimir escapou. Temos que discutir nosso próximo movimento.

— Vou para lá. — Phil deixou cair o walkie talkie no bolso. — O sinto, Vanda...

— Entendo-o. Lástima que não matassem a Casimir.

Phil se remeteu a camisa e se reacomodou o cinto das calças.

— Conhece-o?

— Nunca o conheci, mas Sigismund falava muito bem dele. Quis ser seu melhor amigo, mas essa honra recaiu no Ivan Petrovsky e no Jedrek Janow.

Phil recordou que Ivan tinha sido o Mestre do Aquelarre russo americano até que duas mulheres de seu próprio harém o tinham assassinado.



— Jedrek foi o que atacou a DVN?

Vanda assentiu com a cabeça.

— Era um grande amigo dos nazistas. Estiveram-me procurando durante um ano depois que Karl morrera. Vivi em um constante terror, sempre com medo a que os lobos me fizessem em pedaços enquanto estava sumida indefesa em meu sono mortal. — Estremeceu.

— Vanda, carinho. — Phil lhe acariciou a bochecha. — Agora está a salvo. Quer que a leve até a Maggie?

Vanda respirou profundamente.

— Estarei bem. Vai, eu irei em uns minutos. Não queremos que a gente nos veja retornar juntos à festa.

Vacilou resistente a deixá-la sozinha.

— Odeio verte sofrer.

— Estarei bem. Levarei a Maggie ao clube. Ali sempre sou feliz. Sinto que tenho o controle.

— Então te verei na casa antes do amanhecer. — Se inclinou para beijá-la, mas ela girou a cabeça.

— Boa noite, Phil.

CAPÍTULO 11

Só é sexo. Vanda se dobrou na cadeira, apoiando a cabeça entre as mãos. As lágrimas ameaçavam escapando. Que parva era.

Não foi só sexo. Foi sexo glorioso. O melhor que jamais tinha tido. Todo seu corpo vibrava com a energia residual. E queria mais. Poder-se-ia pensar que experimentar três estremecedores orgasmos seguidos seria suficiente, mas não. Era como se Phil tivesse despertado uma besta luxuriosa em seu interior. Tinha permanecido em estado latente durante cinquenta anos e agora exigia satisfação. Exigia ao Phil.

Apertou as coxas, juntando-as, desfrutando da pressão sobre seu sensível sexo, ainda excitado. OH, Meu deus, Phil tinha estado dentro dela. Havia-a tocado e provado. Tinha-a feito gritar.

Deveria ter sido só sexo. Tinha pensado que o ato físico seria uma liberação bem-vinda para toda a frustração e a ira que a tinha açoitado durante a semana passada. Tinha-lhe parecido uma boa ideia nesse momento. Distrair ao Phil de suas funções como padrinho de sua terapia e da curiosidade sobre seu passado, e ter um pouco de diversão ao mesmo tempo. Depois de tudo era só sexo.

Sentou-se e olhou para a mesa onde se retorcera e gritara. Já tinha ocorrido. Não podia voltar atrás.

Maldito seja. Tinha sabido exatamente o que estava fazendo com ela. Teria querido que o mantivesse puramente físico e impessoal, mas tinha exigido que o olhasse. E cada vez que o fez,



seu coração cresceu com muita emoção. Podia fingir que era luxúria, admiração ou carinho, mas, a quem queria enganar?

As lágrimas correram por suas bochechas. Todos seus intentos por manter o mundo a uma distância segura tinham sido em vão. Phil tinha entrado em sua vida pondo-a de patas acima e em somente uns dias, tinha-a afligido por completo.

Havia algo diferente nele. Claro, seu corpo tinha crescido e desenvolvido mais músculo, e estava mais bonito que nunca, mas havia algo mais, algo profundo e sutil. Agora irradiava muita confiança e poder. Havia uma grande quantidade de energia crua e sexualidade masculina fervendo a fogo lento sob a superfície, e a chamava. Atraía-a e era incapaz de resistir.

Limpou-se a cara. Ok, a atração física estava ao vermelho vivo. E seu coração se estava debilitando rapidamente. Entretanto, até possuía uma mente obstinada e força de vontade. O ataúde dos horrores escondido nas curvas de sua mente seguia sem abrir-se. Tinha havido algumas lacunas durante os últimos dias, mas poria fim a isso. Simplesmente se negaria a dar mais informação. Seu passado estaria fora dos limites. E jogaria seguro, para manter intacto seu coração, seu corpo também estaria fora dos limites.

Nenhum homem poderia conquistá-la. Nem sequer Phil.

Ganharia o coração da Vanda sem importar o muito que ela resistisse. Phil sabia que ela o queria. Tinha respondido às relações sexuais rápida e docemente. Por muito fastidioso que fora para ela manter-se a distância, para ele estava claro que era só uma atuação. Estava tentando proteger-se a si mesma. Tinha medo de apaixonar-se, medo de fazer-se vulnerável a mais dor. Mas o amor não era algo que pudesse fechar-se como um grifo. Estava acontecendo, tanto se lhe preocupava admiti-lo ou não.

O escritório de segurança estava no outro lado do Romatech, assim Phil se deteve em um banheiro pelo caminho para lavar-se de seu aroma. Os vampiros tinham um sentido do olfato muito desenvolvido, quase tão bom como o dos homens lobo, e queria manter sua relação com a Vanda em privado.

Entrou no salão de banquetes. O grupo de música se foi, junto com a Corky Courrant e a maioria de convidados.

— Phil. — Maggie se aproximou levando tanto sua bolsa como a da Vanda. — Onde está Vanda? Pensei que estava contigo.

— Estava-o. Tivemos uma sessão de terapia com o pai Andrew e logo... tivemos um bate-papo. Queria estar a sós durante um momento para pensar.

— Um bate-papo? — Maggie o olhou, duvidando, e depois se inclinou para lhe sussurrar. — Suas calças têm a cremalheira aberta.

Merda. Rapidamente Phil se girou para a parede e a puxou a cremalheira para fechá-la. Maggie olhou para outro lado para lhe dar privacidade.

— Ela está bem?

— Sim.

— Sei que atua como se fosse dura, mas realmente é muito frágil. Vou estar soberanamente



de saco cheio contigo se lhe fizer mal de algum jeito.

— Não vou fazer lhe danifico. Estou apaixonado por ela.

Maggie se girou para ele.

— Disse-lhe isso?

— Não. Não acreditei que pudesse aceitá-lo agora.

Maggie assentiu lentamente.

— Provavelmente tem razão. — Olhou ao redor da sala quase vazia e então se aproximou dele. — Tenho que te dizer algo. Antes, enquanto estava falando com a Shanna diante da Vanda, acidentalmente me escapou que alguns de meus parentes políticos são cambiantes.

Ele inspirou com rapidez.

— Como tomou?

— Ficou pálida como um fantasma e eu acreditei que era pela surpresa, mas depois disse que já sabia a respeito deles. Pensei que deveria sabê-lo.

O broto de otimismo anterior se desinflou. Ganhar o coração da Vanda poderia tomar mais tempo do que pensava.

— Onde está? — Perguntou Maggie.

— Na habitação ao lado da capela, ao final do corredor. — Fez um gesto para as portas oscilantes, atrás do piso de madeira para os músicos. — Disse que viria em seguida, mas talvez queira lhe jogar um olho.

— Sim, será melhor.

Maggie se apressou a sair. Phil entrou no vestíbulo, perguntando-se quanto sabia Vanda a respeito dos cambiantes.

Phineas se deslocou a grande velocidade através da porta principal e se uniu a ele.

— Estava terminando minha ronda quando Connor chamou — disse com voz rouca.

— Como se sente? — Perguntou Phil.

— Melhor. Roman me deu um pouco do *Blissky* com gelo e isso me ajudou com a queimação da garganta. — Phineas colocou uma mão sobre o coração. — Mas a dor da traição... Como pode ser tão cruel um doce anjo como minha LaToya?

— Lhe dê tempo. — Phil se dirigiu para o corredor com ele. — Só tem que chegar a te conhecer.

Phineas fez uma careta.

— Isso é o que temo. O que acontece se se encontra com meu histórico? Terei sorte se não tratar de me deter. Como pode ser tão cruel o amor?

— Sei o que quer dizer. À mulher a que quero a assustam de morte os lobos. Como posso lhe contar o que sou?

Phineas suspirou.

— O destino pode ser tão cruel. — Olhou ao Phil com curiosidade. — De quem está apaixonado?

— É... complicado.

Phineas soltou uma risada.



— Está apaixonado, não?

— Ela é um vampiro. Acredito que todos dizem ser um tanto humanos.

Phineas se burlou.

— Então, qual é o problema, irmão? Os grandes lobos maus não vivem uma agradável larga vida?

— Está... proibida.

— Não me fodas, irmão. Esse é o melhor tipo.

Phil sorriu.

— Pelo menos já sabe a respeito dos cambiantes. Não será uma surpresa total quando lhe der a notícia.

— E de quem estamos falando? — Phineas baixou a voz. — Não será Vanda, verdade?

Phil parou de caminhar.

— É tão óbvio?

— Só para o doutor Amor. Estou em sintonia com as doces vibrações do amor. — Phineas negou com a cabeça, fazendo uma careta. — Mas tenho que lhe dizer isso colega. Eu estava no clube da Vanda quando esse tipo, Jedrek, atacou, e Carlos se converteu em uma pantera negra, refiro a uma pantera negra real. Ela se zangou e quis jogá-lo do clube. Acredito que não gosta dos cambiantes absolutamente.

Phil tragou saliva.

— Obrigado pela advertência.

— De nada, irmano. — Phineas suspirou. — Estamos tão fodidos. Vanda odeia aos cambiantes. LaToya odeia aos vampiros. Como pode a vida ser tão...?

— Cruel? — Phil terminou a pergunta por ele, desejando saber a resposta. A vida se ocupou sem dúvida de golpear cruelmente a Vanda. Mas era uma sobrevivente e ele não queria renunciar à esperança. Passou o vão e ativou o sensor com a mão para abrir a porta do escritório de segurança.

Entrou, não ficavam assentos. Phil se surpreendeu da quantidade de pessoas que não pertenciam à segurança que havia ali, como Roman e Jean-Luc e suas esposas, mas, obviamente, todo mundo queria conhecer as notícias mais recentes.

Connor assentiu com a cabeça para o Phil e Phineas.

— Estive tentando apanhar a todos. Faz uns trinta minutos Casimir e dois de seus seguidores se teletransportaram ao templo principal do complexo Apolo, em Maine. Angus e sua equipe os pegou por surpresa e houve uma briga. Casimir ordenou a seus homens que o defendessem e se teletransportou longe enquanto eles ficaram para lutar por suas vidas.

— Típico do filho de puta — murmurou Jean-Luc.

— Sim. Assentiu Connor. — Um dos seguidores conseguiu escapar, mas o segundo foi capturado. Tudo o que sabemos dele, é que utiliza o nome do Hermes. Nega-se a nos dar mais informação.

Jack soltou um bufido.

— Estou seguro que Angus pode lhe fazer trocar de opinião.



Connor sorriu.

— Têm ao Hermes preso com cadeias de prata para evitar que se teletransporte. Angus quer transladá-lo aqui para colocá-lo na sala de prata do Romatech, onde temos uma segurança mais estrita, mas é óbvio não podem teletransportá-lo até aqui com toda essa prata em cima. Assim que o estão trazendo de carro.

Phil pensou que a viagem de Maine seria de mais de 800 quilômetros.

— Não acredito que consigam chegar antes do amanhecer.

— Não, é por isso que a caminhonete a conduzem Austin e Darcy — explicou Connor. — Levarão ao Hermes encadeado e em uma caixa na parte posterior, para evitar que escape ou que se queime com o sol. Enquanto isso, Angus e o resto da equipe permanecerão no complexo no caso que Casimir retornasse com mais homens para tentar resgatar ao Hermes.

— Quantos Vamps tem Angus com ele? — Perguntou Jack.

— Três — disse Connor. — Emma, Dougal e Zoltan.

— Necessita mais? — Perguntou Jean-Luc. — Eu posso ir.

— Eu também — disse Jack.

Connor sorriu.

— Se querem ir, Angus não se negará. Mas provavelmente não será necessário. Nunca soube que Casimir resgatasse a nenhum de seus seguidores.

— É certo — coincidiu Jack. — Os considera dispensáveis. Entretanto, eu gostaria de ir só como medida de precaução.

Lara se aproximou dele com expressão preocupada.

— Irei contigo?

— Está cansada. Descansa um pouco. — Jack a beijou na frente. — Espere-me em casa. Estarei de volta antes do amanhecer.

Jean-Luc deu um beijo a sua esposa e logo Jack e ele entraram no armário da parte de atrás do escritório para agarrar algumas armas.

— Né! — Phineas elevou uma mão. — Eu também quero ir.

Connor dirigiu seu olhar para o jovem vampiro negro.

— Agradeço-lhe isso, mas temos uma missão especial para ti.

Phineas sorriu.

— Genial! Muita ação, né?

— Necessitamos sua ajuda. — Roman caminhou para ele. — Acredito que uma vez subministrou aos Malcontents os ingredientes para fazer *Sombra Noturna*.

O sorriso do Phineas se desvaneceu.

— Sim, é por isso que me transformaram. Queriam um traficante de drogas. — Cruzou os braços, com o cenho franzido. — Já não faço mais essa merda. Sou um dos bons.

— Sei que o é — respondeu Roman. — Mas se tivéssemos um pouco de *Sombra Noturna*, poderíamos teletransportar prisioneiros como Hermes. Quando os Malcontents sequestraram ao Angus faz dois anos, paralisaram-no com *Sombra Noturna* e não tiveram necessidade de usar as cadeias de prata. Depois foram capazes de teletransportá-lo.



— Sei. — Phineas trocou seu peso de um pé a outro. — Sinto-me muito mal por havê-los ajudado, mas me disseram que matariam a minha família se...

— Não o culpamos, moço — disse Connor.

— Realmente nos ajudaria ter um pouco de *Sombra Noturna* — disse Roman. — Infelizmente, não sei como se fabrica.

— OH, que chatice — murmurou Phineas.

— Exatamente — continuou Roman. — Mas acredito que poderia averiguar a fórmula se tiver os ingredientes adequados. Lembra-te deles? Poderia consegui-los para mim?

— Sim, lembro-me. — Phineas fez uma careta. — Estamos falando de uma fodida merda ilegal.

Connor lhe dirigiu um olhar irônico.

— Temos toda a confiança em ti.

— Sim. Obrigado. — Phineas se inclinou perto do Phil e murmurou. — Se LaToya se inteira disto, vai estar realmente de saco cheio.

— Ninguém tem por que inteirar-se. — Connor o tinha escutado. — Uma vez que esteja em posse das drogas, pode apagar as lembranças dos mortais.

— Olha o desta forma — disse Phil ao Phineas. — Estará tirando drogas perigosas da rua.

Os olhos do jovem vampiro se iluminaram.

— Tem razão. Estarei fazendo um favor ao mundo.

Roman sorriu.

— Obrigado. Isto poderia ser uma valiosa arma em nossa guerra contra os Malcontents.

— O doutor Phang a seu serviço — se gabou Phineas.

— Então, vai. — Connor lhe dirigiu um olhar mordaz.

— Muito bem. — Phineas assentiu com a cabeça — Primeiro vou ter que passar por casa para trocar de roupa. Não se pode ir ao gueto com este aspecto. — Se teletransportou.

Connor fez um gesto com a cabeça ao Phil de novo.

— Pode levar a casa a Lara e a Heather?

— Claro. — Phil franziu o cenho. — Mas prefiro ir com o Jack e estar onde está a ação.

— Duvido que haja mais ação no Maine esta noite — sussurrou Connor. — E uma vez que Austin e Darcy tragam o prisioneiro, aqui será onde está a ação. Conto com sua ajuda com o prisioneiro, assim descansa agora que pode.

Quase era como nos velhos tempos, com uma casa cheia de gente que proteger. Phil levou a Lara Boucher, a Heather Echarpe e à filha desta última, Bethany, até a casa. Continuando, desculpou-se e foi ao porão para procurar umas poucas horas de sono. Tinha que permanecer alerta durante o dia, quando vigiava os vampiros.

Levantou-se de novo pouco antes do amanhecer. Vanda, Cora Lee e Pamela se teletransportaram do clube noturno. Jack e Jean-Luc retornaram do complexo Apolo, no Maine, informando que não tinha havido nenhuma atividade ali. Angus e o resto da equipe tinham decidido ficar.



Phineas chegou a casa com boas notícias. Tinha conseguido encontrar todas as drogas necessárias que Roman necessitava para averiguar a fórmula da *Sombra Noturna*.

Quando os vampiros se foram a suas habitações para cair em seu sono mortal, a casa ficou silenciosa. Ao redor das onze da manhã, Austin e Darcy chegaram a casa.

Darcy, ex-membro do harém do Roman, tinha conhecido a Austin Erickson quando este formava parte da *Equipe Estacar da CIA*. Agora estavam casados, ela voltara a ser mortal e eram uns empregados inestimáveis do *MacKay Security & Investigation*. Tinham entregado o detido para encerrá-lo na sala de prata do Romatech antes de chegar a casa. Exaustos, dirigiram-se diretamente ao dormitório.

Howard Barr chamou ao redor das seis da tarde para pedir ao Phil e a Austin que fossem ao Romatech e preparassem ao prisioneiro para ser interrogado. Devido a que os vampiros ainda estavam imersos em seu sono mortal, Lara e Darcy se encarregaram de vigiar a casa. Phil lamentou porque sentiria falta de ver a Vanda. Não tinha tido a oportunidade de falar com ela desde que tinham feito amor. Ela poderia chamá-lo só sexo se queria, mas para ele, faziam amor.

No Romatech, Austin e ele se dirigiram diretamente à habitação segura no porão. Angus tinha desenhado a sala, completamente revestida de prata, para evitar que um vampiro pudesse teletransportar-se dentro ou fora. Uma caixa de madeira estava apoiada no chão, com o Hermes em seu interior.

Phil se deu conta que a tampa tinha sido assegurada com pregos. Havia uns poucos buracos salpicados pela tampa para que entrasse em ar. Parte da viagem do Maine tinha ocorrido na escuridão, e o vampiro tinha estado vivo e respirando.

Austin tinha deixado uma vara de ferro na sala anterior e a utilizou para fazer alavanca e abrir a tampa uns poucos centímetros. Phil a agarrou e a arrancou de um puxão.

O vampiro estava dormindo envolto com cadeias de prata. Aparentava ter ao redor de trinta e cinco anos, com um corpo alto e fraco. Seu rosto pálido, marcado da varíola, estava acentuado pelos olhos e as bochechas afundadas, e o fino cabelo castanho. Não poderia ter sido um mortal muito saudável quando o transformaram, e agora estava apanhado parecendo doente durante séculos. Entretanto, sua pele pálida e seu corpo frágil eram enganosos. Como vampiro, possuía força e velocidade superiores.

Phil olhou pela habitação.

— Onde quer pô-lo?

— A cama e as poltronas parecem muito cômodas. — Austin agarrou uma cadeira de cozinha do comilão e o pôs no centro do quarto. — Aqui estará bem.

Phil ajudou a Austin a tirar o vampiro da caixa.

— Pôs-se um pouco rígido.

Apoiou o corpo contra a cadeira, com os pés do Hermes no chão e os ombros contra o respaldo da cadeira. O corpo não se dobrou para ajustar-se à cadeira, mas se manteve rígido como uma tabela. Austin soltou um bufido.

— Bendito rigor mortis.

Phil riu entre dentes.



— Possivelmente deveríamos pô-lo na mesa da cozinha e encadeá-lo a ela.

Encadearam ao Hermes com prontidão e puseram a mesa de pé com ele ali.

— Poderíamos praticar o lançamento de facas — sugeriu Austin. — Como em uma atuação de circo.

— Boa ideia. — Phil sorriu. — Mas acredito que seria mais eficaz uma vez esteja acordado.

— Olhou seu relógio. — O que deveria ocorrer em uns dez minutos.

— Vamos procurar algo para comer. — Austin vagou pela área da cozinha e procurou nos armários. Encontrou uma barra de pão e algumas batatas chips. Phil comprovou o refrigerador. Estava bem abastecido com sangue sintético, mas também havia água engarrafada e frios.

Sentaram-se nas poltronas, jantando, enquanto esperavam que Hermes despertasse. Austin contou ao Phil algumas de suas aventuras como membro da *Equipe Estacar da CIA*.

— Uma vez, disparei a um Malcontent com balas de prata e assim e tudo, foi capaz de se teletransportar para fugir.

— Sério? — Phil mordeu seu Isso sanduiche é interessante.

Austin trouxe um bocado do dele.

— Perguntei ao Angus sobre isso e me disse que a prata tinha que estar por fora para impedir que um vampiro se teletransporte. Atua como um limite que não pode transpassar-se. Mas quando se introduz dentro de um vampiro, dói como o inferno e acaba matando-o. Suponho que as balas de prata também matam aos de sua espécie?

— Sim, a prata dentro de mim é como um veneno. Entretanto, externamente não é um problema. Posso tocá-la sem que me queime.

— Roman pode tocar a prata, mas é o único vampiro que conheço que pode fazê-lo. — Austin deu outra dentada a seu sanduiche.

— Dei-me conta que os vampiros velhos podem fazer coisas que os mais jovens não podem — disse Phil. — Vi ao Angus teletransportar a dois mortais de uma vez. E Jack e Ian conseguiram teletransportar-me enquanto eu ia armado com balas de prata. — Recordou como Vanda tinha sido incapaz de teletransportá-lo levando a cadeia de prata no bolso.

— Sim, quantos mais anos têm mais capitalistas são. Pergunto-me quantos anos tem este. — Austin fez um gesto para o prisioneiro. — OH, olhe, está despertando.

O corpo do prisioneiro se sacudiu. Seu peito se inchou, lutando contra a cadeia de prata enquanto dava o primeiro fôlego. Abriu os olhos e os entrecerrou fixando-se no Phil e Austin. Dilataram-lhe as fossas nasais. Lutou contra as cadeias, movendo a mesa.

— Sabe? — Austin agarrou um punhado de batatas chips da bolsa. — Acredito que nos quer morder.

Phil bebeu um pouco de água.

— Dei-me conta que estão muito famintos quando despertam.

— Sim — esteve de acordo Austin. — ouvi que está acostumado a ser realmente doloroso. Hermes os fulminou com o olhar.

— São criaturas inferiores — grunhiu com um forte acento. — Criem que podem me deter?



Onde me levastes?

Austin olhou ao Phil, confuso.

— Está fazendo perguntas?

— Isso parece. — Phil terminou seu sanduiche. — Talvez ainda não se desse conta que o prisioneiro é ele e que as perguntas às fazemos nós.

Austin assentiu com a cabeça.

— Podem ser realmente estúpidos às vezes. Poder-se-ia pensar que adquiririam certo nível de sabedoria ao longo dos séculos, mas não.

— Silêncio, mortal! — Grunhiu Hermes.

Uma onda de ar frio se comprimiu sobre a frente do Phil. O prisioneiro estava tentando utilizar o controle mental dos vampiros com eles.

Ides me liberar agora mesmo.

Phil aproveitou rapidamente o poder de seu lobo interior para manter sua mente protegida. Jogou uma olhada a Austin para assegurar-se que não tinha sido afetado. Tinha ouvido que era um psíquico, mas não estava seguro de quão forte era.

— Está bem?

— OH, sim. — Austin levantou uma mão e uma garrafa de água voou da bancada da cozinha, aterrissando em sua mão. Phil conteve o fôlego.

— É telecinésico? Deve ter mais poder psíquico que os vampiros.

— Sim. — Austin desenroscou o plugue da garrafa. — Realmente os fode quando se dão conta que não podem me controlar.

— Não vou ser ignorado! — Trovejou Hermes. — Obedeçam-me. — Vaiou entre dentes e suas presas brotaram.

— Agora, isso é desagradável. — Austin bebeu um pouco de água.

— Em realidade — Phil se serviu algumas batatas chips, — alguém deveria lhe falar das tiras branqueadoras.

Outra onda de frio deu círculos pela habitação.

Vêem mim, mortal. Tenho que me alimentar.

Austin olhou ao Phil com ironia.

— Vejo-me como o café da manhã?

Phil estudou ao prisioneiro.

— Acredito que a fome está podendo com ele. Está suando.

— E lhe tremem as pernas — adicionou Austin. — Acredito que se não estivesse encadeado, teria caído.

Hermes vaiou. Esticou os braços contra as cadeias e fechou as mãos em punhos.

— Se não fosse tão grosseiro, oferecer-te-ia um gole de sangue sintético. — Phil passou a bolsa de chips a Austin. — Temos muita na geladeira. Mas nem sequer nos há dito seu verdadeiro nome.

— Não obterão nenhuma informação de mim — grunhiu Hermes. — Prefiro morrer antes que provar esses mijados sintéticos.



— Suponho que quer morrer. — Austin devolveu a bolsa de batatas chips à cozinha.

— Bom, tecnicamente já morreu uma vez — disse Phil. — Deveria ser muito bom nisso agora.

A porta do quarto de prata se abriu e Phineas passeou para o interior.

— Como vai?

O prisioneiro o fulminou com o olhar.

— Sei quem é. O traidor. Sua hora chegará.

Phineas o estudou com um olhar irônico nos olhos.

— Ui, sim, que medo.

— Quer tomar o café da manhã? — Phil caminhou para o refrigerador. — Temos do tipo O, A, AB, o que queira.

— Tomarei uma garrafa do AB negativo, obrigado. — Phineas se sentou em uma das poltronas. — Pode ser quente, irmão?

— Claro. — Phil colocou a garrafa no micro-ondas. O aroma do sangue impregnou o ambiente. O corpo do Hermes se sacudiu com um estremecimento. O rosto brilhava com o suor.

— Aqui tem. — Phil pôs nas mãos do Phineas um copo quente cheio até o bordo de sangue sintético. Phineas o bebeu até a metade e depois lambeu os lábios.

— Merda, isto está bom.

— Onde está Connor? — Austin se sentou junto ao Phineas na segunda poltrona.

— Está no escritório de segurança com o Jack. Estão-nos observando. — Phineas fez um gesto para a câmera de vigilância sobre a cama. — Connor está investigando na base de dados sobre os Malcontents para averiguar quem é este tio.

— Já terminei — anunciou Connor enquanto entrava no quarto. Olhou ao detento com desafio e assinalou o portapapeis em sua mão. — Hermes é polonês, tem perto de quatrocentos anos e combateu no lado equivocado durante a Grande Guerra Vampírica de 1710.

— Fodam-se — grunhiu o prisioneiro.

Connor arqueou uma sobrancelha.

— Como podem ver, seu inglês é um pouco limitado.

— Como se chama? — Perguntou Phil.

— Sigismund.

CAPÍTULO 12

Phil grunhiu baixo enquanto desatava seu poder Alfa. Devido a seus olhos azuis, tudo tomou uma tintura azul luminoso. Seu olhar se afiou até que pôde ver cada veia no pescoço de sua presa. Cheirar o medo que emanava dele. Escutar seu coração acelerado como um coelho assustado.

Sua forma vacilou ao bordo da mudança instantânea. Controlou-o no momento enquanto caminhava para sua presa.



Sigismund se aconchegou contra a mesa.

— O... Que tipo de cambiante é você?

Phil deixou que seu rosto trocasse. O nariz e a mandíbula rangeram enquanto se alargavam. Seus dentes caninos brotaram. Grunhiu.

— Não! — Sigismund lutou freneticamente contra suas ataduras. Lançou para o Connor um olhar de desespero. — Chama a seu lobo!

Connor encolheu os ombros.

— Não é meu lobo.

Phil se deteve frente ao prisioneiro. A necessidade primitiva de matar varreu o atravessando, muito mais capitalista do que jamais havia sentido. No passado, tinha matado animais estando na forma de lobo. Os homens lobo sempre gozavam com uma boa caça quando a lua estava cheia. E tinha matado ao Malcontents no exercício de seu dever. Mas nunca tinha tido a tentação de cometer um assassinato, até agora.

Sigismund alargou as presas em um vão intento de proteger-se. Phil sabia que se se aproximava muito, o vampiro o morderia. Entanto, tinha-o apanhado uma fúria assassina que descartou qualquer ameaça. O corpo vibrou com a força bruta. Com a velocidade do raio, pegou com a mão no pescoço do prisioneiro. Tomou medidas drásticas, apertando com sua força superior.

Sigismund retorceu o pescoço, tentando mordê-lo em vão.

Phil enviou um dilúvio de poder Alfa através do braço e sua mão trocou. Brotou-lhe a pelagem. Suas unhas se alargaram e curvaram em garras afiadas. Os olhos do Sigismund saíram das órbitas provocado pelo terror.

— Para o! Para...! — Engasgou-se enquanto as garras do Phil lhe perfuravam a pele.

Austin se aproximou para ver melhor.

— Sagrado troca-formas, Phil! Só algumas partes de ti trocaram. E a lua não está cheia. Como pode fazê-lo?

Phil grunhiu. Em sua condição atual seus sentidos estavam aumentados, mas com sua cabeça transformada, não podia falar.

— É um Alfa — respondeu Connor por ele. — Tem poderes que outros cambiantes só podem sonhar.

— Maldita seja — murmurou Austin. — Estou contente que esteja de nosso lado.

— OH, sim! — Phineas deu um murro no ar. — É grande! É mau! E derrubará sua casa até os alicerces, mamão!

Phil grunhiu quando o aroma do sangue chegou até seu alargado focinho. O sangue escorregava pelo pescoço do prisioneiro, ali onde suas garras tinha penetrado. Connor se aproximou mais.

— Phil, pode afrouxar um pouco? O prisioneiro não poderá responder a nossas perguntas se estiver inconsciente.

Através da bruma azulada, Phil pôde ver que os olhos do prisioneiro se tornaram frágeis. Retrato as garras, puxou as rédeas de seu poder Alfa e com um último resplendor seu corpo



voltou para sua forma humana completa. Soltou ao Malcontent e retrocedeu.

Sigismund arfou por ar enquanto se deixava cair contra as cadeias.

— Não... não deixe que me faça mal. Dir-lhe-ei tudo o que sei.

— Muito bem. — Connor assentiu para o Phil com um brilho de agradecimento nos olhos. — Bem feito, moço.

— Moa colega. — Chocaram os nódulos. — Metade homem, metade lobo, metade filho de puta.

Phil soltou um bufido. Tecnicamente, todos os lobos machos eram uns filhos de puta. Entrou na cozinha para agarrar uma garrafa de água da geladeira. Era muito consciente dos olhares de admiração que Austin e Phineas lhe dirigiam. Pessoalmente, dava-lhe apuros. Vergonha, inclusive.

Tinha trabalhado duro na reserva navajo de novo o México para alcançar sua condição de Alfa. Seu velho amigo, chamam e mentor, Joe, tinha-lhe sublinhado a grande responsabilidade que vinha com o poder de um Alfa. Phil tinha jurado ser fiel ao nobre caráter do lobo e usar seus poderes para proteger a aqueles que dependiam dele. Era por aperfeiçoar suas habilidades pelo que sempre saía vitorioso na batalha. Em tudo, honrava ao lobo.

Nunca ia usar seu poder para seu próprio benefício ou para a vingança. Era um eleito destinado a ser um líder entre os seus.

E quase tinha assassinado a um homem por raiva. Recordou as palavras da Vanda, quando acreditava que tinha matado ao Max o Megamembro.

Entendo o tipo de raiva que leva a uma pessoa a tirar uma vida.

Era isso o que ela escondia? Vanda tinha estado tão traumatizada pela crueldade da guerra, que tinha cruzado a linha? Tinha mencionado que Karl era o líder da resistência clandestina, por isso era lógico supor que Vanda tinha participado de atividades perigosas. Os nazistas tinham enviado lobos para matá-la, por isso claramente lhes tinha enchido o saco. Mais palavras suas retornaram à memória.

Não quero mais mortes sobre minha consciência.

— Onde está escondido Casimir? — perguntou Connor, chamando a atenção do Phil de volta ao presente.

— Move-se sempre, um lugar diferente cada noite — disse Sigismund com voz áspera. — Preciso comer.

— E eu necessito informação real — disse Connor. — Phineas, há algum *Blissky* na cozinha?

— Vou ver. — Phineas rebuscou pelos armários.

— Não vou beber essa merda sintética — grunhiu Sigismund.

— Não tem outra opção. — Connor se sentou em uma cadeira de cozinha perto do prisioneiro.

— Encontrei uma! — Phineas abriu a garrafa do *Blissky* e aspirou profundamente. — Será melhor que o prove para me assegurar que tudo está bem. — Tomou um gole. — OH, sim, neném! Agora falamos a sério! — Encheu um copo até o bordo.

Phil encontrou uma palha e a deixou cair dentro do líquido ambarino. A geladeira estava cheia de sangue sintético normal, mas supôs que Connor tinha a esperança que o *Blissky*



afrouxasse a língua do Sigismund. Dado que era altamente duvidoso que o prisioneiro tivesse bebido algum tipo de uísque durante os últimos quatrocentos anos, seria martelado em pouco tempo.

— Que espera obter Casimir nos Estados Unidos? — Perguntou Connor. Sigismund soprou.

— O que pensa? Que veio para ser seu amigo?

— Dominação mundial — murmurou Phineas enquanto se aproximava do detento com o copo do *Blissky*. — Vós, os meninos maus, são tão previsíveis. Não se aborrecem?

Sigismund se burlou.

— Teremos o prazer de vê-los todos mortos. — Girou a cabeça longe do copo que lhe oferecia. — Traga-me um mortal!

— Não sabe o que perde tio. — Phineas fez girar o copo debaixo do nariz do prisioneiro. — Cheira muito bem, né? Sabe como o céu.

As janelas do nariz do Sigismund se abriram e as presas saíram disparadas.

— É difícil deter os reflexos, né? — Phineas colocou a palha na boca do Sigismund. O prisioneiro sorveu todo o *Blissky* em uns segundos. Depois tossiu, com os olhos chorosos. Retraiu as presas. Phineas riu entre dentes — Esta merda é boa, né?

— Não tão boa como um mortal. — Sigismund olhou o copo vazio. — Traga-me mais.

Phineas bufou.

— Não quer admitir que seja bom. — Retornou à cozinha para servir outro copo.

Phil se deu conta que a cor estava voltando para o rosto do Sigismund.

— Quão grande é o exército que tem Casimir?

— O suficiente para destruí-los. E a ponto de ser maior ainda. — Sigismund sorriu. — Casimir sabe como aproveitar-se de sua debilidade.

— E qual seria? — Perguntou Connor. Phineas trouxe outro copo do *Blissky* e Sigismund o bebeu. Lambeu-se os lábios.

— Afirmam que para ser bons, terá que beber sangue sintético. Mas se perderem o fornecimento, voltarão a morder a mortais. Continuando, centenas de vampiros se darão conta do muito que desfrutam mordendo e não quererão deixar de fazê-lo. Uniram-se a nós. Serão numericamente superados, não terão nenhuma oportunidade.

Connor ficou de pé.

— Estão planejando atacar nossas linhas de fornecimento?

Sigismund soprou, depois soluçou.

— Inclusive os impediremos de fabricar essa merda.

Todas as instalações do Romatech estavam em perigo. Phil sabia que havia várias nos Estados Unidos. A do White Plains subministrava Costa Este, mas havia outras em Ohio, Texas, Colorado e Califórnia.

— Tenho que advertir ao Angus. — Enquanto Connor saía do quarto, gritou-lhes. — Enviarei o Jack aqui embaixo. Faz que o prisioneiro siga falando.

— Fá-lo-ei. — Phil se aproximou do Sigismund. — Foi frequentemente ao complexo Apolo?



— É óbvio. É genial. Todas essas garotas estúpidas nos suplicando que as mordêssemos e fodêssemos.

Phil apertou os punhos para evitar dar-lhe um murro.

— Acabou-se a festa. Liberamos as garotas. E matamos ao Apolo e Ateneu.

Sigismund o fulminou com o olhar.

— Suas mortes serão vingadas.

Phil soltou um bufido.

— Pensa que a Casimir lhe importam uma merda seus supostos amigos? Sabe que foi capturado ontem de noite, mas não veio te resgatar.

— Ele vem por seus amigos— insistiu Sigismund. — Tem uma lista de nomes para eliminar. Em uma semana, todo mundo nessa lista, estará morto.

— Quais estão nessa lista? — Perguntou Austin.

— Os responsáveis pelo massacre na DVN e o assassinato do Jedrek Janow — se mofou Sigismund. — Na parte superior da lista estão Ian MacPhie e sua cadela mortal Toni.

— Esposa — corrigiu Phil. — Estão casados. — E enquanto se mantiverem escondidos em sua lua de mel, estarão a salvo. De todas as formas, tinham que os advertir.

— Depois seguem esses assassinos sangrentos, Giacomo da Venezia e Zoltan Czakvar — continuou Sigismund. — Logo Dougal Kincaid e o traidor, Phineas McKinney.

— Genial — disse Phineas. — Me sentiria como um zero à esquerda se se tivessem esquecido de mim.

— Alguém mais? — Perguntou Phil. Ele sabia que Howard Barr, Carlos Panterra e Gregori também tinham estado na DVN essa noite, mas Casimir poderia não ser consciente de sua participação.

— Há uma mais — resmungou Sigismund. — Essa cadela louca da Polônia. Vanda Barkowski. O coração do Phil deu um tombo no peito.

— Isso não é correto. Ela não matou a ninguém.

— Estava ali, causando problemas como sempre faz — grunhiu Sigismund. — Não acredito que seja inocente. Jedrek tentou exterminá-la durante anos. Casimir só quer terminar o trabalho de uma vez por todas.

Phil tragou saliva.

— Essas visitas começarão dentro de uma semana?

Teria que escondê-la em algum lugar onde ninguém a encontrasse.

— Dentro de uma semana estarão mortos. — Sigismund riu entre dentes. — As visitas começarão esta mesma noite.

Phil agarrou ao Phineas pelo braço.

— Teletransporta-me ao clube agora mesmo! — Arrastou ao jovem vampiro pelo corredor justamente quando Jack saía do elevador. — Vamos aos *Diabos Quentes*. Austin pode te pôr ao corrente.

— Muito bem.

Jack se apressou pela porta aberta que conduzia à sala de prata.



— Vamos! — Phil ouviu a risada zombadora do Sigismund enquanto tudo se voltava negro.

Vanda olhou o peito elegante e sem cabelo do Terrance o Turgente e decidiu que a vida não era para nada justa. Tinha tido relações com o Phil e nem sequer sabia como se via seu peito. Mas esse vagabundo seguro que sabia como se via ela.

Terrance fez girar os quadris ao ritmo dos biongos.

— Você gosta da música que selecionei?

— Excelente. — Pamela deu um golpe no chão com o pé.

Vanda suspirou. Cada mês, os artistas lhe ofereciam uma vista prévia de suas danças do mês seguinte para que as passasse. A Cora Lee e a Pamela, adoravam esta parte do trabalho. A Vanda também estava acostumada gostar, mas agora se encontrava comparando a cada homem que via com o Phil. E nenhum a satisfazia.

Enquanto Terrance girava os quadris, rasgou o velcro que lhe sujeitava a capa de falso leopardo ao redor do pescoço. Lançou a capa, que aterrissou sobre a cabeça de Cora Lee. Rindo-se, ela a colocou sobre o colo.

Agora Vanda podia ver os ombros nus do Terrance, mas não pareciam tão largos e musculosos como os do Phil. É óbvio, era difícil de dizer por que ela em realidade nunca os tinha visto. Maldita seja. Teria que ter insistido em que tirasse o smoking.

Terrance passeava pelo escritório com sua brilhante tanga ao Tarzan.

— Ouve o som da trompetista? Quando soa é quando atravesso o cenário em uma liana.

— Grande ideia.

— E então, quando a música vai in crescendo, arranco a tanga.

Terrance arrojou a tanga através do escritório, mostrando sua tanga cor canela decorada com folhas de hera. Pamela aplaudiu.

— Excepcional.

— Yijaaaa — gritou Cora Lee.

Vanda olhou a tanga do Terrance. Definitivamente, não estava à altura do Phil, e disso estava bem segura. Essa era uma parte da anatomia do Phil que sim tinha visto. E tocado. Era verdadeiramente magnífica. Larga e grossa. Muito dura, mas coberta da pele mais suave. Havia-se sentido tão bem em seu interior. Enchendo-a. Acariciando-a.

Apertou as coxas, juntando-as, enquanto de repente um desejo lhe doía profundamente em seu interior. Maldita seja. Como ia resistir. Com um suspiro, deu-se conta que não podia. Queria-o. Uma vez não tinha sido suficiente. Cem vezes não seriam suficientes. Estava-se apaixonando por ele. Se tivesse suficiente força de vontade, nunca voltaria a vê-lo.

A porta se abriu de repente e entrou Phil.

Isso quanto à força de vontade. Com um silencioso gemido, apagou o reproduzidor do CD. A música da selva se deteve.

— Phil! Que amável de sua parte te deixar cair por aqui. — Terrance fez uma pose. — Você gosta de meu disfarce?

Phil olhou brevemente ao bailarino.



— Bom tom muscular. Faz guarda na porta. Não deixe entrar ninguém.

— OH, é óbvio. Por ti, algo, Phil.

Terrance correu saindo pela porta.

— Alguém tem uma flechada — murmurou Cora Lee com voz cantarina.

— Basta — murmurou Vanda. — O que está fazendo aqui, Phil? — E por que estava olhando a seu redor com tanto esmero? Ele rodeou a mesa.

— Phineas e Hugo estão controlando o salão principal. Viu alguma pessoa de aspecto suspeito por aqui esta noite?

Vanda encolheu os ombros.

— A maioria de nossos clientes são algo estranhos. O que se está passando?

Ele se aproximou da estante onde tinha a impressora e o fax.

— Está em grave perigo.

Estava farejando seu escritório?

— Em perigo? Por uns cartuchos de tinta caros?

— Deve ser pelo Max o Megamembro — sussurrou dramaticamente Pamela. — Deve vir por sua vingança absoluta.

— Absoluta? — Perguntou Vanda com ironia. — Já tentou me matar. Como conseguir algo mais absoluto que isso?

— Matara-te de uma maneira extremamente horrível — explicou Pamela. — Isso sim, seria difícil superar o do píton, mas estou segura que poderia encontrar algo completamente horrível.

— Obrigada pelo pensamento. — Vanda continuou observando ao Phil. Agora estava farejando em seus arquivos.

— Talvez seja Corky Courrant — sugeriu Cora Lee. — Jurou verte arruinada.

— Obrigado por me recordar isso — Vanda ficou de pé e caminhou aproximando-se do Phil.

— vais dizer-me o que...?

Ele ficou rígido de repente.

— Pamela, Cora Lee, ide dizer aos clientes que se teletransportem imediatamente.

— O que? — Vanda pôs os braços em jarras. — Está tratando de arruinar meu negócio?

— Há uma bomba em seus arquivos — disse Phil em voz baixa.

Cora Lee e Pamela deram um grito afogado e ficaram de pé.

A Vanda gaguejou o coração no peito. Jogou uma olhada aos arquivos.

— Está seguro? Nem sequer olhaste no interior.

Ele levantou o braço para detê-la.

— Não o abra. Isso poderia ser o detonador. Entretanto não podemos estar seguros. Poderia ter um temporizador e explodir em qualquer momento. Tenta manter a calma...

— AAAHHHH! — Cora Lee saiu correndo do escritório, gritando. Chamou o Terrance à parte.

— Há uma bomba!

Os gritos estalaram no salão principal. Pamela correu para a porta.

— Vou assegurar-me que todos partem. Encontrar-nos-emos na casa.

— Não! — gritou Phil. — A casa pode não ser segura.



Pamela o olhou desesperada.

— O apartamento, então!

— Mas...!— Phil tentou lhe dizer que o apartamento poderia ser igual de perigoso, mas Pamela já se lançou para o salão principal, gritando à multidão.

— Teletransportem-se longe! Partam imediatamente!

Vanda ficou quieta enquanto uma névoa fria a rodeava. Uma bomba. Destruiria seu clube. Não podia deixar que isso acontecesse.

— Vamos. — Phil a agarrou pelo braço. — Tire-nos daqui agora mesmo.

Ela ficou olhando o arquivo.

— Como sabe que está aí dentro?

— Sou um perito detectando bombas. Venha. Vamos.

— É um perito? Então desconecta-a!

— Não é tão simples. — Puxou-a para a porta. — Só abrir a gaveta poderia pô-la em marcha. Temos que chegar a algum lugar seguro.

— Mas... mas. — Olhou a seu redor enquanto entravam no silencioso armazém. Todo mundo se havia teletransportado. As luzes laser brilhavam, destacando a vazia pista de dança, o cenário, o bar. Como ia partir? Amava este lugar. Era tudo para ela.

Phil a jogou sobre seu ombro e correu para a entrada. Seu desespero penetrou através da fria névoa que lhe tinha entorpecido o pensamento. Alguém queria matá-la. Alguém queria tanto matá-la que não tinha dedicado nem um só pensamento ao feito de levar também por diante a cem ou mais inocentes.

Uma vez mais, estavam-na perseguindo.

Phil saiu correndo pelo beco, depois girou a esquina para a rua. Ela se aferrou a sua camisa. Tinha que teletransportá-los longe a ambos.

BOOOOOM!!!

A explosão lhe tapou os ouvidos. Ela gritou. Os tijolos saíram voando pelo ar e as chamas se lançaram para seu rosto.

Ela estremeceu pelo calor e seus corpos foram jogados no ar. Aferrou-se ao Phil enquanto o mundo se voltava negro.

CAPÍTULO 13

— Uf.

Vanda aterrissou no chão do apartamento com o Phil a seu lado. Ele ficou de joelhos.

— Está bem?

— Sim. — Talvez não. Seu rosto se sentia terrivelmente quente. Mas ao menos não tinham ardido até ficar rangente.

— Aqui estão! Graças a Deus!— Pamela correu para eles e ajudou a Vanda a ficar de pé.



— Tínhamos medo que não conseguissem. — Cora Lee abriu muito os olhos. — Deus santo. Vanda se tocou a bochecha ardente.

— Está tão mal?

— Não, não — disseram rapidamente Pamela e Cora Lee, intercambiando olhadas.

Genial. Vanda se passou a mão pelo cabelo e sentiu as pontas chamuscadas. Por uma vez, alegrou-se de não poder ver-se em um espelho. Entretanto, era embaraçoso que Phil a visse desta maneira. Felizmente, não a estava olhando. Tinha ido correndo para a grande janela, onde estava abrindo as persianas de alumínio.

Vanda se reuniu com ele ali e viu a fumaça que saía do clube a duas ruas de distância. *Seu clube.* As sirenes soaram ao longe. Um caminhão de bombeiros corria pela rua, com as luzes de emergência e as buzinas a todo volume.

Seu clube tinha desaparecido. Todos seus sonhos de ter uma vida independente se esfumaram.

— Dói-te muito? — Perguntou-lhe brandamente Phil.

— Sim. — Tinha a garganta fechada.

— Sua pele se curará durante o sono mortal.

Tinha a visão imprecisa por causa das lágrimas.

— Mas não meu coração.

Tocou-a no ombro.

— Não deveria estar aqui junto à janela.

— Mas tenho que vê-lo.

Ao menos podia estar perto de seu clube enquanto ardia até converter-se em nada.

— Vanda, não pode te permitir o luxo de que a vejam. — A separou da janela. — E não devemos ficar aqui muito tempo. Se se derem conta que não morreu na explosão, virão para te buscar. Mas por agora é provável que pensem que está morta.

— Quem? — Jogou um último olhar à coluna de fumaça antes que Phil baixasse as persianas.

— Apostaria na Corky. — Cora Lee pôs uma garrafa grande do *Chocolood* a esquentar no micro-ondas.

— Eu penso que foi Max o Megamembro. — Pamela pôs três taças com seus pratos sobre o balcão da cozinha. — Mas poderia ser qualquer um da centena de pessoas que chegaste a encher o saco ao longo dos anos.

— Não enchi o saco a centenas. — Vanda pensou para assegurar-se que era verdade.

— Lhes explicarei — começou Phil. — Temos informação do prisioneiro que Angus capturou ontem de noite.

— OH, ok. — Cora Lee encheu as três taças do *Chocolood* e passou uma a Vanda. — Darcy nos contou algo. Austin e ela o levaram ao Romatech.

Vanda se sentou no sofá e tomou um sorvo do sangue quente mesclado com chocolate. Suas amigas se sentaram frente a ela nas duas poltronas. Phil passeava pelo quarto.

— O prisioneiro nos disse que dispõe de uma lista negra com o nome dos vampiros que tomaram parte no que os Malcontents chamam o massacre da DVN. Quer vingar a morte de seu



amigo Jedrek Janow.

Vanda fez uma careta de dor. Seus amigos Ian e Toni tinham matado ao Jedrek Janow. Deixou a taça com o prato sobre a mesinha de café.

— Estão Toni e Ian nessa lista?

— São os primeiros — admitiu Phil. — Mas enquanto permaneçam ocultos em sua lua de mel, deveriam estar a salvo.

Cora Lee tomou outro sorvo do *Chocolood*.

— Quem mais está nessa lista negra?

— Jack, Zoltan, Dougal, Phineas. — Phil olhou a Vanda. — Você.

Ela tragou saliva.

— Casimir me quer morta? Por quê? Não fiz mal a ninguém na DVN. Nem sequer entrei.

— Isso é certo — insistiu Pamela. — Vanda só estava ali para dar apoio moral.

— Ao parecer, Casimir sabe dos intentos do Jedrek de matar a Vanda no passado — disse Phil. — Está tentando terminar o trabalho, possivelmente para honrar a memória de seu amigo.

Vanda se retorceu as mãos. Casimir tinha milhares de seguidores. Milhares de vampiros que estavam desejosos de cumprir sua vontade. O pânico borbulhou em seu interior, crescendo e ameaçando transbordando-se por completo. Tinha sido caçada antes. Jedrek e seus lobos a tinham açoitado durante mais de um ano. Tinha sido terrível, mas ao menos só tinham sido meia dúzia. Agora poderiam ser milhares... e não havia um lugar ao que correr. Nenhum lugar onde esconder-se.

Phil lhe tocou o ombro e ela saltou.

— Está bem. — Lhe esfregou o ombro. — Pensarão que morreste na explosão. Escondemo-la...

— Não posso me esconder durante séculos! — Vanda se levantou de um salto e passeou pela sala.

— Meu Deus! — Pamela ficou em pé e rebuscou o telefone móvel no bolso da calça — Isto é horrível, simplesmente horrível.

— Vais pedir ajuda? — Perguntou Cora Lee.

— Vou ver se a princesa Joanna ainda está levantada em Londres. — Pamela marcou um número. — Sinto um pouco de nostalgia pela velha e alegre Inglaterra.

Vanda se dirigiu para ela.

— Estas fugindo de mim?

— Sem ânimo de ofender, querida, mas não é a pessoa mais segura com a que estar agora mesmo... OH, Joanna! Como está? Importar-te-ia muito se fosse visitar-te?

— Eu também quero ir. — Cora Lee se levantou. — Sempre tive desejos de ver a Inglaterra.

— Ouviu isso, Joanna? — perguntou Pamela. — Sim, seremos duas... OH, estou de acordo. Vão ser umas férias encantadoras.

— Não posso acreditar que me estejam abandonando! — Gritou Vanda.

— Um momento, por favor. — Pamela apertou o telefone contra o peito. — Vanda, sabe que te quero, mas simplesmente não há razão para que fiquemos. Seremos um estorvo.



— Em realidade, isso é certo — disse Phil. — Para mim será mais fácil proteger a uma que a três. E você não quer que suas amigas estejam em perigo.

Vanda o fulminou com o olhar. Maldito fora tinha razão. Ela não queria que Pamela ou Cora Lee corressem perigo. Mas esta dor. Tinha esperado um pouco mais da lealdade de suas amigas.

— O clube também desapareceu — acrescentou Cora Lee. — Agora não nos necessita.

O coração da Vanda se contraiu no peito. Sim, o clube tinha desaparecido, mas Cora Lee o havia dito como se não fora mais importante que a perda de um prato quebrado. Não se davam conta que era sua vida? Era sua grande façanha. Era sua liberdade, sua independência, seu valor, sua segurança. E o tinha perdido.

— Vão, então! Quem as necessita?

Pamela fez uma careta.

— Temo que não sejamos tão valentes como você.

O lábio inferior de Cora Lee se estremeceu.

— Sempre quis ser valente, mas tenho muito medo.

Vanda se deu a volta para que não vissem as lágrimas em seus olhos. Tinha perdido o clube. Estava perdendo a suas amigas.

— Phil — sussurrou Pamela. — Prometa que te ocupará dela.

— Fá-lo-ei. Dou-te minha palavra.

— Que Deus te acompanhe Vanda — disse Pamela.

Vanda olhou para trás bem a tempo para ver tanto a Cora Lee como a Pamela, inclinando-se para o telefone para concentrar-se na voz da Joanna. Depois desapareceram.

Derrubou-se no sofá. Seu clube tinha desaparecido. Suas amigas se foram. O pesadelo tinha começado de novo. O pesadelo em que tinha perdido a todos os que amava e onde os meninos maus a caçavam até matá-la.

Um ruído estrepitoso lhe chamou a atenção. Phil tinha pegado todas as taças e os pratos da cozinha. Golpeou-a uma súbita compreensão. Não estava sozinha. Phil estava com ela. Ele tinha jurado que a protegeria. Seu coração se expandiu com ternura e calidez.

Então foi consciente de outra coisa e o peito se comprimiu. Karl também a tinha protegido, e tinha perdido a vida.

Não podia fazer isto ao Phil. Com uma pontada de dor que retumbou por todo seu corpo, teve a certeza que o amava. E não podia deixar que lhe acontecesse algo.

— Você... — Clareou a garganta. — Não é necessário que limpe.

— Em realidade, sim. — Carregou os pratos que estavam no lava-louça. — Não podemos deixar nenhum sinal de que estivemos aqui. E temos que ir logo. Se se decidirem a verificar sua morte, virão aqui em primeiro lugar.

Ela necessitava um lugar onde esconder-se. *Mas, onde?* Havia passado a maior parte de seu tempo nos Estados Unidos, segura confinada em um harém em Nova Iorque. Não podia ocultar-se em Londres com suas amigas do harém sem as pôr em risco. Não podia ocultar-se no Texas com a Maggie sem pô-la em perigo a ela e sua família.

— Não crê que a casa seja segura?



— Não. — Phil caminhou para ela. — Os Malcontents a conhecem. Tem um bom sistema de segurança, mas isso não os impedirá de invadi-la.

— Romatech?

— Todas as fábricas do Romatech estão em perigo. — Phil recuperou um telefone móvel do bolso. — Howard tem uma cabana nas montanhas Andirondack. Estive ali um par de vezes... para caçar. Chamarei e saltará a secretária eletrônica. Continuando, concentra-te na voz da mensagem gravada do Howard e nos teletransportará ali. De acordo?

— Não.

Phil fez uma pausa ao meio de pressionar um número.

— O que?

Vanda ficou de pé.

— Não vou contigo.

Phil entrecerrou os olhos.

— Não vou dar nenhuma opção.

Ela levantou o queixo.

— Eu sou a que faz a teletransportação. Posso ir onde me agrada. Por minha conta.

Ele deu um passo para ela.

— Aonde irá?

Ela encolheu os ombros.

— Eu... conheço os Cárpatos muito bem.

— Tem a intenção de te esconder nas covas? Soa cômodo.

— Assim que estou em meu sono mortal, o chão de terra não é diferente a um cômodo colchão.

Ele se aproximou mais.

— E quem te guardará durante o dia?

— Ninguém. — Apertou o látego ao redor de sua cintura. — Sobrevivi assim antes. Posso fazê-lo de novo.

Sua mandíbula se deslocou quando apertou os dentes.

— Estava sozinha antes. Agora não o está.

— Fiquei sozinha porque Karl morreu me protegendo. Não vou deixar que isso aconteça contigo.

— Isso não acontecerá. Sou uma merda muito mais difícil que Karl.

— Nem sequer o conheceu...!

— Sei o suficiente! E não te permitirei passar por isso sozinha.

— Não tem escolha. — Procurou em sua memória psíquica a localização de uma cova nos Cárpatos. Ele a agarrou pelos ombros.

— Não o faça. Poderia ser de dia ali.

Maldita seja. Poderia estar certo. Se teletransportar para o este era algo muito arriscado.

— Não vai haver luz diurna em uma cova.

— Quanto tempo há passado desde que estive ali pela última vez? Mais de cinquenta anos?



A cova poderia ter trocado. Poderia terminar teletransportando-se na rocha sólida. — Ela tragou saliva. — Se teletransportará para a cabana e me levará contigo. — Marcou o número. — Fim da discussão.

— Sempre é tão prepotente?

— Quando se trata de sua segurança, sim. — A abraçou fortemente e levantou o telefone até sua orelha. — Fá-lo.

Concentrou-se na mensagem gravada e em poucos segundos se materializaram em uma habitação às escuras. Phil a soltou e guardou o telefone no bolso. Ela vislumbrou as paredes de troncos marrons e as pedras cinza de uma grande chaminé. A luz da lua se filtrava através das janelas e se refletia em... globos oculares.

Abriu a boca e se deu a volta procurando o Phil. Ele se movia através da cozinha para a porta traseira.

— Phil?

— Estou aqui. — Acendeu as luzes. Ela se deu a volta para os globos oculares. A cabeça de um cervo estava montada na parede. Uma cabeça de alce gigante pendurava sobre a chaminé. E uma espécie de porco selvagem com presas se abatia sobre a estante.

— Há animais mortos nas paredes.

— Isto é uma cabana de caça.

Ela estremeceu.

— Estão-me olhando. — E dizendo: Você é a seguinte. — Me surpreende que não tenha uma pele de urso como tapete no chão.

Ele fez uma careta.

— Não acredito que ao Howard gostasse. E não estão olhando. Esses olhos são de cristal. — Abriu a geladeira e olhou dentro.

— Adivinho que Howard e você os mataram?

— Sim. — Pôs uma garrafa de cerveja sobre o balcão da cozinha e a desentupiu. — Somos... caçadores.

Ela se envolveu com seus próprios braços. Também tinha sido uma caçadora, uma vez. Tinha começado com suas habilidades de teletransporte seguindo o rastro de seu pai e seus irmãos pelos campos de prisioneiros. Mas então viu a horrenda crueldade e algo se rompeu. Em lugar de rastrear seus seres queridos, caçou aos que odiava. Os guardas dos campos, nazistas. Os vampiros tinham que alimentar-se todas as noites, assim, por que não fazê-lo e liberar ao mundo desses monstros ao mesmo tempo?

Mas Jedrek Janow descobriu seu plano e ela se converteu na caçada.

Sentou-se no braço de um sofá de couro marrom.

— Estou um pouco sensível por ter sido caçada.

— Aqui está a salvo. — Phil tomou um gole. — Só Howard, Connor e eu conhecemos este lugar.

— Isso é bom. — Olhou a seu redor. No respaldo do sofá havia uma manta tecida a mão com um desenho nativo americano. O sofá estava frente à chaminé, com uma mesa de café marcada e



impressa com os círculos dos copos. Uma poltrona velha e um abajur de pé descansavam perto da biblioteca.

Uma escada conduzia ao desvão. Pôde ver várias camas ali acima, todas cobertas com colchas de cores.

Phil ainda estava na cozinha, bebendo sua cerveja. O calor da explosão o tinha deixado sedento. Perto dali, havia uma mesa de comilão de madeira e várias cadeiras postas sobre um tapete trancado.

Ela respirou fundo e tratou de convencer-se a si mesmo que ali estava a salvo.

— Há sangue sintético na geladeira?

— Não. Tem fome?

— Agora não, mas em geral tomo um aperitivo antes do amanhecer. E quando despertar estarei faminta.

— Arrumarei uma entrega quando farei o relatório ao Connor. Quero me assegurar que Phineas retornou ao Romatech sem problemas.

Ela se perguntou se Phil teria problemas por ter fugido com ela em lugar de retornar ao Romatech.

— Onde vou dormir? Há um porão?

— Sim, mas tem janelas. — Abriu uma porta debaixo da escada. — Quando Connor vem, dorme aqui dentro.

— Ah. Muito bem.

Phil sorriu e retornou à cozinha. Agarrou uma lanterna de um armário.

— Vou comprovar o perímetro. Sinta-se como em sua casa. — Saiu pela porta traseira.

Com um gemido, ela olhou aos cervos mortos.

— A vida é foda, né?

Revisou o ferrolho da porta principal. Um Malcontent podia se teletransportar para dentro e matá-la, mas ao menos a porta fechada poderia deter qualquer intento de vingança por parte da família do alce ou do cervo.

O armário de debaixo da escada era surpreendentemente espaçoso. Estava vazio exceto por uma fileira de prateleiras em um extremo. Tirou uma manta e um edredom de uma das prateleiras e as estendeu no chão de madeira. Depois vagou atravessando a pequena cozinha. Havia roupa limpa colocada sobre a secadora. Umas calças de pijama de flanela, camisetas, um penhoar azul marinho.

A porta mais próxima dava a um pequeno quarto de banho. Agarrou o penhoar e se encerrou no interior. Olhou-se no espelho de cima da penteadeira. Nada. O único que podia ver era a velha banheira com patas detrás dela. Chutou suas botas fora dos pés. Meu Deus odiava os espelhos. Faziam-na sentir como... nada. Pequena e sem valor.

Pensou, mas existo, recordou-se a si mesma. Tinha sentimentos, esperanças e sonhos, igual a uma pessoa viva.

Mas seus sonhos acabavam de ser esmagados. Encheram-se os olhos de lágrimas. Desatou o látego e se deslizou fora do catsuit. Enquanto a banheira se enchia de água quente, lavou sua



roupa interior e o sutiã no lavabo. Pendurou-o para que se secasse no toalheiro.

Acomodou-se na profunda banheira, deixando que a água quente se filtrasse em seus frios ossos. Fechou os olhos com a esperança de se relaxar, mas sua mente se encheu com imagens de fumaça e fogo.

Tinha amado esse clube. Tinha-o desenhado, mobiliado, decorado. Fazia as audições para os bailarinos e tinha contratado os garçons. Tinha sido seu refúgio contra o cruel mundo. Um lugar onde ela controlava tudo e onde todo mundo fazia o que ela mandava. Era um santuário onde nunca teve que sentir-se pequena e onde nunca teve que suportar de novo a dor de seu passado.

As lágrimas lhe rodavam pelas bochechas. O que ia fazer agora? Passar o resto da eternidade escondendo-se, tremendo de medo, sem nada que fazer salvo reviver aos horrores de seu passado?

Lavou-se o cabelo chamuscado, depois se agachou sob a água para se enxaguar. Seu rosto estava queimado. Era sua culpa. Não deveria ter esperado tanto tempo para se teletransportar e a Phil longe do perigo. Mas não tinha acreditado em toda a sua história sobre a bomba. Como diabos sabia que estava em seu arquivo?

Saiu da banheira, secou-se e vestiu o penhoar. Era evidente que era para um homem. As costuras dos ombros penduravam até os cotovelos e as mangas caíam pelas pontas dos dedos. Enrolou as mangas e apertou o cinturão ao redor de sua cintura. O penhoar tinha sido desenhado para o amplo peito de um homem, assim deu a volta ao pescoço para dentro para ajudar a cobrir o decote.

Agarrou o látego e caminhou para a cozinha. As luzes se apagaram e um grande fogo ardia na chaminé. Deixou cair o látego sobre a mesa. Phil estava tratando de fazer que o lugar parecesse romântico? As velas piscavam no suporte da chaminé. E a cabeça do alce que havia em cima, tinha desaparecido. Girou-se. O cervo e o javali também se foram.

Abriu-se uma porta e viu o Phil no patamar da escada que conduzia ao porão. Apagou a luz e depois entrou na habitação principal. Sorriu e seus olhos azuis brilhavam enquanto a olhava.

A ela lhe debilitaram os joelhos, mas o encobriu se sentando de repente no sofá. Passou uma mão pelo molhado cabelo curto.

— O que há passado com as cabeças dos animais?

— Levei-as ao porão. Imaginei que não te importaria.

— Não. — Aconchegou os pés debaixo dela no sofá e se ajustou o penhoar para assegurar-se que a cobria.

Ele se aproximou sem deixar de olhá-la e sem deixar de sorrir.

— Revisei o perímetro. Estamos em perigo por dois guaxinins de aspecto vicioso que vivem em um carrinho de mão. — Deslocou o olhar até a mesinha de café. — Graças a Deus que tem seu látego.

Ela sabia que ele estava tratando de aliviar o ambiente, mas as lágrimas que tinha derramado na banheira só tinham sido a ponta do que sentia como um gigantesco iceberg em seu peito. Girou a cabeça para que ele não visse as lágrimas em seus olhos.

— Liguei ao Connor para fazê-lo saber que estamos aqui. Sentiu-se aliviado quando soube



que está a salvo. — Começou a fazer um comentário sarcástico sobre o Connor, mas estava muito cansado para pensar em um. — Phineas virá antes do amanhecer para trazer um fornecimento de sangue sintético — continuou Phil, — assim depois de tudo não te verás obrigada a me morder.

Ela assentiu com a cabeça. O alívio a atravessou, fazendo que as lágrimas ameaçassem se transbordar. Se só Phil fizesse algo terrível, ela poderia gritar e lançar um ataque. Interiormente, deu um coice. Era isto o que tinha estado fazendo durante todos estes anos? Apoiando-se em sua ira para não fazer frente a seus verdadeiros sentimentos?

— Vanda. — Esperou até que ela lançou um olhar furtivo em sua direção. — Carinho. Tudo vai estar bem.

Com as lágrimas queimando em seus olhos, apartou-os rapidamente.

— Vou à ducha.

Ouviu a porta do banho fechar-se com um rangido. Maldita seja. Não ia chorar. Do que serviria? Levantou-se e caminhou para a mesa da cozinha e retornou. Não havia nada para entreter a mente afastada de seus problemas. Nenhuma televisão. Nenhum ordenador.

Deteve-se diante da livraria. *Como limpar um pescado em cinco singelos passos. Empalhecimento para tolos.* Uma novela romântica? Tirou o livro de bolso e estudou ao casal da capa, que se abraçava seminus. Sorriu para si, perguntando-se quem teria levado esse livro para à cabana. Howard, Phil ou Connor? Talvez liam as cenas de amor para recolher algumas sugestões. Não é que Phil necessitasse ajuda nesse aspecto.

Tinha sido incrível. Tão intenso. Tão sexy. Tinha conseguido derretê-la.

— Está acalorada?

Ela deu um salto e se girou para a voz. Ele acabava de sair do quarto de banho. Com o torso nu. O livro lhe caiu das mãos. Ele assinalou a chaminé com um gesto da cabeça.

— Queria fazer que este lugar fora mais acolhedor, mas o fogo pode ser muito para o mês de julho.

— É... está bem. — Agarrou o livro de bolso do chão e o escondeu em uma prateleira mais baixa, roubando uma última olhada do peito do herói da capa. Não havia comparação. O modelo parecia artificial. Amaneirado. Como uma figura de cera.

Seu olhar voltou de novo para o Phil. Aquilo era um peito. Amplo de ombro a ombro. Cabelo castanho, ainda reluzente de seu banho e frisando-se enquanto se secava. Uma fina linha de pelo separava seus abdominais e desaparecia sob as calças de flanela a quadros que levava baixos sobre os quadris.

Caminhou para ela com algo em uma de suas mãos.

— Encontrei algo no quarto de banho que te fará sentir melhor.

Necessita pilhas?

— O que é?

Mostrou-lhe um frasco transparente cheio de um líquido verde e viscoso.

— É aloe vera. Muito bom para as queimaduras.

— OH. — Se tocou o rosto. — Me curarei durante meu sono mortal.

— O que ocorrerá dentro de umas sete horas a partir de agora.



Ele se sentou no sofá e deu uns tapinhas à almofada a seu lado. Ela se sentou no bordo e alargou a mão para agarrar a garrafa. Para sua surpresa, ele não a passou. Aplicou um pouco na mão e deixou a garrafa sobre a mesa ao lado do látego.

— Não te mova. — Se aproximou dela e com o dedo pulverizou um pouco de loção pelo queixo.

— Posso fazê-lo eu.

— Não pode ver as zonas feridas. — Lubrificou um pouco pela frente. Sentia-se maravilhosamente bem.

— Devo ter um aspecto horrível.

— Para mim sempre está formosa. — Passou um pouco de loção pelas bochechas. — Estiveste chorando.

A mera menção dessas coisas tão temidas as trouxe de novo a seus olhos.

— Perdi tudo. Meu clube. Minhas amigas.

— Suas amigas ainda se preocupam contigo. Não as perdeste. — Passou-lhe um pouco de loção pelo nariz. Ela sorveu.

— Perdi o clube. Era tudo para mim.

Ele se esfregou as mãos para cobri-las com aloe vera e depois lhe acariciou a garganta com as palmas.

— Não o era tudo.

— Sim o era. Desenhei-o eu mesma. Eu tomava todas as decisões. Era minha criação. Era... perfeito. — As mãos do Phil também eram perfeitas.

— Dava-te uma sensação de plenitude.

— Sim. Exatamente. — Estava tão contente que ele a entendesse. — Eu ali era feliz. Sentia-me... segura e protegida.

Ele se recostou nas almofadas do sofá.

— Só eram tijolos e morteiro. Madeira e cimento. Nada mais.

Ela ficou rígida. Ele não entendia nada absolutamente.

— Escutou tudo o que acabo de dizer?

— Sim. Dava-te uma sensação de plenitude. Sentia-se segura e feliz. E esses sentimentos estavam todos unidos a seu clube.

— Sim. — Uma lágrima caiu pela bochecha.

— Vanda, o clube não sustentava esses sentimentos. Isso o faz você em seu coração. — Lhe limpou a lágrima. — Nada, nem um Malcontent, nenhuma explosão ou um fogo pode te roubar esses sentimentos.

O iceberg que lhe oprimia o peito se derreteu e mais lágrimas correram por seu rosto.

— Sabe o que vejo quando a olho?

— Uma mulher louca e não morta, com o cabelo arroxeadado e uma má atitude?

Ele sorriu e lhe passou os dedos pelo cabelo úmido.

— Vejo uma bela moça que é inteligente e valente e que pode obter algo que se proponha fazer.



— Crê que posso ser feliz?

— Sei que pode.

Escaparam mais lágrimas.

— Phil, diz as coisas mais bonitas.

Beijou-lhe as lágrimas.

— Na realidade sou mais um homem de ação.

Podia imaginar que ações tinha em mente.

— Phil, se algo te acontecer, isso me matará.

— Vou estar bem. — Lhe beijou a frente. — Confia em mim.

— É por isso que recusei sua ajuda, já sabe. Não porque seja uma ingrata ou teimosa. É que eu... eu...

Beijou-a na ponta do nariz.

— Sente um pouco de carinho por mim?

— Sim. — Notou que seu rosto se incendiava de novo. — Só um pouco.

— Bem. — Agarrou a manta a Índia do respaldo do sofá e a estendeu no chão diante da chaminé. — Eu também sinto um pouco de carinho por ti.

O olhar dela se desviou para a protuberância que havia em suas calças de flanela.

— E, entretanto, mostra-o de uma maneira evidente.

Ele sorriu.

— Vêem aqui. Quero te beijar em alguma parte que não tenha sabor a aloe vera. — Seus olhos azuis brilhavam com o calor. — E estou seguro de poder encontrar esse lugar.

Ela sabia que o conseguiria. Rodeou a mesinha de café e ficou diante dele. Phil lhe roçou a bochecha.

— Vanda, amo-te.

Seu coração se gretou de par em par.

— Phil. — Lançou os braços ao redor de seu pescoço. — O que faria eu sem ti?

Ela se estava apaixonando. Não tinha querido, mas ele estava resultando ser muito irresistível. E doce. E sexy.

— Fará amor comigo? Agora?

— Pensei que nunca me perguntaria isso.

Inclinou a cabeça para ela.

CAPÍTULO 14

Vanda se inclinou para o Phil enquanto a beijava. Foi um beijo lânguido, sem pressas. Não havia dúvida que tinha a intenção de fazer amor com ela lenta e delicadamente. Mas o ritmo com que acariciava a língua dela com a sua, a forma em que a pele dele se sentia sob as mãos vagantes dela, e o varonil aroma terrestre enchendo seus sentidos, fizeram que lhe derretessem os ossos,



que seu coração se acelerasse e que o desejo crescesse em espiral fora de controle.

Afundou os dedos em suas costas e se arqueou para ele. Pressionou os quadris contra sua virilha, esfregando a dura longitude. O doloroso vazio entre suas pernas cresceu quente e exigente.

Ao diabo fazendo amor sem pressa. Isso poderiam fazê-lo a segunda vez. Ou a terceira.

Ela rompeu o beijo.

— Vamos fazê-lo. — Mediu até encontrar o nó do cinturão do penhoar.

— Carinho, eu adoro o entusiasmo, mas primeiro temos que falar.

— Tem que estar brincando. — Tirou sua roupa e a deixou cair ao chão. Ele conteve o fôlego.

— Bom Deus, é formosa.

— Obrigada. — Se deu conta que sua virilha crescia. — Basta de falar. — Agarrou o cinto de suas calças do pijama para puxá-lo. Agarrou-lhe os pulsos para detê-la.

— Realmente temos que falar.

— Por quê? — Atirou das mãos para soltar-se e o olhou. — Me está rechaçando?

— Não! Amo-te. Quero passar minha vida a seu lado.

O coração se inchou.

— De verdade?

— Sim, de verdade.

— Então, qual é o problema? Não posso ficar grávida. Não tenho nenhuma enfermidade. Seu formoso corpo não se verá prejudicado de maneira nenhuma. — Agarrou o látego da mesinha de café. — A menos que, é óbvio me encha o saco — Ele pôs-se a rir. Ela soprou. — Se supunha que ia assustar-te com o da submissão. O látego ou meu escravo de amor pessoal: o que escolhe?

Os olhos azuis brilharam.

— Não tem que recorrer às ameaças. Sou voluntário com muito prazer.

Ela arrojou o látego sobre a mesa.

— Então me dê um beijo. Faça-me gritar. É uma ordem.

Ele trocou o peso de pé.

— Tenho algo que te dizer antes. — Vanda grunhiu frustrada. Deveria ter utilizado o maldito látego. — Recorda que mencionou que os nazistas enviaram aos lobos detrás de ti?

Ela ficou paralisada. A pele se esfriou e se arrepiou, apesar das chamas do fogo.

— Não quero falar disso. — Não podia permitir que Phil o soubesse. Nunca voltaria a olhá-la da mesma maneira. — O passado se foi. Não tem sentido falar disso.

— Mas isto...

— Não! Você me ama, não? — As lágrimas saltaram a seus olhos uma vez mais. — Não se supõe que o amor é suficiente?

Olhou-a nos olhos.

— Espero que o seja.

— É-o. — O envolveu com os braços. — Por favor. Só tem que me aceitar como sou. Ame-me.

— Amo-te. Mais que tudo.



— Bem. — Puxou suas calças para baixá-los. — Então date pressa.

— Temos toda a noite. Não me apure.

Mas já estava preparado. Muito preparado.

— Quero-te. — Ela alargou a mão para tocá-lo.

— Espera um minuto. — A depositou no chão e ela, imediatamente, bloqueou-o com suas pernas ao redor da cintura.

— Meu escravo de amor. — Levantou os quadris para esfregar-se contra ele. — Tome agora. Empurrou-lhe os quadris para baixo.

— Agora não.

— Sim, agora. Que parte do término “escravo de amor” não entende?

Ele riu entre dentes.

— Eu fui o primeiro a declarar meu amor. Portanto, tenho o primeiro turno.

— Estamos tomando turnos?

— Sim. E eu tenho o primeiro.

Ela reprimiu um sorriso. Para ser um escravo de amor, era muito dominante. Mas inclusive essa pequena luta pelo poder a acendia.

— Pensa que é quem manda aqui?

— Sei que o sou. — Agarrou o cinturão do penhoar.

— Possivelmente só te permito pensar que está no comando. — Franziu o cenho enquanto lhe enrolava o cinturão ao redor dos pulsos. — O que está fazendo?

— Tenho a intenção de te explorar a fundo. Não poderei fazê-lo se segue fazendo que me apresse. — Lhe pôs os braços sobre a cabeça e atou os extremos do cinturão à pata da mesa de café. Ela puxou e depois sorriu. Tinha-a atado tão frouxamente que poderia liberar as mãos assim que quisesse.

— E quem te pôs ao comando?

— Eu. Sinta-se livre de pedir o livro de reclamações.

— Fá-lo-ei. Você... você... — Conteve a respiração quando lhe fez cócegas com a língua no pescoço. — É um arrogante.

— Mmmm. — Lambendo-a até os peitos.

— É um cavernícola. — Se estremeceu quando fez círculos com a língua em um mamilo. — Agressivo e completamente ou... ou... — Chupou-lhe o mamilo. — Odioso!

Ele puxou a ponta endurecida e ela gemeu. A dor entre suas pernas se fez mais premente.

— Phil, por favor.

— Não está mendigando, verdade? — Mordiscou-a até o ventre.

— Nunca.

— Bem, porque não me vais convencer. Este segue sendo meu turno e não terminei contigo. — Deslizou dois dedos no interior. Ela se sacudiu. — Está tão molhada. — Moveu os dedos. — Tão formosa.

Ela ofegou, respirando com dificuldade. *OH Deus*, sentia-se tão bem. Esticou as pernas e levantou os quadris. E ele retirou os dedos. O crescendo que se estava construindo, derrubou-se e



caiu.

— Agh! — Alguma vez teria se sentido tão desesperada. — O que foi isso?

— Confia em mim. — Se mergulhou entre suas pernas.

Ela chiou ao sentir o contato de sua língua. Fez-lhe cócegas e se burlou, amamentando-se e mordendo-a. A tensão a golpeou de novo com toda sua força e lhe roubou o fôlego. *OH, Meu Deus*, se era assim como usava seu turno, podia ficar toda a noite. Duas semanas inteiras.

Debitou-lhe a visão. Os ouvidos zumbiram. Todos os sentimentos, todos os pensamentos, concentraram-se nessa malvada boca.

Ela gritou quando uma convulsão maciça sacudiu seu corpo. Retorceu-se, alheia a tudo, mas com uns deliciosos tremores. Abriu a boca quando ele a penetrou de repente.

— Phil. — Liberou as mãos do cinturão. — Está tentando me matar?

Ele sorriu e a beijou na frente.

— Aguenta carinho. Ainda é meu turno.

Várias horas depois, Phil estava sobre suas costas em um estupor satisfeito.

— Phil... — Lhe sussurrou Vanda ao ouvido. Ele gemeu. Era seu turno de novo? Tinha perdido a conta. Depois do último, pensou que estava completamente esgotado. Tinha estado meio dormindo quando ela começou a massageá-lo com um pano úmido e morno. Foi tão suave, que tinha flutuado em um estado de sonolência, semiacordado.

Mas depois, tomou-o em sua boca. Em um instante, tinha estado totalmente acordado e totalmente ereto. Torturou-o até que pediu clemência, e então se sentou escarranchada. Não soube o que foi mais excitante: sentir seu sexo deslizar-se acima e abaixo por seu pênis, ou vê-la lhe fazer amor. Adorava ver as expressões de seu rosto, a cor de sua pele, e o balanço de seus peitos. Tinha desfrutado escutando os suaves gemidos e os gritos roucos. Nunca tinha experimentado algo tão belamente erótico.

Quase o tinha matado.

— Phil... — sussurrou outra vez. Ele gemeu. — Ficou dormindo. São às quatro da manhã.

— Isso está bem. — Abriu os olhos à força, mas caíram voltando-se para fechar. — Durmo de noite. Protejo durante o dia.

— Sei. Mas todo este exercício deu-me fome.

— Isso está bem. — ficou frito.

— Phil...

— Mmmmm.

— Estou faminta. — Riscou a carótida com o dedo. Ele abriu os olhos. Ela sorriu.

— Pensei que isso chamaria sua atenção. Ia chamar ao Connor, acreditei que lhe devia dizer isso antes, no caso de um dos meninos se se teletransportar aqui com sangue sintético e te vê nu estendido no chão.

Ele se sentou.

— Vejo o que quer dizer. — Seria óbvio que Vanda e ele se dedicaram a atividades proibidas. Piscou, dando-se conta pela primeira vez que ela levava postos umas calças de flanela e uma



camiseta de homem. — Está vestida.

— Sim. Encontrei esta roupa na secadora. E tomei outro banho. Os vampiros têm um sentido do olfato muito desenvolvido.

Os homens lobo, também, e o aroma da Vanda estava nele.

— Será melhor que me lave.

Correu ao quarto de banho para esfregar-se até ficar bem limpo. Quando saiu com uma toalha envolta ao redor dos quadris, descobriu que ela tinha carregado a máquina de lavar roupa com a manta e tudo o que cheirasse a sexo. Estava passeando pela habitação.

— Acredito que não deixei nada. Não quero te perder como meu guarda-costas. Se Connor se der conta do que estivemos fazendo, poderia te dar outra atribuição.

— Então, abandonaria. — Phil encontrou a última camiseta e o par de calças de flanela da secadora. Os pôs. — Não vou deixar-te.

— Phil. — Olhou-o com tanto amor em seus suaves olhos cinza. Então o olhar passou até seu pescoço. Brilhavam-lhe os olhos e se girou. — Faz essa chamada, por favor.

— Muito bem. — Não tinha medo das presas da Vanda, mas sabia que se o mordida, dar-se-ia conta que seu sabor não era o de um humano normal. Essa não era a forma em que queria que soubesse a verdade. Tinha tentado dizer-lhe antes, mas ela não tinha querido escutar.

Estava a meio caminho de retorno ao banho para recuperar seu telefone móvel que tinha deixado nas calças, quando se lembrou de que na cabana nunca havia boa cobertura. Seria perigoso que um vampiro se teletransportasse tendo uma baliza instável. Retornou junto ao telefone no balcão da cozinha e pulso o número do escritório de segurança do Romatech. Respondeu Connor.

— Que tal tudo por ali?

— Tranquilo. Vanda está faminta, assim poderíamos utilizar uma entrega.

— Enviarei ao Phineas. Espera sua chamada em uns minutos.

Connor desligou. Phil franziu o cenho enquanto baixava o auricular.

— Passa algo? — Perguntou Vanda.

— Connor estava... mais cortante que de costume. Deve estar acontecendo algo. Saberemos quando chegar Phineas.

Vanda assentiu e se dirigiu para a chaminé. O fogo se reduziu, deixando umas quantas brasas sobre um montão de cinzas. Soou o telefone e ele agarrou o receptor.

— Hei Phineas. Me alegro que conseguisse sair do clube.

Pelo eco do som de sua voz, compreendeu que já estava no alto-falante do telefone. Seguiu falando para que sua voz pudesse guiar ao Phineas até o lugar correto. Quando o jovem Vamp apareceu, com os braços ocupados com uma grande caixa de cartão, Phil desligou.

— Hei irmão. — Phineas deixou a caixa sobre o balcão da cozinha e se voltou para saudar a Vanda. — Puxa tia, vê-te um pouco rangente.

Ela o olhou, molesta.

— Muito obrigada. — Sua expressão se suavizou enquanto se aproximava da cozinha. — Na realidade, quero te agradecer. Não só por trazer a comida, se não por ajudar a todo mundo a sair



do clube.

— Não há de quê. — disse Phineas. — Sinto muito que explodisse. Sabe, seu porteiro estava realmente de saco cheio. Insistiu em se teletransportar comigo ao Romatech para oferecer-se voluntário para lutar contra os Malcontents. Angus se alegrou de contratá-lo.

— Angus está no Romatech agora? — Perguntou Phil.

— OH, sim. — Phineas tirou um estojo de plástico da caixa e o pôs diante Phil — Estas são algumas das armas que Connor quer que leve.

— Bem. — Phil abriu o estojo e encontrou duas pistolas e numerosos carregadores.

— Eu gostaria de poder ter trazido algumas balas de prata — disse Phineas — mas não podia teletransportar-me com elas.

— Entendo-o. — Phil carregou uma das armas de fogo.

— O que acontece a minha comida? — Vanda olhou dentro da caixa.

— Aqui está senhorita Torrada. — Phineas começou a tirar as garrafas de sangue sintético e pô-las sobre a bancada. Vanda agarrou uma, arrancou o plugue e engoliu o conteúdo.

— Vá, neném. — Phineas dirigiu um olhar divertido para o Phil. — Me pergunto por que está tão faminta.

Phil o ignorou e guardou no refrigerador as restantes garrafas. Phineas olhou do Phil a Vanda.

— Roupa de lenhador a jogo. Que... interessante.

Vanda golpeou o balcão com a garrafa vazia.

— Alto aí, doutor Phang, antes que seja criativa com esta garrafa.

— Oohh, perversa. — Phineas sorriu. — Eu gosto.

Phil carregou outra arma de fogo, pôs o seguro e a entregou a Vanda.

— Alguma vez utilizaste alguma destas?

— Não. — O olhou com cautela e depois dirigiu um olhar irônico para o Phineas. — Mas sei onde apontar para praticar.

— Oohh, perversa e malvada. — Phineas lhe piscou um olho.

— Vai tomar isso a sério? — Queixou-se Phil. Ofereceu de novo a arma a Vanda. — Necessita isto.

Agarrou-o a contra gosto.

— Prefiro meu látego.

Phineas bufou.

— Certamente que sim.

— Tenho que te arrancar as presas? — Grunhiu Phil.

— Está bem, está bem. — Phineas elevou as mãos em um gesto de rendição. — O doutor Amor só quer ter um pouco de diversão, isso é tudo. As coisas estão tão... lúgubres no Romatech. É muito melhor aqui, em seu ninho de amor.

— É uma cabana de caça — o corrigiu Phil.

— Phil e Howard são caçadores. — Vanda se dirigiu para a mesa de café e deixou a pistola ao lado do látego. — Phil transladou todos ao porão porque eu não gostava, mas isto estava cheio de



troféus com cabeças de animais montadas nas paredes.

— Sim, já sei o que estivestes montando — murmurou Phineas. Quando Phil lhe deu uma cotovelada, sussurrou. — Não se preocupe irmão. Não o direi a ninguém.

— Isto sim que é estranho. — Vanda girou enquanto examinava a cabana. — Acabo de me dar conta que não há por aqui nenhum rifle de caça. Como mataram a esses animais?

Phil estremeceu por dentro. Não havia rifles porque não eram necessários. Totalmente transformados em urso e em lobo, podiam matar ao velho método. Phineas deixou escapar uma lenta e aguda respiração e olhou ao Phil com cumplicidade. Phil Clareou a garganta.

— Howard nunca deixa os rifles aqui. Alguém poderia entrar e roubá-los.

— OH, já vejo. — Vanda se sentou no braço do sofá, aparentemente satisfeita com sua resposta.

— Então, o que se está passando no Romatech? — Disse Phil trocando de tema. Phineas moveu a caixa vazia até o chão.

— Angus chegou faz umas horas. Mudou o salão de conferências para o outro lado do escritório de segurança, em um centro de operações para a guerra.

— Para a guerra? — Perguntou Vanda com os olhos muito abertos.

— É muito provável que as coisas se intensifiquem — explicou Phil. — Sobre tudo agora que Casimir está nos Estados Unidos.

Ela fez uma careta.

— Por que não pôde ficar na Europa do este? Ali é onde a maioria dos vampiros horripilantes passam o tempo.

Phil se estremeceu. Tinha que dizer a Vanda que o vampiro horripilante, Sigismund, também estava aqui.

— Tem sentido que Casimir venha aos Estados Unidos. Quer destruir a todos os vampiros modernos bebedores de garrafa, e aqui é onde vivem a maioria deles. A base do poder está aqui.

Phineas assentiu com a cabeça.

— Angus estava dizendo o mesmo.

— Bom, os líderes pode ser que estejam aqui, mas os partidários... — gemeu Vanda. — Viu os meninos na festa de ontem à noite? Quando pensaram que Phineas tinha sido envenenado pelos Malcontents, assustaram-se e quiseram fugir. Nosso lado tem um montão de débeis!

Phineas ficou tenso.

— Eu não sou um covarde.

— Nem eu tampouco. Temos um montão de bons lutadores — insistiu Phil. Mas sabia que Vanda tinha razão. Os vampiros que optavam por beber sangue engarrafado faziam-no porque tinham aversão em atacar aos mortais. Por natureza, eram criaturas pacíficas e respeitosas com a lei.

Por outro lado, os seguidores de Casimir eram violentos e agressivos. Como mortais, tinham sido assassinos e valentões, e como vampiros, sua cruel natureza se agravou. Ofereça a um criminoso, super velocidade, super força e as habilidades de controle mental, e o resultado era um monstro vicioso com alucinações de grandeza e invencibilidade. Como podiam os Vamps ter a



esperança de derrotá-los? Mas se não o fizessem, não haveria ninguém no mundo que pudesse evitar que os Malcontents aterrorizassem ao mundo. Os Vamps tinham que lutar, gostassem ou não, não só por sua própria sobrevivência, mas também para proteger o mundo mortal.

Phil se dirigiu à porta traseira e colocou as botas de água.

— Faz um momento que não comprovo o perímetro. Quer vir? — Disse lhe jogando um olhar afiado.

— Yap, claro, irmão.

Phil sorriu a Vanda.

— Só nos levará uns minutos.

Ela cruzou os braços, com o cenho franzido.

— Entendo-o. Quer falar de coisas a respeito da sangrenta guerra sem assustar à pequena dama. Bem, pois eu já vivi uma guerra antes, sabe? Sou forte, merda.

Não tanto como pretendia. Phil queria poder tê-la entre seus braços e beijá-la seguindo as linhas de expressão de sua frente, mas não podia diante de uma testemunha.

— Em seguida voltamos.

Deslizou-se fora com o Phineas. Esperou no alpendre durante uns segundos, a que seus olhos se acostumassem à escuridão. Depois baixou a escada até o caminho de cascalho. A lua crescente pendurava a baixa altura sobre a escura silhueta das árvores de folha perene. A brisa agitava os ramos, enchendo o ar com o aroma a pinheiro.

Caminhou pelo atalho enquanto o cascalho rangia sob suas botas de água. Phineas caminhava a seu lado, olhando para a escuridão do bosque.

— Por aqui.

Phil caminhou ao redor da cabana fazendo um círculo no sentido das agulhas de relógio. O ruído de seus passos suavizou-se sobre a erva. Escutou com atenção. O canto dos pássaros e o ruído de patinhas correndo pelas ervas daninhas.

— Que tão grave é? — Perguntou.

Phineas lhe deu uma patada a um abacaxi.

— Os Malcontents russos atacaram a mansão. Ali não havia ninguém, mas o alarme saltou no Romatech e no momento em que chegamos, já tinham partido.

— Covardes— grunhiu Phil.

— Dormiremos no porão do Romatech até que as coisas se acalmem. — Phineas suspirou. — Se é que alguma vez se acalmem. Esse tio, Sigismund, fê-lo soar como se todas as sucursais do Romatech estivessem em perigo. Angus enviou ao Mikhail, Zoltan, Jack e Dougal às outras instalações para reforçar a segurança.

Phil olhou o alpendre dianteiro da cabana enquanto passavam.

— Agradecer-te-ia se não mencionasse ao Sigismund diante da Vanda. Quero ser eu a dar-lhe a notícia.

— Ela o conhece?

— Foi quem converteu a ela e a sua irmã.

Phineas lançou um assobio.



— Merda, irmão. Não é de estranhar que você quase lhe arrancasse a cabeça. Entretanto, isso foi realmente impressionante, a forma em que suas mãos se converteram em patas.

— Apreciaria que tampouco mencionasse isso.

Phineas se deteve.

— Ainda não o há dito?

— Não. Tentei-o, mas... — Gemeu interiormente. Deveria ter-se esforçado mais. Vanda tinha estado tão firme ao negar-se a falar. O que estava tentando lhe esconder?

Phineas reatou a caminhada ao redor da cabana.

— Connor queria te transmitir uma mensagem. Mantém suas patas peludas afastadas da Vanda enquanto seja seu guarda-costas. — Phil olhou para a escuridão do bosque, sem dizer nada. — Obviamente, o aviso do Connor chega muito tarde — murmurou Phineas.

— Não vou falar disso. — Phil girou pela esquina e se dirigiu ao alpendre traseiro.

— Não tem por quê, irmão. O doutor Amor sente estas coisas. Além disso, é um animal, e atuará como tal. — Phineas uivou como um lobo.

— Basta já — grunhiu Phil. — Isto não tem nada que ver com minha natureza animal. Amo a Vanda, e acredito que ela me ama.

— Colega, ela nem sequer te conhece. Não até que lhe diga a verdade.

Phil estremeceu por dentro.

— Ok, já conseguiste seu ponto. — Somente podia ter a esperança que sua natureza de troca formas não supusera uma diferença. Vanda afirmava que seu amor seria suficiente. Mas odiava aos troca formas. E tinha medo aos lobos.

Quando se aproximavam da porta traseira, ouviu soar o timbre do telefone no interior.

— Vai. — Se apressou a abrir a porta. — Prefiro que Vanda não o agarre.

Phineas se deslizou no interior a velocidade vampírica, chegando ao telefone antes que Vanda.

— Diga?

Enquanto Phil fechava com chave a porta traseira, tomou nota da expressão de surpresa no rosto do vampiro negro.

— Como... como ocorreu? — perguntou Phineas. Fez uma careta ao escutar a resposta. Vanda se retirou à chaminé com linhas de preocupação sulcando sua frente. Cruzou os braços, encurvando os ombros.

— Muito bem — disse Phineas em voz baixa. — Vamos para lá.

Pendurou o telefone e se girou lentamente para eles. Ainda parecia aturdido.

— O que aconteceu? — Perguntou Phil. Phineas tragou ruidosamente.

— As instalações do Romatech no Texas e Colorado explodiram. Morreram quatorze Vamps. Muitos mais estão feridos.

Vanda conteve o fôlego e se levou uma mão à boca.

Phil sentiu uma onda de opressão no peito. Durante os últimos anos tinha havido tensão entre os Malcontents e os Vamps. Inclusive tinha havido alguns combates de pouca importância. Mas nada a esta escala.



Olhou para a Vanda através da habitação. De algum jeito, tinha que mantê-la a salvo. E também tinha que lutar.

— A guerra começou.

CAPÍTULO 15

Guerra.

Vanda se estremeceu. O pesadelo tinha retornado com toda sua força. À idade de vinte e dois anos, tinha perdido sua casa, sua família e sua mortalidade. A guerra lhe tinha arrancado a vida a pedaços e tinha acabado sozinha, perseguida e escondida nas covas.

E agora, anos mais tarde, tinha perdido seu clube e a suas amigas. Uma vez mais, estava na clandestinidade, perseguida pelos Malcontents. Uma vez mais, a guerra estava destruindo seu mundo.

Atravessou-a uma onda de fúria. Como podia se passar isto outra vez? Estava maldita? Apertou os punhos. Queria golpear algo. Lançar algo. Gritar.

Agarrou o látego da mesa. Deixa que um desses Malcontents a encontre. Arrancar-lhe-ia a pele da cara a chicotadas. Mataria ao sangrento... O látego caiu ao chão.

OH, Deus, não queria voltar a matar. O que estava fazendo? Tinha deixado que os monstros a apanhassem antes. Tinha-os deixado que a convertessem em um. *Não*. As lágrimas lhe queimavam os olhos. Nunca mais.

— Vanda? — Phil se aproximou olhando-a com preocupação — Está bem?

Que néscia e egoísta que era! Quase tinha tido um acesso de auto compaixão quando outros vampiros tinham perdido a vida esta noite. Quatorze mortos. Havia Vamps de luto. Vamps que tinham ficado feridos. Sua ira não os estava ajudando, nem a eles nem a si mesmo. Respirou profundamente.

— Estou bem. Eu... Senti-me muito de saco cheio durante um momento, mas...

— Conseguiu te controlar. — Os olhos do Phil se suavizaram, brilhando com amor.

O coração lhe encheu de calidez. Este pesadelo era diferente do anterior. Esta vez tinha a Phil. E não havia lobos a perseguindo.

Phineas Clareou a garganta.

— Eu não gosto de interromper um momento tão tenro, mas Phil e eu temos ordens de retornar para uma reunião de estratégia.

Phil ficou tenso.

— Eu não deixo a Vanda sozinha.

— Pode vir se quiser. — Se girou para a Vanda. — Sabe como chegar ao Romatech, verdade?

— Não, obrigado — disse Vanda. — Vão vós dois sem mim.

— Está segura? — Perguntou Phil.

Ela se burlou.



— Jesus! Teletransportar-me para o Romatech quando os meninos maus os estão bombardeando? Que pergunta tão difícil. Melhor fico aqui.

— Estarei de volta antes do amanhecer — lhe assegurou Phil.

— Então, é melhor que se apressem e vão já. — Olhou o relógio sobre a pia da cozinha. — São já às quatro e meia.

Ele assentiu com a cabeça.

— Um momento, Phineas. Tenho que vestir de novo o uniforme.

Correu ao quarto de banho. Vanda entrou na cozinha e tirou duas garrafas de sangue da geladeira. Entregou uma ao Phineas.

— Obrigado. — Desenroscou o plugue e bebeu.

— Obrigada por trazê-las. — Baixou a voz até um suave sussurro para que Phil não a ouvisse. — Sei que suspeitas que Phil e eu estamos... Envolvidos, mas, por favor, não o diga a ninguém.

— Carinho — sussurrou Phineas, — quando se trata do Phil e de ti, estou até o pescoço de segredos. Mas meus lábios estão selados.

— Obrigada. — Vanda brindou fazendo chocar as garrafas. Girou-se ouvindo a porta do banho.

Phil saiu vestido com seu uniforme MacKay, de calças cor cáqui e um polo azul marinho.

— Preparado, Phineas. Vamos.

Deu ao Phil um sorriso alentador enquanto se teletransportava com o jovem vampiro negro. E imediatamente, sentiu-se sozinha sem ele. Quão rápido e profundamente tinha invadido seu coração e sua vida.

Bebeu um sorvo da garrafa e se perguntou que tipo de segredos guardava Phineas. Não havia maneira que pudesse conhecer seus segredos mais escuros. Ela nunca o tinha contado a ninguém. Assim tinha que estar referindo-se ao Phil. Havia algo sobre o Phil que ela não sabia?

Pensou de novo na primeira vez que o viu. Tinha sido um homem alto de dezenove anos, um estudante universitário com uns formosos olhos azuis, um engenho rápido e um sorriso encantador. Inclusive então tinha uma aura de sensualidade terrestre a seu redor, um forte indício do homem no que ia converter se, e se tinha sentido atraída por ele desde o começo.

Agora, como um homem de vinte e sete anos, tinha superado com muito esse indício de masculinidade. Emanava poder masculino, força e confiança. Voltava-a louca de desejo. Inspirava-lhe confiança e uma sensação de segurança. Mas, que tão bem o conhecia realmente?

Algumas lembranças revoaram por sua mente. Phil descobrindo uma bomba no arquivo sem havê-la visto. Phil capturando ao Max no clube e tendo a força suficiente para imobilizá-lo no chão. Seu porteiro se queixando que Phil se movera muito rápido.

Empurrou longe esses pensamentos. Phil era um homem doce e maravilhoso. Não devia duvidar dele. Teria que estar agradecida que fosse tão forte e rápido. Se não tivesse detectado a bomba, estaria morta. Se não tivesse matado a serpente, estaria morta.

Seu amor por ela era genuíno e formoso. E ela se estava apaixonando por ele. Isso era a única coisa que importava.



A atmosfera no centro de operações era sombria. Phil tomou assento junto ao Connor na mesa de conferências. Saudou com a cabeça ao resto que estavam sentados na larga mesa: Jack e Lara, Austin e Darcy Howard, Phineas, Emma, Laszlo, Gregori, e Carlos, o cambiante pantera brasileiro. Havia algumas selas adicionais, postas em linha com as paredes. Hugo, o ex-porteiro do clube da Vanda, estava sentado ao lado do Robbie e Jean-Luc, que teriam se teletransportado do Texas. Angus passeava ao redor da mesa, sumido em seus pensamentos.

Em uma esquina da habitação, Sean Whelan estava sentado sozinho. Como chefe *da Equipe Estacar da CIA*, a missão de Sean era identificar e pôr fim às vidas dos vampiros. Essa missão se tornou um pouco complicada quando sua filha, Shanna, casou-se com o Roman Draganesti, e inclusive se complicou mais quando Austin e Emma, dois membros de sua equipe, trocaram-se de bando. Sean lançou um olhar nervoso pela habitação.

Phil observou a habitação uma vez mais e se deu conta que Roman e Shanna estavam ausentes. Aproximou-se do Connor e lhe sussurrou:

— Angus fez que os Draganesti se escondessem?

— Não, — respondeu Connor. — Tentou, mas eles insistiram em ficar. Dougal e Zoltan estão teletransportando aos Vamps feridos até aqui, e Roman e Shanna estão na clínica, atendendo-os.

— Como fizeram os Malcontents para infiltrar-se nas fábricas do Romatech? — Sussurrou Phil. — Pensei que Angus tinha reforçado a segurança.

— Fi-lo— grunhiu Angus, ouvindo-os por acaso. — Duplicam a segurança terrestre, mas atacaram pelo ar. Com mísseis lançados desde helicópteros.

— Helicópteros do exército?— Perguntou Phil.

— Acreditam que sim, — disse Angus enquanto continuava passeando. — Têm que ter utilizado o controle mental para se infiltrar nas bases militares das redondezas.

— Alertarei às Forças Armadas — disse Sean Whelan. Quando uma dúzia de rostos se giraram para ele, alarmados, levantou as mãos. — Não se preocupem. Não vou contar nada sobre os vampiros. Só direi que anda solto um grupo radical de terroristas psíquicos que utilizam o controle mental para infiltrar-se nas bases. Vou recomendar um bloqueio, que não se permitam visitas depois do pôr do sol. Que disparem a qualquer estranho à vista. Talvez, isso ajudará.

— Obrigado, Whelan. — Angus passou ao longo da mesa. — Vamos começar, então. Como todos sabem, duas das fábricas do Romatech foram destruídas esta noite. Uma de nossas principais prioridades, é que se reate a produção logo que seja possível no Texas e Colorado. Gregori está trabalhando nisso.

Gregori assentiu com a cabeça.

— Já estamos olhando algumas propriedades em aluguel. Ainda temos a todos os empregados mortais que trabalham durante o dia, assim esperamos estar produzindo de novo em duas semanas.

— Bem. A outra prioridade é manter seguros os outros três Romatech. Para isso, solicitamos a ajuda do pai da Shanna. — Angus fez um gesto para Sean Whelan. — Você tem a palavra, Sean.

— Obrigado. — O agente da CIA se levantou e olhou com cautela pela habitação. — Por muito que me aduela me associar com os de sua classe, estou convencido que esta aliança é em



interesse dos norte-americanos mortais.

— Obrigado, Sean. — Emma lhe sorriu.

Ele franziu o cenho para sua ex empregada.

— Contatei com o exército e concordaram proporcionar uma maior segurança nestas instalações, as de Ohio e as de Califórnia. Também oferecem mísseis antiaéreos, equipes de radar e o pessoal necessário para as equipes. Amanhã começarão a instalar tudo.

— Como explicou isso ao exército? — Perguntou Connor.

— Disse-lhes que era um exercício de rotina para combater o terrorismo interno — disse Sean. — O que em minha opinião, é certo. Esses malditos vampiros são a pior ameaça terrorista que nosso país jamais enfrentou. Se houver algo mais que possa fazer para limpar a face do planeta de mortos vivos, só me o façam saber.

Um incômodo silêncio invadiu a sala.

— Bem, estamos muito agradecidos por sua ajuda, Sean. — Angus agitou a mão. — Agora, talvez gostasse de visitar seus netos? Estão com a Radinka na creche, no outro lado do corredor.

Sean lhe dirigiu um olhar irônico.

— Prefiro ficar aqui e escutar quais são seus planos.

Um brilho de moléstia brilhou nos olhos do Angus antes de assinalar uma cadeira.

— É óbvio. Tome assento. — Angus voltou para seu passeio. — Roman está ocupado cuidando dos feridos, por isso não pode nos informar de seu projeto mais recente, o descobrimento da fórmula da *Sombra Noturna*. Laszlo sabe se tem feito algum progresso?

O pequeno químico se incorporou.

— Sim, senhor. Completou dois soros de prova. O problema, é óbvio, é encontrar um sujeito para prová-los. No melhor dos casos, o soro paralisará ao vampiro. No pior... — Agarrou um botão de sua bata de laboratório e o retorceu. — Poderia ser fatal.

Connor se reclinou em sua cadeira.

— Bom. Felizmente, temos um voluntário. Está esperando na sala de prata.

— O prisioneiro? — Laszlo deu um puxão no botão — Isso... Isso não parece muito humanitário.

— Ele não é humano — vaiou Sean Whelan. — É um monstro.

Angus suspirou.

— Em realidade estou de acordo com você nisso, Whelan.

— O inferno deve ter-se congelado — murmurou Connor e depois elevou a voz. — Bem podemos dar um bom uso ao prisioneiro. Não parece ter mais informação para nós.

— E ouvi que esteve trabalhando em algo novo, Laszlo? — Perguntou Angus.

— Ah, sim. — O químico puxou de novo o botão. — Vê, ontem de noite, durante a festa, estive falando com o Jack e me contou sobre um dispositivo que o FBI pôs em um cacho do cabelo da Lara para poder seguir seu rastro. Desgraçadamente, Jack pôde escutá-lo e o tirou. Mas então, os Malcontents a sequestraram e não pôde dar com ela durante dias.

— Sim, sabemos — grunhiu Angus com impaciência. — Segue.

O botão se desprende e caiu sobre a mesa. Laszlo o agarrou e o meteu em um bolso.



— Esta mesma noite comecei a trabalhar em um dispositivo de rastreamento que seria completamente imperceptível para vampiros e troca formas. Em consequência, todos poderíamos ser marcados e, se alguém é sequestrado, podê-lo-íamos resgatar imediatamente.

— Soa como uma grande ideia, amigo. — Gregori mostrou ao pequeno químico o polegar para cima. Laszlo se ruborizou.

— Bom, uma vez fui sequestrado, assim sei o terrível que pode ser.

— Como nos etiquetaria, exatamente? — Perguntou Connor.

— O mais provável é que o dispositivo se insira sob a pele. — Laszlo começou a jogar com um novo botão. — A incisão se curaria durante nosso sono mortal, por isso não ficaria nenhum rastro da implantação cirúrgica.

— Até onde chegou? — Perguntou Angus.

— Eu... Eu acabo de começar esta mesma noite. Preciso de mais tempo. Uma semana, talvez.

— De acordo. Boa sorte. — Angus lhe indicou a porta. Laszlo piscou.

— OH, é óbvio. Obrigado. — Se escorreu pela porta.

— Muito bem, temos que falar da estratégia — disse Angus. Phil levantou uma mão.

— Acaba de me ocorrer algo. Poderíamos usar o dispositivo de rastreamento do Laszlo, implantá-lo no Sigismund durante seu sono mortal para que não saiba que o leva e depois fingir que o transladamos e permitir que escape acidentalmente...

— Mau raio te parta — exclamou Angus. — Poderia nos levar diretamente até Casimir.

Os murmúrios de excitação se estenderam por toda a habitação. Sean Whelan ficou de pé.

— Se descobirmos onde se esconde, poderia enviar uma força de ataque especial para estacar a Casimir e a todos seus seguidores enquanto estão em seu sono mortal!

Os murmúrios cessaram. Phil estremeceu ante os olhares horrorizados dos Vamps da habitação. Se Sean pensava que era totalmente aceitável estacar aos Malcontents enquanto estavam em seu sono mortal, o que lhe impediria de fazer o mesmo com os Vamps algum dia?

Angus Clareou a garganta.

— Apreciamos sua ajuda em matéria de segurança, Whelan. Mas quando se trata de matar a Casimir, preferimos fazê-lo com honra. Cara a cara no campo de batalha.

Sean soltou um bufido.

— Acredita que esses monstros têm alguma compreensão do que é a honra?

— Talvez não, mas nós, sim. — Angus se voltou para o Phil. — Teve uma grande ideia, moço.

— Aye, mas passará uma semana antes que Laszlo tenha os dispositivos preparados de rastreamento — disse Connor. — Não podemos esperar aqui, com os braços cruzados, enquanto que Casimir continua nos atacando.

Angus assentiu com a cabeça e retornou a seu passeio.

— Temos que atuar.

— Se não podermos encontrar a Casimir, faremos que ele nos encontre — disse Jack.

— Uma armadilha — murmurou Angus. — Adiante.

— Devemos lhes pôr a armadilha longe dos Romatech restantes — sugeriu Emma. — Chamar



sua atenção em algum lugar afastado.

Phil assentiu com a cabeça.

— Então tomaremos o controle da situação.

— Muito bem — disse Angus. — Agora só precisamos a isca para a armadilha. Não nos deu Sigismund uma lista com o Vamps que Casimir quer ver mortos?

Phil apertou os punhos debaixo da mesa. Não podia permitir que utilizassem a Vanda como isca.

— Tenho a lista aqui. — Connor tirou uma folha de papel de sua pasta. — Ian e Tony. Eles o fariam.

— Mas ainda estão em sua lua de mel — protestou Emma. — Não há alguém mais?

— Zoltan e Dougal. — Connor leu a lista. — Estavam nos Romatech que foram bombardeados esta noite. Têm algumas queimaduras e arranhões, mas se recuperarão durante seu sono mortal.

— Bem — disse Angus. — Então temos dois.

— Eu estou na lista. — Jack levantou a mão. — Eu o farei.

Sua noiva, Lara, fez uma careta.

— Então será melhor que eu também vá. Os meninos necessitarão um guarda diurno.

— Em realidade, Jack, temos outra missão para ti — disse Angus. — Quero que Roman e sua família se escondam amanhã de noite. Normalmente, Connor e Howard vão com eles, mas acredito que tem mais sentido que se sejam você e Lara.

Jack ficou tenso.

— Mas perderei toda a ação. Sou o melhor espadachim que tem. Sem ânimo de ofender, Jean-Luc.

O vampiro francês ondulou a mão, lhe tirando importância.

— Os dois são a escolha perfeita — explicou Connor. — Você os pode proteger durante a noite, e Lara durante o dia. E assim chegarão vivos até suas bodas. — Lara parecia aliviada, mas Jack chiou os dentes. Connor lhe dirigiu um olhar pormenorizado. — Sei como se sente, moço. estive aí. Entretanto, manter a salvo ao Roman é muito importante. Se tiver êxito fabricando *Sombra Noturna*, poderia ser nossa melhor arma na luta contra os Malcontents.

Jack deixou escapar um suspiro de resignação.

— Está bem. Fá-lo-emos.

Lara lhe agarrou a mão e a apertou.

— Quem mais está na lista? — Perguntou Angus.

— Eu. — Phineas levantou a mão com orgulho. — O doutor Phang a seu serviço.

Angus sorriu.

— Muito bem, moço.

— Eu também irei — anunciou Robby. — Necessitam a alguém que Casimir não espere.

— Como uma arma secreta. — Angus assentiu com a cabeça. — Boa ideia.

— Olhem moços — disse Gregori falando alto. — Não sou um guerreiro, mas sei de marketing e publicidade. Os meninos da lista negra podem estar sentados uma semana no topo de



uma colina, mas se Casimir não sabe, nunca aparecerá. Tem que organizar e promover esta operação sem que se veja que foi organizada e promovida.

Angus cruzou os braços.

— Que sugere você?

— Um cenário acreditável. — Gregori se esfregou o queixo enquanto o considerava. — Zoltan e Dougal esta noite escaparam por pouco da morte, por isso seria lógico que fossem celebrá-lo. Iriam a um clube Vamp. O mais popular é o da Vanda, mas foi destruído esta noite. Está bem ela?

— Sim, está bem — respondeu Phil em voz baixa.

— Bem. — Gregori lhe dedicou um sorriso e depois ficou sério novamente. — Quando se trata de clubes Vamps, estive na maioria. Precisamos um lugar escuro e sórdido, perfeito para uma emboscada. — Estalou os dedos. — Já o tenho! O *Vampire Blues* de Nova Orleans.

— Eu gosto — disse Angus. — O Mestre do Aquelarre dali é um bom amigo. Ajudar-nos-á.

Gregori se tocou o queixo, ainda pensando.

— Precisaremos publicidade.

— Possivelmente Corky Courrant? — Sugeriu Emma. — Mexerica sobre os famosos em seu programa.

— Sim, mas sejamos sinceros — disse Gregori. — Dougal e Phineas não são celebridades. A Corky não importará o que façam.

Phil sentiu uma pesar no peito. Havia uma maneira segura de conseguir a participação involuntária da Corky. Jogou uma olhada ao Connor, e o escocês o estava olhando, como se desculpando. Connor Clareou a garganta.

— Havia um nome mais na lista. Casimir quer morta a Vanda Barkowski. E Corky a odeia com paixão.

Ao Phil lhe apertou o coração no peito. Maldita seja. Não via nenhuma forma de sair desta. Gregori fez uma careta.

— Tem que haver outra maneira. Vanda perdeu seu clube esta noite. Já sofreu o bastante.

— Mas é uma garota lutadora, não? — Perguntou Angus. — Pode ser que queira vingança.

— Tem um problema com a ira — admitiu Gregori. — Mas estivemos tratando de ajudá-la a superá-lo.

— Sua ira pode ser justo o que precisamos — disse Connor. — A levamos ao clube, alguém diz a Corky que vai estar ali, e deixamos que Vanda lance um de seus conhecidos ataques. Corky o mostra em seu programa, e quando Casimir se dê conta que Vanda ainda está viva, apressara-se a ir ao clube com a esperança de matá-la. E aí é quando nós o matamos a ele.

Gregori assentiu com a cabeça.

— Poderia funcionar. Mas temos que proteger a Vanda.

— Eu irei com ela — disse Phil lentamente.

— Pode convencê-la para que o faça? — Perguntou Connor.

Phil suspirou. Tinha alguma outra opção?



CAPÍTULO 16

A madrugada estava perto no momento em que Phil retornou à cabana. Phineas se havia teletransportado de volta ao Romatech, deixando-o a sós com a Vanda. Ela estava dobrando a roupa na mesa da cozinha. Observou o montão de toalhas limpas e de roupa, incluído seu catsuit púrpura.

Mal Phineas desapareceu, jogou os braços ao redor do Phil e o abraçou.

— Senti sua falta.

Ele a abraçou e lhe acariciou o cabelo com o queixo. Connor tinha sugerido que simplesmente ele a convidasse a Nova Orleans a passar uns dias de férias. Que não havia necessidade de lhe fazer saber qual era realmente o plano. Poderia ser que se negasse a ser a isca, e estavam muito desesperados para correr esse risco. Estavam em guerra, e era um tempo para tomar medidas desesperadas.

Phil não tinha discutido a questão, apesar de que tinha duvidado de poder enganar de propósito a Vanda. Agora que estava entre seus braços, tinha sabor de ciência certa que não poderia.

— Que tão grave é? — Perguntou Vanda.

— Bastante mau. — Pegou-a pela mão e a levou até o sofá. — Os Malcontents utilizaram o controle mental para conseguir alguns helicópteros militares. Bombardearam as duas Romatech do ar.

— OH, não! — Vanda se sentou a seu lado no sofá. — O que vai fazer Angus?

Phil lhe contou o plano de Sean Whelan para ajudar aos Vamps. Depois lhe explicou o plano do Roman para fabricar *Sombra Noturna*, e o do Laszlo para fabricar dispositivos de rastreamento. Vanda assentiu com a cabeça, escutando com atenção, apesar dos numerosos bocejos. Piscou, dormitada.

— Estou contente de ter um lugar seguro onde me esconder, mas me sinto um pouco culpada porque não estou fazendo nada para ajudar. — Suspirou. — O que estou dizendo? Trabalhei com a resistência na última guerra, e passei mais medo que no inferno.

Phil vacilou, sem saber como proceder.

— O Mestre do Aquelarre de Nova Orléans nos convidou a ficar com eles uns quantos dias.

Vanda bocejou.

— Nova Orléans?

— Está a ponto de adormecer. Vamos para o armário. — A levantou sobre os pés. Ela se apoiou nele enquanto caminhava.

— Sempre quis ver Nova Orléans.

— Gregori me falou de um clube noturno chamado *Vampire Blues*. Acredito que você gostará.

Ela o olhou confusa.



— Um clube de vampiros? Pensei que deviam estar ocultos.

Dentro do armário, ele se sentou sobre a manta e puxou Vanda até o seu lado.

— Vanda, tenho que ser honesto contigo. Angus está desesperado por apanhar Casimir. Se pudéssemos matá-lo agora, poderíamos evitar uma guerra total. Pensa em todas as vidas que poderiam salvar-se.

Ela entreceitou os olhos.

— Aonde quer chegar?

— Querem que vá a esse clube para que a vejam. Está na lista negra de Casimir, assim há uma boa probabilidade que, assim que saiba que está aí, apareça para tentar te matar. Haverá um montão de meninos para te proteger. Phineas, Zoltan, Dougal, Robby e eu.

— OH meu Deus! — Vanda se pressionou o peito com uma mão. — Quer me usar como isca.

— Não queríamos fazê-lo. Os meninos queriam fazê-lo sem ti. Alguns deles também estão na lista, mas nos demos conta que os necessitamos.

— Por quê? O que posso fazer eu?

— Se estiver ali, podemos fazer que Corky o diga em seu programa.

— Porque me odeia. — Com um grunhido, Vanda se deixou cair na manta. — Que afortunada sou.

— Não vou culpar-te se te zangar.

Ela bocejou.

— Tenho muito sono para me zangar.

Ele se apartou o cabelo da frente.

— Sinto-o muito. Não queria que tivesse que fazer isto. Mas se podemos impedir que Casimir siga matando Vamps, valeria a pena. Juro-te que te protegerei. Não deixarei que ninguém te faça mal.

— Bem. — Seus olhos piscaram — primeira coisa que faça amanhã de noite será te chutar o traseiro.

Phil sorriu.

— Isso é uma entrevista.

Sua formosa Vanda, tão inteligente e valente. Deu um comprido suspiro tremente, e se tinha ido.

Uma onda de pânico atravessou ao Phil. Acabava de ver morrer a Vanda. Se falhava, poderia morrer... Permanentemente.

Ao meio dia, Phil passeava pela cabana como uma fera enjaulada. Saiu, mas o bosque não o encheu como fazia habitualmente. Seu lobo interior uivava. Finalmente tinha obtido o amor da Vanda, mas agora poderia perdê-la.

Connor lhe tinha assegurado que o plano era sólido. Haveria pelo menos uma dúzia de machos Vamp no clube de Nova Orleães. Quando Casimir se apresentasse, os Vamps o atacariam e Vanda estaria a salvo.

Mas Phil sabia que os planos não sempre funcionavam como esperava. Não podia expor a



Vanda a este perigo sem ter um plano alternativo para sua segurança. Necessitava um lugar seguro aonde levá-la. Poderiam voltar aqui, mas, e se em Nova Orleães estavam perto do amanhecer? Aqui já haveria luz de dia. Seria mais seguro para o oeste.

E ele tinha uma cabana de caça no Wayoming. Ou pelo menos, acreditava que a tinha. Não tinha estado ali em mais de quatro anos. O lugar poderia ter-se incendiado. Não havia telefone, assim não havia nenhuma secretária eletrônica que ficasse em marcha para dar a Vanda uma baliza para guiá-la ao lugar correto.

Tinha sido um presente que lhe tinham feito em seu décimo oitavo aniversário, um suborno para fazer que fosse mais agradável estar sob o controle de seu pai. Algo que tinha durado três meses. Phil tinha tratado de liberar-se e, seu pai, em um ataque de ira, tinha-o banido por toda a vida.

Foi à cabana, mas depois de uns meses, decidiu que esconder-se da vida, não era viver. Foi em busca de um ambiente que fora completamente diferente, e o encontrou em Nova Iorque.

Durante os primeiros anos, tinha retornado à cabana para passar as férias. Foi então quando descobriu as cartas que sua irmã Brynley lhe tinha deixado. Ao princípio, tinha suplicado que voltasse para casa. Tinha-lhe deixado uma nota lhe dizendo que não, que nunca poderia voltar. Depois lhe pediu por carta que pelo menos, mantivera-se em contato. Guardou seu número de telefone no móvel, mas nunca a chamou. Fazia quatro anos que tinha deixado de ir à cabana.

Marcou seu número. Não dava sinal. Passou ao telefone da cozinha. Seu coração se acelerou. Não tinha ouvido a voz do Brynley em nove anos. Estaria disposta a lhe fazer um favor? Queria sequer falar com ele?

— Olá?

Seu coração gaguejou. A voz da Brynley tinha adquirido o tom profundo e rondo de uma fêmea cambiante amadurecida. As lembranças o alagaram. Ela sempre tinha estado a seu lado enquanto cresciam. Os cachorrinhos de cambiantes lobos sempre nasciam em pares, por isso era sua gêmea. Tinham atravessado juntos à primeira mudança, e juntos tinham tido sua primeira caçada. Tinham compartilhado sua primeira morte. Tinha-lhe limpado o sangue do focinho e tinham uivado sua alegria à lua.

— Hei, ouço-te respirar, pervertido. — Ela desligou o telefone.

Ficou olhando o auricular. Agora isso saiu bem. Começou a marcar o número de novo e, então, soou o telefone.

— Olá?

— Punheteiro pervertido, agora tenho seu número e vou...

— Brynley, sou eu... Phil.

Fez-se um silêncio. Quase esperava que ela desligasse outra vez.

— Phillip?

Agora o estava provando. A maioria da gente assumia que seu nome completo era Phillip.

— Não, Phillipus.

Ela abriu a boca.

— OH, Meu deus, é realmente você! — Chiou e depois pôs-se a rir. — Phil! Graças a Deus!



Estive esperando que me ligasse há séculos. Como está?

— Eu... Bem. Como está você?

— Genial! Agora que está de volta. Porque retornaste, não?

Ele estremeceu.

— Não, não retornei.

— Phil, tem que voltar. É o destino o que tem feito para que me ligasse. Estava a ponto de contratar um investigador privado para te encontrar.

A ele lhe gelou a pele.

— Por quê? O que acontece? — Certamente o velho estava bem. Um cambiante lobo podia chegar a viver 500 anos, e seu pai não chegava aos 200.

— Tudo está mal — se queixou Brynley. — Howell fará vinte anos o próximo mês. Está pressionando a papai para que o nomeie seu sucessor.

Howell já quase tinha vinte anos? Phil procurou a última lembrança que tinha de seu irmão e irmã menores. Howell e Glynis tinham só onze anos quando ele se foi.

— Não pensei que já teria crescido tanto.

— Bom óbvio. Não deixamos de viver quando foi, sabe? Howell pediu autorização ao Conselho para converter-se em Alfa.

— É muito jovem para converter-se em um Alfa — murmurou Phil.

— Diga-me isso. É muito ambicioso, Phil. E se se acerta para tirar isto adiante, a manada estará tão impressionada, que o favorecerão por cima de ti. Assim será melhor que mova seu traseiro peludo de retorno ao Montana e obtenha seu estado Alfa. Demonstra que é o legítimo herdeiro.

Suspirou. Se a manada descobria que tinha obtido seu status de Alfa por sua conta, nunca o deixariam sozinho.

— Tenho uma vida aqui, Bryn. E eu gosto.

— Está louco? Phil é um fodido príncipe, aqui. Pode ter o que quiser.

Exceto liberdade. Ou a Vanda. A manada nunca aceitaria a uma vampiro como sua rainha.

— Brynley, minha cabana em Wyoming, ainda está em pé?

Houve uma pausa.

— Sim.

— É possível que precise ir dentro de uns dias. Importar-te-ia de te reunir ali comigo?

— Eu adoraria verte, Phil. Sinto sua falta.

— Eu também a ti. Poderia chegar de noite e te assegurar que está tudo preparado e abastecido?

— Está bem. Está de férias? Nem sequer sei no que trabalha...

— Explicar-lhe-ei tudo quando chegar. — Fez uma pausa. O seguinte ia soar estranho, mas não podia fazer outra coisa. — Também necessitarei sangue sintético engarrafado na cabana.

— Está brincando. Por quê?

— Trarei para um vampiro comigo.

— Um vampiro? Merda, Phil. Papai cuspirá bolas de cabelo.



— Não lhe diga que estarei ali. — Phil apertou os dentes. — Digo a sério, Brynley. Não o diga.

— Eu também o digo a sério. Quererá verte. Já não está zangado contigo.

Phil gemeu interiormente. É óbvio que seu pai estaria feliz de vê-lo. Dar-lhe-ia as boas vindas como o filho pródigo. Cravaria nele suas garras e nunca o deixaria partir.

— Brynley, falaremos disto mais adiante. Por agora, necessito-te para ir à cabana, levar um pouco de sangue sintético, e esperar minha chamada. Se te chamar, será de noite.

— Se me chamar?

— Sim. E se te chamo, será porque estamos em um perigo grave e necessitamos um lugar seguro para nos esconder. O vampiro utilizará sua voz para teletransportar-nos até ali.

— OH, Jesus. Escutamos o rumor que estava trabalhando para os vampiros, mas não quis acreditá-lo.

— Pode fazer o que te pedi Bryn?

Ela suspirou.

— É óbvio. Mas a lua cheia começa amanhã de noite. Papai me perguntará por que vou perder a caça.

Ah, sim. A Caça. O ponto culminante da existência da manada de lobos. Cada mês, durante a primeira noite de lua cheia, a manada se reunia para uma caçada. A manada de seu pai era tão grande agora, que abrangia Montana, Idaho e Wyoming, e só um punhado de lobos eram selecionados cada mês para caçar ao lado do Mestre Supremo da Manada. Os outros membros da manada e mestres menores, reuniam-se a nível local para a caça mensal. Ser convidado à Caça de seu pai era uma grande honra, o que no mundo humano equivaleria a ser apresentados à realeza.

Phil tinha crescido vendo outros cambiantes lobos inclinar-se diante de seu pai e chamá-lo Mestre Supremo da Manada. Seu pai era o lobo Alfa mais capitalista dos Estados Unidos. À idade de doze anos, Phil se tinha dado conta que seu pai desejava o poder mais que qualquer outra coisa. Sempre queria mais poder e controle sobre seus súditos, incluídos seus próprios filhos. E Phil, maldito com a mesma composição genética que seu pai, não era o tipo de lobo que pudesse aceitar ser controlado.

Respirou profundamente.

— Isto é realmente importante.

— Já imagino. Se não, nunca se teria incomodado em chamar.

Fez uma careta ante o ressentimento de sua voz.

— Obrigado por me ajudar. Será bom verte.

— OH, Phil. — A voz lhe tremia da emoção. — Faria tudo por ti, sabe. Estarei esperando sua chamada. Tome cuidado.

— Obrigado. — Desligou.

Um mau pressentimento lhe assentou nas vísceras. A cabana de Wyoming era o lugar perfeito para esconder a Vanda. Ninguém no mundo dos vampiros conhecia sua existência. Mas o custo de usá-la poderia ser muito alto.



Vanda enrugou o nariz.

— Aqui cheira a café.

— Durante cem anos foi um armazém de café — disse Robby. — O Aquelarre estava acostumado a viver em uma antiga adega, mas foi destruída pelo Katrina.

Vanda examinou a grande sala retangular. As marcas de água marcavam as paredes, mostrando o muito que a adega se alagou. Estava seca agora, à exceção de uma pequena zona com assentos, que consistia em um sofá e várias poltronas.

Robby, Zoltan e Dougal tinham visitado o Aquelarre de Nova Orleans antes, por isso o armazém se incrustou em sua memória psíquica. Simplesmente tinha agarrado a Vanda, Phineas e ao Phil, e se teletransportaram para ali.

Vanda apertou o látego ao redor da cintura.

— Onde estão todos? Pensei que nos estavam esperando.

Phil assinalou para uma câmera de vigilância sobre a entrada principal.

— Certamente já sabem que estamos aqui.

— Bonsoir, mes amis — uma voz masculina se ecoou através do armazém. — Bem-vindos a nossa casa.

Vanda olhou ao redor, e depois, para cima. Um balcão rodeava todo o armazém. Um casal emergiu de uma porta no centro. O homem era bonito, vestido completamente de negro, e a mulher a seu lado levava um brilhante vestido dourado entardecer como a cor de seu cabelo.

— Não há nenhum tipo de escadas — murmurou Phil. — Uma boa maneira de manter-se a salvo.

Apresentaram-se mais Vamps na sala de cima. Elegantemente vestidos, ficaram com o passar do balcão. Vanda se deu conta que o Aquelarre deviam viver nas habitações do segundo piso. Com nenhum outro acesso exceto a levitação, mantinham-se a salvo dos intrusos mortais.

O homem de negro saltou do balcão e flutuou para baixo, o casaco negro revoando a seu redor, até que aterrissou sem problemas na planta baixa. Fez uma reverência.

— Sou Colbert Grandpied, a seu serviço.

— Vanda Barkowski. — Estendeu uma mão. Ele se inclinou para beijá-la.

— *Enchanté.*

Enquanto Colbert saudava o resto dos vampiros e ao Phil, Vanda observou aos muito bem vestidos Vamps flutuar do balcão.

— Sou Giselle. — A loira vestida de ouro beijou as bochechas da Vanda. — Nos sentimos muito honrados de tê-la aqui.

Honrada? Vanda não via muita honra em ser a isca. E estes elegantes Vamps pareciam vestidos para ir à ópera, em lugar da uma batalha contra Casimir.

— Hm, não se dão conta que poderia haver uma briga?

Giselle inclinou a cabeça.

— Tinha entendido que isso terá lugar no *Vampire Blues*. Esse é o plano, *non?*

Vanda suspirou.

— Sim, mas...



— Não se preocupe *chérie*. — Giselle lhe deu uns tapinhas no ombro. — Nossos melhores espadachins a acompanharão ao clube. Muitos deles perderam a seres queridos na Grande Guerra Vampírica de 1.710. Estão ansiosos por vingar-se.

— Genial. — Vanda sorriu com ironia. — Então todo mundo é feliz.

Olhou ao Phil. Tinha estado durante toda a noite com o cenho franzido, lançando olhadas para todas as partes como se esperasse perigos a cada passo.

Colbert passou um braço ao redor da magra cintura da Giselle.

— E onde estão Scarlett e Tootsie? Pensei que seriam as primeiras a baixar

— A última vez que as vi, ainda estavam no banheiro jogando com a maquiagem. — Giselle sorriu para a Vanda. — São seus maiores fãs.

— Fãs? — Vanda piscou quando uma figura saiu correndo da habitação superior, no balcão. — Wow. — O vestido prateado estava completamente cortado por lentejoulas e brilhava como uma bola de discoteca. A seus olhos levou um segundo adaptar-se.

— Essa é Scarlett — sussurrou Colbert. Vanda ficou boquiaberta. A figura da Scarlett enchia o vestido bastante bem... Para ser um homem.

— Terá que foder-se — murmurou Phineas.

Scarlett olhou a Vanda e ofegou.

— OH, Meu deus! Está aqui! Tootsie, pressa. Ela está aqui! — Ela, ou ele, agitava uma mão diante de sua cara. — OH, Meu deus, não posso respirar.

— Onde está? — Outra figura apareceu pelo balcão. Levava umas calças de sino rosa elétrico e um Top, completamente cortado de lentejoulas; uma peruca do mesmo tom de rosa, coroado com um chapéu redondo tipo Jackie Kennedy também rosa.

— *Et voilà*. — Colbert fez um gesto para o balcão. — Tootsie.

Tootsie levou a mão ao peito enquanto olhava a Vanda.

— Realmente é ela! OH, Meu deus, e tem posto um catsuit púrpura. E o cabelo também é púrpura. — Alcançou e agarrou a mão da Scarlett — Isto é tão emocionante!

Juntos, os dois homens saltaram do balcão e aterrissaram na planta baixa. Scarlett se cambaleou um pouco sobre os saltos de agulha, vermelhos e de quinze centímetros, e depois correu para a Vanda.

— Estou tão contente de te conhecer! Sou seu maior fã.

— Não, eu sou seu maior fã. — Tootsie se apertou para diante. — Sou de um tamanho maior que Scarlett — riu.

— Bom, não o seria se te despedisse do *Chocolood* — se burlou Scarlett. — OH, Vanda. Posso te chamar Vanda, por favor?

— Suponho. É meu nome.

Scarlett riu.

— É tão inteligente. E valente! Nós adoramos essa revolta que dirigiu fora da DVN quando Ian tinha problemas.

— Viram-no? — Vanda recordou o caso de dezembro passado. Gregori tinha levado uma câmera para o estacionamento, onde se tinham reunido um grupo de mulheres para apoiar ao Ian.



Mas nesse momento, tinha estado mais preocupada com a segurança do Ian que pela possibilidade de sair na televisão.

— Simplesmente adoramos ao Ian — explicou Tootsie. — É um menino tão doce.

— E com uma doce saia escocesa — acrescentou Scarlett, mas Tootsie lhe deu uma palmada no pulso.

— Te comporte. E nós adoramos a forma em que tratou de ajudá-lo a encontrar a seu verdadeiro amor. — Tootsie levou uma mão à boca. — Foi muito romântico. Acredito que vou chorar.

— Não, — se preocupou Scarlett. — Correrá o rímel. E Vanda... — pegou-lhe a mão. — nós adoramos a maneira em que atacou a Corky Courrant. Não é verdade, todo mundo?

Os murmúrios de acordo se estenderam por todos os presentes.

— Temos tudo gravado — explicou Tootsie. — A parte horrível, quando Corky estava insultando ao Ian; e a parte formosa quando voou através da mesa para estrangular a cadela...

— Vimo-la centenas de vezes — exclamou Scarlett.

— Genial — murmurou Vanda. — Foi um de meus melhores momentos.

— Simplesmente te adoro — insistiu Tootsie. — E nós adoramos esse teu terrível temperamento.

— OH, sim — Scarlett estremeceu. — É tão crua e feroz.

— Poderia...? — Tootsie levou uma mão a seus lábios rosa elétrico. — Odeio abusar de alguém, mas, crê que seria possível que nos mostrasse um desses gloriosos arrebatamentos de ira para nós?

Vanda fez chiar os dentes.

— Estou trabalhando nisso nestes momentos.

— Muito bem — interrompeu Robby. — Chega de fofoca. Temos que seguir adiante com o plano.

— Ai, Deus! — Tootsie olhou ao Robby outra vez. — Outro delicioso kilt.

Robby arqueou uma sobrancelha.

— Se vierem ao *Vampire Blues* conosco, deverão estar preparados para lutar por sua vida.

Scarlett e Tootsie ficaram sem fôlego.

— Passem um bom momento. — Scarlett deu um passo atrás, despedindo-se com a mão.

— E não deixem que aconteça algo a Vanda — adicionou Tootsie.

— Não o faremos — grunhiu Phil.

— Por aqui. — Colbert e seis de seus homens, aproximaram-se da entrada do armazém. No exterior, amontoaram-se dentro de duas limusines negras. Era momento de preparar a armadilha e ver se Casimir mordia o anzol.

CAPÍTULO 17



Phil conduziu a Vanda para uma mesa no centro do clube. Obviamente, no *Vampire Blues* se ocupavam de um tipo de clientela diferente a que ia a seu próprio clube. Não havia luzes brilhantes nem música rápida e estridente. Não havia garotas gritando e saltando exigindo que aparecesse o seguinte bailarino.

O *Vampire Blues* era um lugar escuro e sombrio que cheirava ao *Blissky* derramado. As garçonetes Vamp, vestidas com calças curtas de cetim negro e tops, deslizavam-se ao redor das mesas cheias de arranhões. Em cima da barra, havia uma televisão sintonizada com a DVN. Stone Cauffyn estava dando as notícias da noite, mas tinha o som silenciado.

Em um rincão, junto à barra, uma pequena banda de jazz tocava uma melodia lenta e triste, e na pista de dança, um casal se balançava ao ritmo da música.

Vanda se sentou com um bufido.

— Este lugar é deprimente.

— Supõe-se que deve estar deprimida. — Phil se sentou junto a ela. — Acaba de perder seu clube.

— Não me recorde. — Olhou por cima do ombro. — Aonde foram os meninos? Supõe-se que têm que me proteger.

— Estão aí. — Phil se deu conta de quão bem Colbert e seus amigos se camuflavam nas partes escuras do clube. Robby MacKay, com sua saia azul brilhante e verde, era mais evidente. Estava sentado em uma mesa frente a eles, mantendo a espada detrás para que não fosse visível.

— A primeira parte deste plano, é para que chame a atenção da Corky — explicou Phil. — Mas não queremos que seu pequeno exército se apresente no show.

— Muito bem — murmurou Vanda. — Não só sou a isca, tenho que ser totalmente indefesa, uma isca vulnerável.

— Exatamente. — Phil fez um gesto para uma garçonete. — Se Casimir vir o bem protegida que está, saberá que é uma armadilha. Mas se pensar que está desprotegida é mais provável que ataque com apenas uns quantos homens.

Vanda suspirou.

— Está bem. Sigamos adiante com isto.

A garçonete se deteve junto à mesa e olhou para Phil. Com um sorriso, inclinou-se para lhe mostrar o decote.

— No que posso lhes servir?

— Pode pôr um pouco de roupa — grunhiu Vanda.

A garçonete se endireitou e lhe disparou um olhar molesto.

— Eu tomarei uma cerveja — disse Phil. — E minha prometida, uma *Blissky*.

A garçonete se girou com um arranque de fúria e se afastou. Vanda ficou olhando ao Phil.

— O que há dito?

— Sei que não gosta de beber álcool, mas tem que parecer bêbada — explicou.

— Refiro ao de prometida. Perdi-me alguma conversação em algum momento?

Ele sorriu.

— Pensei que assim manteria afastada de mim a garçonete. Minhas desculpas por te usar



desta maneira.

A boca dela se crispou.

— Carinho, pode me usar da forma que mais goste.

Acariciou-lhe a perna com o pé. Ele fez um gesto com a cabeça para os outros vampiros. Ela fez rodar os olhos.

— Esta proibição de merda é para as princesas. Deveria poder saltar sobre meu guardião se quero. — Sorriu. — E sim quero.

Devolveu-lhe o sorriso.

— Eu também quero. Mas neste momento não podemos nos permitir o luxo de nos distrair.

Um brilho chamou a atenção do Phil. Mais flashes. Três vampiros japoneses estavam tomando fotos da garçonne. Ela posou para eles, sorrindo. *Turistas*. Cada um levava uma câmera digital pendurando do pescoço. Sentaram-se em uma mesa próxima.

A garçonne lhes levou as bebidas ao Phil e a Vanda, e depois se dirigiu para os japoneses.

— Que gostariam?

— Queremos *Blisskys*! Meu nome é Kyo e pago eu.

A garçonne assentiu com a cabeça.

— Três *Blisskys*, partindo.

Enquanto caminhava para a barra, Kyo tomou uma foto de seu traseiro.

— Kyo! — Riu um de seus amigos. — Está muito mal.

Vanda tomou um sorvo do *Blissky* e fez uma careta.

— Uf.

— Sinto-o — murmurou Phil. — Supõe-se que está afogando sua pena.

Phineas se aproximou deles, falando pelo telefone móvel.

— Sim. Está bem, irmão. Assim se faz. — Fechou o telefone de repente e se sentou à mesa com eles. — Era Gregori. Está na DVN fingindo estar organizando um novo anúncio para a *Vampire Fusion Cuisine*, e já deixou ir um par de vezes que Vanda está aqui se derrubando na autocompaixão.

Vanda se burlou.

— Não me derrubo.

— Tudo isto é parte da representação, doçura — sussurrou Phineas. — A notícia chegará a Corky em qualquer momento.

— E quererá mostrar em seu programa como me derrubo — se queixou Vanda. Tomou outro gole do *Blissky* e fez uma careta. Phineas franziu o cenho.

— Não te vê muito bêbada, doçura.

— Porque não o estou. E se me chama doçura outra vez, colocar-te-ei o látego pela garganta.

Phineas levantou as mãos em sinal de rendição.

— Senhorita, só estou dizendo que tenho um pouco de experiência em matéria de intoxicação extrema. Em primeiro lugar, deve parecer que está desfrutando deste *Blissky*. Vou te ensinar.



Agarrou a taça e de um golo bebeu até a metade do conteúdo. Baixou o copo e golpeou a mesa com ele.

— Maldita seja, isto é bom. Agora, em segundo lugar, precisa parecer bêbada. Joga-te para trás na cadeira e abra a boca.

Phil se deu conta que o garçom respondia ao telefone. Apareceu um homem baixo e calvo, com uma pequena câmera. O espião da Corky, o mesmo que Phil tinha visto no despacho um par de noites atrás. O homem se escabulhou para um reservado próximo.

— Começa o show — sussurrou Phil. — O espião da Corky está aqui.

— Onde? — Vanda girou a cabeça.

— Não olhe — grunhiu Phil. Ela o olhou com os olhos muito abertos pela preocupação.

— E agora, o que?

— Faz isso teu de ficar de saco cheio — disse Phineas. Quando Vanda não fez nada, acrescentou: — Doçura. — Ela franziu o cenho. — Certamente que odiou ver seu clube convertido em cinzas — continuou Phineas. — Certamente que isso te encheu o saco, muito.

Ela tomou um sorvo do *Blissky*. Phineas se aproximou mais.

— Isso te enche de uma raiva incontrolável.

Ela o olhou com suavidade.

— Sei o que tenta fazer.

Phineas bufou.

— Faz algo, Phil. Insulta-a. Fá-la zangar.

Phil encolheu os ombros.

— Não me vem nada à mente. Acredito que ela é... perfeita.

Dedicou ao Phil um sorriso angélico.

— Obrigado.

— OH, vamos. — Phineas os fulminou com o olhar. — Não poderiam ter uma briga de apaixonados? Estamos sendo focados pelo câmera?

Phil jogou uma olhada para o reservado onde o homem calvo estava sentado. Sua câmera estava dirigida diretamente para eles.

— Sim, está-o.

Phineas sorriu a Vanda.

— Sabe? Não deveria usar estes catsuits. A câmera engorda.

Ela o olhou, molesta.

— Meninos, convenceram-me para ser um alvo fácil, mas não penso me comportar como um macaco treinado.

— Maldita seja, mulher — grunhiu Phineas. — Todo mundo sabe que está louca. Começa a te comportar como tal!

Vanda encolheu os ombros.

— Alho e água.

Phineas fulminou ao Phil com o olhar.

— Que classe de padrinho de terapia para controlar a ira é?



— Um que tem êxito, pelo que parece.

— Merda — murmurou Phineas. Jogou uma olhada aos vampiros turistas japoneses e lhe iluminaram os olhos. Colocou a mão sob a mesa e a jogou contra os Vamps japoneses.

A mesa se estrelou sobre os turistas, salpicando a todos com o *Blissky* e a cerveja derramada. Levantaram-se de um salto, gritando em estado de choque e indignados. Phineas ficou de pé, olhando horrorizado a Vanda.

— Vanda! Por que fez isso?

— O que? — Ela ficou de pé. Phineas se golpeou a frente com uma mão.

— Não pode atacar a estas pessoas só porque odeia ao Naruto!

— Quem? — Perguntou Vanda.

— Ela odeia ao Naruto? — O turista chamado Kyo olhou a Vanda e sua cara avermelhou.

— Arruinou minha camisa! — Um segundo turista limpava as manchas do *Blissky* de sua camisa de seda vermelha. — É uma mulher malvada.

— Hey, fez-lhe um favor — gritou Phineas. — Essa camisa é de mulher.

O turista ficou sem fôlego.

— Insultou sua honra, Yoshi — declarou Kyo. — E insulta a honra do Naruto.

— Hai! — Os três vampiros japoneses assumiram posições de ataque.

— Que demônios...? — Vanda saltou para trás e desatou rapidamente o látego de sua cintura.

Phil olhou para o câmara da Corky. Até estava gravando. Teriam que lutar.

Os japoneses carregaram com uma impressionante série de patadas e giros. Yoshi deu uma patada a Vanda, que ela esquivou. Estalou o látego e ele se defendeu.

Kyo foi detrás do Phil, mas este tinha suficiente treinamento em artes marciais para bloquear todas as patadas e murros. Não demorou ao descobrir que uma patada dirigida para a muito cara câmara digital do Kyo, fazia que o turista saltasse sempre para trás.

Ainda assim, sabia que precisavam montar um espetáculo para a Corky. Phil lançou uma cadeira para o Kyo, evitando-o deliberadamente e estrelando a cadeira sobre a mesa. Alguns clientes gritaram e saíram correndo do edifício. Outros ficaram e começaram a apostar.

Por último, o câmara desapareceu. Phil supôs que tinha um prazo de tempo para entregar o vídeo no programa da Corky. “Viver com mortos-vivos” ia começar em quinze minutos.

— Muito bem! — Gritou Phil. — O espetáculo terminou.

Phineas e Vanda deixaram de lutar. Os vampiros japoneses ficaram ali, ofegando, com olhares confusos em seus rostos.

— Felicidades! — Phineas lhes sorriu. — Acabamos de tirar o sarro, amigos. Sairão em um programa de TV.

— O que? — Kyo olhou para a TV. As notícias da noite seguiam em antena. — Agora somos estrelas de cinema americano?

— Estrelas de televisão — corrigiu Phineas. — Serão famosos. E meninos, nós gostamos de Naruto.

— Quem é Naruto? — Sussurrou Vanda.



— Vou comprar algo para beber— se ofereceu Phil.

Dez minutos mais tarde, Vanda, Phil e Phineas, estavam compartilhando a mesa com seus novos amigos: Kyo, Yoshi e Yuki. Robby, Zoltan e Dougal se aproximaram para apresentarem-se e os felicitaram por suas habilidades nas artes marciais. Colbert e seus homens se apresentaram e elogiaram mais aos turistas por sua forma de lutar. Colbert pagou ao gerente do clube pelos destroços e convidou a todos a uma rodada do *Blissky*.

Quando o programa do Corky Caurant começou, o garçom subiu o volume do televisor. A banda de jazz e os clientes prepararam-se para ver o programa, “Viver com mortos-vivos”.

— Saudações, queridos televidentes. — Corky sorriu torpemente para a câmera. — Esta noite temos uma notícia impactante. Como vocês sabem ontem de noite lhes mostrei a completa destruição do famoso clube noturno da Vanda Barkowski, de Nova Iorque.

A metade da tela mostrou os restos queimados e carbonizados do clube da Vanda. Phil lhe deu umas palmadas na perna, em solidariedade, por debaixo da mesa.

— Não é nenhum segredo que a noite anterior, enquanto o clube da Vanda ardia, eu estava celebrando — continuou Corky. — Mas tenho que confessar que eu não tive nada que ver com isso. Simplesmente foi um caso de justiça divina. Todos pensamos que Vanda tinha tido uma morte horrível na explosão. De fato, todos rezávamos e esperávamos que tivesse morrido, mas esta noite, em notícias de última hora, podemos confirmar que Vanda Barkowski segue viva!

Na tela apareceu uma foto da Vanda.

— Ah, Vanda. — Os japoneses se inclinaram para ela. — É uma celebridade.

Ela gemeu e sacudiu a cabeça.

— Já vêem, queridos amigos — continuou Corky. — Tenho imagens exclusivas que demonstram que Vanda ainda segue viva. E não só é que ainda respire, se não que, uma vez mais, está envolta em um comportamento desagradável e violento! Faz uns minutos, minha operação filmou esta cena no *Vampire Clube* de Nova Orleans. Vanda estava ali, tão bêbada e desordenada, que atacou a três despreparados turistas do Japão!

Emitiram o vídeo. Os japoneses aplaudiram.

— Somos famosos! — Gritou Yuki.

— *Blissky* para todos! — Gritou Kyo.

Phil ficou de pé.

— Meninos, eu não gosto de aguardar a festa, mas precisamos que vão. Esperamos problemas em qualquer momento.

— Problemas? — Perguntou Kyo. — Que tipo de problemas?

Yuki levantou o queixo.

— Nós não fugimos dos problemas.

— Colegas, os Malcontents estão a ponto de chegar — explicou Phineas. — Querem matar a Vanda.

Kyo saltou sobre seus pés.

— Ninguém matará a Vanda.

— Vamos lutar — Yoshi golpeou o ar com o punho.



— Viram com espadas — advertiu Phil a seus novos amigos.

— Não temos medo — declarou Yuki. — Lutaremos.

Colbert e o resto de vampiros reuniram-se ao redor da mesa, com suas espadas desemseletradas e prontas. O resto dos clientes saíram correndo do edifício.

Duas horas mais tarde, seguiam esperando.

Vanda suspirou.

— Faz umas horas, tinha medo de morrer, e agora só quero acabar de uma vez.

— O que lhes estará levando tanto tempo? — Perguntou Phineas. Phil negou com a cabeça.

— Não sei. Talvez sentiram a armadilha.

— Ou estavam muito ocupados fazendo outra coisa. — Robby chamou o Angus, que os informou que não se produziram mais bombardeios. Os Malcontents pareciam ter tomado à noite livre.

— Estão tramando algo — murmurou Zoltan.

Mais três horas mais demora, parecia que não era assim.

Phil tinha começado a tomar café para tentar manter-se alerta.

— Talvez perdeu o espetáculo da Corky — sugeriu Phineas.

— Algum Malcontent em algum lugar, deve tê-lo visto — disse Robby. — Talvez o problema está em conseguir que a notícia chegue a Casimir. Pode estar tão bem escondido, que inclusive sua própria gente não saiba como chegar até ele.

— Isso poderia ser — esteve de acordo Colbert. — Sugiro que voltemos amanhã. Casimir poderia vir em busca da Vanda.

Os japoneses se levantaram e se inclinaram.

— Então nós voltaremos amanhã de noite para lutar.

Dirigiram-se para a porta, mas Phil os deteve a meio caminho.

— Dizem a sério o de ajudar a Vanda?

— É óbvio — disse Kyo. — Ela é uma celebridade americana.

Phil tirou seu telefone móvel e adicionou na agenda o número de telefone do Kyo.

— Obrigado. Se alguma vez necessitar sua ajuda, chamar-te-ei.

— Será uma honra. — Kyo se inclinou e saiu com seus amigos.

Vanda se sentou na cama que lhe foi atribuída na parte de cima do armazém de café onde vivia o Aquelarre de Nova Orleães. Desenrolou o látego e o pôs sobre o canastro, enquanto Scarlett e Tootsie se encarapitavam na cama vizinha, entretendo-a com as histórias de suas loucas travessuras.

Olhou através do dormitório para o Phil, que dormia em sua cama. O pobre homem estava tão esgotado, que podia dormir enquanto todos os vampiros ruidosos conversavam a seu redor.

Mas não todos os vampiros estavam falando. Vanda tinha visto alguns quartos privados detrás da cozinha. Colbert e Giselle se retiraram a sua habitação. Vanda tinha tido a tentação de pedir um quarto para o Phil e ela, mas havia muitos empregados da MacKay aqui. Não podia deixar que soubessem que mantinha uma relação proibida com seu guardião atribuído.



Scarlett se levantou.

— Vou tomar uma taça quente do *Chocolood* antes de me deitar. Quer uma, Vanda?

— Sim, obrigada.

Vanda se inclinou para tirar as botas.

— Intruso! — Gritou o homem a cargo dos monitores de vigilância. — Alerta, intruso!

Em questão de segundos, os vampiros machos tinham pegado as espadas e saído correndo pela porta. Vanda se apressou aos monitores para ver o que estava acontecendo. Uma dúzia de homens, armados com espadas, tinham chegado a enorme sala da planta baixa.

Colbert correu para o dormitório, descalço, com a camisa desabotoada, mas com uma espada na mão. Giselle o seguiu, envolta em uma bata de banho. As mulheres do Aquelarre se reuniram a seu redor.

— OH, Meu deus! — Scarlett agarrou ao Tootsie. — O que fazemos?

Colbert olhou aos dois homens enquanto se apressava para a porta.

— Protejam às mulheres!

Tootsie ficou sem fôlego.

— Pensei que nós éramos mulheres.

Phil se incorporou e se esfregou os olhos.

— O que está acontecendo? — Agarrou os sapatos e os pôs rapidamente. Vanda correu para ele.

— Os Malcontents estão aqui.

— Merda. — Se atou a capa cava e guardou ali sua pistola. — Fique aqui.

Agarrou uma espada do esconderijo detrás dos monitores de vigilância e correu para a porta.

— Phil! — Vanda correu detrás dele. O maldito balcão estava a três pisos de altura. Antes, tinha tido que levar com ele para subi-lo. — Espera. — Chegou ao balcão bem a tempo para vê-lo. Gritou. *Meu Deus ia matar se.*

Olhou por cima do bordo e ficou sem fôlego. Ele tinha aterrissado com agilidade e já estava desafiando a um Malcontent com a espada. Como demônios tinha feito para dar esse salto?

Estremeceu-se quando quase o alcança com uma estocada. O coração lhe subiu à garganta. Como diabos ia sobreviver em uma briga contra um vampiro? Meu Deus, Hugo tinha razão. Phil se movia incrivelmente rápido.

Esfriou lhe o sangue enquanto observava a cena. Vampiros lutando contra vampiros. Espadas chocando. Gritos de triunfo e gritos de derrota. Homens gritando de agonia antes de desmoronar-se em um montão de pó.

— Vingança! — Gritou alguém sobre o ruído do entrecocar das espadas.

Viu o homem que gritava. Estava totalmente rodeado por Malcontents armados. Lutaram com fúria a seu redor enquanto ele permanecia seguro no meio. Tinha uma espada na mão e a outra embalada contra o peito em um ângulo estranho.

— Casimir — sussurrou.

Um grito a sacudiu. Um dos homens do Colbert tinha sido trespassado. Converteu-se em pó.



Umas mãos agarraram os ombros da Vanda e ela saltou.

— Entra. — Giselle puxou-a do bordo do balcão. — Não deixe que a vejam.

— Mas tenho que saber... — Vanda procurou entre o movimento de braços e espadas chocando-se, procurando o Phil. Ainda estava bem. Agora tinha um oponente diferente. Devia ter matado ao primeiro.

Viu um Malcontent escondido em uma esquina escura, com um telefone móvel na orelha. Uma dúzia mais do Malcontents apareceram a seu redor.

— Olhem isso!

Giselle ficou com a boca aberta.

— Estamos superados em número.

— Temos que pedir reforços. — Vanda agarrou os braços de Giselle. — Dê-me um telefone. Temos que chamar o Angus.

— Já é de dia. — Os olhos do Giselle se encheram de lágrimas. — Não podem vir.

Maldita seja. Provavelmente essa era a razão pela que os Malcontent tinham esperado tanto antes de atacar. Vanda fez uma careta quando outro grupo do Malcontents se teletransportaram dentro. Meu Deus, pelo menos havia uma vintena.

Casimir ladrou de risada.

— Vingança pelo Massacre da DVN!

Giselle pôs-se a chorar.

— Que Deus nos ajude. Isto é uma matança.

Vanda ficou congelada no balcão, com medo de olhar, com medo a não fazê-lo. Acelerou-lhe o coração, lhe golpeando os ouvidos. Se só houvesse algo que pudesse fazer. Mas nunca tinha treinado com uma espada. Seria suicida saltar em meio da briga.

Viu o Robby e ao Phil lutar, abrindo um caminho por volta do grupo do Malcontents recém chegados.

Robby trespassou ao tio do telefone. O Malcontent se converteu em pó e o telefone caiu ao chão. Phil o pisoteou.

Um brilho de cabelo castanho chamou a atenção da Vanda. Um dos Malcontents recém chegados se girou para evitar um ataque. Um largo rabo-de-cavalo castanho bateu o ar. Uma mulher.

Vanda se aproximou até o bordo do balcão. Havia algo na forma em que a mulher se movia. Girou-se outra vez e o coração da Vanda se sacudiu.

Marta.

Como se tivesse ouvido os pensamentos da Vanda, Marta levantou a vista para o balcão. Entrecerrou os olhos.

Vanda cambaleou para trás.

— Não, não.

— Está bem?

Giselle a arrastou até o dormitório. Scarlett se abatia junto à porta.

— Vê-te como se tivesse visto um fantasma.



— E assim é. — Vanda tropeçou com o canastro. Doía-lhe o coração no peito. *Marta*. E lutando com os Malcontents.

Tootsie gritou. Vanda deu a volta. Um Malcontent tinha entrado na habitação.

Giselle correu para o grupo de mulheres soluçando ao fundo da sala. O Malcontent viu a Vanda e levantou a espada. Ela agarrou o látego e o tirou da cama.

Ele atacou com um grito. Ela saltou por cima da cama e fez estalar o látego contra ele.

Scarlett lançou um travesseiro contra o intruso e depois chiou quando este se girou e foi para ele. Scarlett se acoruchou contra a parede, tremendo.

Tootsie se teletransportou, aterrissou justo atrás do Malcontent e o golpeou na cabeça com uma garrafa do *Blissky*. O Malcontent desabou no chão.

Scarlett saltou aos braços do Tootsie.

— Salvou-me!

Giselle e as mulheres gritaram. Dois Malcontents mais tinham entrado na habitação. Colbert carregou contra eles, matou a um e brigou contra o outro.

— Retirada! — Gritou — Teletransporte a nossa casa de campo agora!

As mulheres começaram a teletransportar-se.

— Que Deus te acompanhe. — Tootsie abraçou a Vanda e depois, se teletransportou com a Scarlett.

Atravessando o coração com um movimento rápido, Colbert converteu em pó ao segundo Malcontent. Viu o que permanecia inconsciente no chão e também o rematou.

— Colbert! — Giselle correu a seus braços. Ele a abraçou e depois estendeu uma mão a Vanda.

— Deve vir conosco.

— Não! — Phil entrou correndo na habitação.

Vanda fez uma careta pelas manchas de sangue na camisa. Mas graças a Deus que estava vivo. Embora não pôde imaginar como tinha conseguido chegar ao segundo piso por sua conta.

Ele agarrou o telefone que tinha deixado sobre seu canastro.

— Adiante, Colbert. Va enquanto possa. Também vamos.

— Que Deus os acompanhe. — Colbert se teletransportou levando a Giselle com ele.

Phil abriu o telefone e marcou um número.

— Temos que ir, Vanda.

— Mas aonde? — Exclamou. — Não podemos ir para o este.

Ele pôs o telefone na orelha.

— Brynley? Segue falando. Vamos para lá. — Passou um braço ao redor da Vanda e lhe pôs o telefone na orelha. — Confia em mim.

Vanda ouviu a voz de uma mulher desconhecida no telefone. Três Malcontents carregaram dentro da habitação. Ela ofegou e tudo se voltou negro.

CAPÍTULO 18



Vanda tropeçou. Sua concentração tinha desaparecido, fazendo que a aterrissagem se complicasse. Phil recuperou o equilíbrio rapidamente e a sujeitou.

— Está bem?

Fechou o telefone de um golpe e o guardou no bolso.

— Eu... — piscou. Por um segundo pensou que estavam na cabana do Howard nas montanhas Andirondack. Mas isso não podia ser certo. Em Nova Iorque já era de dia.

— Phil! — Uma moça correu para ele, sorrindo. Ele se girou e sorriu.

— Brynley!

Ela se deteve com um ofego.

— Está sangrando. Feriram-no.

Ele olhou sua camisa, rasgada e cheia de sangue.

— São só uns poucos cortes. Não é grande coisa.

— Sim é grande coisa. — A mulher jogou um olhar desconfiado para a Vanda e, continuando, agarrou o braço do Phil e o arrastou para longe.

— Deixa que te cure. Querido Senhor. — Lhe tocou a bochecha. — Te converteste em um homem muito bonito.

A mão da Vanda se crispou ao redor da manga do látego. Quem diabos era essa mulher? Com seu cabelo comprido e brilhante, as calças de vaqueiro ajustados e a camiseta de suspensórios, estava destinada a ser uma puta. Como é possível que Phil a deixasse lhe tocar dessa maneira?

Phil a agarrou pela mão e a apertou.

— Senti saudade.

Vanda Clareou a garganta. Ele a olhou.

— Brynley, esta é Vanda.

Deu-se conta nesse momento que ele não a tinha chamado sua prometida.

— Como está? — *Putá*. Olhou para a formosa Brynley. Que classe de estúpido nome de merda era esse, de todos os modos?

Brynley a fulminou com o olhar.

— Assim que isto é o vampiro que mencionou? De algum jeito, pensava que seria um varão. O temperamento da Vanda ferveu.

— A quem chamas um isto?

— Brynley — disse Phil brandamente. — Vanda e seus amigos são bons e meus amigos.

— Amigos? — Fez um gesto para sua camisa ensanguentada. — A que classe de terrível confusão o hão arrastado estes amigos?

— Phil é mais que um amigo. — Vanda se aproximou da zorra. — É meu padrinho na terapia de controle da ira. Pode te dizer quão perigosa me volto quando me zango de verdade!

— Ah, sim? — Brynley deu um passo para frente.

— Basta já. — Phil pôs uma mão para detê-la. — Vanda, esta é minha irmã, assim para já



esta merda.

A boca da Vanda caiu aberta. *Sua irmã?* Olhou mais à frente do formoso cabelo e a pele perfeita, e se deu conta dos olhos azul pálido, iguais aos do Phil.

— Não sabia que tinha uma irmã.

— O que? — Brynley olhou ao Phil. — Alguma vez falaste de mim a seus amigos? Sou sua gêmea, maldita seja!

— Gêmea?— Vanda a olhou a ela e depois ao Phil. — Hipócrita! Sempre me perseguindo para que falasse sobre meu passado e você nem sequer me há dito que tem uma irmã gêmea?

Phil trocou seu peso de um pé ao outro e olhou para um lado e ao outro entre as duas mulheres.

— Eu... Estou sangrando, já sabe. Pensei que talvez pudesse me curar?

Brynley cruzou os braços.

— Se cure você mesmo.

— Bem.

Phil caminhou para a área da cozinha. Vanda reprimiu uma risada.

— Bem por ti.

Brynley curvou a boca.

— Obrigado.

O sorriso da Vanda se desvaneceu rapidamente quando Phil tirou a camisa. Os cortes e os arranhões marcavam seu torso e seu peito.

— OH, não! — Correu para ele.

— Maldita seja, Phil! — Brynley correu para a pia da cozinha e trabalhou na antiga bomba para tirar água. — As toalhas limpas estão na gaveta dali. — Fez um gesto com a cabeça.

Vanda deixou o látego sobre o balcão e depois agarrou uma toalha da gaveta e entregou outra a Brynley. A bomba vomitava água e umedeceu ali sua toalha. Phil fez uma careta enquanto lhe limpava o sangue do peito.

— O que é o que aconteceu? — Brynley secou um mau corte em um lado do torso. Ele elevou o braço para olhar a ferida.

— Começou uma guerra entre os Vamps e os Malcontents, o que poderia dizer que são os vampiros bons e os vampiros maus.

Brynley soprou.

— Desde quando existem os vampiros bons? — Olhou a Vanda. — Sem ânimo de ofender.

Vanda a ignorou. Estava muito zangada ao ver a formosa pele do Phil cheia de cortes. Muito molesta porque sua irmã poderia ter causado uma das feridas.

— Phil, não pode fazer isto outra vez. Os vampiros são mais rápidos e mais fortes que os mortais como você. É um milagre que não te tenham matado.

— Mortais? — Brynley entrecerrou os olhos.

— Há ataduras, aqui? — Perguntou Phil. — Tenho que voltar para o trabalho.

— Que trabalho? — Brynley abriu um armário e tirou uma caixa de tiritas de vários tamanhos. Passou a Vanda umas quantas.



— Trabalho urgente. — Phil tirou o telefone do bolso. — Como hei dito, estamos em guerra.
— Os vampiros estão em guerra — o corrigiu Brynley. — Não tem nada que ver contigo.
Vanda ficou tensa.

— Phil é um membro muito importante de nossa sociedade. Não poderíamos prescindir dele. — Pôs uma tiritica em um dos cortes.

— Basta. — Ele deu um passo atrás e marcou um número de telefone.

— Mas ainda tem feridas — protestou Vanda. — E esta é tão longa que pode ser que necessite pontos de sutura.

— Não é nada. — Os olhos do Phil brilharam com a umidade. — Isto não é nada. Vi coisas piores.

A pele da Vanda ficou fria. E se um de seus amigos tivesse morrido?

— O que? Quem?

— Dougal. — Phil fez uma careta. — Lhe cortaram a mão.

Vanda ofegou.

— P... Mas, podem-na costurar de novo, verdade? E se curará durante seu sono mortal.

Phil negou com a cabeça.

— Cortaram-na completamente. Converteu-se em pó.

A Vanda lhe duplicou as náuseas que se estrelavam contra o estômago. Brynley lhe tocou o ombro.

— Sinto muito. É um bom amigo?

Vanda respirou profundamente.

— Conheço-o há muito tempo. — Tinha sido guardião na casa do Roman fazia mais de trinta anos, sempre tímido e calado, exceto quando tocava a gaita de fole. Agora, nunca poderia voltar a tocá-la.

— Howard? — disse Phil falando por telefone. — Ouviste o que há passado?

Phil se lançou a fazer uma descrição do que tinha ocorrido em Nova Orleans. Vanda poderia dizer que a irmã do Phil estava escutando com muita atenção, pois ficou sem fôlego em todos os momentos apropriados.

Pela primeira vez, Vanda teve a oportunidade de observar à cabana. Tinha as paredes de troncos e uma chaminé de pedra, como a cabana do Howard, mas menor e primitiva.

A água da pia da cozinha tinha que ser bombeada. Não havia geladeira, só um grande refrigerador. Por isso sabia, não havia eletricidade. Um fogo e uns quantos abajures de azeite, iluminavam o ambiente. Uma cisterna de gás propano estava conectada à estufa. Não havia cortinas nas janelas. Não havia tapetes sobre o chão de madeira. Nenhuma escada. Uma prancha de madeira conduzia até o desvão.

— Onde estamos? — Perguntou em voz baixa.

— Wyoming — respondeu Brynley — Esta é a cabana do Phil.

— Não sabia que tinha uma cabana.

— Sim, bom. Há muitas coisas que não sabe a respeito dele. — Franziu o cenho ao Phil. — Mas suponho que o mesmo vale para mim. Não tinha nem ideia que estivesse envolto com



vampiros.

— Ele é um guarda diurno — explicou Vanda. — Durante o dia somos vulneráveis, enquanto estamos em nosso sono mortal.

Brynley a olhou com curiosidade.

— E quem é você, exatamente?

Vanda encolheu os ombros.

— Ninguém especial.

— E, entretanto, Phil parece arriscar sua vida para te manter a salvo. É uma espécie de...

Princesa vampiro?

Vanda se burlou.

— Nada mais longe.

Brynley agarrou o látego que Vanda tinha posto sobre o balcão.

— Está lutando na guerra.

— Só porque tenho que fazê-lo. Os Malcontents nos querem varrer do planeta.

Brynley lhe entregou o látego.

— Por quê? O que fizeram?

— Inventamos o sangue sintético, por isso já não temos que morder aos mortais.

Trabalhamos, por isso já não temos que roubar aos mortais. — Vanda se envolveu o látego ao redor da cintura e o apertou bem. — Só queremos nos mesclar e fingir que somos normais. Suponho que soa estranho.

Brynley franziu o cenho.

— Não, realmente não. — Caminhou para o refrigerador. — Trouxe um pouco de sangue engarrafado. Quer?

— Sim. — Vanda lançou um suspiro de alívio. — Obrigado.

Aceitou uma garrafa e desenroscou o plugue. Estava fria, mas era muito melhor que morder a seus anfitriões.

— Muito bem, Howard. — Phil tinha terminado de contar as notícias. — Chame-me se se inteirar de algo mais. — Fechou o telefone e olhou a cabana a seu redor. — O lugar se vê bem. Estiveste-a mantendo, Bryn?

— Sim. — Sua irmã se sentou em uma poltrona velha e gasta, e apoiou as botas de vaqueiro na mesa de café. — Estive vindo de vez em quando.

— Obrigado. Devo-lhe isso.

Começou a passear pela habitação. Vanda se sentou no velho sofá e tomou um sorvo da garrafa. Depois de tudo, a irmã do Phil não era tão má. Obviamente, não gostava dos vampiros, mas era leal a seu irmão. Vanda não poderia reclamar nenhuma lealdade a sua irmã Marta.

Maldita seja. Esfregou-se a frente. Como podia sua irmã Marta, fazer isto?

— Pergunto-me onde estão todos — murmurou Phil. — E como estará Dougal.

Vanda se estremeceu.

— Deve estar em estado de choque. E com um montão de dor. Não sabe aonde se há teletransportado?



Phil negou com a cabeça.

— Não é como se me tivesse podido dizer isso enquanto o inimigo estava a nosso redor.

— Ah claro. — Vanda bebeu mais sangue da garrafa. Em Nova Orleans, tinha estado a ponto de amanhecer, mas aqui, em Wyoming, tinham ganhado mais tempo de noite. — Ouvi o Colbert dizer aos membros de seu Aquelarre que se dirigissem a sua casa de campo.

— É o homem de Nova Orleans? — Perguntou Brynley. Era evidente que tinha aprendido algo enquanto escutava a conversação entre o Phil e Howard.

— É o Mestre do Aquelarre de Nova Orleans — explicou Vanda.

— E quem é o Professor de seu Aquelarre? — Perguntou Brynley.

— Roman Draganesti. É o chefe de toda a região da Costa Este. E é o brilhante cientista que inventou o sangue sintético. — Vanda levantou a garrafa.

Brynley parecia impressionada.

— Esse material sintético salva milhares de vidas cada ano.

— Devem ter ido ao do Jean-Luc. — Phil apertou um botão de seu telefone.

— Quem é Jean-Luc? — Perguntou Brynley a Vanda.

— Jean-Luc Echarpe. O famoso desenhista de moda.

— OH, vi seu trabalho. — Brynley assentiu com a cabeça. — Muito bonito, mas caro de verdade. Não está em Paris?

— Texas. — Vanda bebeu mais sangue. — Se esconde dos meios de comunicação para que não se deem conta que é um vampiro.

A Brynley abriu os olhos como pratos.

— Merda.

— Billy? — Phil falava por telefone. — Os meninos foram para aí?— Escutava enquanto passeava. — Bem. E Dougal, como se encontra? — Olhou a Vanda. — Está bem. Ali acaba de amanhecer.

Vanda assentiu com a cabeça. Se Dougal estava em seu sono mortal, já não sentiria dor. E a ferida, sararia.

Phil parou em seco. Seu rosto empalideceu. Vanda se sentou. Nunca o tinha visto tão aturdido. Um calafrio de medo a arrepiou.

— Está seguro? — Sussurrou Phil.

A mão da Vanda tremia enquanto deixava a garrafa sobre a mesa. Brynley pôs as botas no chão e se sentou.

— Talvez foi a outra parte — disse Phil. — O comprovaste?

Vanda ficou de pé.

— O que acontece?

Phil tragou audivelmente.

— Entendo. Eu... pôr-me-ei em contato. — Fechou o telefone pouco a pouco. Olhou a Vanda. Os olhos lhe brilhavam pela dor.

— O que se passou? — Correu para ele.

— Robby... Desapareceu.



Vanda se deteve como se algo a tivesse golpeado no peito.

— Se... Se teria teletransportado a alguma outra parte.

— Não, comprovaram-no. Zoltan e Phineas chamaram a todos os grandes Aquelarres do lado oeste. E, além disso, é o guarda pessoal do Jean-Luc. Robby vive no Texas. Teria ido ali.

A bÍlis subiu pela garganta da Vanda.

— Crie que está morto?

Phil negou com a cabeça.

— Todo mundo recorda tê-lo visto ainda vivo. Nós... pensamos que foi capturado.

Vanda se levou uma mão à boca. O sangue-frio que acabava de beber lhe revolveu o estômago. OH, Meu deus, não. Os Malcontents o torturariam.

— Estou seguro que Casimir o considerará uma grande captura — continuou Phil. — É o único parente vivo do Angus MacKay, o general do exército Vamp.

Os olhos da Vanda se encheram de lágrimas. Queria pegar a algo.

— Eu não gosto da guerra! Odeio isso! Não queria voltar a passar por isso outra vez.

Phil a tomou em seus braços e a abraçou com força.

— Ele estará bem.

— Não, não o estará. — Ela envolveu os braços ao redor de seu pescoço.

— Ali já era quase de dia. Não podem... fazer mal ao Robby se estiverem em seu sono mortal. — Beijou a Vanda na frente. — Temos que ter fé.

Ela assentiu com a cabeça.

— O que podemos fazer?

Phil deu um passo atrás para chamar a outro número de telefone.

— Já nos ocorrerá algo. — Se afastou, falando por telefone.

— Howard, parece que Robby MacKay foi feito prisioneiro.

Vanda estremeceu. Podia ouvir a voz do Howard em pleno auge, crescendo em ira.

— Howard, escuta — exigiu Phil. — Quanto tempo falta ao Laszlo para ter a ponto o dispositivo de seguimento? ... Isso não é o suficientemente logo. Chama a Sean Whelan. Que faça que alguns peritos militares vão ali e o terminem. Depois o inseriremos no prisioneiro enquanto está em seu sono mortal.

Houve uma pausa, enquanto Phil escutava.

— Está bem, dou-me conta que o exército não pode saber que o dispositivo pode ser ouvido pelos vampiros. Escuta-o você primeiro. Se não estiver seguro, usa a maldita droga para manter-se acordado em um vampiro e que o ele prove. Temos que o ter preparado hoje mesmo. Então, assim que caia o sol, deixa que o prisioneiro escape. Com sorte, se teletransportará diretamente até Casimir e nos levará até o Robby. Mantém-me informado. — Fechou o telefone e olhou a Vanda. — É uma aposta arriscada, mas acredito que é nossa melhor oportunidade para encontrá-lo.

Ela assentiu com a cabeça. Até aquele momento nunca se deu conta que Phil tinha nascido para ser um líder. Era incrível. Forte e decidido, leal e valente. E tão formoso, inclusive com o torso cheio de feridas.



- Quero-te tanto.
Os olhos azuis dele se suavizaram.
— Eu também te quero.
— OH, Meu deus — sussurrou Brynley.

Uma hora mais tarde, Vanda franzia o cenho sobre a velha manta de cabelo de cavalo no chão do porão. As coisas já estavam bastante mal com o Robby capturado, Dougal ferido e sua irmã Marta lutando no bando inimigo. Mas agora a irmã do Phil a estava tratando como se de repente lhe tivessem saído duas cabeças. Brynley tinha arremetido contra Phil, mas ele simplesmente a tinha feito calar dizendo que já o discutiriam mais tarde.

Brynley passou isso por alto e lhe espetou:

- Como é possível que a ame?
— Fazendo-o — respondeu Phil olhando-a severamente. — E não o vamos discutir agora.

Brynley se sentou em sua poltrona fazendo caretas, enquanto Phil levava a Vanda ao porão para assegurar-se que estava a salvo durante seu sono mortal. Cobriu uma pequena janela. Depois, encontrou a manta de cabelo de cavalo e a pôs no chão.

— Não gosta de mim — sussurrou Vanda.

— Ela não vai casar contigo. Eu sim.

Ela ficou olhando, boquiaberta.

— OH, sinto-o. — Curvou a boca. — Esqueci-me de te perguntar. Está bem assim? — Fez um gesto para a manta.

Ela assentiu com a cabeça. *A sério Phil queria casar-se com ela?* Por que um mortal queria casar-se com um vampiro? Claro, algum dos meninos Vamps se casaram com mulheres mortais, mas as mulheres provavelmente trocariam com o tempo, e por agora poderiam lhes dar filhos. Ela não tinha nada para dar ao Phil. Não era rica nem encantadora como os meninos Vamps. Era uma vampira neurótica, estéril, com o cabelo arroxeadado e muito mau gênio.

Sentiu o primeiro puxão da sonolência enquanto o sol se aproximava do horizonte.

— Estou cansada.

— Boa noite, então. — A beijou na bochecha. — Baixarei para te comprovar de vez em quando.

Ela o abraçou com força.

— Não vou a nenhuma parte.

— Quero-te, Vanda.

Como é possível que a ame? As palavras de sua irmã ecoaram na mente da Vanda.

— Boa noite.

Viu-o subir as escadas e atravessar o alçapão na planta baixa da cabana. Puxou a prancha e depois fechou a alçapão. O porão ficou negro como a boca do lobo.

Em um momento, os olhos da Vanda se acostumaram e franziu o cenho para a áspera manta. Se Phil se casava com ela, nunca poderiam compartilhar a cama como um casal normal. A menos que não lhe importasse dormir ao lado de um cadáver.



Como é possível que a ame?

Vanda se passeou de um lado a outro do pequeno porão. Não tinha nenhuma dúvida de que Phil a amava. Por agora. Mas, e se ele descobria seus segredos mais escuros? O que aconteceria se se inteirava de seus terríveis pecados? Odiava aos Malcontents que se alimentavam dos mortais, matando-os no processo. Odiava aos Malcontents o suficiente, para arriscar a vida lutando contra eles.

Mas ela tinha feito o mesmo que faziam os Malcontents.

Meu deus, ele também a odiaria.

Outra onda de sonolência a atravessou. Dirigiu-se para a manta.

Então ouviu a voz da Brynley sobre sua cabeça, enérgica e zangada. Phil respondeu, com mais calma. Era uma conversa privada, não era de sua incumbência.

Mas estavam falando dela. Maldita seja. Moveu-se por debaixo do alçapão, levitando até o teto.

— Não pode casar com ela — disse Brynley em tom premente. — Papai nunca a aceitará.

— Importa-me uma merda o que ele pense — disse Phil. — Tem uma mente estreita, e uma visão estreita do mundo.

— Tem muito poder.

— E para que o usa? — Exigiu Phil. — Para criar gado e ovelhas. Comprar mais terras. Aumentar o rebanho com mais gado. E mais ovelhas. E o ponto culminante de sua existência é sair uma vez ao mês para caçar a algum animal indefeso.

— É o que fazemos. Você também desfruta da caça.

— Não é suficiente! — Gritou Phil. — Há todo um mundo aí fora.

— O mundo dos vampiros? — Burlou-se Brynley. — Não, obrigada.

Uma onda de sonolência golpeou a Vanda e caiu uns centímetros. Sacudiu-se e voltou a levitar outra vez até o alçapão.

Phil estava explicando quão importante era que os Vamps derrotassem aos Malcontents.

— Isto é muito importante, Bryn. Se os Malcontents ganharem esta guerra, poderiam acabar dominando o mundo.

— Está bem — espetou Brynley. — Ajuda a ganhar a seus vampiros bons. Mas não te case com um deles! Isto é uma loucura, Phil. Você é um maldito príncipe, pelo amor de Deus.

Um príncipe? Vanda negou com a cabeça. Não devia ter ouvido bem.

— E a Diana? — Continuou Brynley. — Está comprometido com ela há anos.

Vanda ficou boquiaberta. Quebrou-se sua concentração e caiu ao chão.

— Ai!

Fez uma careta enquanto se levantava. Torceu-se o tornozelo.

Foi coxeando até a manta. Ao menos, o estúpido tornozelo se curaria durante seu sono mortal. Estirou-se sobre a manta. *O príncipe Phillip? Comprometido com Diana?* Isto era Wyoming, não a sangrenta Grã-Bretanha. Não podia ser certo.

O sono mortal puxou por ela outra vez, com mais força e mais penetrante. Bocejou e fechou os olhos. Imagens revoaram por sua mente. Phil imobilizando ao Max o Megamembro. Phil



saltando pelo balcão e aterrissando perfeitamente. Phil lutando contra os Malcontents e sobrevivendo. Movendo-se tão rápido.

Muito rápido.

Abandonou a luta e sucumbiu ao sono mortal.

Vanda despertou com uma sacudida. Ficou na escuridão, durante uns segundos, não sabendo onde se encontrava. *Ah, certo. A cabana do Phil em Wyoming.* Procuro provas a seu lado e encontrou o látego.

Invadiu-a uma pesada sensação de medo, tão pesada que precisou esforçar-se para levantar-se. A guerra tinha começado. Robby tinha sido capturado. Marta a tinha traído uma vez mais. Dougal seria um descapacitado o resto de sua vida. E a irmã do Phil a odiava.

Ficou de pé. O tornozelo se curou. Atou o látego ao redor da cintura. Acima estava tranquilo. O exterior estava tranquilo. Levitou para o alçapão e o levantou. Abriu-se uns centímetros, com um rangido.

— OH, está levantada. — Phil acabou de abrir o alçapão e sorriu. — Não acredito que necessite a prancha, verdade?

— Não. — Levitou através da abertura no chão.

Agarrou-a pela mão e a puxou para ele. Ela baixou os pés até o chão e lhe rodeou o peito com os braços.

— Vê-te como um vaqueiro. — Passou uma mão sobre a camisa de quadros, alisando-a.

— Brynley foi até a cidade hoje, e nos comprou um pouco de roupa. — Lhe deu um beijo. — Quer parecer uma vaqueira?

Ela soltou um bufido.

— Como estas hoje? Ainda lhe doem as feridas?

— Estou bem. Dormi durante o dia, enquanto Brynley estava aqui.

Vanda olhou ao redor, mas a cabana estava vazia.

— Onde está agora?

— Saiu... a dar um passeio.

— Escuro que está?

— É lua cheia. Necessita algo para tomar o café da manhã? — Levou-a até ao refrigerador. — Brynley também trouxe mais gelo.

— Isso é bom. — Vanda agarrou uma garrafa de sangue da geladeira portátil. Pensou em perguntar ao Phil se realmente estava comprometido com uma mulher chamada Diana, mas não queria admitir que tinha estado escutando.

Tomou um gole muito comprido.

— Então, quais são as últimas notícias?

Ele se apoiou no balcão com o cenho franzido.

— Não foram capazes de terminar o dispositivo antes do anoitecer, assim não temos nem ideia de onde está retido Robby.

— OH, Deus. Pobre Robby. — Deixou a garrafa sobre o balcão. Não tinha vontades de beber



quando Robby provavelmente estava sendo torturado. — O que lhe vão fazer?

— Mantê-lo faminto, para começar. Ouvi que é muito doloroso.

— É-o.

Phil inclinou a cabeça, estudando-a.

— Maggie me contou que estava acostumada a te negar a comer. Fazia-te mal a ti mesma.

Por quê?

— Não... Não quero falar disso. — Caminhou pela habitação. — Há um banho por aqui?

— Há uma latrina atrás do estábulo.

Ela se burlou.

— Tem um estábulo, mas não um quarto de banho?

Ele encolheu os ombros.

— O estábulo está vazio. E não necessitei um quarto de banho. Não estive aqui em quatro anos.

— Por que não?

Dirigiu-lhe um olhar irônico.

— Não quero falar disso.

— Bom, não somos um par cheios de segredos?

— Sim, somo-lo. Acredito que é hora que tenhamos uma longa conversa. — Ele fazia um gesto para o sofá justo quando soou o telefone. — Olá? ... Sim, Howard. Estou seguro que Angus está fora de si. Algum progrido com o dispositivo de seguimento?

Enquanto Phil falava, Vanda passeava. Realmente tinha que ir ao banho. Os mortais, normalmente não o entendiam, mas os vampiros só necessitam os glóbulos vermelhos para sobreviver. O plasma do sangue se converte em resíduos, junto com todos os ingredientes acrescentados, como o uísque do *Blissky*.

Podia encontrar a latrina por sua conta. Saiu ao exterior, para o amplo alpendre. Uma brisa fresca passou junto a ela, fazendo que uma velha cadeira de balanço se balançasse com um rangido.

Um pequeno pasto se estendia diante da cabana. A lua cheia brilhava, dourando a erva com um toque de prata. Ao longe, um bosque de árvores altas, chegava até o céu espaçoso e estrelado. O ar era frio.

Girou ao redor da cabana e viu o estábulo. Era quase tão grande como a cabana. Passou a seu lado e encontrou a latrina. Igual a nos velhos tempos, na Polônia. Respirou fundo e fez suas necessidades o mais depressa que pôde. Havia um cilindro de papel higiênico situado sobre o que parecia ser o final de um velho pau de vassoura.

Saiu da latrina e passou junto ao estábulo enquanto se ajustava o látego ao redor da cintura. Um horripilante uivo ecoou a seu redor. Tragou saliva. Muito bem. Podia ser um lobo ou um coioote no bosque. *Isso era normal em Wyoming, não?* Correu para a parte dianteira da cabana.

Era algo saindo de entre as árvores? Avançou para os degraus do alpendre.

Outro movimento chamou sua atenção. E outro. Animais. Talvez, uma dúzia. Moveram-se das sombras escuras das árvores e entraram na luz da lua sobre o pasto. Ficou rígida.



Lobos.

A luz da lua se refletia sobre seus chapeados casacos. Pouco a pouco, foram para ela. Burilavam-lhes os olhos. Tinham os dentes ao descoberto. Um grunhido baixo retumbou por toda a pradaria, congelando-a pelo medo.

A luz se derramou de repente pelo alpendre. Phil tinha aberto a porta.

— Vanda, entra.

Ela tentou que seus pés se movessem, mas ficaram congelados sobre o chão. O pesadelo havia tornado. Ia ser caçada outra vez. E os lobos tinham sido enviados para matá-la.

Aproximaram-se um pouco mais. O coração relaxou. Isto era tudo. A iam matar.

— Merda. — Phil baixou as escadas do alpendre e foi para o pasto. — Vai para dentro, Vanda.

Ela se sacudiu o medo que a tinha paralisado. *OH, Deus, não!* Phil trataria protegê-la igual ao que tinha feito Karl. Os lobos o matariam. Correu para ele e o agarrou pelo braço.

— Vêm comigo. Pressa.

Ele se desfez de sua mão.

— Eu me encarrego disto. Confia em mim. Agora, vai para dentro.

Empurrou-a com suavidade para as escadas. Ela correu escada acima. Com um calafrio, girou-se para olhar.

Phil tirou a camisa. Todas as feridas do torso se tinham curado. Como o tinha feito? Seu corpo começou a brilhar.

Ela ofegou. O que estava fazendo?

Os lobos atacaram.

Phil abriu os braços, jogou a cabeça para trás e uivou.

Vanda cambaleou para trás, golpeando-se com a parede da cabana. A luz que escapava pela porta aberta iluminava ao Phil. Começou a brotar cabelo por suas costas e ombros, e se estendeu pelos braços. As mãos se converteram em garras, com largas unhas afiadas. Sua cabeça rangeu e a mandíbula lhe alargou até converter-se em um focinho.

Os lobos se detiveram em seco e se agacharam até o chão.

Vanda se deu conta que tinham medo. Mas não tanto como ela.

Phil era um homem lobo.

CAPÍTULO 19

O tempo se deteve em seco. Vanda não podia respirar. Não podia pensar. Estava pega contra a parede da cabana sem poder mover-se.

Um homem lobo. Seu formoso Phil era um homem lobo.

Começou a tremer. O pânico lhe formou redemoinhos no intestino, depois lhe disparou ao peito e irrompeu em sua boca com um grito afogado.



O homem lobo se girou para ela. Quantas vezes tinha visto essas ferozes mandíbulas e estalando as presas? Sempre vinham atrás dela. Caçavam-na implacavelmente.

Correu para a cabana e fechou a porta. Deslizou o ferrolho com mãos trementes. Deu um passo atrás, com os joelhos tiritando. Seu olhar se precipitou para as janelas. Assim foi como os lobos invadiram a casa segura onde Karl e ela se refugiaram. Os lobos o tinham esmigalhado.

Os passos golpearam os degraus do alpendre. Vanda deu um passo atrás. Acelerou-lhe o coração, troando em seus ouvidos.

O trinco girou. A porta estremeceu. Ela levou uma mão à boca enquanto lhe escapava um aterrorizado soluço.

— Vanda — a voz dele era suave. — Deixe-me entrar.

Ela se moveu de novo. Sua cabeça estava cheia de pensamentos confusos. Nunca tinha ouvido falar de um homem lobo que pudesse falar. Ou que fizesse girar um trinco. Tinha que ser um ser humano.

Mas ela o tinha visto trocar. Ou mas bem, tinha visto a metade da mudança. Definitivamente, tinha tido a cabeça de um lobo. E os dentes.

Maldita seja como podia fazer isto a ela? A ira a alagou, atravessando-a, um alívio do terror que a tinha feito fraca.

— Fora! — Gritou ela. A porta se sacudiu de novo.

— Temos que falar.

— Vai para o inferno!

Maldita seja. Fez amor com ele. Tinha deixado que entrasse em seu corpo. Em seu coração. Um sentimento de traição retorceu seu intestino. Primeiro foi sua irmã, e agora, Phil.

Queria atirar algo. Romper algo. Viu a escada de madeira apoiada no desvão, a mesma que Phil tinha utilizado para baixar ao porão. Em um arranque, chutou alguns degraus de madeira; depois agarrou a escada com as mãos e a partiu em dois.

— Vanda.

Girou-se para sua voz. Ele tinha aberto uma janela e estava aparecendo, olhando-a. Como se atrevia a parecer tão normal? Tinha-a enganado por completo.

— Como seu padrinho na terapia para o controle da ira, tenho que te dizer...

— Me deixe em paz! — Lhe lançou um pedaço de madeira estilhaçado. Ele esquivou o projétil, que voou atravessando a janela. Voltou a olhá-la.

— Vamos falar. Não tem maneira de escapar.

Que não podia escapar? Abriu o alçapão e baixou flutuando até o porão. Passeou de cima a abaixo. Podia se teletransportar longe, mas, aonde? Seu apartamento não era seguro. Nas montanhas Cárpatos, provavelmente era de dia. Londres tampouco, assim exclui a Pamela e Cora Lee. Não sabia onde estavam Ian e Toni. Maggie?

Vanda se estremeceu. Ainda estava nessa lista negra. Não podia pôr em perigo a Maggie e a sua família. Mas, não tinham uma cova em sua propriedade? Poderia esconder-se ali. Infelizmente, nunca tinha estado no rancho da Maggie, por isso não conhecia o caminho. Tinha que chamá-la. Necessitava o telefone móvel do Phil.



— Vanda, volta.

Jogou uma olhada ao alçapão. Phil estava ali.

Ela percorreu o porão e descobriu uma pá. Isso o manteria afastado. Manteria afastadas suas patas dela. Agarrou a manga.

Ele deu um salto. O coração dela se fechou ao vê-lo. Ele aterrissou, suas botas de vaqueiro golpearam o chão de madeira com um ruído surdo e seus joelhos se dobraram para absorver o choque.

Ele se incorporou lentamente. As calças jeans lhe penduravam baixas sobre seus quadris. Seu torso e peito nus se ondularam com os músculos. OH, Deus, quanto tinha gostado de seu duro peito e seus largos ombros. Não havia rastro das lesões que tinha sofrido a noite anterior.

O espesso cabelo castanho brilhava a luz que se filtrava pelo oco do alçapão aberto. As mechas douradas e castanhas avermelhado resplandeciam. Olhava-a com seus claros olhos azuis, reluzindo pela forte emoção.

Era um homem lobo. Como podia ser um homem lobo? E como podia ser um ser humano agora? A única vez que ela tinha visto um lobo converter-se em humano de novo, tinha sido depois que Karl o tivesse matado. Por isso sabia que, uma vez o cambiante se convertia em lobo, mantinha-se assim toda a noite. Certamente, nunca tinha visto um que pudesse trocar só a metade de seu corpo.

Apontou-o com a pá.

— O que é?

Ele deslizou o olhar até a pá e franziu a boca.

— Sou Phil Jones, o mesmo homem que era ontem. — Deu um passo para ela.

— Atrás! — Levantou a pá — O que é!

Ele levantou o queixo.

— Sou um Alfa cambiante. Posso trocar, total ou parcialmente, quando o desejo, de dia ou de noite. Tenho super força e velocidade, e a sensibilidade aumentada. Se me fizer mal, posso trocar imediatamente e me curar. Posso chamar o poder de meu lobo interno sem necessidade de trocar fisicamente. E uma coisa mais...

Saltou tão rápido, que ela com muita dificuldade teve tempo de golpeá-lo com a pá. Ele agarrou a manga e atirou, arrastando-a a ela. Em um tira e afrouxa, ela cravou os pés no chão e atirou da manga para trás. Ele atirou com mais força, fazendo-a perder o equilíbrio. Quando ela se cambaleou para frente, ele atirou a pá para um lado, rodeou-a com um braço e a empurrou contra seu peito.

— Uma coisa mais — grunhiu. — Te quero.

Ela o empurrou do peito.

— Me solte. Mentiu-me.

— Ia lhe dizer esta noite. Merda tentei lhe dizer isso a outra noite, na cabana do Howard, mas assim que mencionou os lobos, negou-te a seguir falando.

Ela estremeceu. Tinha estado tão concentrada em manter seus próprios segredos, que não tinha permitido ao Phil contar o seu.



— Deveria ter me dito isso. — O golpeou no peito.

— Para que? Para que tivesse uma desculpa para não te apaixonar por mim? — Agarrou-lhe as mãos e as colocou detrás das costas. — O que se passou com aquilo de “meu amor é suficiente”?

Ardiam-lhe os olhos pelas lágrimas.

— Mas eu não gosto dos lobos. Odeio aos cambiantes.

— Ama a este.

Ela sacudiu a cabeça.

— Eu... não, não posso. Dá-me medo.

Tremeu-lhe a boca.

— Não salvei sua vida suficientes vezes para que possa confiar em mim? Quero-te, Vanda. Sempre estarei aqui para ti.

A ela lhe escapou uma lágrima, rodando pela bochecha. Era certo. Tinha-a salvado. Várias vezes. Tinha parado ao Max o Megamembro no clube. Tinha matado à serpente. Tinha detectado a bomba. Deve ser capaz de cheirá-la com sua aumentada sensibilidade de homem lobo. Mas, como podia superar que ele era um homem lobo? Sacudiu a cabeça.

— Tive medo de sua espécie durante muito tempo.

Ele apertou o agarre sobre suas mãos.

— O que é exatamente o que te dá medo? São meus dentes? Mordisquei-te antes, sem te fazer dano.

Ela estremeceu.

— São as garras? — Soltou-lhe as mãos. Rodeando-lhe os ombros com um braço, mostrou-lhe o outro. Brilhava com uma luz azulada. O cabelo brotou em sua mão, que se transformou em uma pata. Estendeu as garras, agudas e mortais.

Vanda se estremeceu. Girou a cabeça e fechou os olhos.

— Não.

— Não? Seriamente crê que te faria mal?

Ela deu um salto quando sentiu que algo lhe roçava a bochecha. Cabelo. Suave e quente. Lhe acariciou a bochecha e depois, o pescoço. Ela jogou uma olhada e viu que a estava acariciando com o dorso de sua pata.

— Tenho controle completo — disse em voz baixa. — Confia em mim.

Ele girou a garra e a colocou por debaixo da cremalheira do catsuit. Baixou-a e cortou pela metade o sutiã. Ela ofegou.

A garra brilhou e se converteu em uma mão. Tirou-lhe o catsuit e o prendedor para deixar seus peitos ao descoberto. Seus mamilos estavam apertados. Seus peitos subiam e baixavam enquanto ela lutava por recuperar o fôlego. Sua pele se estremeceu, desejando que ele a tocasse.

Sacudiu a cabeça. Como ia querê-lo agora? Mas havia algo nele. Um magnetismo animal que afligia seus sentidos. Era selvagem e poderoso, e se doía por ele. Inclusive seu medo o fazia mais excitante.

Acariciou-lhe um seio e apertou brandamente. Ela gemeu. Esfregou o polegar sobre a



endurecida ponta.

— Acredito que, com o tempo, chegará a apreciar minha dupla natureza. Posso te fazer amor como um cavalheiro. Ou foder-te como uma besta. — Beliscou-lhe o mamilo. Ela se sobressaltou. A umidade se acumulou entre suas pernas. Que Deus a ajudasse, desejava-o. — A qual prefere esta noite? Ao cavalheiro ou à besta? — Torceu a boca. — Em forma humana, é óbvio.

Ela passou as mãos sobre os largos ombros.

— Eu gostaria de um de cada.

Ele sorriu lentamente.

— Isso posso fazê-lo — se inclinou mais e lhe sussurrou ao ouvido. — Mas a besta quer ser a primeira.

Antes que ela pudesse reagir, tirou-lhe o látego da cintura e o deixou cair ao chão, e puxou o catsuit e a roupa interior até os tornozelos.

— Tem super velocidade.

— E força. — A elevou e a pôs sobre a manta. Em um segundo, tinha-lhe tirado as botas e também as suas de vaqueiro. Ela olhou para o vulto nas calças jeans.

— Parece que também tem super tamanho.

Ele sorriu enquanto as calças e a roupa interior caíam ao chão.

— É o animal que há em mim. — ficou em cócoras aos pés dela. Dilataram-lhe as fossas nasais. — Posso cheirar sua excitação.

Ela apertou as coxas enquanto a umidade se filtrava de seu interior. Levantou-lhe um pé e lhe acariciou o arco. Depois lhe lambeu os dedos dos pés e os mordeu. A perna estremeceu.

— É... Está seguro que deveria me morder? — Ela pensava que era assim como se convertiam em homens lobo. Mordiscou-lhe o tornozelo.

— Tem medo de ficar peluda, carinho?

— Bom, acredito que já tenho muitos problemas sendo como sou agora.

Ele riu entre dentes.

— Quero-te tal e como é. — Fez um atalho com a língua até a panturrilha. — Teria que te morder forte, romper a pele e que minha saliva chegasse até seu sistema sanguíneo. — Lhe fez cócegas com a língua na parte posterior do joelho. — E teria que estar em forma de lobo nesse momento. Portanto, está razoavelmente segura.

— Razoavelmente?

— Não pode raciocinar com uma besta.

Gaguejou lhe o coração quando ele grunhiu. Moveu-se ao redor de seu corpo sobre as mãos e os joelhos, lhe acariciando o corpo nu, esfregando o nariz na pele que formigava, lambendo-a, saboreando-a. Nada estava fora dos limites. Suas orelhas, seu pescoço, suas axilas. Com outro grunhido, equilibrou-se sobre os seios. Passou-lhes a língua, apertou-os e se amamentou dos duros mamilos. Avermelharam as pontas, inchadas e sensíveis. Ela gemeu, arqueando-se, levando-os a boca dele.

E depois, empurrando-a com as mãos e o nariz, deu-lhe a volta. Os seios, muito



sensibilizados, rasparam contra a manta de cabelo de cavalo. Ela apertou as pernas juntas, perto do clímax.

Acariciou-lhe a nuca, lhe fazendo cócegas e estremecendo-a. Construiu um caminho em suas costas com a língua. Acariciou-lhe o traseiro, lambendo-o e mordendo-o até que ela se retorceu.

Ofegou quando a pôs de lado e empurrou a cabeça entre suas pernas. Com a cabeça apoiada na coxa, lambeu-a.

Ela gritou e lhe apertou a cabeça com as coxas. Com um grunhido, esfregou o rosto mais profundamente. Sua língua também parecia ter super velocidade. Ela gritou seu corpo rompendo-se com uma convulsão maciça.

— É minha. — Mordiscou suas nádegas e puxou-a para pô-la sobre os joelhos.

— Espera. — Seus joelhos eram de borracha. Seu corpo ainda pulsava com réplicas do orgasmo. Apoiou a frente na manta, tentando recuperar o fôlego.

— Tenho-te. — A agarrou pelos quadris, sustentando-a com suas próprias mãos enquanto se inundava nela por trás.

Ela gritou. Era incrível. Encheu-a por completo. Ele saiu lentamente, alargando a sensação, incendiando-a em chamas.

— Phil!

Inundou-se nela outra vez. Sustentou-a com um braço e depois se inclinou para lhe acariciar o pescoço e pegar-lhe a mão. Bombeou mais rápido. A tensão começou a construir-se uma vez mais. Ele grunhiu em seu ouvido, depois se ergueu sobre os joelhos, levando-a com ele.

Ela se tornou para trás, recostando-se no peito. Ele deslizou as mãos por seu corpo e lhe apertou os seios.

— É minha — lhe sussurrou ao ouvido.

— Sim.

Colocou-lhe a mão entre as pernas e lhe beliscou o clitóris enquanto empurrava em sua vagina por detrás. Ela gritou quando o orgasmo se estrelou. Ele deixou escapar um grito rouco, inquietantemente similar ao uivo de um lobo. À medida que se desabava sobre a manta com ela, soube que seu futuro tinha sido decidido. A besta tinha reclamado a sua companheira.

— Está bem? — Perguntou Phil quando finalmente sua respiração se normalizou.

— Sim. — Ela se abraçou contra seu corpo.

Ele estava convexo sobre suas costas, ainda no porão. Envolveu os braços ao redor da Vanda e lhe esfregou as costas. Sentia-se aliviado por que ela já soubesse seu segredo, mas agora tinha outro problema.

Brynley tinha visto seu desdobramento de poder Alfa. Ela era a líder desse maldito grupo que tinha assustado tanto a Vanda. Não havia dúvida que a intenção do Bryn tinha sido assustar a Vanda para jogá-la sua vida. Ele não tinha nem ideia de quando sua irmã tinha conseguido encontrar ao resto de cachorrinhos.

Provavelmente agora estariam pelo bosque, caçando raposas ou coelhos. Como cambiantes normais, estariam em forma de lobo durante toda a noite, trocando de novo a seus corpos



humanos pouco antes do amanhecer.

Quão último tivesse querido era que sua irmã conhecesse seu segredo. Obter o estado Alfa era um acontecimento importante no mundo Lycan. Ela faria que papai soubesse logo que fora possível.

O filho primogênito era o Alfa. Phil tinha demonstrado sua valia para ser o herdeiro.

— Como se converteu em um homem lobo? — Perguntou Vanda.

— Nasci desta maneira...

— Assim foi um menino besta?

Ele soltou um bufido.

— Os meninos Lycan não revistam ter sua primeira mudança até a puberdade. Eu tinha treze anos.

— Deve ser aterrador. E doloroso.

— Sim, um pouco. Mas estamos preparados para isso. Quando durante toda a vida estiveste escutando histórias sobre a febre de liberdade que se sente quando corre pelos bosques, a emoção da caça e a vitória da primeira morte, então está realmente feliz quando finalmente acontece.

Acariciou-lhe o cabelo do peito com os dedos.

— Como nasceram os homens lobo? Houve algum tipo de lobo estranho ou raivoso que mordeu a um ser humano?

— É uma história muito antiga. Lembro estar sentado frente ao fogo escutando a meus pais contando-a — Lhe acariciou as costas. — Quer ouvi-la?

— Sim. — Ela descansou a cabeça sobre seu peito. — Conte-a.

— Minha família são os descendentes de uma antiga linhagem da realeza de Gales.

Ela levantou a cabeça.

— Assim é um príncipe?

— Eu não diria tanto. Estes antepassados eram mais magos que reis. Possuíam muitos poderes estranhos, e um deles era a capacidade de transformar-se em qualquer animal. Com o tempo, cada um deles desenvolveu seu gosto pessoal sobre em que tipo de animal queriam trocar. Os favoritos eram: o lobo, o urso, o gato montês e o falcão.

— Animais de presa — murmurou Vanda.

— Exatamente. Por que trocar em camundongo, quando pode ser um leão? Meus antepassados diretos preferiam o lobo. Tudo foi bem até que os romanos nos invadiram. As tribos celtas estavam caindo, derrotadas. Meus antepassados se deram conta que poderiam evitar a dominação romana vivendo como lobos.

— Houve outros que viveram como ursos, gatos monteses e falcões? — Perguntou.

— Sim. — Phil acreditava que esse foi o início da família de cambiante urso do Howard. — Enquanto meus antepassados estavam em forma de lobo, se acasalaram. Descobriram que os meninos estavam atados à forma de lobo. Já não podiam escolher a forma do animal em que queriam transformar-se.

— E nasceram os homens lobo — murmurou Vanda.



— Sim. De vez em quando, os romanos matavam a um cambiante lobo, que se convertia de novo à forma humana. Eram supersticiosos e tinham medo de alguma classe de represália sobrenatural se não guardavam o segredo. Chamaram Philipus a nossa tribo por aqueles que amavam aos lobos. O nome esteve em minha família há séculos. Em realidade, é meu nome.

Ela o olhou com incredulidade.

— Philipus?

— Agora sabe por que prefiro Phil. Depois que os romanos se fossem, meus antepassados pensaram que já era seguro voltar a viver como humanos. Entretanto, haviam passado várias gerações e descobriram que não podiam permanecer como humanos todo o tempo. Trocavam durante a primeira noite de lua cheia.

— Assim foram condenados a converter-se em lobos cada mês durante toda a eternidade — sussurrou ela.

Ele sorriu.

— Eu não diria “condenados”. Nunca conheci a um cambiante que não amasse essa explosão de liberdade que recebemos cada mês, durante o qual podemos atirar pela janela todos os convencionalismos e as regras humanas, e nos comportar como animais...

— Resulta-lhes liberador.

— Sim. — Phil suspirou. — Ou deveria sê-lo. Há alguns dentro do mundo Lycan que acreditam que devemos nos apegar a nossas próprias tradições. O Mestre Supremo da Manada pode ser muito poderoso, e tentar forçar a todos fazer o que ele quer.

Vanda se sentou.

— Teve problemas com alguém assim?

Ele assentiu com a cabeça.

— Meu pai.

Ela estremeceu.

— Sinto muito.

— Tudo está bem. — A acariciou no braço.

— Ele não me aceitaria. Sua irmã não o faz. — Vanda olhou para o alçapão. — Quando vai retornar? É uma caminhada terrivelmente longa... OH — Se deu uma palmada na frente. — Sua irmã é uma cambiante lobo.

— Era uma dos lobos que a assustaram.

Vanda fez uma careta.

— Realmente não gosta.

— Ainda não te conhece. E não se preocupe. Terei um largo bate-papo com ela.

— E todos esses lobos, eram cambiantes?

— Sim, mas não voltarão a te incomodar. Sabem que está sob meu amparo. — Phil se sentou. — Então, por que lhe dão tanto medo os homens lobo?

Ela se estremeceu.

— Já lhe disse. Estiveram-me caçando.

— Nunca me disse porquê.



Ela olhou a roupa interior.

— Sabe? Arruinou meu sutiã. Espero que sua irmã tenha um para poder pedir emprestado.

— Comprou um pouco de roupa para nós. Vamos, Vanda. Eu te contei meus segredos. Agora é momento que você faça.

— Odiarme-á. — Ficou de pé e se foi.

CAPÍTULO 20

Vanda levitou atravessando o alçapão, aterrissando na planta baixa da cabana. Uma brisa fresca lhe picou a pele e se apressou a fechar a janela que Phil tinha deixado aberta. Ouviu um ruído detrás dela e se girou. Phil estava de pé ao lado do alçapão.

— Pode saltar tão alto?

Ele assentiu com a cabeça. E assim tinha sido como fez para subir ao balcão no armazém de Nova Orleans. Ela olhou com receio para as janelas que flanqueavam a porta dianteira da cabana. Sem persianas. Sem cortinas. Bem-vindos a *Wyoming Peep Show*. Cruzou um braço sobre os peitos.

— Aqui alguém nos pode ver.

— Possivelmente um esquilo, com sorte. — Phil sorriu. — O vizinho mais próximo está a quilômetros de distância.

— Os homens lobo estão aí fora. — Se transladou rapidamente até a cozinha, onde não havia janelas. Phil a seguiu.

— Os licântropos sempre tiram a roupa antes de trocar. A nudez não é um grande problema para nós.

Ela fez revoar o olhar sobre o corpo nu do Phil.

— Para ti é fácil de dizer, quando se vê assim bem. Mas imagino que para algum dos meninos, seria um pouco incômodo que vissem seus defeitos.

Phil soltou um bufido.

— Os homens Lycan não têm defeitos.

— De acordo. É tão grande como seu ego, que já é o suficientemente enorme. — Agarrou um trapo de cozinha de uma gaveta e agarrou a alavanca da bomba da água.

— Me permita. — Bombeou, e a água caiu sobre o trapo. Ela se esfregou a cara e o pescoço, fazendo uma careta por quão fria estava à água.

— O que se passou na Polônia, depois que te convertesse em vampiro?

Tragou saliva. O ataúde dos horrores estava tomando forma em sua mente.

— Eu... Preciso mais água. — Sustentou o trapo sob o cano. Ele bombeou mais água para ela.

— Que aconteceu?

Ela se lavou o peito e o torso.



— Enterrei a minha irmã. — O ataúde se sacudiu, tentando abrir-se. — Mais água.

Deu-lhe um pouco mais.

— E depois, o quê?

Ela limpou os braços.

— Peguei emprestada uma pá de uma granja próxima. Estava-a devolvendo ao barraco das ferramentas, quando o granjeiro me encontrou. Imediatamente, senti-me afligida pela fome.

— Mordeu-o?

Ela se inclinou para lavar as pernas.

— Saí correndo e mordi a sua vaca. Durante as primeiras semanas, estive tão confundida. E faminta, e com tanto medo de matar a alguém. Não sabia o que fazer. Escondi-me em covas e me alimentei de animais. Senti-me como se também me tivesse convertido em um animal.

— Você... Senhor, não te ajudou a te adaptar?

— Sigismund? — soprou com desgosto. — Não quis ter nada a ver com ele nem com Marta. Deixei-os a mesma noite em que despertei.

— Há algo que preciso te dizer. — Phil franziu o cenho. — O prisioneiro que está no Romatech, que fizeram no complexo Apolo... é Sigismund.

Vanda ficou sem respiração. E lhe esfriou a pele.

— É... está seguro?

— Sim. Foi um dos Malcontents que se faziam passar por deuses com o fim de alimentar-se das garotas e... as violar.

Ela suspirou. Essa foi uma das razões pelas que fugiu do Sigismund. Sabia que ele abusaria dela. Poder-se-ia dizer que tinha abusado da Marta, embora parecesse que sua irmã o desejava.

— Encontrei-me com ele um par de vezes enquanto estava escondida nas covas. Sempre ria de mim e me dizia que estava condenada. Que não havia maneira em que pudesse escapar do todo-poderoso Casimir. Então me teletransportei longe antes que avisasse ao Jedrek Janow. — Se estremeceu. — Sigismund é um porco abusivo. Espero que o façam sofrer.

— Fizemo-lo — disse Phil. — Quando me inteirei de quem era quase o matei.

Mas não o fez, pensou ela. Phil só matava em defesa própria. Era uma pessoa honorável, a diferença dela. Vanda enxaguou o trapo.

— Marta está nos Estados Unidos. Vi-a em Nova Orleans, lutando do lado dos Malcontents. Phil estremeceu.

— Isso deve ter sido um choque para ti. — Tomou o trapo de suas mãos e lhe esfregou as costas. Ela fechou os olhos, desfrutando do tato de suas mãos.

— Como te envolveu com a resistência clandestina? — Perguntou-lhe.

Ela abriu os olhos de repente. Por Deus, o homem nunca se rendia.

— Sabe onde pôs sua irmã a roupa que nos comprou?

— A bolsa está na mesa da cozinha. — Pôs o trapo sobre o balcão. — Está fugindo do tema.

— Claro que sim. — Se aproximou da mesa e tirou os objetos de dentro da bolsa. Havia calcinhas e sutiã, próximos a sua talha, umas calças jeans e uma camisa uso oeste.

— Dou-me conta que deve ser doloroso.



— Vestir-se como uma vaqueira? — Perguntou com ironia.

— Não, falar de seu passado.

— OH, Crê isso? Pode imaginar perder a seu pai, a sua irmã e a quatro irmãos na guerra?

Jozef só tinha doze anos! Não podia saber se tinham morrido em combate ou tinham sido feitos prisioneiros. Tinha a esperança que estivessem presos, mas ainda com vida, mas quando vi os campos de concentração, quase desejei que estivessem mortos. — Se dirigiu de novo a pia da cozinha. — Aprendi a teletransportar-me por acidente. Uma noite, estava de pé fora de um dos campos, olhando através do arame de puas e desejando que houvesse uma maneira de entrar para ver se meu pai ou meus irmãos estavam ali. E a seguinte coisa que soube, foi que todo se voltou negro e que eu estava ali, no interior do campo. — Tirou a roupa interior e a lavou na pia. — Corri através dos barracões procurando a minha família, mas não estavam ali. Não pude acreditar o que estava vendo. Muitos prisioneiros, amontoados em tão pouco espaço.

O ataúde se rachou. *Deus, não, não queria recordar.* Todos os detentos, esses corpos fracos, gastos, com os olhos atormentados cheios de dor e desespero.

— O que se passou então? — Perguntou Phil.

— Um guarda me pegou. — Os olhos lhe empanaram de lágrimas. — Estava tão zangada ao ver todos aqueles prisioneiros, e muito faminta. Mordi-o. — As lágrimas fluíram por suas bochechas. — Perdi o controle e o matei.

Jogou uma olhada ao Phil através das lágrimas, esperando encontrar desgosto em seus olhos. Não o havia. Isto era um engano. Ele não entendia a magnitude de seus pecados.

— Tinha que comer todas as noites. Para que atormentar a uma pobre e inocente vaca, quando podia matar a um nazista? E o fiz. Todas as noites. Uni-me à resistência. Me teletransportava dentro de um campo, liberava a alguns prisioneiros e matava a um dos guardas, tudo em uma noite de trabalho.

Phil não dizia nada, só a olhava fixamente. Ela se afastou. Maldita seja. O ataúde estava completamente aberto agora, e todos seus terríveis pecados se deslizavam para fora.

— Uma noite, depois que tivesse matado a um dos guardas, apareceu ante mim um vampiro. Disse-me que tinha estado me observando durante várias semanas. Felicitou-me por ser uma assassina nata. Deu-me um ultimato: ou unia aos Autênticos, ou matariam o líder da resistência.

— Karl — disse Phil em voz baixa. Ela assentiu com a cabeça.

— O vampiro era Jedrek Janow. Falou-me dos Autênticos, os que agora chamamos Malcontents. Disse que estavam aliados com os nazistas. Que assim que os alemães controlassem o mundo, os Autênticos controlariam aos nazistas. Que eu poderia ser parte de todo isso. Que poderia governar o mundo. — Se esfregou a frente. — No único no que eu podia pensar era em meu pai e meus irmãos, que provavelmente tinham morrido lutando contra os nazistas. Mandeí ao Jedrek ao inferno. E foi então quando me disse que enviaria a seus animais de companhia a me destruir. — Se estremeceu. — Seus lobos.

Ela passeava de um lado a outro da cozinha.

— Corri a me encontrar com o Karl para lhe contar o que tinha acontecido. Essa mesma



noite, chegaram três lobos. Consegui-me teletransportar com o Karl bem longe. Mas cada mês, quando a lua estava cheia, vinham por nós. E cada vez, vinham mais e mais quantidade. Então, uma noite Karl matou a um deles, e se transformou em um homem.

— Foi então quando te deu conta que eram homens lobo? — Perguntou Phil.

— Sim. Karl comprou algumas bale de prata.

— Alguma vez viram os homens lobo em forma humana? — perguntou Phil. — À parte de que mataram.

— Não.

Ele assentiu com a cabeça.

— Então, isso o explica tudo.

— Explica o que?

— Porque não reconheceu meu aroma. Nós trocas formas não cheiramos como os humanos normais. Mas só temos esse aroma único quando estamos em forma humana. Quando somos lobos, cheiramos como os lobos.

Ela suspirou.

— Falas disto com total naturalidade, mas não o está conseguindo. Eu estava aterrorizada. Cada mês procurávamos um lugar onde nos esconder, e os lobos nos rastreavam. Foram implacáveis.

— Vi como ficou assustada ali fora.

— Vi como faziam pedaços ao Karl! Também me alcançaram, mas consegui escapar, teletransportando-me. E então me encontrei sozinha, escondida nas covas como um rato, procurando a meu pai e a meus irmãos e não os encontrando, nunca, me alimentando de nazistas todas as noites. Eu... Matei a tantos. — Se desabou em uma cadeira da cozinha, e se cobriu o rosto enquanto as lágrimas corriam por suas bochechas. — Sou um monstro.

A cabana estava silenciosa, exceto por seus soluços. Tinha-o feito. Tinha-lhe deixado ver o interior de seu ataúde dos horrores. Que a visse pelo que realmente era. E agora ele a olharia de maneira diferente. Em lugar de ver amor em seus preciosos olhos azuis, veria repugnância.

— Vanda. — Ele se agachou a seu lado. Ela se cobriu os olhos para não poder vê-lo. — Vanda, viveu um inferno que nenhuma pessoa deveria ter tido que suportar. Perdeu a sua família, a seu amante, sua mortalidade. Nesses campos, foi testemunha da pior classe de crueldade que um ser humano pode infligir a outro. Viveu em um constante medo e desespero.

Ela baixou as mãos.

— Matei-os. Não tinha por que fazê-lo. Atuei como um Malcontent. Não sou melhor que eles. Sei que os odeia. Portanto, sei que me odeia.

— Vem. — Pegou-lhe a mão, levantou-a e a levou até a pia. Bombeou água no trapo de cozinha. — Estavam em guerra, Vanda. A guerra é um monstro horrível que obriga às pessoas a fazer coisas terríveis que nunca faria normalmente.

— Não é desculpa.

— Sim, o é. — Retorceu o trapo. — Quando te encontrava com os guardas nos campos, foi uma intrusa. Tê-la-iam matado se você não os tivesse matado a eles primeiro. Foi em defesa



própria.

Limpou-lhe as lágrimas do rosto com o trapo. Mais lágrimas se filtraram por seus olhos.

— Me... Pode-me perdoar?

— É óbvio. Eu... — inclinou a cabeça. — OH, já vejo.

— Ver o que? — Que ela não merecia ser amada? Ele umedeceu o trapo uma vez mais.

— Vejo por que tem tanta ira e frustração. Não é por que necessite meu perdão. Eu não tenho nada que lhe perdoar. — Lhe limpou o rosto de novo. — Vanda, o problema está em seu interior. Você não é capaz de te perdoar a ti mesma.

Ela piscou.

— Fiz coisas terríveis.

— Era a guerra. Fez o que tinha que fazer para sobreviver.

— Não crê que seja um monstro?

— Não. Acredito que é uma mulher incrivelmente formosa e valente.

Uma onda de alívio a atravessou. Alagou-a, atravessando-a, levando a pesada carga da culpa e o remorso.

— Tinha tanto medo que me odiasse.

Ele sorriu.

— Quero-te. E seguirei dizendo-o até que me acredite.

Pela primeira vez, ela realmente acreditou no mais profundo de seu interior. Pela primeira vez em muitos anos, sentiu-se digna de ser amada. Devolveu-lhe o sorriso.

— Acredito-te. E também te quero.

Sem deixar de sorrir, ele umedeceu o trapo com água.

— Me alegro que finalmente me contasse tudo.

Vanda assentiu com a cabeça. O ataúde em sua cabeça estava completamente aberto. Ainda estava ali, e sempre o estaria, mas já não lhe teria medo nunca mais.

Ela abriu a boca quando, de repente, o trapo molhado pressionou entre suas pernas.

— O que está fazendo?

Esfregou-a com a toalha.

— Acredito que solicitou duas rondas para fazer amor: uma com a besta, outra com o cavalheiro. — Enxaguou a toalha e se limpou a si mesmo. — O cavalheiro está a seu serviço.

— Phil, acorda. — Lhe deu uma cotovelada. — O telefone, é para ti. — despertou sobressaltado e se incorporou. — É Connor.

Passou-lhe o telefone móvel. Quando tinha começado a soar, ela se tinha movido a velocidade de vampiro para encontrá-lo. Estava nas calças jeans, no porão. Tinha respondido ao mesmo tempo em que levitava para a planta baixa. Logo levitou de novo até a água-furtada, onde Phil e ela tinham feito o amor umas horas antes.

— Hei Connor. — Escutou atentamente. Endireitou-se. — Isso é genial!

Vanda se sentou no bordo da cama, escutando. Por isso podia ouvir, parecia que Laszlo tinha terminado o dispositivo de localização. Dentro de uns poucos minutos, a Costa este seria de dia.



Tão logo Sigismund entrasse em seu sono mortal, implantariam-lhe o dispositivo. Então, acidentalmente, permitir-lhe-iam escapar justo depois do entardecer. Tinham a esperança que os levasse diretamente ao Robby.

— Sim, brigarei — disse Phil. — Só tem que enviar a alguém para me buscar.

Vanda tragou saliva. É óbvio, Phil queria brigar. Provavelmente era um bom amigo do Robby. Ambos tinham estado destinados com o Jean-Luc, no Texas.

Se algo acontecia ao Phil, como poderia suportá-lo? Tinha perdido a tantos seres queridos na guerra.

— Necessitarei uma espada — continuou Phil. — Aqui só tenho uma pistola.

Ele não ia morrer como Karl, disse-se Vanda. Tinha uma grande resistência, e velocidade. Pela primeira vez, deu-se conta de quão agradecida deveria estar por que fora um homem lobo. Um homem mortal e normal, não teria nenhuma oportunidade.

— De acordo. Estarei preparado. — Phil pendurou.

— Assim, a batalha será esta noite? — Perguntou Vanda.

— Esperamos que sim. — A olhou de cima a abaixo. — Seu cabelo está molhado.

— Aborrecia-me. Aqui não há nada o que fazer, ao menos, enquanto está dormindo. — Lhe tocou o pé. — Encontrei um pouco de xampu e me lavei o cabelo na pia da cozinha. — Também se vestiu com as roupas que Brynley havia trazido. Ficou de pé. — Como estou.

Ele sorriu.

— É a vaqueira com o cabelo púrpura que jamais vi com melhor aspecto.

Ela soprou.

— Deveria te dar com o látego.

— E eu deveria te tirar esses jeans.

Ela torceu a boca.

— Tem uma só coisa na mente.

— Não posso evitá-lo. Sou um animal. — Puxou-a para a cama e Vanda soltou uma risada.

Rompeu-lhe a camisa, fazendo estalar os botões.

— Espera. — Lhe apoiou a mão na parte posterior da dele. — Temos tempo? Eu não gostaria que sua irmã nos pegasse.

— Deixe-me ver. — Se levantou da cama e olhou pela pequena janela do desvão. Ele poderia estar olhando a lua, mas Vanda, por sua parte, avaliou seu delicioso corpo. As costas eram firmes, os quadris, magníficos. Começou a sentir um formigamento na pele. Bom Deus podia excitar-se só o olhando.

— Temos uma hora. — Se girou para ela. Vanda conteve o fôlego. Já estava grosso pela excitação.

— Começou sem mim.

Ele desviou o olhar de suas calças jeans e dilatou as fossas nasais.

— Não, não o tenho feito.

Ela lutou para desabotoar e tirar os jeans. Enquanto isso, ele se aproximou dos pés da cama e lhe tirou as botas. A pele nua do Phil adquiriu uma tintura avermelhada à luz de seus olhos.



Ele agarrou a prega das calças para tirar-lhe-á.

— Tem cinco segundos para te tirar à roupa interior ou a esmiiçarei.

Ela tirou as calcinhas e fingiu um estremecimento.

— OH, tenho medo. O lobo feroz está na cidade.

Com um sorriso, foi para ela caminhando a quatro patas.

— Vá que pernas mais doces tem. — A mordeu na coxa.

— Para mordiscar melhor, querido.

Ela se sentou para tirar o sutiã. Brilhavam-lhe os olhos azulados.

— Que seios tão doces tem.

— Para te seduzir melhor, querido.

Com um grunhido, empurrou-a sobre a cama. Atraiu um mamilo a sua boca e se amamentou. Ela gemeu.

— Que língua tão grande tem!

Ele a olhou com os olhos brilhantes.

— Para te comer melhor. — A mordiscou até o ventre. A umidade se apressou até a cúspide das coxas, bem a tempo para que ele cumprisse com sua língua curiosa e insistente. Em questão de segundos, ela se retorcia e ofegava. Burlou-se de seu clitóris, desumano como um animal.

Ela chiou enquanto o clímax sacudia todo seu corpo. Olhou-a com um sorriso lupino em seu formoso rosto.

— Preparada? — Ele se moveu entre suas pernas.

— Espera. — Lhe apoiou as mãos nos ombros. — depois de me haver vestido de vaqueira, tenho o estranho desejo de montar.

Ele riu e se deixou cair sobre as costas.

— Cavalga carinho.

Uma hora mais tarde, Vanda se sentou na cama, relaxando-se, bebendo uma garrafa de sangue sintético frio. Estirou as pernas, sentindo o puxão dos músculos doloridos. Nem sequer podia recordar quantos orgasmos tinha tido durante o transcurso da noite. Tinha sido uma deliciosa e proibida longa noite de sexo, mesclada com comovedoras confissões que tinham feito que o sexo fora ainda mais doce.

Sentiu o puxão da sonolência. O sol devia estar já perto do horizonte. Tomou um sorvo mais de sangue. Phil a tinha subido até o desvão. Ele se tinha lavado na pia e tinha ido ao porão para vestir-se de novo.

Pelo tamborilar das botas de vaqueiro e pelo ruído de caçarolas, poderia dizer-se que, nesse momento, ele estava na cozinha. Ela torceu o nariz, captando o aroma do café.

Esperava que a manhã já tivesse chegado até o Robby, em qualquer lugar que estivesse. O sono mortal não só o faria dormir a ele, mas também a seus torturantes. Seu corpo se curaria enquanto dormia. Esperava que sua mente também o fizesse.

Com um suspiro, incorporou-se e começou a vestir-se. Acabava de terminar de grampear os jeans quando ouviu o ruído de umas botas de vaqueiro na porta da cabana.



— Phil! — Gritou Brynley. A porta se estremeceu. O ferrolho ainda estava jogado.

Vanda ouviu os passos do Phil aproximando-se da porta. Vestiu a camisa vaqueira e grampeou os botões. A porta se abriu.

— Phil! — A voz da Brynley estava cheia de emoção. — É um Alfa! É incrível! Como diabos o fez?

— Bryn, temos que falar.

— Estamos falando. Não imagina quão emocionados estão os meninos. Estivemos falando durante todo o caminho de volta à cabana, e o único que pudemos imaginar foi que de algum jeito conseguiu te converter em Alfa por sua conta. É isso?

— Não estava sozinho, mas tampouco estava em uma manada.

Brynley chiou.

— É incrivelmente fantástico! Ninguém tinha feito isso antes. Papai vai estar...

— Não o diga.

— O que?

— Digo-o a sério, Bryn. Não o diga. Não é assunto dele.

— É óbvio que o é! Phil, todos os Lycan do território vão querer que seja o próximo Mestre Supremo da Manada. Já o posso ver. Papai dará uma grande festa para dar as boas-vindas ao Príncipe perdido.

Príncipe? Aí estava de novo. Vanda caminhou sem fazer ruído até o bordo da água-furtada. Brynley estava vestida de novo com calças jeans, camiseta e uma camisa de quadros aberta, mas Vanda notou umas quantas folhas no cabelo e uma mancha de sangue na manga da camisa, como se a tivesse utilizado para limpar a boca.

O olhar da Brynley se deslocou até a água-furtada e entreceerrou os olhos.

— Ela ainda está aqui?

— Sim. — Phil cruzou os braços. — E lhe deve uma desculpa.

— Por quê? Por ser eu mesma?

— Por tentar afugentá-la deliberadamente — respondeu. Brynley franziu o cenho.

— Estava-lhe fazendo um favor. Precisava saber a verdade sobre ti.

— Sim, assim é. — Vanda se cansou de ouvi-los falar como se ela não estivesse na habitação.

— Obrigada por afugentar a merda de mim.

— Sempre que queira. — Brynley sorriu tristemente. — Então, por que segue aqui? Não pode conseguir um trabalho em Hollywood? Ouvi que os vampiros estão de moda nestes momentos.

— Ela está sob meu amparo — disse Phil — Esta é minha casa e será um santuário para a Vanda cada vez que o necessite.

Com um arranque de gênio, Brynley pisoteou pela cozinha. Agarrou uma taça de um armário e se serviu uma taça de café.

Vanda sentou-se à mesa da cozinha e tomou um sorvo da garrafa. Outra onda de sonolência se estendeu atravessando-a. Phil se dirigiu à cozinha.

— Quem são esses cachorrinhos que estavam contigo ontem à noite?



Cachorrinhos? A Vanda tinham parecido bastante grandes. Brynley tomou um sorvo de café.

— São amigos.

— São menores de idade. — Phil se sentou à mesa junto à Vanda. — Se supõe que devem estar com sua manada quando trocam.

Brynley soprou.

— Desde quando segue as regras da manada? Os meninos não podem trocar com sua manada. Nem sequer podem viver com suas famílias. Ou ir à escola. Foram expulsos. Estou segura que entende como ocorre.

Vanda olhou inquisitivamente ao Phil. Ele encolheu os ombros.

— Fui banido com dezoito anos. Depois de um ano de quase inanição, encontrei-me com o Connor e me ofereceu um trabalho e um lugar onde viver.

Vanda fez uma careta de dor. Foi então quando ele tinha começado a trabalhar na mansão e ela o tinha atormentado.

— Como pôde ser banido? Quero dizer, se em realidade é um príncipe, quem tinha o poder para fazer isso?

A ele lhe afinou a boca.

— Meu pai.

Brynley agitou uma mão.

— Ele só queria que aprendesse uma lição. Esperava que voltasse em um mês.

— Com o rabo entre as pernas— murmurou Phil. — Que classe de Mestre Supremo da Manada seria se tivesse sido um grande covarde?

Brynley suspirou.

— Sei que é difícil submeter-se a todos os desejos e ordens de nosso pai. Esse é o tipo de coisas que colocaram em problemas a esses meninos. Desafiaram a autoridade de seus chefes de manada. Então seus chefes apelaram a papai como Mestre Supremo e os jogou.

— Isso soa a que nosso velho e querido papai não trocou — murmurou Phil.

— Só são adolescentes — continuou Brynley. — Não tinham aonde ir. Sabia que sua cabana estava vazia, assim que os trouxe aqui.

Phil soltou um bufido.

— Não serão os meninos perdidos? Está segura que algum não se chama Wendy?

Fez-lhe uma careta.

— Mas bem são uma dor no traseiro. Preciso a metade de minha atribuição mensal para lhes dar de comer. São um poço sem fundo. E ruidosos como o inferno.

— Não teria um grande problema com seu pai se soubesse o que está fazendo? — Perguntou Vanda.

Brynley entreteceu os olhos.

— Está me ameaçando lhe contar?

— Não. Só me resulta interessante — disse Vanda. — Soa que te está rebelando contra seu pai como fez Phil.

Brynley se burlou.



— Me acredite, se papai me diz salta! Pergunto a que altura. Eu... Somente senti lástima por esses meninos. Não têm aonde ir. — Lhe iluminaram os olhos. — Mas tudo isso trocou agora que Phil voltou. Phil querem que você seja seu chefe de manada.

Ele pareceu aturdido.

— Não... não posso fazê-lo.

— É óbvio que sim! — insistiu Brynley. — Não pode ser um Alfa sem manada.

— Tenho coisas que fazer. Coisas importantes. Esta noite pode haver uma batalha depois do anoitecer.

— Uma batalha de vampiros? — Os olhos do Brynley brilharam com ira. — E vai ajudá-los e fazer caso omissos de sua própria espécie?

— Farei o que possa para ajudar a esses moços, mas não posso ser seu chefe.

Brynley fez ruídos pela frustração.

— Nem sequer te incomodaste em te reunir com eles. Estão tão entusiasmados contigo, Phil! Representa o primeiro sinal de esperança que tiveram em meses.

Ele ficou de pé.

— Onde estão?

— No estábulo. Não te surpreenda se armarem alvoroço quando entrar. É seu herói.

— Genial. — Dirigiu a Vanda um sorriso irônico. — Precisamente o que necessitava.

Devolveu-lhe o sorriso.

— Também é meu herói.

Ele se inclinou e a beijou na frente.

— Logo estarei de volta. — Saiu pela porta principal.

Brynley voltou a encher sua taça de café, depois se moveu para a mesa da cozinha e se sentou diante da Vanda.

— Enfim sozinhas. Temos que falar.

CAPÍTULO 21

— Bom, terá que fazê-lo rápido — disse Vanda. — Em uns cinco minutos vou cair em meu sono mortal.

Brynley assentiu com a cabeça.

— A batalha da que Phil falou quão malote vai ser?

Vanda se surpreendeu. Esperava que a irmã do Phil lhe dissesse que se perdesse.

— Estamos em guerra. Os Malcontents querem nos ver mortos.

— Ouvi que os vampiros têm o poder de controlar a mente. Phil está sob sua influência, ou realmente quer fazer isto?

Vanda esmagou a crescente irritação que sentia.

— Todos os vampiros que conheço, têm o maior respeito e carinho pelo Phil. Nunca o



controlam. Consideram-no da família.

— Ele tem uma família aqui.

— Sua família daqui, desterrou-o.

Brynley tomou um sorvo de café.

— Que te contou sobre si mesmo?

— Contou-me como seus antepassados se converteram em homens lobo.

— História antiga. — Brynley agitou a mão. — Te falou sobre sua vida aqui?

Vanda sentiu a tentação de perguntar: que vida? Mas tinha muita curiosidade para ignorar ao Brynley.

— Realmente é um príncipe?

Brynley assentiu com a cabeça.

— Descendente direto dos antigos príncipes de Gales. Papai veio dali fará uns cento e oitenta anos e comprou seu primeiro rancho em Montana. Alguns dos membros do clã seguiram-no. Com o tempo, o clã cresceu, e meu pai se fez mais e mais poderoso. Agora é o dono de mais de cinquenta ranchos, repartidos por Montana, Idaho e Wyoming. Todo o território oeste, que compreende mais de sessenta manadas, jura-lhe lealdade como Mestre Supremo. Ninguém se atreve a lhe desobedecer.

— Exceto Phil.

Brynley encolheu os ombros.

— Para alguém como Phil é difícil submeter-se. Papai entende isso. Acredite-me, estará muito orgulhoso quando se inteirar que Phil conseguiu converter-se em Alfa sem a ajuda de uma manada. É algo que nunca se fez antes. Phil é verdadeiramente assombroso.

— Estou de acordo nisso. — Vanda bocejou quando a sonolência atirou dela.

— E posto que Phil é um dos homens lobo mais capitalistas do país, é óbvio que tem um futuro importante conosco.

Vanda se esfregou a frente.

— Quer que volte para casa.

— Sim. — Brynley se inclinou para diante. — Nos pertence. Sabia que está prometido com uma princesa Were lobo?

Então, a princesa Diana era uma mulher lobo? A imagem de um lobo sarnento levando uma tiara de diamante revooou pela mente da Vanda.

— Nunca me mencionou isso.

— Ele tinha dez anos quando nosso pai arrumou seu compromisso com Diana. Ela tinha dois anos.

— Que romântico.

Brynley soprou.

— O pai de Diana é o Mestre da manada de Utah. E é dono de vários ranchos. Ela é filha única, o que a converte em uma herdeira muito poderosa e rica.

— Bem por ela.

Brynley entrecerrou os olhos.



— Ela pode lhe dar filhos. A linha real seguirá.

Maldita seja. Vanda fechou os olhos.

— Estou segura que é uma boa pessoa, Vanda. Meu irmão não se preocuparia com ti se não fosse. Entretanto, tenta olhar isto com a mente aberta. Se Phil retornar, pode converter-se em um líder poderoso. Se ficar contigo e os teus, que classe de vida terá? Sempre será um empregado, à inteira disposição de um vampiro. Que desejas para o Phil? Uma vida como um líder que terá riqueza, poder e filhos? Ou uma vida de servidão em que não poderá ter filhos e estará em constante perigo?

Vanda tragou saliva. O sol se aproximava do horizonte, arrastando-a ao sono mortal. Mas soube que o peso de seu coração, não estava causado pela sonolência.

— Ouvi suficiente. — Se levantou e caminhou para o alçapão.

— Pensa-o, por favor— disse Brynley. — Se o amar, deve deixá-lo ir.

Enquanto Phil retornava à cabana, notou as rosadas e douradas nervuras que brilhavam no céu. O sol estava aparecendo pelo horizonte, por isso Vanda já estaria dormindo. *Maldita seja.* Subiu os degraus do alpendre. Teria gostado de discutir este novo problema com ela.

Abriu a porta e Brynley o saudou com um grande sorriso.

— Bom, armaram muito alvoroço?

— Sim. — Jogou uma olhada ao alçapão. — Vanda chegou bem até o porão?

— Sim, está bem. Tivemos uma agradável conversa.

Arqueou uma sobancelha para sua irmã.

— Não tentou afugentá-la?

Brynley soprou e se dirigiu à geladeira.

— Quer tomar o café da manhã? Poderia te fazer uma dúzia de ovos mexidos.

— Uma dúzia?

Ela tirou duas caixas do refrigerador.

— Disse-te que os moços são poços sem fundo. Ontem à noite caçaram um alce, mas aposto a que já estão com fome outra vez.

Ele encheu uma taça de café.

— O que fazem quando não está aqui?

— Encontro tantos mantimentos não perecíveis como posso. E têm rifles de caça. Arrumam-se.

Phil bebeu um pouco de café. Tinha tido um bom bate-papo com os meninos. Havia dez: o mais jovem tinha treze anos, o maior, dezessete. Todos o tinham olhado com uma expressão de assombro como se ele fora a solução a todos seus problemas.

Atravessou-o uma onda de ira dirigida para seu pai por ter banido a esses meninos e deixar que se valessem por si mesmos.

— Quanto tempo levam aqui?

Brynley quebrou os ovos em uma tigela.

— O mais jovem, Gavin, veio faz um mês. O mais antigo, Davy, chegou faz dois anos.



— Dois anos?

Ela abriu o gás e acendeu o queimador.

— Davy tinha quinze anos quando veio. O que outra coisa podia fazer?

— Para começar, poderia terminar a escola. Nenhum desses meninos tem a graduação de secundária.

Ela pôs uma frigideira sobre o fogo.

— Não posso matriculá-los na escola. Não sou seu tutor legal. Eu gostaria de lhes dar aula eu mesma, mas só estou capacitada para ensinar no ensino primário.

— Tem seu diploma de professora? Não acreditei que papai te permitisse ir à universidade.

Ela suspirou.

— Estava preocupado se por acaso me envolvia com um não Lycan. Mas tive a oportunidade de ir à universidade local.

Em cuja junta está papai.

— Não está farta que ele controle cada aspecto de sua vida?

— Estou feliz com minha vida. E em caso que não te tenha dado conta, papai não controla tudo o que faço. Não tem nem ideia que estou ajudando a estes meninos.

— Não os está ajudando. Está-os permitindo.

— O que? — Verteu os ovos na frigideira. — Lhes dei um lar.

— Estão fazendo nada, Bryn. Devem terminar a escola e conseguir um emprego.

— Os únicos trabalhos que há por aqui são em ranchos que, ou propriedade de papai, ou de alguém que ele controla.

— Enquanto estejam aqui, sim. Têm que ir-se.

Bryn ofegou.

— Seria capaz de jogá-los?

— Não. — Bebeu um sorvo de café. — Já me ocorrerá algo.

— Como ser o chefe de sua manada? — Olhou-o, esperançada. — Necessitam uma figura paterna. Necessitam-lhe.

Ele começou a caminhar. Quão último queria, era fazer de pai.

Ele tinha querido ir à universidade, mas seu pai não viu nenhum motivo para uma educação superior. Papai já tinha riscados todos os detalhes de sua vida: os ranchos pelos que se moveria a mulher lobo com a que se casaria, e sua ascensão final a Mestre Supremo da Manada dentro de trezentos anos. Toda a riqueza e o poder seriam deles, sempre que pudesse comportar-se e fazer o que seu pai lhe dissesse durante uns poucos séculos.

Talvez era hora de uma mudança. Roman Draganesti fazia evoluir o mundo dos vampiros ao inventar o sangue sintético. Os Vamps modernos, que já não estavam encadeados à necessidade de alimentar-se cada noite estavam fazendo carreiras em ciência, negócios, entretenimento... o que quisessem. Possivelmente era o momento de uma revolução semelhante no mundo dos Lycan. Ele se tinha liberado da manda e de todas suas velhas tradições e restrições. Talvez, estes meninos também poderiam fazê-lo.



Phil passou o dia preparando-se para a batalha que se aproximava. Tomou emprestado o carro da Brynley e se dirigiu à cidade mais próxima, onde comprou mais roupa e sangue engarrafado para a Vanda, e munição para si mesmo. Ocorreu-lhe que ela necessitaria algo mais que um látego para proteger-se, por isso lhe comprou uma arma de fogo, além de uma faca de caça com uma bainha que podia atar a seu tornozelo. E se algo acontecia a ele, e ela acabava por sua própria conta, necessitaria um telefone para que a ajudasse como farol.

Durante a viagem de volta à cabana, carregou seu telefone móvel e o novo para a Vanda. Depois, na cabana, descarregou todos os números telefônicos desde seu móvel ao dela.

Ouviram os meninos fora, e apareceu à janela. Dividiram-se em duas equipes e jogavam futebol americano no prado.

Saiu ao alpendre.

Brynley estava sentada na cadeira de balanço, que se balançava lentamente.

— Assim, de verdade vais lutar na batalha de esta noite?

— Sim. Vou deixar a Vanda aqui. Agradeceria sua ajuda para mantê-la a salvo.

Bryn assentiu com a cabeça.

— Posso fazer isso.

Phil se apoiou em uma coluna do alpendre.

— Quanto tempo pode ficar? Não tem um trabalho de professora ao que precise retornar?

Ela franziu o cenho.

— Papai não quer que trabalhe. Diz que isso está a baixo da minha condição.

Phil negou com a cabeça.

— Sei de um colégio aonde adorariam te dar um emprego. Os meninos também poderiam ir ali, e viver no campus.

Ela abriu os olhos com surpresa.

— Onde?

— A localização é mantida em segredo porque os estudantes são... Diferentes. Alguns são meninos mortais que sabem muito; outros são meninos meio vampiros com poderes especiais; e outros são Were panteras. Acredito que estes meninos encaixariam perfeitamente.

Ela franziu o cenho.

— Não sei. Soa muito afastado do mundo Lycan.

— Eles não podem ter uma vida no mundo Lycan, Bryn. Foram expulsos. Não há volta atrás.

— Hei senhor Jones — o moço mais jovem correu para o alpendre. — Quer jogar?

— Sinto muito, Gavin. Tenho que economizar energias.

— Vos disse que não queria — grunhiu Davy. — Não quer ter nada que ver conosco.

Phil franziu o cenho.

— Isso não é certo.

— Negou-se a ser nosso chefe! — Gritou Davy. Phil olhou a sua irmã, molesto. Ela encolheu os ombros.

— Eles queriam saber. Que mais podia lhes dizer?

— Disse-te que os ajudaria. — Phil se dirigiu aos meninos, que estavam agrupados no pasto,



olhando-o com expressão ferida. — Está bem, escutem. Todos foram expulsos porque desafiaram a autoridade de seus chefes, verdade?

Davy elevou o queixo.

— E? Tem algum problema com isso?

— Não o desafiaremos — insistiu Gavin com olhos suplicantes. — Acredito que você é totalmente impressionante.

Todos os meninos murmuraram de acordo.

— É certo que conseguiu converter-se em Alfa sem uma manada? — Perguntou um menino ruivo chamado Griffin.

— Sim. — Phil levantou as mãos para acalmar aos moços, que estavam se excitando muito. — Olhem. Há uma boa razão pela que desafiaram a seus chefes. Deve-se a que todos têm uma capacidade natural para a liderança. Cada um de vós tem a força, a coragem e a inteligência que se necessita para ser um chefe de manada, e seus chefes sabiam. São seu pior pesadelo: uns jovens Alfa formando-se. O único modo que tiveram para manter o controle da manada, foi desfazer-se de vós.

— Sei, somos fortes — grunhiu Davy. — Já sabíamos.

Phil sorriu.

— Estou certo que sim. Também têm a confiança que se necessita para ser um líder. Entretanto, considerem como está estabelecido o mundo Lycan agora. Com Alfas ao mando que podem viver até quinhentos anos, como pode alguém como vós, converter-se no líder que nasceu para ser? São uma ameaça para os líderes no poder, por isso os expulsaram. E tudo o que fica no mundo Lycan são os fracos e os covardes que estão dispostos a submeter-se. Com o tempo, o mundo Lycan se voltará débil e ineficaz, já que rechaçaram aos jovens mais fortes e ferozes.

— Isso é certo — murmurou Griffin.

— Querem saber por que não quero ser seu chefe? Porque me aceitariam, e isso os deteria. Cada um de vós tem o potencial de converter-se em Alfa, e tenho a intenção de vos ajudar a obtê-lo.

Os meninos ficaram boquiabertos.

— Poderíamos ser como você? — Pergunto Gavin.

— Mas só pode haver um Alfa em uma manada — protestou Davy.

— De acordo com as velhas normas, sim — respondeu Phil. — Mas pelas velhas normas, eles rechaçaram. Por que deveriam segui-las? Por que deveriam aceitar ser menos do que podem chegar a ser?

Gavin deu um passo adiante.

— Quero ser um Alfa.

— Pode sê-lo. — Olhou ao rosto de cada menino. — Todos podem sê-lo. Conheço uma escola na que podem ir.

— Uma escola? — Davy enrugou o nariz. — Quem necessita uma escola?

— Você a necessita. Necessita um diploma de secundário pelo menos — explicou Phil. — E então será livre para perseguir qualquer aspiração que tenha.



Davy soprou.

— Eu quero chutar traseiros.

Phil sorriu.

— Conheço o lugar perfeito para ti. É uma empresa de segurança e investigação que te contratará em um segundo. Mas terá que aprender a brigar.

— Sabemos como lutar. — Griffin deu uma cotovelada ao moço que estava a seu lado, que caiu para trás.

— Terá que te converter em um perito em armas de fogo, artes marciais e esgrima. Há um inimigo aí fora que quer apoderar-se do mundo, e tendem a lutar com espadas.

— Bacana — disse Davy. Phil soltou um bufido.

— Isto não será como uma caçada. Terá que enfrentar-se a um inimigo que devolve os golpes.

— Impressionante — sussurrou Griffin. Phil o olhou severamente.

— Lutarão até a morte. São um grupo de vampiros malvados que chamamos Malcontents. Têm super velocidade e super força.

— Fá-lo-emos — insistiu Davy. — Podemos nos encarregar deles.

Phil sorriu.

— Estou seguro que poderão. Mas primeiro terão que treinar. Cada um de vós pode chegar a ser um Alfa. Tomem esse poder. Tomem e façam. Juntos, podemos trocar o resultado desta guerra. Podemos salvar o mundo dos mortais. Podemos vencer ao mal. O que me dizem?

Os meninos aplaudiram. Brynley se aproximou dele e lhe sussurrou:

— Se fizer que matem a algum, vou estar soberanamente de saco cheio.

Ele a olhou com ironia.

— Por que não vais trabalhar na escola, e assim poderá vigiá-los?

— Papai nunca o permitiria.

— Tem vinte e sete anos, Bryn. É hora que te libere.

Ela suspirou.

— Pensarei nisso.

— Deixar-te-ei o número da Shanna Draganesti — disse Phil. — Ela está ao cargo da escola. Se algo me acontecer, chama-a e terá aos meninos matriculados.

Brynley franziu o cenho.

— Não te atreva a te deixar matar.

— Não é essa minha intenção.

CAPÍTULO 22

Ao entardecer, Phil acabava de comer uma das duas dúzias de hambúrgueres que Brynley tinha cozinhado para o jantar, quando soou seu telefone.



— Está preparado para brigar, moço? — Perguntou Connor.

— Estou preparado. — Phil olhou pela janela. Era estranho escutar a voz do Connor enquanto o sol ainda estava brilhando.

— Muito bem. Precisamos a todos os homens disponíveis. Não queremos ser superados em número como com o fiasco de Nova Orleans.

— Implantaram o dispositivo de rastreamento no Sigismund?

— Aye, e deixamos que o filho de puta escapasse. De momento, está na sede do Aquelarre russo no Brooklyn.

— Crê que Robby poderia estar ali? — Perguntou Phil.

— Nay. Sean Whelan tem o lugar cravado e sua equipe o está vigiando. Não houve nenhuma menção sobre o paradeiro do Robby. Nem de Casimir. Acreditam que Sigismund espera o momento oportuno, a que caia a noite no oeste antes de se mover. OH, espera um minuto.

Phil pôde ouvir o Connor falando com o Howard.

— Acaba de fazer um grande salto no radar. Deve ter-se teletransportado. Pode localizá-lo, Howard?

— Chicago — respondeu Howard com seu vozeirão.

— Bem — disse Connor. — Phil, mal que o sol caia onde está, quero que chame o Phineas. Ele irá recolher-te. Então já saberemos onde ficou Sigismund, e nos estaremos reunindo ali para atacar.

— Muito bem. — Phil pendurou. Fez tamborilar os dedos sobre a mesa. Faltariam uma ou duas horas para o pôr do sol ao oeste de Wyoming.

Assim que caiu a noite, Phil saltou ao porão para ver a Vanda. Ouviu sua primeira respiração ofegante enquanto voltava para a vida.

— Olá, carinho.

Ela se sentou.

— O que se está passando?

— Tenho que ir logo. Phineas virá a me buscar.

Ela ficou de pé.

— Então, a batalha é esta noite?

— Sim. Comprei-te algumas armas, no caso de, e um telefone móvel para que possa teletransportar-te. Quero que saiba que pode ficar aqui todo o tempo que queira. Se algo me acontecesse...

— Não! — Lançou-se para ele a velocidade de vampiro e lhe rodeou o pescoço com os braços. — Não te vai passar nada.

Abraçou-a com força.

— Quero-te, Vanda.

— Sinto o mesmo por ti — sussurrou. — Sei que tem um grande futuro por diante. — Começou a beijá-la, mas ela deu um salto para trás. — Tenho que comer. — Levitou até a planta baixa.



Ele saltou através da abertura e fechou o alçapão. Vanda já estava agarrando uma garrafa de sangue sintético do refrigerador. Brynley estava junto à mesa da cozinha, onde tinha deixado às armas. Abraçou-a, depois se atou o coldre ao ombro e guardou ali a pistola. Agarrou o telefone móvel e chamou o Phineas.

Em questão de segundos, o jovem Vamp estava ali.

— Hei irmão lobo. — Chocou os nódulos com o Phil. Então se deu conta que Vanda estava ali. — OH, vá. Espero não ter soprado o grande secreto.

— Já sabe. — Phil olhou a Vanda e sorriu. — E me ama tal como sou.

Vanda lhe devolveu o sorriso.

— Sim, faço-o.

— E esta é minha irmã, Brynley. — Phil fez um gesto para ela.

— Uau, uma dama lobo. O doutor Phang a seu serviço. — Se deram a mão.

Phil viu os meninos no alpendre, olhando pela janela.

— E esta é a jovem manada de lobos. Futuros empregados do MacKay S & I.

— Excelente. — Phineas saudou os meninos com a mão. — Como estão, colegas.

Vanda se aproximou da mesa da cozinha, bebendo da garrafa de sangue.

— Como está Dougal?

— Está bem. Aprendendo esgrima com a mão esquerda. — Phineas franziu o cenho. — Insistiu em vir esta noite para lutar, e Angus o permitiu. Angus está preocupado se por acaso nos superam em número, mas há mais de setenta Vamps ali agora.

— Onde? — perguntou Phil.

— Em um camping ao sul do monte Rushmore — disse Phineas. — Está preparado?

— Sim. — Phil deu um rápido abraço a sua irmã e um beijo ligeiro a Vanda. — Recorda: quero-te.

Ela assentiu com a cabeça enquanto os olhos lhe brilhavam com lágrimas não derramadas.

— Vamos. — Phil se agarrou ao Phineas e tudo se voltou negro.

Aterrissaram em um pequeno claro junto a um arroio. A lua, ainda cheia, brilhava por cima deles. Refletia-se sobre a água gorgolejante e sobre as grandes rochas cinza. O ar era fresco, com aroma a pinheiro.

— O camping está mais abaixo, seguindo a corrente — sussurrou Phineas. — Vamos, conseguiremos uma espada.

Guiou ao Phil corrente acima até uma montanha de rochas. Dougal estava de guarda com todo um contrabando de armas. Phil o saudou em silêncio, lhe dando uma palmada nas costas. Dougal lhe sorriu com ironia.

— Ainda não confiam em mim para lutar, por isso este é meu trabalho.

— Um trabalho condenadamente importante — murmurou Phineas escolhendo uma espada. Phil agarrou outra que se sentia bem em sua mão.

— Angus enviou ao Ian a explorar o camping — sussurrou Dougal.

— Retornou de sua lua de mel? — Perguntou Phil. Dougal assentiu com a cabeça.

— Tony e ele voltaram quando se inteiraram do Robby. De fato, quase todos os empregados



do MacKay que conheço, estão aqui.

— Vamos. — Phineas levou ao Phil até um claro próximo, onde se tinham reunido os vampiros.

Era certo. Todo varão vampiro que Phil conhecia, estava aqui, além de outros que não conhecia. Inclusive Laszlo estava brincando nervoso com uma espada. Emma estava pega a ele como uma protetora mamãe galinha. Colbert Grandpied tinha vindo com quatro homens. Phil recordou que em Nova Orleans tinha seis homens. Dois deviam ter morrido lá na batalha.

Phil ficou de pé ao lado do resto dos cambiantes.

— Se as coisas ficarem mal trocarei— disse Carlos. — Serei muito mais eficaz como pantera.

Phil assentiu com a cabeça. Ele ficaria em forma humana o maior tempo possível, mas recorreria ao poder do lobo para conseguir maior resistência e velocidade.

— Ian voltou — sussurrou Howard.

Ian, completamente vestido de negro, deslizou-se pela clareira sem fazer ruído. Começou a fazer traços no chão com a espada.

— O camping tem uma zona central aberta com uma fogueira central ardendo. Os edifícios rodeiam a área como um quadrado. A casa principal está a um lado, e há nove cabanas nos outros três lados.

— A quantos Malcontents viu? — Perguntou Angus.

— Vi a quinze na casa principal — continuou Ian. — Estão mantendo prisioneiros a um grupo de mortais; os campistas originais suponho. Cada cabana está ocupada por outros três ou quatro Malcontents.

— Assim há ao redor de cinquenta — concluiu Jean-Luc.

— Nós somos setenta e quatro — disse Angus. — Algum sinal do Robby?

— Não, mas vi a três Malcontents sair do acampamento nesta direção, por isso os segui. — Ian riscou uma linha no chão. — Se meteram em uma cova. Acredito que Robby poderia estar ali.

— É provável que utilizem a cova durante seu sono mortal — disse Jean-Luc. Angus franziu o cenho.

— Poderia haver mais Malcontents lá dentro. — Olhou a todos os presentes na clareira. — Ainda poderiam nos superar em número. Não posso garantir quão seguro será.

Jack ondeou a mão, lhe tirando importância.

— As batalhas nunca são seguras. Vim resgatar ao Robby e não irei sem ele.

Outros assentiram com a cabeça.

— Muito bem, então — disse Angus. — vamos dividir-nos em cinco grupos, liderados pelo Jean-Luc, Connor, Jack, Colbert e eu mesmo. Meu grupo atacará a casa principal. Jean-Luc, Connor, Jack, seus grupos se encarregarão cada um dos outros três lados da praça. Colbert se encarregará do quinto grupo e te convocará aqui. — Angus marcou o chão com um X. — A meio caminho entre o camping e a cova, por isso poderá matar a qualquer um que vá ou venha. Vamos.

Houve arrastos de pés enquanto os cinco líderes selecionavam a seus grupos. Jean-Luc perguntou ao Roman, Phil, Ian e a outros dois vampiros do Texas para que se unissem a ele.

Os cinco grupos se moveram sigilosamente pelo bosque até chegar a sua posição. Phil se



agachou detrás de uns arbustos, entre o Roman e Ian. Ouviu o Roman murmurar uma oração, e acrescentou um silencioso Amém.

Quando Angus deu um grito de guerra, carregaram.

Phil se precipitou pela porta traseira de uma cabana. Quatro Malcontents se levantaram de uma mesa onde estavam jogando. Trespassou a um. Os outros três se apressaram a alcançar suas espadas. Phil e Roman brigaram com um Malcontent cada um. O outro saiu correndo pela porta principal, para a zona central aberta.

Phil matou a seu segundo oponente. O rival do Roman, dando-se conta que estava sozinho frente a dois espadachins, se teletransportou.

— Sangue de Deus — murmurou Roman.

Phil saiu correndo pela porta principal. Vários Malcontents tinham escapado pelas portas dianteiras de suas respectivas cabanas, quando os Vamps tinham entrado pelas portas traseiras. Os Malcontents formaram uma carriola ao redor da fogueira. Mais Malcontents saíram disparados da casa principal, escapando por pouco do Angus e seu grupo.

Phil estimou que havia ao redor de vinte e cinco Malcontents na zona aberta. Tinham perdido, possivelmente, a metade de seu número original. Por isso podia ver, todos os Vamps tinham sobrevivido ao assalto inicial. Setenta e quatro contra vinte e cinco.

Os Vamps rodearam aos Malcontent e os deixaram sem escapamento.

— *En garde!* — Colbert correu para a zona aberta com seus três homens. Estava sangrando por uma ferida do peito. — Vêm mais da cova. Deve haver uma centena pelo menos!

Phil tragou saliva. Seus amigos e ele estavam na merda até o pescoço.

Vanda passeava pela cabana. Tinha um mau pressentimento com respeito a esta batalha. Se os Vamps caíam, a guerra teria terminado. Os Malcontents teriam ganhado.

E como podia ficar sem fazer nada enquanto Phil lutava por sua vida? Como poderia viver consigo mesma, se ele morria?

Deteve-se ao lado da mesa e olhou as armas que tinha comprado para ela. Em um instante, soube o que tinha que fazer. Levantou-se a perna da calça jeans, atou a bainha e inseriu a faca.

— Vai? — Perguntou Brynley. Vanda assentiu com a cabeça.

— Tenho um mau pressentimento.

— Então vou também. Pode-me teletransportar, verdade?

Abriu-se a porta e todos os meninos irromperam para dentro.

— Queremos lutar — anunciou Davy.

— Não — disse Brynley. — São muito jovens.

— Mas podemos trocar — insistiu Griffin. — Realmente podemos rasgá-los como lobos.

— Podem trocar? — Perguntou Vanda. — Pensei que isso foi à noite passada.

— O ciclo da lua cheia afeta durante três noites — explicou Brynley. — A primeira noite, trocamos involuntariamente até o amanhecer. As outras duas noites, podemos escolher se nos transformamos ou não.

— E queremos fazê-lo! — Davy olhou a Vanda. — Se pode nos levar até ali, lutaremos.



— Por favor — suplicou Gavin. — O senhor Jones acredita em nós. Queremos lhe demonstrar que somos dignos.

Brynley suspirou.

— Está bem. Mas se algum ficar ferido, escondem-se. Devem permanecer a salvo. — Se girou para a Vanda. — A quantos pode teletransportar ao mesmo tempo?

Vanda fez uma careta.

— Só a um. — Os meninos grunhiram. — Esperem um segundo. — Vanda agarrou seu novo telefone móvel. O alívio a atravessou quando viu uma longa lista de contatos. Graças a Deus que Phil tinha planejado tudo com antecipação. Chamou a Maggie. — Maggie, sou Vanda. Preciso de vocês, a ti e ao Pierce. Venham aqui em seguida e tragam armas.

— Está em perigo? — perguntou Maggie. — Vamos para lá.

Em questão de segundos, Maggie e seu marido apareceram na cabana. Maggie levava o telefone em uma mão e um revólver na outra, enquanto que Pierce estava armado com uma escopeta. Ambos levavam facas metidas no cinturão.

Vanda lhes explicou a situação rapidamente.

— Não terão que lutar se não quiserem, mas os precisamos para o transporte.

— Não há problema. — Pierce olhou ao grupo de meninos. — Estão seguros que querem fazer isto?

— Sim, queremos ir — insistiu Davy.

— Aonde vamos, exatamente? — Perguntou Maggie.

— Phineas disse que estavam em um camping ao sul do monte Rushmore. Pensei que poderíamos chamar a algum deles e teletransportar-nos até ali.

Pierce franziu o cenho.

— Se estão lutando, não responderão aos telefones.

— Temos que tentá-lo. — Vanda estudou a lista de contatos do telefone. Brynley tirou o seu próprio.

— Tem que haver alguma manada de lobos vivendo por ali. Tratarei de encontrá-los.

Os olhos da Vanda deram com o nome do Kyo. O turista japonês e seus amigos se ofereceram a lutar anteriormente. Marcou seu número.

— Kyo, sou Vanda. Não sei se me lembra...

— Ah, Vanda, a famosa celebridade. Sinto-me honrado.

— Kyo, seus amigos e você, poderiam se Teletransportarem até onde estou? E se tiverem algum tipo de arma, poderiam trazê-las com vocês?

— Está em problemas? Estamos ali em seguida. — Kyo, Yuki e Yoshi apareceram de repente, todos com espadas samurai.

Vanda explicou a situação uma vez mais e apresentou a todo mundo. Os japoneses olharam boquiabertos ao Pierce.

— É Dom Orlando de Coração! — gritou Yuki. — É muito famoso.

— É uma honra brigar contigo. — Kyo se inclinou.

Brynley tampou seu telefone com uma mão.



— Chamei a minha irmã, Glynis. Está procurando o telefone da manada de lobos mais próxima ao monte Rushmore.

— Monte Rushmore? — perguntou Yoshi. — Grande montanha, com grandes cabeças?

— Estivemos ali — disse Kyo. — Temos fotos. Quer vê-la?

— Queremos ir ali. — Vanda envolveu o látego ao redor de sua cintura e colocou a pistola na cintura das calças jeans. — Conhece o caminho?

— Hai. — Kyo assentiu. — Podemos levá-los.

— Dá igual — lhe disse Brynley a sua irmã e pendurou o telefone. — Vamos.

Na primeira viagem, os três japoneses teletransportaram a Vanda, Maggie e Pierce. Depois, todos se teletransportaram de volta. Levou-lhes duas viagens mais transportar a Brynley e a todos os meninos.

Ouviram o entrecocar de espadas ao sul e correram para o som, abrindo-se caminho em zig zag através das árvores. O som se foi fazendo-se mais forte, salpicado de vez em quando por um grito de vitória ou de dor.

Vanda viu diante a luz de uma fogueira. Deteve-se detrás de uma cabana e olhou ao redor da esquina. Brynley olhou por cima de seu ombro.

Phil e os Vamps estavam completamente rodeados e lutando por sua vida. Uma pantera corria ao redor do perímetro, agarrando Malcontents e arrastando-os longe para mutilá-los até matá-los.

— A pantera está de nosso lado? — Perguntou Brynley.

— Sim. — Vanda entrecerrou os olhos. — Quem é esse urso?

— É Howard — sussurrou Maggie.

— O doce Howard é um urso? — Vanda fez uma careta de dor quando o enorme urso atacou a um Malcontent com sua enorme pata e lhe arrancou a cabeça de coalho.

— Bacana — sussurrou Davy. — Vamos meninos, troquemos.

— Se assegurem de atacar aos meninos maus — advertiu Vanda. — Nossos meninos estão no centro.

— Sim, estão rodeados. — Davy tirou a camisa. — Mas não por muito tempo.

Brynley e os meninos se despiram e começaram a trocar. Vanda agarrou a Maggie e correram a esconder-se detrás de uma cabana.

— Talvez possamos encontrar ao Robby.

Pierce as seguiu, levando a escopeta.

— Não deixarei que Maggie saia da minha vista.

Uma série de uivos e gritos de guerra ecoaram através de todo o camping. Vanda espreitou pela cabana. Os homens lobo e os japoneses tinham atacado. Os Malcontents, tomados por surpresa, encontraram-se lutando contra duas frentes. Sua linha se debilitou e cambaleou. Os gritos de dor encheram o ar. A erva estava cheia de montes de pó que se pulverizaram rapidamente quando os guerreiros os pisotearam.

Vanda viu um grupo de quatro Malcontents separar-se e correr por um caminho. Entrecerrou os olhos. Tinha reconhecido a Sigismund e a Casimir. Podiam estar escapando com



medo de que a batalha se tornara adversa para si, ou podiam estar indo ao lugar onde estava Robby.

— Vamos segui-los — sussurrou a Maggie e ao Pierce.

Ficaram refugiados nas árvores e seguiram o caminho que tinham tomado os fugitivos. Chegaram a uma cova em cuja entrada havia dois Malcontent fazendo guarda. Sigismund e Casimir deviam ter entrado.

— Que tão bons são com as facas? — Perguntou Vanda.

— Muito bons. — Maggie agarrou a faca de sua cintura. — Tenho o da esquerda.

Seu marido tinha uma faca de caça na mão.

— A três.

Contou em voz baixa e, continuando, as facas voaram pelo ar. Aterrissaram com um ruído surdo o nos peitos dos Malcontents. O golpe do Pierce foi direto ao coração e o Malcontent se desfez em pó. A vítima da Maggie caiu ao chão. Pierce se moveu a velocidade de vampiro, atirou a faca e a cravou no coração do Malcontent sobrevivente. Também se converteu em pó.

Devolveu a faca a Maggie antes de entrar na cova. Havia uma tocha sujeita à parede cada dez metros. Avançaram em silêncio, depois se detiveram quando o túnel principal se dividiu em dois.

— Vós à direita — murmurou Vanda. — Eu irei à esquerda.

— Está segura? — Perguntou Pierce.

— Sim. — Vanda retirou a faca da bainha de sua panturrilha e correu pelo estreito túnel. Estava mais escuro, assim agarrou uma tocha da parede para iluminar o caminho. O túnel desembocou em uma sala com estalactites que gotejavam do teto. Moveu-se em zig zag através das estalagmites. Nenhum Malcontent. Nada do Robby. Ouviu um gemido e se deu a volta.

— Robby? — Mal sussurrou o nome, esperando que o som não chegasse muito longe. Ouviu de novo o gemido. Levantou a tocha e olhou lentamente a seu redor. Ali, uma greta estreita na parede. Ficou de lado e passou.

Era outra habitação. E ali, no centro, estava Robby preso a uma cadeira.

— Robby — sussurrou correndo para ele.

Ele levantou a cabeça e ela se parou em seco com uma sacudida. Meu Deus tinham golpeado seu rosto até pô-lo negro e azul. Tinha um olho inchado e no outro, um corte por cima da sobrancelha. O sangue gotejava.

— OH, Robby. — Deixou a tocha em cunha entre duas rochas. A bÍlis lhe subiu pela garganta ao ver as navalhadas lhe atravessando o peito.

— Fome — sussurrou ele.

OH, não, deveria ter pensado em trazer sangue engarrafado.

— Não se preocupe. Vou teletransportar-te diretamente até um fornecimento de sangue. — Havia muita na cabana. Podia levá-lo ali.

Deixou a faca e agarrou a cadeia que o atava à cadeira. Gritou quando se queimou os dedos. Era de prata, é óbvio, assim não podia teletransportá-lo. Estremeceu ante as marcas de queimaduras no peito do Robby.



Olhou a seu redor procurando algo com o que isolar suas mãos. Meias? Olhou para os pés do Robby. Estavam descalços e sangrentos. Maldita seja. Não havia nenhuma parte deste homem que não tivessem torturado?

— Fome — sussurrou Robby.

— Vou tirar-te daqui. — Tirou a camisa e se envolveu as mãos com ela. Depois soltou a cadeia que Robby tinha ao redor do peito e o pescoço. Viu-lhe as mãos, atadas com prata detrás da cadeia. Estavam queimadas e gotejando sangue.

Ele começou a tremer e ela se deu conta que estava lutando contra a compulsão de mordê-la.

— Aguenta só um pouco mais. — Desenganchou a cadeia que lhe mantinham as coxas atadas à cadeia

— Não! — Gritou Robby.

— Tudo irá bem — lhe assegurou.

Algo afiado lhe deu um golpeio nas costas e se endireitou com uma sacudida, olhando por cima do ombro.

Sigismund estava detrás dela, lhe pressionando as costas com uma espada.

— Encontramo-nos de novo, Vanda. Finalmente.

CAPÍTULO 23

Vanda olhou para a faca no chão. Não ia chegar a ela a tempo. E tampouco tinha tempo para desenrolar o látego. Deixou cair sua camisa ao chão e pôs a mão ao redor da pistola que tinha metido no cinto das calças jeans.

Sigismund a agarrou de repente, lhe pondo as costas contra seu peito. Girou a espada e a pressionou contra seu pescoço.

— Deveria te ter matado faz anos. Jedrek insistiu em fazê-lo ele mesmo, mas já não está. Você e seus desagradáveis amigos pagarão por seu assassinato.

Vanda conteve o fôlego, temendo que a espada lhe cortasse a garganta se tentava respirar. Ele apertou a espada contra seu pescoço com mais força.

— Talvez primeiro passarei um bom momento contigo. Sempre quis foder-te, sabe.

Ele grunhiu em seu ouvido. Caiu-lhe a espada ao chão. Vanda se girou.

Sigismund era um montão de pó no chão. Sua irmã ficou ali de pé, olhando para os restos, com a espada ainda em sua tremente mão.

— Marta? — Murmurou Vanda.

— Sou... Sou livre — sussurrou Marta em polonês. Elevou seu olhar para a Vanda. Deixou cair a espada ao chão com grande estrépito. Vanda inalou profundamente.

— Salvaste-me a vida.

Os olhos da Marta se encheram de lágrimas.



— Matei a nossa irmã pequena. Não era minha intenção. Eu não queria. — Olhou o montão de pó. — Me controlou durante tanto tempo. — Com um grito, pisoteou o pó. Pisoteou-o e o pisoteou, gritando: — Odeio-o! Odeio-o!

— Marta. — A agarrou pelos ombros. — Está bem. Estamos juntas agora.

Ela piscou através das lágrimas.

— Perdoa-me?

— Sim. — Vanda puxou-a com força e a abraçou. Marta tremia entre seus braços. — Pode me ajudar a tirar o Robby daqui?

Liberou a sua irmã e ficou atrás do Robby para desatar as cadeias ao redor de seus pulsos.

Marta ficou imóvel, olhando fixamente ao Robby com lágrimas nos olhos.

— Robby! — Vanda ouviu o Angus gritar na caverna anterior.

— Estamos aqui!

O escocês passou pela estreita abertura. Deteve-se quando viu a Marta e levantou a espada.

— Está bem, Angus. Ela está comigo.

Vanda liberou o Robby das cadeias e ele se desabou para diante. Angus se equilibrou para agarrá-lo.

— OH, Robby, meu filho.

— Fome — sussurrou Robby.

— É óbvio. — Angus procurou por seu sporran e tirou uma garrafa de sangue. Abriu-a e a pôs na boca do Robby. Robby tragou.

— Como vai à batalha? — Perguntou Vanda.

— Terminou — disse Angus. — Os Malcontents não gostaram que os trespassemos ou que os animais selvagens os despedacem. Se teletransportaram. De onde vieram os lobos?

— Eu os trouxe — disse Vanda. — Queriam demonstrar ao Phil sua valia.

— Certamente, me demonstraram isso. — Angus se deu conta que a garrafa estava vazia. Tirou outra de seu sporran. — Aqui, moço. Um pouco *do Blissky* te ajudará com a dor.

— Tenho-o. — Robby agarrou a garrafa com uma mão ensanguentada e trememente. Sua mão fraquejou. Angus agarrou o frasco e o aproximou da boca do Robby. — Estávamos muito preocupados. Matarei aos filhos da puta que fizeram isto.

— Robby! — Houve mais gritos provenientes da caverna adjacente.

— Aqui! — gritou Angus.

Jean-Luc, Connor e Phil se deslizaram ao interior. O coração da Vanda deu um tombo quando viu o Phil. Tinha alguns cortes e arranhões, mas pelo resto, parecia absolutamente maravilhoso.

Não se mostrou surpreso ao vê-la. Deve ter-se dado conta que ela estava ali quando os lobos se somaram à batalha. Sorriu-lhe, depois olhou ao Robby e seu sorriso desapareceu.

— Ai, moço. — Connor ficou de joelhos diante do Robby. — Vamos levar-te ao Romatech para te limpar.

— Encontrastes a Casimir? — Perguntou Angus.

— Não, — respondeu Connor. — Parece que o filho da puta se teletransportou.



— Direi a todos que encontramos ao Robby. — Jean-Luc deu ao Robby uns tapinhas no ombro e depois saiu da pequena habitação.

— Hei Robby. — Phil o tocou no joelho. Depois olhou a Vanda. — Está bem?

Ela assentiu com a cabeça e assinalou para o pó esparso pela habitação.

— Sigismund tentou me matar, mas minha irmã me salvou. — Empurrou brandamente a Marta para frente. — Agora está de nosso lado.

— Bem-vinda. — Phil deu a mão a Marta. — Obrigado por salvar a Vanda.

Marta assentiu com lágrimas ainda lhe correndo pelo rosto. Vanda também sentiu lágrimas nos olhos. Tinha a sua irmã. E Phil tinha sobrevivido à batalha.

— Me alegro que esteja bem.

Ele assentiu com a cabeça.

— Eu me alegro que você esteja bem, também. — Os olhos brilhavam com amor e desejo.

— Segue adiante e abraça-a, moço — grunhiu Connor. — Não nos estão enganando.

Phil agarrou a Vanda e a abraçou com força.

— Assustei-me muito quando me apercebi que estava aqui. — A beijou na frente. — Mas obrigado por vir. Os meninos e os japoneses foram de grande ajuda.

— Eu gostaria de falar com os japoneses — disse Angus. — Phil, pode lhes pedir que venham conosco ao Romatech?

— Claro. — Phil liberou a Vanda. — Gostaria de levar ali aos meninos, também. Necessitam um lar e uma escola.

— São órfãos? — Perguntou Angus.

— Expulsos, como eu — respondeu Phil. — Não têm um lar.

— Agora sim. — Angus ajudou ao Robby a ficar de pé. — Levo-o ao Romatech. Traz os outros.

Passou um braço sobre os ombros do Robby e desapareceram.

— Vamos. — Phil tomou a Vanda pela mão. Ela se apartou.

— Eu... vou levar a minha irmã à cabana do Howard. Temos que nos pôr em dia. Te verei mais tarde.

Phil inclinou a cabeça, olhando-a um pouco preocupado.

— Está segura?

— É óbvio. Estaremos bem — insistiu Vanda. Piscou para conter as lágrimas. — Sempre te amarei, Phil. Sei que tem um grande futuro por diante.

Ele entreteceu os olhos. Ela agarrou a sua irmã e se teletransportou.

Duas horas mais tarde, Phil deixou aos meninos em uma sala de conferências do Romatech preenchendo os formulários de inscrição para a escola da Shanna. Dirigiu-se pelo corredor para a clínica para ver como estava Robby. A sala estava cheia de gente esperando por notícias. Sentou-se junto ao Brynley.

— O que está fazendo aqui?

Ela encolheu os ombros.



— Esperando que algum destes Vamps amigos teus me leve a casa. Como estão os meninos?

— Preenchendo os impressos para matricular-se na escola. Está segura que não deseja solicitar um emprego como professora ali?

Ela franziu o cenho.

— Não sei. Tenho uma boa vida em Montana.

— Pode viver no campus, ver os meninos cada dia.

— E alguma vez ver meus pais? Ou ao Howell e ao Glynis? — Olhou-o, incomoda. — Não quer ver seu irmão e a sua irmã pequenos?

Phil suspirou. — Esta é minha casa agora.

Brynley olhou pela habitação a seu redor.

— Onde está Vanda? Pensei que vós dois eram inseparáveis.

— Ela queria estar a sós com sua irmã durante um tempo. Tentei-a chamar, mas não responde.

— Bem. Finalmente viu a luz.

Phil inclinou a cabeça. — O que lhe disse?

— Expliquei-lhe quem é. Disse-lhe que tinha um grande futuro por diante.

— Disse-me isso mesmo duas vezes.

Brynley encolheu os ombros.

— Acredito que ela agora entende aonde pertence. Algum dia será um grande líder.

— Talvez. Dentro de 300 anos — grunhiu Phil. — Lhe disse isso?

— Está melhor sem ela. Nem sequer pode te dar filhos.

— Crê que me importa? — Gritou Phil, e então se deu conta que todo mundo que estava na sala de espera, olhava-o. — A quero, Bryn. Vou casar-me com ela. E não há absolutamente nada no mundo que possa fazer para impedi-lo.

Brynley o fulminou com o olhar.

— Pode ter tudo. Riqueza, poder, prestígio. Teria que renunciar a tudo por uma mulher vampiro com...

— O cabelo púrpura. — Phil terminou a frase. — Sim, pode apostar a que o farei.

Saiu da sala de espera e se passeou pelo hall. Poderia pedir a Phineas que o teletransportasse até a cabana do Howard. E depois que faria? Como convencer a Vanda que ela é a mulher perfeita para ele?

Sempre tinha sido a única para ele. Anos atrás, quando se rebelou contra seu pai e acabou na mansão, foi quando viu a Vanda pela primeira vez. Com o cabelo púrpura e o morcego tatuado, imediatamente tinha reconhecido nela a outra rebelde. A outro marginalizado. Os dois eram da mesma classe, ambos ocultando profundamente a uma besta apaixonada e furiosa.

— Phil, como está?

Girou-se para ver o pai Andrew vir pelo corredor.

— Estou bem, pai. Como está você?

— Bem. Tinha intenção de falar contigo. — O sacerdote tirou sua agenda e folheou as páginas. — Estive investigando a família da Vanda para ver se podia localizar a sua irmã.



— Encontramo-la. Vanda está com ela agora. Estão se pondo em dia.

O pai Andrew levantou o olhar com um sorriso.

— Excelente. — Arrancou uma página da agenda e a entregou ao Phil. — Pensei que poderia encontrar isto interessante.

Phil o leu e o coração lhe expandiu no peito. Esta era a maneira perfeita de obter que Vanda voltasse.

— Obrigado, pai.

— Não há de quê, meu filho. — Aplaudiu ao Phil nas costas. — Assim estarei oficiando logo outras bodas?

Phil tragou saliva. — Sabia?

Os olhos do sacerdote brilharam.

— Que levaram a cabo atos proibidos? Não se preocupe. Acredito no perdão.

Perdão. Se Vanda podia perdoar a sua irmã, talvez era hora que ele perdoasse a seu pai. Depois de tudo, se seu pai não o tivesse banido, não teria acabado no mundo dos vampiros. Não teria encontrado a Vanda.

— Também acredito no perdão. E no amor.

O pai Andrew sorriu.

— Então está verdadeiramente abençoado.

EPÍLOGO

Três noites mais tarde...

Vanda levantou a vista quando Phineas se teletransportou à cabana com uma caixa.

— OH, nos trouxe um pouco de comida. Obrigada.

Tinha chamado ao Connor umas horas antes, lhe pedindo que, por favor, lhes enviasse um pouco de sangue engarrafado. Ainda não estava pronta para retornar à cidade. Marta e ela tinham mais de cinquenta anos pendentes para porem em dia. E segundo Connor, Casimir ainda estava em algum lugar dos Estados Unidos e ela ainda estava em sua lista negra.

Ele também queria a Marta morta, assim era melhor para ambas manterem-se escondidas na cabana do Howard. Além disso, Vanda sabia que não estava pronta para ser vista em público. Ainda se punha a chorar em momentos inesperados. Ainda lhe doía a ausência do Phil.

Ele tinha deixado de chamar depois dessa primeira noite. Só podia pensar que se deu conta que estava melhor sem ela.

— Hei carinho. — Phineas sorriu enquanto deixava a caixa sobre a bancada da cozinha. — Hei neném. — Saudou com a cabeça para a Marta.

— Olá, doutor Phang. — Marta correu a rebuscar dentro da caixa. — Trouxeste algum *Chocolood*? Eu adoro.

Vanda sorriu. Sua irmã parecia estar adaptando-se bem ao sangue sintético e a *Vampire*



Fusion Cuisine.

— Aqui tem. — Phineas entregou uma garrafa do *Chocolood* a Marta. — Pode pôr tudo isto a um lado? Tenho uma missão de alto segredo em marcha.

— Sério? — Marta tirou as garrafas da caixa. — Que tipo de missão?

— O tipo de missão que requer da experiência do doutor Amor. — Phineas foi até a Vanda.
— Não se preocupe neném. Vou voltar.

— O que...? — Começou Vanda quando Phineas a agarrou. — O que está fazendo?

Tudo se voltou negro.

Vanda tropeçou e Phineas a estabilizou.

— Okey, irmão lobo. Missão cumprida. — Phineas chocou os nódulos com o Phil e depois se teletransportou.

— O que se está passando? — Vanda olhou ao Phil e depois, a seu redor. — Onde estamos? Em um armário? — Franziu o cenho para as estantes cheias de produtos de limpeza, antissépticos e trapos para o pó. Phil a tocou no ombro.

— Tinha que verte Vanda.

— Em um armário?

Ele sorriu. — Tinha que te dizer o muito que te adoro. Quero-te. Nego-me a viver uma noite mais sem ti.

Ela ficou com o coração contraído no peito.

— Mas você tem um grande futuro...

— Sim, contigo.

Vanda se levou a mão ao peito.

— Está destinado a ser um grande líder para seu povo.

— Talvez. Dentro de uns trezentos anos. Minha irmã não foi de todo franca sobre o prazo.

— OH. — O coração da Vanda se acelerou. Ainda a amava. Ainda a desejava. E ele podia viver centenas de anos.

Ele sorriu. — Quero te mostrar algo.

— Em um armário?

Com um sorriso, ele abriu a porta.

— Disse ao Phineas que te trouxesse até o armário para que sua chegada não fosse suspeita.

Conduziu-a por um corredor normal, branco. Seus passos ressonavam pelo chão de linóleo brilhante. O aroma dos limpadores estava persistente no ar.

— Onde estamos? — perguntou.

— Cleveland. — A conduziu para umas portas duplas vaivém — Isto é uma residência de anciões.

— Merda, Phil, não sou tão velha.

Ele riu e lhe apertou a mão.

— Senti sua falta.

Ela franziu o cenho.

— Não me chamou.



— Estava esperando que chegasse o dia perfeito. Hoje estão tendo uma festa e queria que você o visse. — Abriu as portas duplas. — Esta é a sala de recreio.

Viu a mesa com um grande bolo de aniversário e um bol com ponche. Os mortais formavam grupos, falando e rindo. Alguns meninos faziam cambalhotas ao redor da mesa, admirando o bolo e tentando provar o polido furtivamente. Uma anciã com cachos cinza os afugentou, rindo.

Vanda franziu o cenho.

— Não conheço nenhuma destas pessoas.

Phil a arrastou para frente.

— Quero que conheça o aniversariante. Tem oitenta e um anos.

Vanda viu um ancião sentado em uma poltrona. Estava olhando à menina sentada em seu colo. Tinha o rosto enrugado e a parte superior da cabeça, calva. Sustentou à menina pequena com suas mãos enrugadas e cheias de manchas pela idade.

— Quer um pedaço de bolo, Pawpaw?

— Sim, Emily. Isso seria maravilhoso. — A menina se retorceu do colo e saiu correndo para a mesa. O ancião levantou a cabeça para olhá-la e sorriu.

Vanda ficou boquiaberta. Esses olhos azuis. Seu olhar revoou sobre ele rapidamente e descobriu os números tatuados em seu antebraço. Jozef. Ela cambaleou para trás. O coração lhe deu um tombo. Cobriu-se a boca com uma mão trêmula. Phil a sujeitou pelos ombros, sustentando-a.

— Jozef — sussurrou. Uma corrente de lágrimas apareceram por seus olhos.

— Sobreviveu à guerra — sussurrou Phil. — Emigrou aqui em 1949 e se casou uns anos mais tarde. Tem quatro filhos, dez netos e três bisnetos.

Vanda se girou e se limpou com fúria as lágrimas que rodavam por suas bochechas.

— Não posso deixar que me vejam chorar. Não com minhas lágrimas rosadas.

OH, Deus, realmente estava relacionada com todas estas pessoas.

— Quer te encontrar com ele? — Perguntou Phil. Vanda se levou a mão a seu acelerado coração.

— O que lhe vou dizer?

— Já te ocorrerá algo.

Phil a acompanhou até seu irmão. Ele torceu a boca quando se deu conta de seu cabelo, depois a olhou à cara e franziu o cenho.

— Conheço-te? É-me familiar...

Ela piscou para conter as lágrimas. — Eu... eu... Meu nome é Vanda.

Abriram-lhe os olhos azuis como pratos.

— Eu tinha uma irmã que se chamava Vanda. Parece-te muito a ela.

— Era... minha avó.

Jozef ficou rígido de repente e se aferrou o peito. Vanda deu um grito afogado. Bom Deus ia mata-lo. A anciã se apressou para eles.

— O que está acontecendo aqui? — Olhou para a Vanda. — Quem é você?

— Estou bem — insistiu Jozef. — Gertie, lembra-te de como estava acostumado a te falar de



minha irmã Vanda?

— Sim, foi a que te criou depois que sua mãe morreu. Disse que tinha morrido durante a guerra.

Jozef olhou para a Vanda com os olhos cheios de lágrimas.

— Sobreviveu! E esta é sua neta.

— OH! — Gertie agarrou a mão da Vanda. — Deus te benza.

Jozef tomou a outra mão da Vanda.

— Como vai? Segue conosco?

— Morreu — disse Vanda em voz baixa. — Mas sempre falava de ti. Queria-te muito.

— Eu a queria muito, também. — Jozef lhe apertou a mão — Este é o melhor presente que nunca recebi.

— Sim, é-o. — Vanda olhou ao Phil e lhe sorriu. — Obrigada.

Jozef pôs-se a rir.

— Eu gosto de seu cabelo púrpuro. Isso é algo que minha irmã teria feito.

Phil se adiantou. — Senhor, meu nome é Phil Jones. É uma honra conhecê-lo.

Jozef soltou a mão da Vanda e estreitou a do Phil.

— Veio com a Vanda?

— Sim, e já que é seu parente masculino mais velho vivo, pensei que deveria lhe pedir sua mão em matrimônio.

Jozef piscou. — Um tipo passado de moda, né? Eu gosto disso. — Olhou a Vanda e seus olhos azuis brilharam. — Quere a este homem, Vanda?

— OH, sim. — Deu um passo aproximando-se do Phil e o rodeou com os braços. — O quero muito.

Gertie juntou as mãos. — Isto é tão doce.

Jozef Clareou a garganta e olhou severamente ao Phil.

— Você tem um posto de trabalho, jovem?

— Sim, senhor. E cuidarei bem dela. A amo com todo meu coração.

Jozef riu entre dentes. — Não sei para que me necessitam. Vós dois, vão e casem.

Vanda pôs-se a rir. — Assim o faremos. Prometo-lhe isso.

Phil tirou um anel de diamantes do bolso e o pôs no dedo da Vanda.

— Por nosso grande futuro, juntos.

Pôs-lhe os braços ao redor do pescoço enquanto suas bocas se encontravam em um comprido e prolongado beijo.

— Ooooooh, Pawpaw — sussurrou Emily. — Se estão beijando.

Vanda ouviu a risada de seu irmão e lhe elevou o coração.

— Como vou agradecer-te isto, Phil?

Mostrou-lhe seu sorriso lupino. — Já nos ocorrerá algo.

FIM



TALIONIS

*Incentive as revisoras contando no nosso blog
o que achou da história do livro.*

<http://talionistw.wordpress.com/>